DOGGERLAND

PISTAS SUBMERSAS

VENDIDO PARA MAIS DE 18 PAÍSES



MARIA ADOLFSSON

FARO EDITORIAL



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O Le Livros e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: LeLivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste LINK.

"Quando o mundo estiver unido na busca do

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Não está em nenhum mapa; lugares verdadeiros nunca são.

Herman Melville, *Moby Dick*

1

Ela sabe antes mesmo de abrir os olhos. Isto está errado. Tudo isso está terrivelmente errado.

Ela deveria estar em uma cama diferente, qualquer cama, só não nesta. O ronco leve do outro lado deve ser de outra pessoa, de qualquer pessoa, apenas não dele. E com uma certeza absoluta que atravessa todos os

outros pensamentos, ela sabe que tem que sair. Imediatamente, neste segundo, antes de ele acordar.

Lentamente, e o mais silenciosamente que pode, Karen Eiken Hornby dobra o edredom para trás e se senta sem olhar para o outro lado da cama larga. Ela examina o quarto do hotel, registrando sua calcinha e sutiã no chão ao lado de seus pés descalços, seu vestido ao lado de sua jaqueta de camurça verde em uma pilha na mesa de centro, sua bolsa descartada em uma poltrona. Atrás deles, ela pode apenas ver seus tênis, espiando por trás da porta entreaberta do banheiro.

Ela planeja cada movimento para sair pela porta o mais rápido possível, ouvindo a respiração profunda nas costas, a sua própria silenciosa e superficial. Ela faz uma rápida execução das etapas necessárias na tentativa de reprimir uma onda de ansiedade que se agita em seu estômago. Então ela respira fundo antes de pegar sua calcinha e puxá-la em um movimento. Com cuidado, para evitar empurrar o colchão, ela se levanta e sente o quarto girar. Ela espera, respira. Em seguida, uma série de passos curvados para agarrar o sutiã e a meia-calça com uma das mãos e o vestido e a jaqueta com a outra. A náusea aumentando, ela continua até o banheiro e fecha a porta silenciosamente atrás dela. Hesita por uma fração de segundo,

depois vira a fechadura. Ela imediatamente se arrepende quando ouve o minúsculo clique do ferrolho, pressionando rapidamente sua orelha contra a porta. Mas qualquer som do outro lado é abafado por seu coração batendo forte e o sangue correndo para sua cabeça.

Então ela se vira.

Os olhos que encontram os dela no espelho acima da pia estão vazios e estranhamente desconhecidos. Pesada com auto-aversão, ela estuda suas bochechas coradas e o rímel que está descascando e formando círculos escuros sob seus olhos. Seu cabelo castanho está solto de um lado, enquanto o resto ainda está preso para trás. Sua franja comprida está grudada na testa úmida. Resignada, ela estuda a devastação e sussurra com a boca seca e pegajosa:

- Seu idiota de merda.

Algo se revira em seu estômago; ela mal tem tempo de se curvar sobre o vaso sanitário antes que o vômito comece a vir. Isso vai acordá-lo com certeza. Ela escuta desamparadamente suas próprias ânsia de vômito, ofegando enquanto espera a próxima cascata, fechando os olhos para não ter que olhar as sobras de ontem no vaso sanitário. Demora um pouco mais, mas suas entranhas parecem ter se acalmado. Aliviada temporariamente, ela se endireita, abre a torneira e enche as mãos em concha. Enxágue a boca e deixe a água esfriar seu rosto, percebendo que provavelmente vai piorar as olheiras e decide que não importa. Não há limites para este inferno em particular.

Com quase cinquenta anos, ela realmente atingiu novas mínimas desta vez. Ela parece ter setenta.

Uma fuga rápida é tudo o que ela deixou para esperar agora. Para chegar em casa para que ela possa se deitar e morrer. Em sua própria cama. Mas primeiro ela tem que sair daqui, entrar no carro e ir direto para casa sem falar com ninguém, sem ser vista por ninguém. Em seguida, um tênue lampejo de esperança quando ela percebe que, neste dia específico do ano, ela pode ter a chance de fugir da cidade sem ser vista. Às sete e quinze da manhã, um dia após o festival de ostras, Dunker desmaiou.

Ela enche um dos copos da escova de dente com água fria e o abaixa rapidamente enquanto desembaraça o laço do cabelo com a outra mão, notando que ele puxa alguns fios de cabelo compridos. Ela enche o copo, puxa o vestido, enfia o sutiã e a meia-calça na bolsa e está prestes a colocar a mão na maçaneta da porta quando para. Ela tem que dar descarga. Mesmo que o som vá acordá-lo, ela precisa; ela não pode deixar nenhum vestígio de si mesma para trás. Com os olhos semicerrados e uma careta de pavor, ela ouve o som da água descendo para a tigela, seguido pelo som da cisterna sendo recarregada. Ela fica para trás por mais alguns segundos, até que o som diminua para um tilintar suave, então puxa a alça da bolsa sobre o ombro.

Então ela respira fundo e abre a porta do banheiro.

*

Ele está deitado de costas com o rosto voltado para ela e, por um segundo, ela congela. Retroiluminado, parece que ele está olhando para ela. Mas então outro ronco estrondoso enche a sala; ela pula quando o feitiço é quebrado.

Seis segundos depois, ela recolheu os sapatos e abriu a porta para o corredor. E ali, no auge da liberdade, algo a faz se virar. Movida pelo mesmo tipo de necessidade compulsiva que as pessoas têm quando passam

por um acidente na rodovia e não querem realmente olhar, mas precisam de qualquer maneira, ela permite que seus olhos observem o homem na cama. Estuda a boca vagamente aberta, ouve o leve gorgolejo que acompanha cada expiração.

Com uma sensação de irrealidade, Karen estuda seu chefe por três segundos antes de fechar a porta atrás dela.

2

A porta do quarto 507 se fecha com o som de uma corrente de ar e um leve clique. O tapete marrom fica macio sob os pés descalços de Karen quando ela corre para o elevador e aperta o botão. Seu pulso lateja nas têmporas enquanto ela usa o dedo indicador para colocar os tênis. No momento em que ela se endireita, há um ding e a porta do elevador se abre com um silvo suave.

Ela é sortuda. A recepção parece estar desguarnecida quando ela corre pelo saguão em direção à saída com apenas um rápido olhar para o lado. Então, um súbito estremecimento de ansiedade ao perceber que não se lembra de como chegou aqui. Eles realmente caminharam aqui juntos? De quem foi a ideia? Memórias confusas passam diante dela como sequências de filmes em alta velocidade: o porto com seus amigos Eirik, Kore e Marike, o pub crawl que se segue com mais ostras e taça após taça de vinho. E então uma imagem nebulosa de Jounas Smeed que apareceu em um dos bares na madrugada. Mais algumas sequências emergem enquanto ela se move em direção à saída: risos, brigas, discussões abruptamente flamejantes, abraços de bêbados para fazer as pazes e o rosto de Jounas perto do dela. Muito perto.

No meio do caminho, atrasada pela porta giratória exasperantemente lenta, ela é atingida por outro pensamento horrível: alguém os viu fazer o check-in?

*

Fora do hotel, o ar de setembro é claro e livre; ela tem tempo para respirar fundo antes que seu estômago embrulhe novamente. Ela rapidamente olha para cima e para baixo na rua deserta e corre por ela com uma mão tapando

a boca. Momentos depois, ela está do outro lado do calçadão, inclinando-se sobre a grade enquanto a onda de náusea diminui lentamente. Então, um segundo de alívio antes de perceber que ela está se defendendo desde que acordou dez minutos antes, a atinge com força. O pior está por vir. Ela tem que vê-lo novamente na manhã de segunda-feira.

Karen olha para o leste, através da baía, em direção ao porto. Ela consegue distinguir a floresta de mastros oscilantes na marina, mas o terminal da balsa fica tão deserto como sempre aos domingos. A balsa de Esbjerg não chega antes das oito da noite e, há alguns anos, não há barcos para a Dinamarca ou Inglaterra nos fins de semana. Qualquer pessoa que quiser deixar Doggerland em um domingo, hoje em dia, precisa voar de Ravenby. Através da névoa matinal pairando sobre o mar, ela pode distinguir a torre branca do radar de um navio de cruzeiro ancorado na extremidade mais distante do porto de águas profundas.

Ela aperta os olhos em direção ao horizonte enquanto remexe no bolso interno em busca dos óculos de sol e pragueja baixinho quando eles não estão em seus lugares habituais. Pega sua jaqueta e conclui que ela deve tê-los deixado cair em algum momento da noite anterior ou deixado no quarto do hotel. Agora ela vai ter que dirigir pelo menos na metade do caminho de volta para Langevik com o sol baixo nos olhos, com sede e náuseas e com uma dor de cabeça latejante. Um expresso duplo e dois paracetamoles são tudo de que ela precisa para não representar um perigo imediato na estrada, mas ela sabe que nenhuma das lojas e cafés do outro lado de Strandgate está aberto. A esta hora, um dia depois de Oistra, ela provavelmente é a única pessoa acordada em toda a cidade da ressaca, com a possível exceção de um ou dois ratos, vasculhando latas transbordantes e cascas de ostra. Esse pensamento fez seu estômago revirar novamente.

Karen respira fundo algumas vezes com os olhos fechados e as palmas das mãos apoiadas nas pedras ásperas e frias da parede. O ar fresco é bom e a brisa empurra o cabelo úmido do rosto. Ela vira a nuca em direção ao sol e olha para a praia. Uma colônia de gaivotas de cabeça preta grita ao redor de alguns sacos de lixo mal amarrados. Mais adiante, ela distingue os contornos de outro saco de lixo. Em seguida, ela percebe que é na verdade um homem dormindo. Ele está deitado na areia com o casaco puxado para cima. Ao lado dele está um carrinho de compras, provavelmente roubado de Qvick ou Tema, e agora cheio de garrafas e latas vazias.

Ele parece um dos drogados que ficam no shopping atrás da Praça Salutorget. Ele provavelmente vai se sentir da mesma forma que ela quando acordar: com sede, suado e com uma ressaca como uma mochila pesada de ansiedade. Por outro lado, ao contrário dela, ele parece ter passado a noite em uma solidão inocente.

De longe, um motor de ciclomotor faz uma tentativa indiferente de cortar o som monótono das ondas quebrando. Ondas espumosas quebram contra o cais que se projeta destemidamente no mar; um veleiro em ruínas está atracado a um dos seis golfinhos na baía. Ela distraidamente pondera quanto tempo vai demorar até que a polícia do porto saia para enxotá-lo. Muito provavelmente, eles deixarão passar até depois do

almoço, pelo menos; zelosos como esses meninos costumam ser, nem mesmo eles terão energia para estimular seu instinto de caça antes do meio-dia desta manhã.

O final do píer ainda está envolto pela névoa da manhã e o contorno do farol na ponta do quebra-mar de mil metros ainda está borrado. Deve ter havido uma névoa espessa na noite passada; ela lembra que o rugido da sirene de nevoeiro foi incomumente persistente. E então outra lembrança:

uma Jounas irritada saindo da cama para fechar a janela antes de entrar de volta. Ela rapidamente empurra a imagem para baixo, se afasta da grade e começa a caminhar rapidamente em direção ao estacionamento na Redehusgate.

O carro dela está estacionado ordenadamente a três quarteirões de distância, exatamente onde ela o deixou doze horas antes. A visão de seu Ford Ranger verde-escuro no estacionamento deserto em frente à prefeitura imediatamente a relaxa. Em menos de uma hora, ela estará em sua própria cama, em sua própria casa, atrás das cortinas fechadas, com o sono dando-lhe algumas horas de trégua da implacável autocensura.

No momento seguinte, ela percebe que não está com as chaves do carro.

3

'Como estamos indo aqui?'

A voz por trás dela é autoritária e um toque condescendente. Karen congela no meio de um movimento, com uma das mãos na bolsa e a outra apoiada no capô.

Agachada ao lado de seu carro, ela passou, sem sucesso, alguns minutos de pânico vasculhando em busca das chaves. Verificou cada bolso, apalpou o fundo de sua bolsa e então começou a escolher metodicamente um item após o outro com ansiedade crescente.

Agora ela pragueja de forma inaudível com os dentes cerrados; o que diabos a polícia está fazendo a esta hora? Por que diabos eles estão desperdiçando horas de trabalho e dinheiro do contribuinte patrulhando ruas e praças quando a cidade inteira está dormindo? Ela se levanta sobre as pernas rígidas. Então ela relutantemente se vira e tenta esboçar um sorriso relaxado.

Ela só consegue fazer uma careta rígida.

Um olhar de horror seguido por descrença vibra nos rostos de ambos os policiais quando eles contemplam a devastação.

'Oh, com licença . . . ' diz o mais velho dos dois e dá um passo para trás, parecendo envergonhado.

Seus olhos saltam desamparados entre os restos de maquiagem fuliginosos no rosto pálido à sua frente e os itens no chão. Sua colega um pouco mais jovem lança um rápido olhar para Karen e depois encara, abertamente curioso, os pedacinhos espalhados pelo asfalto: uma cópia do jornal de

ontem, um celular, meio maço de cigarros, algo que parece um par de meia-calça preta, um carregador de telefone, uma maçã meio comida com marcas de mordida em sua carne escurecida, um sutiã e uma caixa de preservativos.

Karen força outro sorriso rígido, o rosto tenso. Então ela gesticula vagamente para a bagunça no chão.

- Não consigo encontrar as chaves do meu carro. Ela inala, na tentativa de impedir que seu fôlego chegue aos dois policiais. "Nova bolsa", acrescenta ela.

- Passou a noite na cidade, senhora?

A policial se agachou e agora olha para cima com um pequeno sorriso, como se para sinalizar simpatia e compreensão. Karen sente seu aborrecimento aumentar; o que diabos essa coisa insuportavelmente ajustada com seu rabo de cavalo balançando sabe sobre 'passar a noite na cidade'?

'Por que?' ela pergunta friamente.

Seus olhos penetrantemente azuis com anéis dourados ao redor das pupilas - que ela sabe que podem levar as pessoas ao silêncio - se fixam na mulher mais jovem, forçando-a a desviar o olhar, e ela se arrepende no momento em que ganha a luta pelo poder. O que ela está jogando?

“Tende a ficar tarde depois de Oistra, então passei a noite na casa de uma amiga”, acrescenta ela, tentando acalmar as coisas. - Mas acho melhor continuar procurando. . . '

Karen gesticula significativamente em direção à bolsa e à confusão de coisas que ainda parecem fascinar a policial mulher. Nesse momento, ela vê uma mão enluvada se estender, pegar sua meia-calça amassada e sacudi-la suavemente. A chave plana atinge o pavimento com um estrondo. Dois

segundos depois, ela ouve o bipe familiar de uma porta de carro sendo destrancada.

“Aqui está, chefe”, diz a policial Sara Inguldsen, que se endireitou e está segurando a chave para ela com um sorriso irônico.

Incapaz de falar, Karen aceita a chave e observa os dois policiais darem alguns passos para trás e saudá-la em uníssono. Aparentemente, o policial Björn Lange também recuperou a capacidade de falar.

- Dirija com cuidado, inspetor Eiken!

4

A autoestrada de Dunker a Langevik segue ao longo da costa sudeste de Heimö por seis quilômetros antes de cortar a estreita península de Skagersnäs e continuar na direção noroeste por mais um quilômetro. Karen sente o suor escorrer pelas costas enquanto o frio artificial do ar-condicionado a faz tremer ao mesmo tempo.

Suas mãos agarram o volante e ela fica de olho no velocímetro. Certo, ela duvida que a divisão de tráfego tenha pessoas fazendo verificações de velocidade em uma manhã como esta, mas a ideia de ser parada por colegas e ter que soprar no bafômetro é tão atraente quanto outra noite com Jounas Smeed. E provavelmente tão devastador para minha carreira, ela reflete. Apesar de leis excessivamente generosas - o resultado de políticos pragmáticos tendo mais a perder do que ganhar com a proposta de reforma - seu nível de álcool no sangue está provavelmente acima do limite legal. Esse insight faz seu estômago congelar e ela desacelera ainda mais. Isso não. Isso nunca.

A estrada está virtualmente deserta; minutos se passam sem que ela veja outro carro. Karen afrouxa o aperto no volante e balança um pouco os ombros. Mais tarde, depois de algumas horas de sono, ela vai repassar cada detalhe da noite anterior, obcecada pelo que aconteceu, revirar cada último momento, repreender a si mesma e proferir uma sentença de penitência e vida limpa. Nenhuma gota de álcool por semanas, nenhum cigarro nunca mais, corridas diárias, musculação e alimentação saudável. Não é a primeira vez dela; a mentalidade herdada de seus parentes Noorö está profundamente enraizada. Não profundamente o suficiente para evitar o pecado, mas o

suficiente para fazer com que as piores transgressões a enchessem de ansiedade.

Não por medo da ira de Deus e exclusão do Céu; mais pelo preço que ela estará pagando nesta vida.

Desta vez, seu chefe na Autoridade de Polícia de Doggerland vai colocá-la no espremedor. Mas por mais impossível que seja permanecer em seu emprego, ela não vê alternativa. Poucas semanas de licença dificilmente farão o problema desaparecer, e depois? Jogue os dados e desista? Mudar de carreira, na idade dela? Ela bane qualquer reflexão sobre o futuro, mas não consegue evitar a crescente enxurrada de memórias da noite anterior.

*

Último sábado de setembro. Ela se encontrou com Marike, Kore e Eirik no The Rover para uma cerveja antes de começar a comer ostras tradicionais. Marike estava de péssimo humor após um disparo fracassado que destruiu duas semanas de trabalho; algo deu errado com o novo esmalte que ela tanto esperava. Para piorar as coisas, Marike Estrup odiava ostras, fato que ela havia anunciado com um sotaque dinamarquês incomumente forte. Com o tempo, todos eles se acostumaram com sua mistura peculiar de doggerês e dinamarquês, e descobriram que o sotaque de Marike servia como uma espécie de contador Geiger, avaliando seu humor; na noite anterior, as leituras tinham sido fora do comum; tinha sido quase impossível entender seu assobio do norte da Jutlândia.

Kore e Eirik, por outro lado, estavam em um ótimo humor para festas. Dois dias antes, a oferta deles por uma casa em Thingwalla foi aceita e os dois homens passaram a noite de sexta-feira preocupados com hipotecas, discutindo sobre decoração e fazendo sexo para se maquiar. Eles passaram o dia todo de sábado na cama, planejando a mudança, a festa de

inauguração subsequente e envelhecendo juntos, aninhados em um casulo de expectativas brilhantes.

Karen teve um sábado produtivo, que começou com ela dirigindo até a loja de bricolagem em Rakne.

Satisfeita consigo mesma depois de fechar sete janelas, mudar as dobradiças da porta do galpão de ferramentas e passar quase meia hora ao telefone com a mãe sem levantar a voz uma vez, ela estudou seus amigos ainda bronzeados no suave crepúsculo do bar. Sua própria pele pálida a fez parecer cansada, quase doente, o que Kore apontou impiedosamente.

"Claro, mas é a minha vez a seguir", ela rebateu. - Devo partir na segunda ou terça-feira, o mais tardar.

Ela teve apenas alguns dias de folga no início de junho e trabalhou o resto do verão. Enquanto seus colegas estavam de férias, ela concluiu uma investigação por conta própria, redigiu os relatórios finais, arrumou e controlou o forte com a ajuda de funcionários temporários dos arredores. Quando timidamente questionada se não se importaria de esperar para tirar suas férias anuais no outono, Karen teve o cuidado de não deixar transparecer que, de fato, combinava perfeitamente com ela. Ela acumulou pontos de mártir necessários, que pode trocar durante a luta de cães durante as férias de Natal e Ano Novo.

Satisfeita em uma das poltronas do The Rover, ela anunciou a seus amigos que três semanas de férias a aguardavam e que passaria a maior parte desse tempo no nordeste da França, enquanto a escuridão e o frio

lentamente engolfavam Doggerland. Lá, na fazenda da Alsácia, onde ela possuía uma mísera porção de terra e vinhas, ela iria sentar-se com os

outros, Phillippe e Agnés, discutir a colheita e compará-la com outras safras.

Mas, primeiro, ela iria comemorar Oistra.

Como sempre, o festival anual de ostras começava no porto, onde moradores e turistas aglomeravam-se entre as arquibancadas. As ostras ainda não tinham tido tempo de engordar adequadamente, mas o primeiro sábado após o equinócio de outono foi o início de uma longa temporada e uma grande festa estava para acontecer.

Pilhas de edulis e gigas encolheram e foram reabastecidas em um ritmo febril enquanto o dinheiro mudava de mãos e novos barris de licor Heimö temperado com erva-doce eram desenrolados pelos trabalhadores da cervejaria, grunhindo alto. Pão preto doce com manteiga era o único acompanhamento tradicional, de importância crucial porque evitava que as pessoas morressem de fome e embriaguez, razão pela qual era oferecido gratuitamente na noite do festival, enquanto os anúncios dos patrocinadores do festival cobriam todas as superfícies disponíveis. .

Em outras palavras, era igual a todos os outros anos.

Por mais alegre e jovial que o humor possa ser, no entanto, Oistra costumava reclamar seu quinhão de vítimas por meio de embriaguez, brigas e intoxicações alimentares ocasionais. O que não fazia parte da tradição era a recente adição de comida de rua e vinho barato servido em copos de papel, como era regularmente apontado em cartas indignadas ao editor de signatários como 'Preserve nossa herança doggeriana' e 'Decepcionados Setenta e Dois-Anos'. O lado do entretenimento do festival também havia melhorado, de acordo com algumas pessoas - e ido para os cachorros, de acordo com outras. Nos últimos vinte anos, os músicos folk haviam enfrentado uma competição acirrada de bandas de rock locais e

internacionais, competições de talento excruciantes, a algazarra de corridas temporárias de carnaval e os gritos estridentes das crianças.

Na noite anterior, Kore e Eirik devoraram pelo menos uma dúzia de ostras cada e Karen metade disso antes mesmo de deixarem o porto. Marike observara suas cabeças inclinadas para trás e bocas avidamente abertas com repulsa.

«Os moluscos não são próprios para consumo humano. Eles podem deixar você terrivelmente doente ', disse ela com a boca cheia de carne de porco desfiada, o que a tornava ainda mais difícil de entender.

'É essa merda que vai te deixar doente, não as ostras,' Kore respondeu, completamente imperturbável, antes de engolir seu último gole de licor Heimö e jogar o copo de plástico em uma lixeira enquanto fazia uma tentativa inadequada de suprimir um arroto.

- Caramba - disse ele, fazendo uma careta. "É hora de algo decente para beber."

Eles continuaram a noite com uma costumeira caminhada pelos pubs, durante a qual taça após taça de vinho foram acompanhadas por ainda mais ostras. Para efeito de comparação, alguns dos bares ao longo do calçadão serviam belons franceses além da variedade local; O costume doggeriano prescrevia vaias patrióticas, mas bem-humoradas, toda vez que alguém ordenava aos rivais estrangeiros. E foi no terceiro pub, Café Nova, quando Karen pedira uma taça de Chablis e dois belons, que sentiu um hálito quente no ouvido e ouviu uma voz profunda.

- Detetive inspetor Eiken, parece que você está disposto a colocar qualquer coisa na boca.

Ela lentamente se virou para o chefe do Departamento de Investigação Criminal e sorriu.

- Oh, não, Smeed, você não tem tanta sorte.

Mas uma hora e meia depois, eles estavam em um quarto duplo no Hotel Strand. O que havia acontecido ali era algo que ela estava se aproximando agora da mesma maneira que uma pessoa levanta uma pedra e olha com horror para o que está se contorcendo por baixo. Ela aperta os olhos para o sol e o asfalto brilhante. O

álcool tinha desempenhado um papel, naturalmente. O clima geralmente festivo também; afinal, não era a primeira vez que Oistra levava a erros sexuais seguidos de profundo arrependimento ou, no pior dos casos, divórcio. Mesmo assim, ela não consegue se lembrar de uma gafe que a tenha feito sentir tanto remorso quanto agora.

Karen olha para o mar enquanto a estrada vira suavemente para o norte. A névoa se dissipou; o sol já está na metade do céu; o mar agitado está cintilando. Algumas grandes gaivotas de dorso negro estão navegando nas águas ascendentes, parecendo que estão digerindo a comida e conversando preguiçosamente, em vez de vasculhar as ondas em busca de mais peixes. Ela abaixa a janela e respira o ar salgado. Vou simplesmente ter que ligar para o chefe de RH e pedir uma transferência, ela decide. Talvez haja uma vaga em Ravenby, ou mesmo em Grunder, por mais tedioso que seja.

O trabalho dificilmente foi sem atrito, ela se lembra. Uma por uma, suas colegas de trabalho deixaram o departamento sob o comando de seu chefe anterior. Eva Halvarsson havia perdido as esperanças de um dia passar de policial a inspetora e pediu para ser transferida para a divisão de uniformes, enquanto Anniken Gerber e Inga van Breukelen haviam se mudado para o distrito de Frisel. Karen tinha se agarrado, menos por obstinação e

tenacidade e mais porque ela não conseguia enfrentar o recomeço. De novo não. Mas principalmente porque trabalhar como inspetor-detetive era uma maneira eficaz de manter sua mente longe de coisas que ela estava desesperada para esquecer. Junto com cerca de uma dúzia de homens e atualmente duas mulheres que trabalham no Doggerland CID, ela é responsável por investigar todos os crimes violentos nas ilhas Dogger: Heimö, Noorö e Frisel. A decisão de centralizar foi tomada há onze anos e recebeu fortes críticas dos distritos policiais locais, mas os protestos diminuíram à medida que o índice de resolução de crimes aumentou. Infelizmente, o número de crimes violentos também aumentou, o que significa que o número de infratores impunes permaneceu constante. E que Karen foi capaz de evitar que sua mente se perdesse em um território indesejado.

Mesmo assim, suas qualificações foram questionadas quando ela foi contratada pela primeira vez - que seu diploma em criminologia no London Met compensaria sua falta de "anos de cão", já que uma policial patrulheira não convenceu seus colegas antiquados. Mas o desempenho profissional de Karen, com o tempo, silenciou essas críticas. Mesmo assim, o respeito de Jounas Smeed por ela como investigadora criminal, desde o momento em que ele se tornou chefe do CID, foi rancoroso, como se ele achasse difícil qualquer reconhecimento de sua competência. Em vez disso, ele imediatamente estabeleceu algo que ele mesmo definiu como "um jargão descontraído entre nós, policiais", como o tom predominante na divisão. As recompensas foram instantâneas. Aliviados por ter um chefe que não se importava com disciplina e deferência, os colegas homens de Karen abraçaram Jounas Smeed e alegremente levaram sua política de

'brincadeiras' a extremos intoleráveis. Karen havia se acostumado com as piadas constantes, feitas na forma de pequenas farpas e provocações. Ou

melhor, por autopreservação, ela aprendeu a ignorar a repreensão inesgotável de Johannisen às feministas e motoristas e os lamentos recorrentes de Jounas sobre como era impossível entender como as mulheres pensam. Ela não se digna nem um pouco com um comentário. Ela sabe que o silêncio fala mais alto do que os protestos. Sabe que bocejar entediado é mais provocativo do que objeções ruidosas. Ela aprendeu a ignorar isso, se recusa a mostrar sua exasperação, ciente de que morder a isca só vai piorar as coisas. Mas, principalmente, ela faz isso porque percebeu que isso lhe dá mais poder.

Jounas Smeed a cutuca constantemente, tentando irritá-la; ela o irrita ainda mais por não o obrigar.

E agora eu fui e transei com o bastardo, ela pensa. Merda!

*

E, ela percebe, ao ver as placas que anunciam a saída de Langevik, ela sabe exatamente por que eles acabaram na cama juntos. Foi a luta pelo poder, a batalha contínua entre eles, que fez os dois jogarem fora o livro de regras na noite anterior. Alimentado pelo álcool, seu desejo mútuo de obter o controle, havia se transformado em um jogo de sedução patético, onde os dois se viam como vencedores. A intoxicação havia desfeito todos os contra-argumentos racionais, dispensado todos os sinos de alerta e, em vez disso, criado um desejo físico repentino. Uma faísca que morreu tão rapidamente quanto acendeu.

O sexo nem era bom, ela pensa, não sem um nível de schadenfreude. Principalmente uma série interminável e tediosa de posições, cada uma mais incômoda que a anterior, provavelmente com o objetivo de impressionar. Pelo menos o idiota era ágil para sua idade. Mais ágil do que eu, ela admite.

Ela olha pelo espelho retrovisor, acende a luz indicadora e sai. A rampa em direção a Langevik é pavimentada, é verdade, mas o limite de velocidade aqui é quarenta e ela, obedecendo à lei, reduz a velocidade para um pouco abaixo disso. Por um momento, ela desvia o olhar da estrada, em direção ao cume íngreme onde as turbinas eólicas se erguem. Os rotores giram em um ritmo uniforme; ela pode ouvir o barulho da janela aberta. O parque do moinho de vento corre ao longo de Langevik Ridge e foi, quando foi construído, seis anos atrás, objeto de vigorosos protestos. Os residentes da aldeia à beira-mar haviam organizado reuniões; havia petições em todos os balcões de lojas da cidade, bem como entre as torneiras do pub local. Hoje, os protestos já morreram há muito tempo e já faz muitos anos desde que os moinhos de vento foram um assunto de conversa entre os moradores.

Karen estuda as torres altas e brancas. Há algo calmante, quase lindo, nas revoluções de seus esguios braços brancos. Pessoalmente, ela nunca teve nada contra eles, nem mesmo quando os protestos eram mais estridentes. Mas, uma vez que um copo de boa cerveja sempre esteve no topo da lista de Karen Eiken Hornby de coisas que tornam a vida suportável, ela obedientemente assinou seu nome em todas as petições;

recusar teria silenciado o único bar da aldeia, teria feito todos os rostos se virarem. Mas, é claro, todas as tentativas de impedir o parque foram inúteis; uma após a outra, as altas torres brancas foram erguidas ao longo da costa de Langevik e Karen não se importou; o som das turbinas só chega à casa dela quando o vento sopra direto do sudoeste. Mas aqui, logo abaixo das turbinas, na encosta suave onde as casas são poucas e distantes entre si, aparentemente espalhadas ao acaso pela encosta onde o rio Langevik serpenteia em direção ao mar, há um gemido constante.

Cento e cinquenta metros adiante, em um jardim que desce abruptamente em direção ao rio, há um movimento; uma mulher de meia-idade está subindo o caminho do velho cais de lavagem em direção a sua casa. Ela está vestida com um roupão de banho desbotado e enrolou uma toalha em volta do cabelo como um turbante. Karen sente um arrepio de mal-estar antes de poder reprimir o sentimento instintivo de culpa.

Certo, há milhares de motivos pelos quais ela não deveria ter dormido com Jounas Smeed, mas Susanne realmente não é um deles. Eles devem estar divorciados há dez anos agora. Por um momento, ela pensa em buzinar em saudação, de acordo com a etiqueta da cidade, mas decide não fazê-lo. Nas atuais circunstâncias, ela não tem absolutamente nenhum desejo de se dar a conhecer. Além disso, Susanne Smeed não parece notá-la; seus olhos estão firmes no chão e ela parece que está com pressa. Ela está segurando seu robe firmemente fechado e está caminhando rapidamente, com determinação. Ela provavelmente está com frio depois do banho matinal; a água não pode estar muito quente nesta época do ano.

Saber que ela está quase em casa a faz relaxar; ela sente a exaustão tomar conta dela cada vez mais com firmeza. Ela reprime outro bocejo e pisca com força algumas vezes. Nesse momento, um gato atravessa a estrada, de cabeça baixa, cada centímetro um predador, alerta e preparado para defender sua presa, que balança indefesa em sua boca. Karen sente a adrenalina correr por ela quando o cinto de segurança aperta enquanto ela freia com força.

"Não é hora de relaxar", ela sussurra. - Você sabe o que pode acontecer. Se alguém souber, você sabe.

Ela continua descendo a estrada suavemente inclinada em direção ao centro da cidade. Aqui, as casas se alinham em ambos os lados da estrada, mas

ainda não há uma alma à vista. Ela desacelera ainda mais e entra na longa rua principal. A área de serviço externa do único pub de Langevik, The Hare and Crow, é uma confusão de móveis. Ainda há copos nas mesas e um punhado de gaivotas esvoaçando entre as cascas de ostra descartadas. É verdade que não há necessidade de empilhar e acorrentar cadeiras e mesas durante a noite aqui, como os bares em Dunker, mas o dono do pub, Arild Rasmussen, geralmente arruma tudo antes de fechar. Parece que Goodman Arild roubou muitos drinques inacabados na cozinha ontem à noite, celebrando Oistra como todo mundo.

Ela passa lentamente pelo posto de saúde, passa pela loja da esquina, pelos correios fechados, pela loja de ferragens fechada e pelo supermercado que mal sobreviveu. A antiga vila de pescadores na costa leste de Heimö está sobrevivendo, sobrevivendo principalmente dos resquícios de uma vontade histórica de sair e protestar. Mas as manifestações públicas estão ficando cada vez mais inofensivas, a escolha e o preço são suficientes para fazer a maioria das pessoas esquecer seus princípios e se dirigir às superlojas e lojas de bricolagem. Apenas o negócio de Arild Rasmussen parece prosperar; O Hare and Crow ainda está movimentado na maioria dos dias da semana.

No final da rua principal, a estrada contorna o antigo mercado de peixes e segue ao longo do porto. Karen segue a curva fechada e continua lentamente descendo o caminho de cascalho estreito entre o mar e Langevik Ridge. Casas de pedra branca e cinza sobem as encostas; ao longo da costa do outro lado da estrada, molhes e ancoradouros se projetam na água. Tudo atesta que Langevik, assim como todas as outras aldeias costeiras em Doggerland, já foi habitada principalmente por pescadores, marinheiros e um piloto ocasional. Hoje em dia, a maioria das propriedades à beira-mar são propriedade de técnicos de TI, engenheiros de plataformas de petróleo e

artesãos ocasionais. Por trás dos exteriores simples de pedra cinza, fogões a lenha e chaleiras de chá foram substituídos por placas de indução e máquinas de café expresso.

Karen sabe que cada vez mais as casas de barcos estão se transformando em um espaço extra para morar; em vez de grandes barcos a remos com espaço para quatro ou seis remadores, suas fachadas castigadas pelo tempo agora escondem sofás confortáveis em cana artificial para qualquer tempo. Seus donos passam lá noites amenas de verão, bebendo vinho, desfrutando de suas magníficas vistas para o mar, sem se preocupar com redes quebradas ou se as malditas focas também roubaram metade da pesca desta vez.

E talvez ela tivesse feito o mesmo, se pudesse pagar. Karen Eiken Hornby não é nostálgica por natureza.

Superficialmente, a maioria das coisas ainda parece com quando ela estava crescendo, mas nada é o mesmo.

E isso combina muito bem com ela.

*

Ela entra na entrada íngreme de uma das últimas casas e nota que terá que preencher a vala perto do portão se quiser evitar bater a cabeça no teto do carro na próxima vez que entrar no jardim. Com um suspiro de alívio, ela desliga o motor e fica imóvel por alguns segundos antes de abrir a porta. A exaustão a invade novamente e suas pernas parecem chumbo enquanto ela sobe a encosta em direção à casa. Ela respira profundamente, enchendo os pulmões com os cheiros do outono que se aproxima. O ar geralmente é alguns graus mais frio aqui do que em Dunker, e não há dúvida de que o verão está chegando ao fim rapidamente.

As bétulas já estão amarelando e a sorveira perto do galpão de ferramentas está vermelha de frutas vermelhas.

Um gato cinza enorme e fofo está descansando nos degraus de pedra perto da porta da cozinha. Quando Karen se aproxima, ele rola de costas, se estica em toda a sua extensão e boceja, mostrando suas presas pontiagudas.

- Bom dia, Rufus, sem ratos hoje de *novo* ? Para que serve você? '

Em seguida, o gato está de pé, esfregando-se nas pernas dela e, antes que Karen tire a chave da fechadura, ele entra furtivamente.

Ela joga a bolsa na mesa da cozinha, tira a jaqueta e tira os sapatos com um movimento. Em seguida, ela abre o armário acima da pia, tira dois analgésicos e os lava com um copo d'água enquanto acaricia distraidamente o gato, que pulou no balcão da cozinha. O som de miados cada vez mais implorantes corta sua dor de cabeça enquanto ela procura uma lata de comida de gato. No momento em que ela coloca a tigela na mesa, o barulho da comida morre instantaneamente; ela sente seus ombros caírem. Ela deve instalar a aba de gato que comprou hoje à noite. Embora haja muitos ratos e pelo menos dois anexos para Rufus patrulhar, ele aparentemente prefere comer de maneira mais digna na cozinha e passar os dias no sofá da sala. Onde ele morava antes de chegar mancando pela entrada de sua garagem na primavera passada, ela não tem ideia. Os avisos que ela colocou em postes de telefone e escorregou nas caixas de correio das pessoas não deram em nada. O veterinário recolocou sua orelha, castrou-o, imobilizou uma de suas pernas e colocou um cone em sua cabeça para que ele não lambesse a medicação para micose. Aparentemente, o gato maltrapilho tinha vindo para ficar e ela agora era forçada a admitir que sua guerra de desgaste havia acabado: Rufus havia triunfado.

Ao som da mastigação do gato, Karen liga a cafeteira e corta algumas fatias de pão. Quinze minutos depois, ela devorou dois sanduíches de queijo e engoliu-os com meio litro de café forte. Sua dor de cabeça lancinante se transformou em uma dor surda e, de repente, a exaustão a oprime. Sem se limpar depois da refeição, ela se arrasta escada acima até o quarto, tira o vestido e deita-se na cama. Eu deveria pelo menos escovar os dentes, ela pensa consigo mesma. Momentos depois, ela está apagada como uma luz.

5

O som está vindo de muito longe, penetrando em sua consciência por meio de camadas de sono. Quando finalmente passa, ela descobre que é o rádio-relógio, mas apertar o botão para desligá-lo não tem efeito. Os dígitos digitais indicam que são 13h22; leva mais alguns segundos para perceber duas coisas: ela dormiu metade do domingo e o som vem de seu telefone, que ela deixou na cozinha.

Irritada, ela joga o edredom de lado, veste o robe, que estava jogado na poltrona no canto, e desce cambaleando. O toque é implacável; ela vasculha sua bolsa conforme seu nível de estresse aumenta e pega seu telefone no mesmo momento em que ele fica em silêncio. Uma rápida olhada na tela e ela está bem acordada de repente. Três chamadas perdidas, todas do Delegado Viggo Haugen.

Karen se senta em uma cadeira da cozinha e liga de volta enquanto seus pensamentos correm. O que o chefe de polícia poderia querer? Eles dificilmente têm uma relação de trabalho próxima. E no domingo também.

não pode ser uma boa notícia. No terceiro toque, uma voz autoritária atende.

'Haugen.'

'Oi, aqui é Karen Eiken Hornby. Você está tentando me encontrar? '

Ela faz um esforço para não soar como se tivesse acabado de acordar, vai longe demais; sua voz saindo estridente e estridente.

'Eu certamente tenho. Por que você não atende o telefone? '

Viggo Haugen parece irritado; ela pensa em uma mentira inocente. Ela não vai admitir que passou metade do dia dormindo após uma ressaca.

“Tenho feito jardinagem e deixei meu telefone na cozinha”, diz ela. 'Ele *é* domingo,' acrescenta ela, lamentando-lo no momento em que ouve como ele é recebido.

- Como detetive inspetor, você deve estar disponível 24 horas por dia, sete dias por semana. De alguma forma, isso é novidade para você?

- Não, claro que estou ciente disso. . . '

O chefe de polícia a interrompe limpando a garganta ruidosamente.

- Bem, de qualquer maneira, surgiu algo que significa que você está de plantão imediatamente. Uma mulher foi encontrada espancada até a morte em sua casa. Tudo aponta para um assassinato direto. Quero que você lidere a investigação. '

Karen sente-se endireitada na cadeira.

'Claro. Posso perguntar . . . '

'Quero que reúna a equipe de que precisa imediatamente', continua Viggo Haugen. - O inspetor-chefe lhe dará os detalhes.

'Claro. Apenas uma pergunta . . . '

'Por que estou chamando você e não Jounas?' o chefe de polícia a interrompe novamente. - Sim, entendo por que você perguntou isso.

O tom agudo em sua voz suavizou um pouco; Karen o ouve respirar fundo antes de prosseguir.

"A questão é", diz Viggo Haugen lentamente, "a vítima é Susanne Smeed - a ex-mulher de Jounas."

6

Karen não diz nada por vários segundos enquanto a informação é absorvida. A imagem de uma mulher tremendo em um manto marrom desbotado passa por ela.

“Susanne Smeed”, ela diz estupidamente. - Temos certeza de que é assassinato?

- Sim, ou homicídio culposo, obviamente não podemos dizer neste momento. Mas, de acordo com o inspetor-chefe, ela definitivamente foi espancada até a morte. Há dois policiais no local e eles são inflexíveis nesse ponto.

A voz de Viggo Haugen ficou agitada novamente; agora, ela pode discernir claramente a apreensão nisso.

- Como tenho certeza de que você entende, Jounas não pode liderar a investigação nem servir como chefe da divisão enquanto o caso estiver em andamento. Já falei com ele sobre isso e ele concorda, é claro. Você vai ter que assumir até que tudo seja esclarecido.

Dois segundos de silêncio.

“Ou até que possamos encontrar uma solução diferente”, ele acrescenta e pigarreia novamente.

Enquanto escuta, ela está pensando no futuro. Claro Jounas Smeed tem que ser colocado em licença. Até eles sabem mais, ele está na lista de pessoas que necessitam para entrevistar. Lenta mas seguramente, as conseqüências madrugada de Karen. Com uma crescente sensação de mal-estar, ela percebe que ela vai ter que entrevistar o seu próprio patrão. O mesmo

patrão que ela deixou em um quarto de hotel em Dunker menos de oito horas.

Como se seus pensamentos pudessem denunciá-la, ela sente uma necessidade instintiva de encerrar a ligação com Viggo Haugen o mais rápido possível.

"Eu entendo", ela diz secamente. 'Eu moro perto de Susanne Smeed; Posso estar aí em trinta minutos. Você sabe se a cena da equipe do crime já chegou?

- Sim, ou eles estão a caminho, o legista também, mas obviamente demora um pouco para chegar lá. Faz apenas cerca de uma hora desde que foi relatado. '

Deve ter acontecido algum tempo depois das oito, quando ela a viu viva, e antes do meio-dia, quando foi chamada. Uma janela de menos de quatro horas durante a qual alguém espancou Susanne Smeed até a morte.

Enquanto eu dormia, minha ressaca sumiu a pouco mais de um quilômetro de distância. Puta merda!

“Ok, vou começar a ligar para as pessoas”, ela diz.

'Ótimo, e mais uma coisa. . . '

O chefe de polícia hesita por um momento, como se procurasse as palavras certas.

'Como você vai perceber, esta é uma situação muito delicada. Não posso deixar de enfatizar o quão importante é que você lide com isso o mais discretamente possível. Deixe a mídia comigo, sem comentários espontâneos e nenhum outro. . . Bem, discrição acima de tudo, basta dizer. Fui claro, Eiken? '

Vá se foder, seu asno pomposo, ela pensa consigo mesma.

"Perfeitamente claro", ela responde.

Com isso, a chamada é encerrada; Karen corre escada acima, com os pensamentos acelerados. Três minutos depois, ela sai do chuveiro e escova os dentes enquanto seca o cabelo com uma toalha. Ela ainda pode sentir a ressaca persistente em todas as partes de seu corpo.

Eu tenho que comer alguma coisa antes de eu ir, ela pensa. Eu não vou fazer isso se eu não. Ela puxa um par de jeans e uma T-shirt azul escuro e corre de volta para a cozinha. sobras de almoço de ontem estão na geladeira: uma espécie de caçarola de frango jogado juntos usando qualquer coisa que ela poderia encontrar no congelador. Ela vira o recipiente Tupperware de cabeça para baixo em uma placa, empurrões a massa fria no microondas e busca suas botas pretas do corredor. Um rápido olhar sobre o tempo: 01:40. Apenas um momento atrás, eu pensei que o meu maior problema foi que eu dormi com meu chefe, ela reflete severamente como os dings de microondas. Só agora é que ocorreu a ela que ela vai ter que adiar suas férias novamente. Ela provavelmente pode esquecer colheita do vinho deste ano na França.

*

Quatorze minutos depois, Karen Eiken Hornby, chefe interina do Departamento de Investigação Criminal, afivela o cinto de segurança. Ela colocou uma banana e uma lata de Coca-Cola que encontrou na geladeira atrás da caçarola de frango, no banco do passageiro. Antes de ligar o carro, ela coloca dois chicletes na boca para suprimir a vontade de fumar.

Karen dá ré na garagem, sai e ouve o cascalho borrifar atrás dela enquanto ela sai de lá. Enquanto devorava a caçarola, ela conversou com o inspetor-chefe na sede da Polícia de Dunker, que pintou um quadro bastante claro. A

ligação havia chegado às 11h49. Um vizinho, por algum motivo ainda desconhecido, espiou pela janela da cozinha de Susanne Smeed e avistou um par de pés e pernas e uma cadeira de cozinha derrubada. O

resto do corpo estava escondido atrás de uma grande geladeira. O vizinho, um homem chamado Harald Steen, pensou a princípio que Susanne devia ter desmaiado ou escorregado e se machucado, e chamou uma ambulância. A operadora que atendeu a ligação, no entanto, estava suficientemente ligada para informar também a polícia, que despachou dois policiais, Björn Lange e Sara Inguldsen.

Karen parou momentaneamente de mastigar o frango quando o inspetor-chefe mencionou esses nomes.

Aparentemente, os dois policiais estavam voltando de uma verificação de alarme contra roubo que disparava em uma casa a apenas dez quilômetros ao sul de Langevik e, conseqüentemente, era a unidade mais próxima da casa de Susanne Smeed. Meia hora depois de serem chamados, eles estavam no local, arrombaram a porta da frente e imediatamente concluíram que não era um caso de baixo nível de açúcar no sangue nem uma queda acidental.

Björn Lange estava sentado nos degraus da frente com a cabeça entre os joelhos quando os paramédicos chegaram; Sara Inguldsen disse a eles que eles apareceram por nada.

"Aparentemente, está uma bagunça", disse o inspetor-chefe a Karen.

7

Karen estaciona no final de uma longa fila de carros na margem lamacenta em frente à casa de Susanne. O

primeiro é o BMW preto do legista, atrás dele está a cena da van branca da equipe do crime. Ela sai e fica imóvel na chuva fraca por um momento. Faz a varredura da estrada em ambas as direções. Na casa ao lado, ela avista um carro patrulha. Qualquer marca de pneu será impossível de proteger, ela percebe. A esta altura, a maioria dos moradores deve ter acordado e pelo menos vinte veículos devem ter passado pela casa.

Ela ergue os olhos e contempla a paisagem. Esta parte de Heimö - a crista alta ao norte, o rio correndo serpenteando em direção ao mar, as pontes de pedra arqueando em suas curvas, as colinas cobertas de urze -

foi gravada nela desde a infância. Agora, ela estuda os arredores com novos olhos. Sem ver sua beleza ou notar sua imobilidade, ela com naturalidade anota todas as rotas possíveis pelas quais um estranho poderia ir e voltar sem ser visto. Normalmente, teria sido impossível sem que alguns dos vizinhos percebessem. Mas, neste dia em particular, o dia de maior ressaca do ano, os aldeões tão curiosos provavelmente tinham outras coisas com que se preocupar além dos carros que passavam na estrada.

'Boa tarde, chefe.'

Björn Lange se levanta da escada da frente quando Karen se aproxima da casa. Ela percebe que o policial está vários tons mais pálido do que quando se encontraram naquela manhã e que sua mão parece tremer quando ele a saúda.

“Boa tarde”, ela responde e sorri. - É obra sua?

Ela acena para a porta no topo da escada. Uma das vidraças da janela de vidro com chumbo foi quebrada e duas das bordas foram limpas de pedaços de vidro afiados. Björn Lange acena com a cabeça e rapidamente

começa a explicar, como se não tivesse certeza se ela vai criticar sua decisão.

- Sim, estava trancado e não sabíamos se o tempo era um fator. Tudo o que sabíamos era que alguém estava lá, porque o rádio estava ligado. Espero não termos comprometido nenhuma evidência, mas achamos que ela poderia precisar de ajuda. Obviamente, não sabíamos que era tarde demais. . . '

Ele se interrompe e Karen acena com um sorriso tranquilizador enquanto pondera o que fez a sensível Lange se tornar policial.

'Você fez a coisa certa', diz ela. 'Eu tenho dito que é feio lá. Vou ter de falar com ambos Inguldsen e você mais tarde para baixo na estação, mas eu sugiro que você dê um par de horas fora agora e ir comer alguma coisa. Onde ela está, pelo caminho?'

- Ela está na casa do vizinho, aquele que ligou. O velho ainda estava aqui quando chegamos e não estava se sentindo bem, então ela o levou para casa. Aparentemente, ele tem problemas com o relógio. Lange faz um gesto estranho em direção ao coração.

Karen amaldiçoa interiormente. Uma policial solitária acompanhando uma testemunha que não pode ser considerada suspeita. Que porra eles estavam pensando? Ela sabe que o velho Steen tem, de fato, um problema cardíaco e não seria capaz de matar nem um gatinho, mas isso não é algo que Sara Inguldsen e Björn Lange conheçam.

- Tudo bem, então desça e lhe faça companhia - diz ela laconicamente, evitando repreendê-lo. Depois de seu embaraçoso encontro matinal com Lange e Inguldsen, ela está perdendo o controle; isso terá que ser o que os torna iguais.

*

Um calor notável e um leve cheiro de fumaça saúdam Karen quando ela abre a porta da frente. Algo queimando, ou vestígios disso. Ela está olhando para um corredor quadrado com um lance de escadas que leva ao primeiro andar. À esquerda da escada está uma cômoda cor de mogno com gavetas abertas, e no chão em frente a ela há lenços, luvas, uma escova de roupas e outras coisas que ela não consegue identificar. Pela porta mais à direita, ela avista um sofá bege e a ponta de um tapete azul de pelúcia da sala de estar. Há ruídos fracos e vozes murmurantes vindo da porta à esquerda. Debruçado sobre uma grande bolsa preta no meio do corredor está o técnico de cena do crime Sören Larsen. Quando ele avista Karen, ele levanta o queixo em saudação e entrega a ela um par de protetores de sapato de plástico azul e um boné de plástico.

- Obrigado, Sören, Brodal está lá dentro? Ela acena com a cabeça em direção à porta da cozinha enquanto torce o cabelo em um coque e puxa a touca transparente. Sören Larsen encontra os olhos dela, as sobrancelhas erguidas acima da máscara facial e acena com a cabeça silenciosamente.

Ela sabe o que esse olhar significa. Kneought Brodal está de mau humor hoje. Como sempre.

Karen respira fundo e caminha até a porta. À primeira vista, desconsiderando os pads, tudo parece normal.

Bem à frente está um fogão, uma bancada, uma pia e uma máquina de lavar louça e, acima disso, uma fileira de portas de armário manchadas de cinza.

À direita, em um longo balcão de granito, está uma máquina polida e enorme que Karen presume ser algum tipo de cafeteira; as prateleiras acima são forradas com vários utensílios de cozinha, tigelas e potes de cobre. Imediatamente à esquerda da porta, surge um alto gabinete azul com os motivos bíblicos estilizados que caracterizam a arte popular doggeriana. Jonas e a baleia são um tema comum; quem quer que tenha pintado o gabinete de Susanne Smeed há algumas centenas de anos foi inspirado por essa história em particular. Uma cozinha comum e bastante agradável.

Mas essa impressão muda à medida que ela continua a observar a cena. Mais adiante, há uma mesa de cozinha pesada de carvalho, rodeada por três cadeiras. O quarto está deitado de lado. Ela registra as almofadas e os triângulos de plástico amarelos numerados, e então seus olhos são atraídos para o sangue, respingos vermelhos em um arco a poucos metros dela.

- Tenha muito cuidado, Eiken - diz uma voz aguda. - Preste atenção em onde põe os pés, porra.

Karen dá alguns passos cautelosos ao longo das almofadas, estica o pescoço para ver além do grande armário e suspira involuntariamente. Leva apenas uma fração de segundo para suprimir com sucesso o desejo de desviar o olhar. Sem expressão, ela estuda a mulher no chão.

Susanne Smeed está deitada de costas, a cabeça e o pescoço em um ângulo não natural entre o chão e a borda de um fogão a lenha preto. Seu robe grosso se abriu, revelando uma camisola de cor creme com bordados de renda ao longo da linha do pescoço profundo. Um seio está exposto; Karen observa que é inesperadamente gordo para um corpo tão esguio. A mão esquerda de Susanne Smeed está escondida, mas Karen nota que a outra não tem joias, mas tem as unhas bem cuidadas pintadas em um tom sutil de rosa

claro. Sua cabeça e parte superior do corpo estão descansando em uma poça de sangue, que ensopou o grosso tecido atoalhado

de seu manto, tingindo o tecido de um tom mais escuro de monótono. O cabelo que não está encharcado de sangue parece bem cuidado, com reflexos mais claros em uma base um tanto parecida com rato. As pernas são esticadas retas; um chinelo de veludo azul escuro ainda balança nos dedos do pé direito; o outro chinelo está de cabeça para baixo sob a mesa da cozinha.

Arrumado. O pensamento vem a ela sem ser convidado. Caos puro.

Um técnico de macacão branco se move em câmera lenta ao redor da mulher morta, tirando fotos de todos os ângulos imagináveis. Ouve-se o farfalhar suave de roupas de proteção de dois outros técnicos, que circulam lenta e deliberadamente pela sala. Karen sabe que seus movimentos silenciosos e medidos - que para os não iniciados podem parecer um sinal de respeito em face da morte - são na verdade o produto de profunda concentração enquanto gravam e escovam para coletar até o último fragmento de evidência. Quando um dos técnicos se desloca para o lado, fica claro o que causou o cheiro de queimado: uma pilha do que parece ser os restos carbonizados de uma cesta de lenha está colocada entre o fogão e a mesa da cozinha. As chamas lamberam a parede, deixando uma ampla faixa de fuligem, perigosamente perto da cortina quadriculada da cozinha. Ela vê seu próprio reflexo no vidro e diz a si mesma que as olheiras devem ser causadas pelos holofotes portáteis.

Karen volta sua atenção para a cabeça de Susanne Smeed; desta vez, ela se força a inspecioná-lo completamente. Fios de seu cabelo loiro ficaram presos no sangue, escondendo partes de seu rosto machucado. Com uma crescente sensação de mal-estar, ela registra o osso ocular esmagado e o

nariz que parece ter se movido para o lado. Seus dentes expostos são brancos atrás da maxila dividida, dando a impressão de um sorriso rictus. Seus olhos estão bem abertos e vazios e vazios como em qualquer outro cadáver que Karen viu: nenhuma surpresa, nenhum medo, apenas um nada cinza sem fim.

No meio dos destroços sangrentos, ela ainda consegue distinguir as características faciais familiares de Susanne Smeed. Sua inquietação se transforma em um forte redemoinho em seu estômago; para sufocar a náusea, Karen se vira para a mesa da cozinha. Uma tigela contendo os restos do que parece ser iogurte com muesli empapado, uma cesta de pão de centeio fatiado, um pote de manteiga que se liquefaz com o calor, uma xícara de café vazia pousada ordenadamente em seu pires.

Pelo menos você tomou uma xícara de café depois de seu mergulho matinal, ela pensa e deixa seus olhos se demorarem no padrão floral azul da xícara. Mas o que aconteceu depois disso?

- Tudo bem, Kneought? ela diz baixinho, só agora se virando para o homem grande que claramente está tendo dificuldade em se agachar ao lado do cadáver. Ela estuda as costas largas do legista e fica surpresa de que Brodal consiga vestir um macacão padrão sem estourar as costuras. 'O que você tem para mim?'

Ele responde secamente, sem erguer os olhos.

- Bem, ela está morta. Que tal isso? '

Karen ignora seu tom áspero e espera silenciosamente que o legista continue. O jargão de Brodal costuma irritá-la, mas, neste caso específico, ela se solidariza até certo ponto; ela sabe que Kneought Brodal e sua esposa viram Jounas e Susanne Smeed socialmente por anos, antes de se

divorciarem. Brodal deve ter conhecido mais do que superficialmente a mulher cujo cadáver ele está examinando agora.

“Cheguei aqui logo depois da uma e meia e naquele momento ela já estava morta há pelo menos três, mas eu diria que não há mais de seis horas”, ele diz, a frustração em sua voz palpável. - Não posso ser mais exato do que isso neste calor terrível. Por algum motivo, alguém decidiu acender o fogo naquela maldita coisa e depois tentou incendiar a casa.

Brodal ajoelhado gesticula em direção ao fogão a lenha no canto, onde um dos técnicos da cena do crime está atualmente curvado, espiando pela porta aberta. Então Brodal olha para cima e encontra os olhos de Karen; ela nota que a testa dele está brilhante de suor.

Ela olha para o fogão moderno de indução de aço escovado do outro lado da cozinha e depois volta para o fogão. Aparentemente, Susanne, como tantos outros, quis preservar certos aspectos da cozinha antiga quando se modernizou. Ela queria manter a sensação de uma antiga cozinha rústica, ao mesmo tempo que investia em todas as conveniências modernas concebíveis. É assim que a maioria das pessoas faz. Mas, na verdade, usar os velhos fogões para aquecer era incomum, quando a temperatura ainda estava bem acima de zero. Será que sua natação matinal deixou Susanne com tanto frio que ela se voltou para o fogão a lenha? Ou foi obra do assassino?

"Quando cheguei aqui, era uma sauna sangrenta", Brodal continua asperamente. “Os técnicos finalmente apagaram o fogão, graças a Deus, mas será quase impossível determinar a hora mais exata da morte. Foi pura

sorte que a coisa toda não queimou até o chão ', acrescenta ele, acenando com a cabeça para a cesta de madeira carbonizada.

- Sorte nossa, talvez - Karen responde secamente. - Mas dificilmente para qualquer bastardo estúpido que planejou passar o assassinato como um incêndio em uma casa normal.

Brodal fecha sua bolsa e se levanta com dificuldade. Seu macacão se estica em seu amplo estômago; Karen teme que o zíper de plástico frágil possa ceder a qualquer segundo.

- Pode ser, cabe a você descobrir. De qualquer forma, terminei aqui, terei mais para você depois da autópsia ', diz ele, enxugando a testa com o pulso.

- Pelo menos parece que encontramos a arma do crime. Dê uma olhada nisso, Eiken! '

A voz de Sören Larsen está vindo da porta. Ele está segurando um longo atiçador de ferro, embrulhado em um saco plástico com listras cor de ferrugem nele.

'Provavelmente consistente com os ferimentos no corpo, se você quer saber', diz Larsen, virando o saco plástico ensanguentado de um lado para o outro, parecendo satisfeito. "Nós o encontramos pendurado com cuidado ao lado do fogão de ferro fundido."

"Talvez", diz Brodal. - O que quer dizer que ele pode ter usado para bater na cara dela, mas a causa da morte provavelmente é outra.

Karen e Sören Larsen olham interrogativamente para o legista. Por um segundo, ele parece estar gostando da atenção.

- Acho que ela estava sentada na cadeira quando deu o primeiro golpe, mas tenho quase certeza de que não foi isso que a matou. O segundo golpe também não funcionou, mas a fez voar para trás com tanta força que seu crânio foi esmagado contra o fogão a lenha. Quem fez isso é um filho da puta gelado, que estava decidido a matar Susanne.

8

O detetive inspetor Karl Björken está no supermercado, oscilando entre pizza congelada e dedos de peixe, quando seu telefone vibra em seu bolso. Seu filho de dezoito meses, Frode, está sentado na cadeirinha do carrinho de compras, chorando de maneira dolorosa. Suas mãos rechonchudas se esticam em direção ao final do corredor, onde sua mãe desapareceu na direção da seção de fraldas. Karl olha rapidamente para a tela; suas sobrancelhas escuras se erguem quando ele percebe quem está ligando. Karen Eiken Hornby pode ser sua superiora imediata e, ao longo dos anos, eles se tornaram amigos, mas ela dificilmente ligaria apenas para conversar. Principalmente hoje.

'Por favor, querida, mamãe já volta', ele diz enquanto pressiona o telefone contra um ouvido e cobre o outro com a mão para bloquear o barulho.

“Oi, Karen”, ele diz. 'A que devo o prazer? Você ficou sóbrio depois de Oistra?

'Cale-se. Você está sentado? '

'Dificilmente. Estou no Tema. O que você acha que eu deveria comer, pizza congelada com presunto. . . '

- Escute - interrompe Karen rapidamente. - Preciso que você entre, houve um assassinato.

Enquanto Karen explica o que aconteceu, Karl observa sua esposa voltar com pavor. Ela está empurrando um carrinho cheio de três pacotes grandes de fraldas; parece que ela realmente tem que colocar seu peso nisso para fazer o pesado carrinho de compras rolar. Na cadeira infantil está o irmão gêmeo de Frode, Arne, que está mastigando alguma coisa. O pescoço de

Ingrid Björken está manchado; ela parece totalmente exausta quando gentilmente arranca algo das mãos pegajosas de Arne. Seus uivos enfurecidos ecoam entre as prateleiras de vegetais enlatados e molhos para macarrão.

Quando ela vê Karl, seu rosto se ilumina e seu coração afunda como uma pedra. Ele sabe que aquele sorriso -

aquele pelo qual se apaixonou há quase três anos e que ainda manda raios de luz por seu corpo - será apagado daqui a dois minutos.

*

Quarenta e cinco minutos depois, Karl Björken dá um passo para o lado para deixar a maca que carregava o corpo de Susanne Smeed pela porta da frente. Lá dentro, ele pode ver Karen no corredor, conversando com Sören Larsen, cujo cabelo loiro crespo parece uma auréola desgrenhada ao redor de sua cabeça. Karl observa que Larsen está anormalmente ereto na tentativa de tornar a diferença de altura entre ele e Karen menos perceptível. Sören Larsen tem um metro e meio de meia - as solas extra grossas de suas botas somam mais cinco centímetros, mas ele ainda é mais de dois centímetros mais baixo do que Karen.

Ela parece focada; Karl já viu essa mistura de tensão e antecipação contida antes. Agora ela vira o pulso para verificar o relógio.

“Björken deve chegar a qualquer minuto”, ela diz. 'Vamos dar uma espiada na casa e falar com os vizinhos mais próximos; Presumo que você tenha mais o que fazer aqui. Achei que poderíamos fazer uma revisão inicial na estação às sete da noite. Isso funciona para você?'

- Tudo bem com sete - responde Larsen. - Mas não toque em nada, está me ouvindo? Mesmo se você estiver usando luvas, não quero que acrescente

impressões digitais.

Karl passa pela soleira com um suspiro; no momento em que sua silhueta alta e larga escurece o corredor, Sören Larsen e Karen se viram para a porta da frente.

“Ah, aí está você”, ela diz. 'Bem vinda; parece que temos uma grande bagunça em nossas mãos. '

- Definitivamente assassinato? Karl pergunta.

- Sem dúvida. Bem, ou possivelmente homicídio culposo, suponho, se o advogado for realmente bom, mas certamente não foi um acidente. Você pode me ajudar a dar uma olhada rápida ao redor da casa antes de descermos para ver a vizinha que a encontrou. Brodal acabou de sair e o corpo está sendo levado agora, mas você pode dar uma olhada na cozinha primeiro e eu irei informá-lo sobre o que sabemos depois.

Karl puxa um par de protetores de sapato da bolsa de Sören Larsen e respira fundo antes de entrar na cozinha. Ingrid não ficará feliz quando ele chegar em casa. Sempre que for.

*

Karen para na porta e examina a sala. Há um sofá cor de aveia em frente a uma mesa baixa. Uma pilha de revistas femininas sobre a mesa de centro de vidro fumê, ao lado de três controles remotos que parecem ter sido colocados lado a lado com uma precisão meticulosa. Duas poltronas de couro preto flanqueiam o sofá de cada lado; todos os três estão voltados para uma TV gigante que cobre a maior parte da parede oposta.

Mais abaixo, na mesma parede, há uma lareira e mais duas poltronas, enquanto a parede oposta é dominada por uma grande estante branca. Tudo parece arrumado, limpo e ligeiramente clínico. Onde a cozinha, com seus

velhos armários e porcelanas floridas, revelava o desejo de se agarrar ao rústico, a sala parece decorada por quem simplesmente abriu um catálogo de móveis em uma página aleatória e comprou tudo na foto.

Karen estuda o interior impessoal; provavelmente não há uma peça de mobília com mais de dez anos aqui. E, no entanto, a impressão está longe de ser moderna, se é que é convencional, chegando a ser terrivelmente enfadonha.

Então ela nota a lareira, onde um punhado de fotos em molduras douradas está alinhado. Ela caminha pensativamente até a lareira para dar uma olhada nas fotos, mas logo é interrompida por Karl, que entrou na sala.

- Então é assim que fica uma cozinha depois de alguém ter a cabeça esmagada com um atiçador. Acho que nunca vou me acostumar com isso '

"E isso depois de muito sangue ter sido absorvido pelo roupão", ela responde sem se virar. - Mas, de acordo com Brodal, o atiçador não a matou; a parte de trás de sua cabeça bateu na borda do fogão a lenha. Você pode dar uma olhada nas fotos esta noite, no briefing.

Karl dá uma olhada rápida na sala e, em seguida, caminha até ficar ao lado de Karen. Eles estudam as fotos em silêncio.

'Sua filha?' ele pergunta depois de um tempo, acenando com a cabeça em direção às fotos.

Eles parecem que são todos da mesma pessoa. Uma garota de cerca de três anos em uma praia. Ela está sorrindo para o fotógrafo, brandindo uma pá de plástico vermelho. Em seguida, uma loira de seis anos de idade com um dente faltando na frente, vestindo uma malha de balé rosa e um tutu. Uma garota quase tão loira de cerca de dez, onze anos, orgulhosamente fazendo a divisão em uma viga de ginástica com os braços acima da cabeça. Outra

foto, provavelmente da mesma época, mostra a mesma garota, sorrindo triunfantemente do alto de um pódio.

'Eu acho. Você se importaria de verificar a estante? '

Karl vai até a unidade de laminado branco.

- Não sei se chamaria de estante de livros.

Com um olhar cansado, ele estuda os enfeites espalhados entre as fileiras de CDs e DVDs. Uma cestinha cheia de flores de porcelana, um peso de papel de vidro colorido, uma coleção de cavalos de porcelana de vários tamanhos e cores, uma boneca espanhola com vestido de flamenco, uma boneca japonesa vestida de gueixa. O punhado de livros cabe em duas prateleiras: um punhado de romances best-sellers e romances

policiais, um dicionário de doze volumes, alguns livros grossos que parecem algum tipo de literatura de autoajuda. Karl lê os títulos em voz alta:

' *Ouse ser feliz , o caminho para o seu verdadeiro eu , pare de ser uma vítima - aproveite a vida* , as *pessoas que tomam, como limpar a sua vida das energias negativas* . Oh meu Deus, você lê essa merda também?

- Todos os dias, você não percebe?

Karen agora está estudando a pilha de revistas femininas na mesa de centro. No topo da pilha está a última edição da *Vogue* . Ela tira uma caneta do bolso da camisa, empurra cuidadosamente a revista brilhante de lado e se vê olhando nos olhos entediados de uma modelo na capa da *Harper's Bazaar* . Mais abaixo na pilha estão várias edições de várias revistas cheias de fofocas de moda, beleza e celebridades, ao lado de algumas publicações sobre antiguidades. Karen se endireita e examina o quarto arrumado e impessoal, evitando as janelas vazias, procurando por qualquer coisa que

possa lhe dizer quem era Susanne Smeed. Ou talvez seja exatamente quem ela era. Uma mulher sem ideias próprias, ansiosa para ver tudo arrumado. Ansioso para ficar bem *sozinha* , Karen pensa, lembrando unhas feitas da mulher morta e o seio exposto. Silicone, sem dúvida.

Ela olha para as paredes brancas, onde estão penduradas algumas pinturas de paisagens a óleo, uma reprodução emoldurada de um Monet, outra de Sisley e duas arandelas de parede dourada com cortinas de vidro leitoso. Esta pode ser a casa de qualquer pessoa. Qualquer mulher limpa, arrumada e de meia-idade.

“Acho que não vamos encontrar mais nada aqui”, diz ela. - Podemos prosseguir para o andar de cima?

Um tapete bege espesso abafa efetivamente o som de seus passos. No patamar, duas portas estão entreabertas, enquanto uma terceira está fechada. Karen observa que um coração de ouro - idêntico ao da porta do banheiro no térreo - adorna a porta fechada e decide adiar a busca no banheiro. Em vez disso, ela empurra uma das outras portas e encontra o quarto de Susanne Smeed. A grande cama de casal não está feita, mas parece surpreendentemente intocada. Um edredom fofo é cuidadosamente dobrado para trás em direção ao lado da cama que aparentemente não foi usado. O travesseiro grosso tem uma fronha com o mesmo padrão floral; uma leve amolgadela sugere que alguém em algum momento descansou a cabeça ali. Uma manta rosa está dobrada sobre o braço de uma pequena poltrona de chita floral perto da janela. Em frente a ela, há uma academia com vários dispositivos e uma tela que para Karen parece a cabine de um pequeno avião.

- Quanto você calcula que custa? ela diz, olhando para a monstruosidade.

"Bem, eu certamente não poderia pagar", disse Karl secamente. 'E por que ter uma cama tão grande se ela só usa a metade? Quase metade, na verdade. Ela deve ficar quieta a noite toda. A sua cama parece tão arrumada quando você acorda?

Ela não responde. A cama dela é igualmente grande, embora ela geralmente durma sozinha também. Por outro lado, ele está certo, realmente parece que Susanne Smeed não moveu um músculo a noite toda.

“Aposto que há um amante na foto”, diz Karl, que aparentemente não quer mudar de assunto. - Ginásios domésticos e uma cama king-size, ela certamente parece preparada, é tudo o que estou dizendo. . . '

- Se for esse o caso, ele não dormiu aqui ontem à noite, isso está claro. Mas teremos que averiguar isso ', diz Karen, pensando que não tem certeza se concorda com ele. Revisar a casa de Susanne deu a ela praticamente a sensação oposta; para ela, a casa inteira exala solidão. A esperança de uma mudança, mas mesmo assim uma solidão quase insuportável.

Ela se abaixa, agarra com cuidado a parte inferior da porta esquerda do guarda-roupa e a empurra de lado.

Fileiras elegantes de cabides com blusas, saias e vestidos encontram seus olhos. Na prateleira acima deles estão pilhas de topos cuidadosamente dobrados em todas as cores e tecidos imagináveis. Na parte inferior estão os pares de sapatos, alinhados em três profundidades: meia dúzia de pares de scarpins de várias cores e altura de salto, sandálias de tiras douradas, sandálias com pérolas, outros tipos de sandálias de tiras, dois pares de mocassins e, no extremo atrás, pelo menos cinco pares de botas. Karen abre a porta seguinte e olha para as roupas ainda mais bem penduradas: vestidos, saias e jaquetas de vários cortes e alguns casacos finos de verão. O resto do espaço é ocupado por altas pilhas de caixas de sapatos, várias delas com

etiquetas de liquidação vermelhas. Uma estimativa aproximada diz a Karen que deve haver pelo menos vinte, talvez trinta caixas de sapato só neste guarda-roupa.

'Bem, bem, bem', diz ela. - Parece que Susanne tinha pelo menos uma pequena fraqueza afinal. Veja!' Karen dá um passo para o lado para deixar Karl ver.

'Uau! Mas então, que mulher não é louca por sapatos?

Ele está certo, ela pensa. Susanne dificilmente poderia ter escolhido um hobby mais baunilha do que ser uma shopaholic. Tudo está em excesso, mas nada se destaca; tudo está arrumado, mas completamente impessoal.

E nada aqui explica por que alguém esmagou o rosto de Susanne com o que parece ter sido uma fúria desenfreada.

Karl abriu a gaveta de cima da cômoda e está empurrando cuidadosamente as calcinhas, sutiãs e meias para ver se há algo interessante por baixo. Ele fecha novamente com um suspiro e puxa o próximo. Karen o observa cavar cautelosamente em torno de cuecas e meias com as mãos enluvadas. Sören Larsen não ficaria feliz se ele aparecesse agora.

- Não é exatamente uma coisa atrevida. Nem tanto como um vibrador, 'Karl diz desapontado.

- Suponho que ela o manteria na mesinha de cabeceira, se houver - responde Karen. 'Não, não fique animado; Eu já verifiquei. Apenas alguns pacotes de lenços de papel, um frasco de loção para as mãos e um frasco de pílulas para dormir.

Karl acende momentaneamente, mas cai de volta no desânimo quando Karen continua.

'Sem etiqueta de prescrição. Eles estavam sem receita até alguns anos atrás; ela deve ter comprado antes disso. Ou no exterior. '

Karl puxa a última gaveta e tateia sob as pilhas de camisolas e camisolas cuidadosamente dobradas. Então ele enrijece, franze a testa e tira algo que parece um grande livro com uma capa azul gasta.

“Bingo”, ele diz. 'Um álbum de fotos.'

'Melhor que nada. Teremos que deixar os técnicos darem uma olhada nisso primeiro. Vamos fazer uma varredura rápida no resto do andar de cima. Então temos que falar com Harald Steen o mais rápido possível.

- O vizinho que a encontrou?

Karen acena com a cabeça.

Na porta do quarto menor há vestígios de orifícios para parafusos, como se antes houvesse uma placa nela.

Dentro, em uma cama estreita com uma colcha rosa listrada, está sentado um ursinho de pelúcia, olhando para eles sob um pôster de quatro jovens sorridentes.

'One Direction', diz Karl. - Os filhos da minha irmã eram loucos por eles.

Eu conheço outra pessoa que também foi. Karen sente seu peito se contrair. Mas ela não diz nada.

Sobre uma cômoda branca está uma pequena árvore de latão estilizada, com colares de contas de vidro e uma pequena pulseira pendurada em seus galhos finos. Acima da cômoda há um espelho e ao lado dele um gancho dourado do qual pendura um par de sapatilhas de balé rosa com longas fitas de cetim. Karen abre a gaveta de cima e nota que ela está perfeitamente forrada com papel rosa, mas está vazia. Quando ela puxa a gaveta de baixo,

ouve-se um som de chocalho e ela descobre dois pequenos troféus de plástico prateado, rolando desoladamente no fundo da gaveta.

Um sentimento de tristeza invade o quarto da menina abandonada. Um mausoléu para uma criança perdida, uma criança que não tenha vivido aqui em muitos anos. Karl parece que ele pode ler sua mente.

“Talvez ela o use como quarto de hóspedes”, diz ele; Karen se pergunta se ele está tentando consolar a si mesmo.

“Sim, talvez”, ela diz, não convencida.

Algo lhe diz que Susanne Smeed raramente tinha companhia. Cada novo cômodo em que entram torna a sensação de solidão mais pronunciada.

Uma rápida olhada no banheiro é tão improdutivo. A sala é dominada por uma banheira de canto com torneiras de ouro; o banho gigante é ridiculamente grandes dimensões. Um rosa, tampas tapete macio que andar restos pouco. O armário de banheiro não contém nada fora do comum: uma escova de dentes elétrica, analgésicos, vitaminas, fio dental, outro frasco de pílulas para dormir e uma longa fila de produtos para a pele e perfumes. Possivelmente mais um sinal do desejo de Susanne para consumir. Karen parece com um grau de fascínio para os frascos e garrafas com Clinique, Dr. Brandt e logos Exuviance, bem como outros que ela não reconhece.

“Duvido que encontremos qualquer outra coisa aqui antes que os técnicos façam sua parte”, diz Karen. -

Vamos descer para ver o velho Steen.

9

A casa de Harald Steen fica a pouco mais de duzentos metros rio abaixo da casa de Susanne, do outro lado do rio Langevik. Karen e Karl seguem o caminho lamacento ao longo da água enquanto ela conta a ele o que Kneought Brodal concluiu.

'Roubo?' Karl pergunta sem convicção e puxa o capuz contra a chuva fina.

'Pode ser. A bolsa de Susanne foi encontrada jogada na grama perto dos degraus da frente e não havia carteira nela. Além disso, algumas das gavetas da cômoda do corredor foram puxadas e o conteúdo parecia ter sido vasculhado.

'Ok, então. . . '

- Por outro lado, havia um caddie de chá em um dos armários com bastante dinheiro dentro, que não foi levado. Setecentos e cinquenta marcos e vinte xelins para ser mais preciso, de acordo com Larsen, então, se alguém estava atrás de dinheiro, eles o negligenciaram. Bem, o resto você viu por si mesmo; nem a sala de estar nem o quarto parecem ter sido mexidos, apenas a cômoda do corredor. '

'Telefone? Computador portátil?'

'Até agora não encontramos qualquer um, o que pode indicar que alguém tomou. Mas nada na casa parece estar faltando, pelo menos não os tipos de coisas que seu viciado em run-of-the-mill normalmente rouba. Ela tinha setenta e dois pedaços de talheres de prata cuidadosamente embalados em um caso em uma das gavetas da cozinha, de acordo com Larsen, que até mesmo o ladrão mais inepto deveria ter encontrado. Mas o carro parece

estar faltando. Eu sei que ela dirige um Toyota branco, o que não é pela casa ou na estrada.'

- Você colocou um alerta?

'O que você acha? Johannisen está trabalhando nisso. E chamei os policiais Cornelis Loots e Astrid Nielsen para verificar com os vizinhos se alguém viu ou ouviu alguma coisa.

“A parte mais estranha é que a porta da frente estava trancada”, diz Karl. - Desde quando os ladrões trancam a porta atrás deles?

'É uma daquelas fechaduras que dispara automaticamente quando você fecha a porta. Eu mesmo tive um; mudei depois da segunda vez que me tranquei. '

- E você disse que não há sinais de violência sexual?

- Não, não de acordo com o exame preliminar de Brodal, de qualquer maneira. Além disso, ela estava de roupão e chinelos e estava sentada na cozinha quando isso aconteceu.

- Talvez ele já estivesse na casa há muito tempo. Segurando-a contra sua vontade, deixando-a se vestir antes que ele a espancasse até a morte.

Karen lança um olhar para Karl, com as sobrancelhas erguidas com ceticismo.

- Mas não antes de ele servir o café da manhã para ela? Vamos, Karl. Qual é a probabilidade disso? '

- Bem, pode ter sido alguém que ela conhecia? Eu ainda aposto que ela teve um amante que estourou.

'Se for esse o caso, não vai demorar muito para descobrir. Não há segredos nesta aldeia. Mas você viu a cama; se ela tinha um amante, eles certamente

não gastar a noite passada juntos.'

Eles cruzam a ponte de tábuas para o outro lado do rio e agora estão na propriedade de Harald Steen. Karen hesita um momento e então diz:

- E tem outra coisa. Passei a noite em Dunker e hoje cedo, voltando para casa, vi Susanne.

Ela joga a cabeça na direção da casa de Susanne.

- Ela estava voltando do cais para casa, provavelmente depois de um mergulho matinal. Já a vi fazer isso antes e nunca verifiquei a hora, mas deve ter sido por volta das oito e quinze.

Karl para e se vira, como se pudesse ver Susanne correndo pelo caminho. Karen sabe o que ele está pensando.

'Exatamente', diz ela. 'Se a estimativa de Brodal em relação ao tempo da morte é correta, ela provavelmente foi assassinado pouco depois que a vi. E não, eu não encontrar alguém na estrada. Mas eu pedi os técnicos para dar uma olhada na área em torno do píer, embora eu duvido que ele vai levar a nada.'

*

Sara Inguldsen os encontra na escada da frente da casa de Harald Steen. Björn Lange está parado mais adiante no jardim; ele tenta apressadamente apagar um cigarro ao vê-los.

"Boa tarde, chefe", diz Inguldsen, levando a mão ao boné.

Karen acena com a cabeça bruscamente e começa a raspar as botas contra a borda da escada para tirar a lama.

- Boa tarde - diz ela com um sorriso rápido. 'Aprendeu algo útil?'

'Não muito; Harald Steen mal juntou duas palavras. Ele não viu nada dentro, mas viu o rosto de Lange quando ele voltou para fora. E ele me ouviu mandar a ambulância embora, então ele juntou as peças. O rosto dele ficou completamente cinza, então eu o levei para casa e deixei Lange cuidando da casa sozinho.

- Por que Steen não tentou entrar para ajudá-la? De acordo com o relatório, ele pensou que ela desmaiou ou caiu ', pergunta Karl Björken.

“Ele tentou, diz ele, mas a porta estava trancada. E isso é verdade; Lange teve que quebrar uma janela para entrar. O velho teve que voltar para casa primeiro para chamar a ambulância, então ele se arrastou de volta morro acima para a casa novamente para esperar pela ambulância. Não admira que ele tenha dores no peito.

- Ele está bem agora? Karen pergunta, colocando a mão na maçaneta da porta.

- Sim, mas exausto. Ele está no sofá da sala; ele pode ter cochilado. '

'Tudo bem, tomar Lange com você e ir buscar algo para comer. Você tem sido para ele por um longo tempo agora.' Tem sido um dia de trabalho completo desde que ela correu para Inguldsen e Lange no Dunker, e nesse ponto eles provavelmente já tinha sido no trabalho por algumas horas. Ela instantaneamente se arrepende. Não há nenhuma necessidade de aludir a mortificação da manhã.

'Sim, foi um longo dia para todos nós,' Sara Inguldsen concorda com um sorriso.

*

A porta da sala está aberta. Harald Steen está deitado no sofá, mas não está dormindo, ou talvez a discreta batida de Karen o tenha acordado.

'Oh, é a garota de Eiken, não é? Entre ”, ele diz e faz menção de se levantar.

- Não se preocupe, Harald - diz Karen e entra, seguida de perto por Karl. 'Sim, você já me conhece, claro; este é meu colega Karl Björken. Você se importa se nos sentarmos? '

Harald Steen aponta para duas poltronas estofadas em tecido listrado de marrom e amarelo. Há um copo de água pela metade ao lado de um pequeno frasco de pílulas para o coração na mesinha de centro.

'Você está se sentindo melhor?' Karen pergunta enquanto se senta na ponta de uma das poltronas e se inclina em direção ao velho. "Deve ter sido um grande choque."

- Sim, está um pouco desgastado agora. Achei que ela tinha apenas escorregado ou desmaiado. Eu nunca poderia ter imaginado que seria assim. E uma pessoa tão jovem também. . . '

Karen fica repentinamente insegura quanto Harald Steen percebeu o que aconteceu. Ele ainda acha que foi algum tipo de acidente? Ela se inclina para frente e o fixa com firmeza.

“A morte de Susanne não foi natural, Harald”, ela diz. - É por isso que precisamos falar com você.

Por alguns segundos, os olhos de Harald vagaram confusos entre Karen e Karl; um momento depois, ele está lutando para se sentar.

'Não natural? Mas aquela senhora disse. . . ' Ele aponta para a porta, onde Karen só agora percebe que Sara Inguldsen ainda está montando guarda em seu uniforme azul escuro. Garota curiosa, isso, ela pensa. Ou ambicioso.

'Eu não sabia o quanto dizer a ele', Sara disse calmamente. "Acabei de explicar que Susanne Smeed estava morta e que sempre chamamos um

médico quando alguém morre em sua própria casa."

- Tudo bem, mas vá agora. Entraremos em contato com você e Lange se precisarmos de mais alguma coisa.

Karen se volta para Harald Steen e fixa os olhos nos dele.

- Sim, o que Sara lhe disse é verdade, Harald, sempre fazemos isso. Mas, neste caso, infelizmente temos boas razões para acreditar nisso. . . A vida de Susanne foi tirada.

- A vida dela foi tirada. Como se isso soasse melhor do que assassinado de alguma forma, ela pensa consigo mesma, olhando furtivamente para o pequeno frasco branco do comprimido. Um ataque cardíaco agora não seria apenas desastroso para Harald Steen, provavelmente destruiria qualquer esperança de obter um depoimento importante de uma testemunha.

'É por isso que precisamos da sua ajuda, sabe', ela continua. - Talvez você tenha visto ou ouvido algo que pode nos ajudar a descobrir quem. . . '

'Quão?' Harald Steen interrompe com uma força surpreendente. - Como Susanne morreu?

Ele agora, depois de uma luta árdua, conseguiu se sentar, com as costas retas, mas os olhos ainda confusos e preocupados. Ele pega o copo d'água e Karen nota que, embora sua mão treme um pouco, ele não parece pálido.

- Você está bem, Harald? ela pergunta em um esforço para focalizá-lo novamente. 'Há alguém para quem você gostaria que ligássemos? Você tem um filho na Frisel, não é? Seria bom se ele viesse e passasse a noite aqui.

Ela olha para o relógio: quatro e quinze. A balsa de Sande passa a cada trinta minutos aos domingos. O filho de Harald pode chegar aqui em questão de horas.

'Não, pelo que é sagrado, não o traga aqui', o velho rebate. - Vou ficar bem, não se preocupe.

- Alguém mais então? Karl sugere suavemente. - Talvez você não deva ficar sozinho, pelo menos esta noite.

Ele está recostado na poltrona velha e gasta e cruzou uma perna comprida sobre a outra para tentar encontrar uma maneira de apoiar seu bloco de notas.

- O cuidador vem às seis da noite - murmura Harald Steen. - A menos que eles se esqueçam de mim, claro. . .

'

'Oh, você tem atendimento domiciliar, não é? Com que frequência eles vêm? '

Harald Steen ri e agora parece visivelmente satisfeito, como se já tivesse esquecido por que a polícia está em sua sala.

- Bem, como tive problemas cardíacos, uma senhora vem duas vezes por dia e me alimenta, então não há necessidade de se preocupar comigo. Ela também limpa muito bem. Mas ela é polonesa, é claro ”, acrescenta, como se isso anulasse parte de sua satisfação com os serviços prestados.

Karen ouve a caneta de Karl raspando enquanto ele faz uma anotação.

- E quando ela normalmente passa por aqui?

“A senhora polonesa? Bem, você vê, isso varia. Às vezes, por volta das oito da manhã, e novamente para o jantar. Mas ela usa especiarias muito estranhas. Tentei falar com ela sobre isso, mas ...

- Você se lembra de quando ela esteve aqui esta manhã? Karl o interrompe com um rápido olhar de soslaio para Karen.

- Sim, era extraordinariamente tarde, talvez nove. Não, pensando bem, na verdade era quase nove e meia. Eu sei que já estava acordado há muito tempo antes que ela se dignasse a aparecer. Tinha saído para comemorar Oistra, imagino. Elas bebem muito, as mulheres polonesas são, ou é o que dizem.

Karen e Karl trocaram outro olhar.

- Você notou alguma coisa enquanto esperava a chegada de seu cuidador? Karl pergunta. - Quer dizer, você viu alguém ou talvez um carro perto da casa de Susanne?

Harald Steen parece surpreso.

'Não . . . ' ele diz lentamente, balançando a cabeça, como se a questão é incompreensível para ele. 'Como eu poderia ver alguma coisa? Eu ainda estava na cama. Eu costumo ficar na cama até que eu depois que eu tive meu café da manhã. Ela faz café forte, pelo menos '.

Ele se ilumina e Karen suspira por dentro. Isso não vai a lugar nenhum. Eles provavelmente fariam melhor se depositassem suas esperanças no fato de o cuidador ter visto alguém. Ela percebe que Karl fecha seu bloco de notas e os dois se levantam em uníssono das poltronas.

- Mas ouvi o carro, é claro.

Karen congela no meio de um movimento e percebe com o canto do olho que Karl também. Os dois olham com expectativa para Harald Steen enquanto afundam de volta nas poltronas.

- Você disse que ouviu um carro?

Karl fala com uma calma forçada, como se temesse que o menor sinal de excitação pudesse fazer Steen perder o foco novamente.

- Sim, o carro de Susanne, aquele banger japonês batido de palmas. É por isso que achei estranho a luz da cozinha dela estar acesa. E a fumaça da chaminé também. Quero dizer, por que ela deixaria as coisas assim?

Mas eu nunca poderia ter imaginado. . . '

- Tem certeza de que era o carro de Susanne? Karen interrompe o mais delicadamente que pode.

Harald Steen emite um bufo ofendido.

'O barulho que faz! Guinchando e rangendo como uma velha antes de começar. Não há engano. É o iniciador, é claro; Eu disse Susanne para obtê-lo olhou, mas eu acho que ela nunca chega a ele.'

- E isso foi antes de seu cuidador chegar esta manhã? Karl o cutuca. - Você tem certeza absoluta?

- Não, você tem razão, a polonesa já esteve aqui. Foi logo depois que ela gritou que o café estava pronto.

Achamos um pouco estranho Susanne sair tão cedo em um domingo. E no dia seguinte a Oistra também.

Suponho que seja por isso que ela se atrasou ”, acrescenta.

'Tão tarde? Achei que você disse que era cedo?

- A polonesa, é claro. Ela não se dignou a aparecer até quase dez. Aparentemente, viu sua chance de dormir.

Mas é como dizem, até a lã é um fardo pesado para uma ovelha preguiçosa. '

“Por volta das dez? Tem certeza?'

'Sim, lembro-me agora, porque ouço as notícias e a previsão do tempo a cada meia hora. E tive que ouvir as mesmas velhas notícias várias vezes. Mas suponho que ela gostava de Oistra como todo mundo e bebeu muito licor Heimö. Eles bebem como esponjas, me disseram. As senhoras polonesas, quero dizer.

Karen respira fundo e faz uma última tentativa.

- Então você está dizendo que ouviu o carro de Susanne ir embora depois que seu cuidador chegou? Ela ouviu o carro também, você acha?

- Eu deveria pensar assim! Ela disse algo sobre como soavam como os carros na Polônia. Boa moça, no final do dia.

*

Eles se despedem depois de perguntar pela última vez se Harald Steen não gostaria que seu filho viesse.

Karen decide não esperar pelo cuidador. Em vez disso, Karl anotou o número de uma Angela Novak de uma empresa chamada Homecare, cujo cartão de visita encontraram na porta da geladeira.

- Então, o que você tira disso? Karl pergunta enquanto eles sobem de volta a colina.

- Ele era mais troncudo do que eu esperava. Não muitos anos atrás, Steen era um dos residentes mais proeminentes de Langevik. Ele organizava leilões e era considerado mesquinho, mas muito engraçado, se bem me lembro. Mas isso já faz muito tempo. Nos últimos anos, eu o tenho visto principalmente de longe, por toda parte, na aldeia.

'Bem, eu não acho que podemos tirar quaisquer conclusões das vezes ele nos deu; é difícil dizer qual, se qualquer um deles, foram precisos,' Karl diz

com tristeza. - Mesmo que um de seus muitos palpites esteja perto de acontecer.

- É verdade, mas ele pode estar certo sobre ouvir o carro de Susanne. Você terá que verificar com Angela Novak. Ela também pode ter notado mais do que ele.

- Se o velho estiver certo, isso significará que o assassino saiu no carro da vítima pouco antes das dez.

- Bem, o carro está faltando, então há uma chance de que ele esteja certo. Vamos ver se Brodal consegue reduzir um pouco mais a hora da morte. Vou colocar os parafusos nele. '

- Quando você colocou o alerta para o carro?

'Assim que cheguei aqui e percebi que estava faltando. Mas isso só aconteceu por volta das duas e meia.

- Então o assassino teve horas para sair da ilha.

- Apenas para ir para Noorö ou Frisel, se for o caso. Não há balsa para Esbjerg ou Harwich aos domingos.

- Não, mas há voos de Lenker e Ravenby. Aposto qualquer coisa que aquele carro vai aparecer em um dos aeroportos.

- Então, sua nova teoria é que alguém planejou tudo - matou Susanne Smeed e depois fugiu do país? Agora mesmo, você pensou que era um roubo. De qualquer forma, se você estiver certo, eles já deveriam ter encontrado o carro, uma vez que os estacionamentos perto dos terminais de balsas e aeroportos são os primeiros lugares que verificamos. '

Karl Björken encolhe os ombros; Karen continua.

- Falei com Cornelis Loots, que verificou com as autoridades portuárias. O único grande navio a deixar a ilha hoje foi um navio de cruzeiro que está a caminho da Noruega. Ele deixou Estocolmo no dia 25 e viajou para Dunker via Copenhague. Seu próximo destino é Edimburgo e fará uma parada nas Shetlands e na costa norueguesa antes de retornar à Suécia, creio eu. Um daqueles cruzeiros para aposentados americanos com raízes escandinavas. Mas tenho dificuldade em entender por que um americano rico deixaria espontaneamente sua suíte de luxo para pedalar até Langevik e matar Susanne Smeed.

'Ciclo?'

- Tudo bem, ou pedir carona. De que outra forma ele teria chegado aqui? O assassino roubou o carro de Susanne para fugir, mas não deixou nenhum outro veículo para trás. De qualquer forma, pedi a Loots para entrar em contato com a empresa de cruzeiros para solicitar a lista de passageiros, apenas para garantir. Mas se sua teoria sobre como fugir do país estiver correta, não temos chance. As portas vazam como peneiras.

Karl caminha com as mãos enfiadas nos bolsos e os ombros erguidos por causa do vento. Karen olha para ele e sabe que precisa ir mais devagar, não inundá-lo com discussões, como um maldito terrier.

“E depois há todos os pequenos barcos da Dinamarca, Holanda e Deus sabe de onde”, ela continua.

“Estamos falando de milhares de pessoas que chegaram ontem, a maioria das quais saiu esta manhã. Por que todo idiota e seu primo têm que vir aqui por Oistra?

Karl ri.

- Não deixe Kaldevik ou Haugen ouvir você dizer isso.

Karen sabe exatamente a que ele está se referindo. Com um calafrio, ela se lembra da visita do Ministro do Interior à delegacia alguns anos antes. Antes da temporada de verão, Gudrun Kaldevik conversou com os funcionários reunidos da Autoridade de Polícia de Dogger, destacando como era importante para a polícia

contribuir para o divertimento e a segurança dos turistas por meio da disponibilidade e atenção prestativa.

Pela primeira vez, Karen concordou com Johannisen quando ele murmurou: 'Não somos um bando de guias turísticos de merda.'

O contexto do evento havia sido um caso notório no verão anterior, quando dois jovens policiais uniformizados excessivamente zelosos levaram um homem embriagado sob custódia. Infelizmente, descobriu-se que a razão pela qual o homem em questão foi jogado em um banco de parque no Parque Stadshuset foi que ele havia sido agredido e roubado seu telefone e carteira, e a razão pela qual ele estava arrastando as palavras não era embriaguez, mas sim que ele havia sofrido um derrame no mês anterior. Como parte de sua recuperação, o capitão da indústria alemão e sua esposa decidiram viajar para Doggerland, um sonho antigo deles. O erro só foi esclarecido quando a esposa, tendo passado três horas ansiosas esperando o marido voltar para o hotel depois de uma curta caminhada, entrou em contato com a polícia. Nenhuma quantidade de desculpas foi capaz de persuadir o casal a ficar nas ilhas. Ou, como eles haviam deixado muito claro, para sempre voltar.

A história, infelizmente, recebeu muita atenção na mídia local e alemã. A Ministra do Interior, Gudrun Kaldevik, foi forçada, como chefe política da Autoridade Policial, a dar cerca de uma dúzia de entrevistas na mídia alemã

em sua enferrujada escola de alemão, o que levou a uma série de erros estranhos e 1 337 063

visualizações no YouTube . Como se isso não fosse ruim o suficiente, a coisa toda também aconteceu apenas seis semanas antes de Dunker ser inaugurada como a próxima Capital da Cultura da Europa.

Houve um silêncio mortal depois que a ministra terminou seu discurso para o corpo de polícia reunido; Viggo Haugen se apressou em garantir a ela que supervisionaria pessoalmente uma revisão da cultura policial local. Considerar-se "pessoalmente responsável por uma mudança cultural positiva dentro da Autoridade" seria, no entanto, tão fútil e idiota quanto parecia.

*

Karen e Karl continuam subindo o caminho em silêncio, ouvindo o barulho do rio, que desce serpenteando em direção ao mar. Karen pensa na tarefa inevitável que a espera.

- Você terá que tentar falar com Angela Novak hoje. E eu queria perguntar se você poderia comparecer à autópsia em vez de mim. Vou ter uma primeira conversa com Jounas sozinho. Acho que seria melhor se nós dois não invadíssemos ao mesmo tempo.

"Eu certamente ficaria feliz em renunciar a esse prazer particular", Karl responde com um suspiro. - Isso deve ser horrível para ele.

Karen está grata por Karl não ter ideia de que sua primeira preocupação não é Jounas Smeed e seus sentimentos potenciais sobre sua ex-esposa assassinada. Mais entrevistas no futuro, com mais pessoas presentes, são inevitáveis, mas ela precisa primeiro falar com ele em particular. Pela

primeira vez desde que ela o deixou roncando no quarto 507 do Hotel Strand.

10

Karen dirige em direção a Dunker com um nó de mal-estar no estômago. Ela dirige no piloto automático, deixando seus pensamentos vagarem livremente; ela conhece a estrada tão bem que pode sentir cada curva de seu corpo antes que ela surja, ver cada nova vista um segundo antes de aparecer.

A estrada costeira que se aproxima da capital de Heimö a partir do leste tem uma ligeira inclinação para cima; colinas onduladas salpicadas de pastagens rochosas e bosques de árvores decíduas estendem-se ao norte. Ovelhas brancas e cinzas movem-se lentamente pelas encostas, pastando metodicamente, de cabeça baixa. Os cordeiros ainda têm mais algumas semanas para engordar antes do abate no outono, e os casacos de verão das ovelhas de lã ainda têm algum tempo para crescer antes que os tosquiadores invadam a ilha em algumas semanas.

Do outro lado da estrada, falésias íngremes descem para o mar, cuja presença pode ser sempre sentida, como um murmúrio abafado ou um rugido ameaçador. Hoje, a brisa fresca está trazendo ondas brancas e o sol brilha entre faixas de nuvens que se movem rapidamente em direção ao continente.

Vindo do planalto no leste, a cidade de Dunker se abre de forma panorâmica. Pisar no acelerador no momento certo permite vislumbrar toda a baía, o longo passeio que vai do porto a oeste, passa pela praia rochosa e segue até as falésias amarelas a sudeste. Virando para o interior, em vez disso, há tempo suficiente para distinguir a forma de meia-lua da cidade se espalhando a partir da baía, antes que as curvas apertadas da estrada comecem a se curvar em direção às partes centrais da cidade.

O planejamento da cidade de Dunker segue a mesma receita experimentada e testada para a segregação de diferentes grupos sociais como tantas outras cidades europeias. E, como em outros lugares onde a pesca era tradicionalmente o principal meio de sobrevivência, o mar está no centro da vila. Os prédios se expandem em semicírculos concêntricos a partir da costa e, a cada círculo, o caráter da cidade muda. Ao longo do calçadão e do cais que impede o mar, casas de arenito se chocam com casas de pedra caiadas de branco e prédios baixos de tijolos. Atrás delas, erguem-se casas de tijolos muito mais opulentas, onde uma sucessão de proprietários de fábricas, magnatas da navegação e a crescente classe média fixaram residência enquanto subiam os degraus da hierarquia doggeriana. Em Thingwalla, que flanqueia Dunker Bay no noroeste, grandes casas de pedra ocupam generosos terrenos entre o mar e a floresta. Poucos podem aspirar a viver lá, ainda hoje; Thingwalla é Dunker's Millionaire's Row.

O próximo círculo consiste em Sande e Lemdal, fileiras de casas com terraço construídas nos anos 20 e 30

no que era então a periferia nordeste e noroeste da cidade. Belas ruas residenciais que se originam da cidade velha, ladeadas por casas de pedra cinza, construídas durante um período caracterizado pela maximização do lucro através do desenvolvimento social. Naquela época, esforços conjuntos estavam sendo feitos em Dunker para construir casas que pudessem manter as taxas de tuberculose e reumatismo baixas entre os trabalhadores da fábrica de tecidos, do porto e da fábrica de sabão.

Até agora, quase todas as casas em Sande e Lemdal foram expandidas ao máximo. Cada centímetro da permissão de planejamento foi espremido dos longos e estreitos lotes, originalmente destinados a acomodar plantações de batata e vegetais para cada família.

O círculo posterior, contado a partir do centro da cidade, é formado por blocos de apartamentos divididos em Odinswalla Leste e Odinswalla Oeste; rua após rua de casas de três andares dos anos cinquenta e sessenta. A expansão infinita parece injustificada, mas a explicação é simples: até 1972, a lei doggeriana proibia a construção com mais de três andares.

No último semicírculo, nos bairros de Gaarda e Moerbeck, as leis de planejamento reformadas foram exploradas na íntegra. Aqui, o mais longe possível dos ventos marítimos, os edifícios são todos blocos de torres cinzentas de oito andares em forma de caixa, erguidos durante a segunda metade dos anos setenta.

Aqui, arquitetos e empreiteiros, em nome da racionalização, ignoraram qualquer necessidade de ruas habitáveis, vegetação ou recantos e fendas no ambiente cotidiano das pessoas. Aqui não há cafés, restaurantes e vendedores ambulantes, a menos que você conte a heroína e o tráfico de anfetaminas que ocorre de forma relativamente aberta em estacionamentos ou em uma das esquinas próximas às duas escolas.

A vida noturna consiste em traficantes de drogas rivais marcando seus territórios e ladrões mesquinhos correndo pelas poças de luz espalhadas pelos poucos postes funcionais restantes. Pessoas honestas, que por algum motivo não podiam chegar em casa antes das oito da noite, caminham rapidamente e fecham as portas atrás de si com um suspiro de alívio. Em Gaarda e Moerbeck, a segurança existe apenas atrás de portas trancadas e, para alguns, nem mesmo lá. Mas os residentes que abrem suas estreitas janelas de ventilação quando o vento sopra do noroeste podem sentir o cheiro da sweetgale dos pântanos mais para o interior.

*

Karen passa por Sande e vira para oeste em direção a Thingwalla. Jounas Smeed gosta de frisar aos colegas da delegacia que sua casa está localizada nos arredores do bairro exclusivo. Mesmo aqueles entre eles que apreciam as tentativas de seu chefe de minimizar seu passado, no entanto, estão perfeitamente cientes de que a família Smeed nunca esteve - e nunca estará - na periferia de qualquer coisa. Smeed mora em Thingwalla, ponto final.

Ela estuda as majestosas vilas de pedra caiadas de branco enquanto segue lentamente Fågelsångsvägen até o número 24. Ela só esteve aqui uma vez antes. Durante uma onda de calor alguns anos antes, Jounas convidou todos do Departamento de Investigação Criminal para um churrasco com seus colegas da Unidade de Serviços Técnicos e do Ministério Público. Estava relaxado e agradável no calor sufocante de agosto.

Os meteorologistas parecem ter acertado. As nuvens estão se acumulando sobre a ilha; quando Karen abre a porta do carro e pega sua jaqueta no banco do passageiro, ela sente uma primeira rajada de ar frio que, de acordo com a previsão, veio do noroeste. Ela estremece e olha para a casa; janelas vazias a encaram de volta.

Nenhuma luz acesa, nenhum movimento vislumbrado atrás do vidro preto ou na parte do jardim que é visível da estrada.

Talvez ele não esteja, ela pensa em um momento de otimismo irracional. Depois de um momento, ela ouve o som de um carro se aproximando em alta velocidade. Karen se vira quando um Lexus preto brilhante para abruptamente atrás de seu próprio Ford Ranger sujo. Jounas Smeed permanece imóvel atrás do volante por

alguns segundos; seus olhos se encontram. Em seguida, ele muda para a primeira e continua lentamente passando por ela em direção à garagem, sem sequer um aceno de cabeça.

Karen observa o carro passar com uma crescente sensação de mal-estar; isso vai ser tão desagradável quanto ela temia. Ela sobe a calçada com passos pesados, alcançando seu chefe enquanto ele fecha a porta da garagem. Eles dobram a esquina em silêncio e caminham lado a lado em direção à porta da cozinha.

11

'Quer um pouco?' Jounas pergunta, acenando com a cabeça para a garrafa de uísque que ele pegou do balcão de mármore da cozinha. Karen reconhece seu tipo favorito da destilaria Groth em Noorö.

Ela balança a cabeça. Jounas tira um copo de um armário e sai da cozinha. Ele não diz nada, mas indica com uma elevação quase imperceptível do queixo que deseja que ela o siga.

O nervosismo inicial de Karen é substituído pela exasperação quando ela é forçada a perseguir seu chefe como um cachorro bem treinado. Ela o segue sem dizer uma palavra através do piso de parquete brilhante e tapetes de pelúcia pela casa escura. Eles passam por um corredor espaçoso de onde uma escada larga sobe majestosamente até o primeiro andar. Um lustre gigante está pendurado acima de uma mesa redonda com um vaso cheio de tulipas murchas. À direita da escada, ela vislumbra algo que pode ser um estudo e mais adiante, ao passarem pela biblioteca, ela nota poltronas chesterfield verdes em frente a uma lareira ricamente ornamentada e estantes escuras cobrindo as paredes do chão ao teto.

Karen se lembra da limpeza ansiosa da sala de estar impessoal de Susanne Smeed. Apesar de ter compartilhado dez anos de casamento, o contraste entre a casa dela e a de Jounas é quase constrangedoramente gritante. Claramente, Susanne não teve nenhuma parte da fortuna de Smeed no divórcio.

Jounas continua em uma grande sala de estar retangular e acende as luzes do teto. A luz forte faz Karen piscar e de repente o quarto se reflete nas janelas que cobrem uma das paredes. Ela caminha até as portas de correr e olha para o jardim por um minuto. Um deck de madeira em forma de L corre ao longo da lateral da casa, com uma cozinha externa bem equipada

com uma enorme churrasqueira e utensílios brilhantes que disputam espaço sob um telhado de tijolos em uma das extremidades. Diagonalmente à sua direita, há uma mesa comprida com capacidade para doze ou mais à beira da piscina, ela vê grandes e confortáveis cadeiras de jardim sob um vasto guarda-sol.

Ele deveria fechar isso, ela pensa. Está vindo uma tempestade.

Gramados macios descem suavemente em direção ao mar, ainda com um verde intenso. Karen não consegue ver daqui, mas sabe que há uma praia particular lá embaixo; ela olhou com ciúme da água no verão passado, passando estalando em seu barco a motor. A maioria das casas por aqui tem seus próprios cais; barcos exclusivos são atracados a eles nesta época do ano, esperando para serem levados algumas centenas de metros para oeste até a marina no final da temporada.

Ela levanta os olhos para o horizonte, onde o mar agora se tornou um azul acinzentado sob um céu que escurece rapidamente. Ao fazer isso, uma rajada de vento sacode a sombrinha e as primeiras gotas de chuva caem na superfície prateada e macia da madeira de cumaru. Eu realmente deveria dizer a ele para fechar a sombrinha, ela pensa consigo mesma. Em vez disso, ela se vira e nota que Jounas Smeed abaixou seu corpo longo em uma das quatro poltronas cinza claro, caindo molemente com as pernas esticadas para fora na frente dele. Um braço está pendurado na lateral da cadeira, as pontas dos dedos quase tocando o chão, enquanto o outro equilibra o copo de uísque no peito.

- Então, Eiken, - ele fala arrastado. 'Qual é o seu jogo aqui?'

- Bem, como tenho certeza de que você entende, preciso falar com você. . . '

«Chefe interino do Departamento de Investigação Criminal. Suponho que parabéns sejam necessários. Bom dia de trabalho para você, hein?

'Para com isso. Eu não escolhi que isso acontecesse. '

- Mas você está gostando. Pelo menos admita isso. '

'Absolutamente. Aproveitando cada segundo. '

Ela se arrepende de sua escolha de palavras imediatamente, sabendo que Jounas vai aproveitar todas as oportunidades para atacar.

- Como ontem à noite, então. Por que você saiu sem se despedir, afinal? '

'Bem, por que você acha? A coisa toda foi um erro. Um grande erro, que espero que possamos deixar para trás o mais rápido possível. OK?'

Jounas Smeed se endireita um pouco e dá um longo gole em seu copo. Então ele a corrige com firmeza e sorri melancolicamente com o canto da boca.

“OK”, ele diz. 'O que você quer saber?'

Karen pigarreia e enfia a mão no bolso para pegar o bloco de notas, depois hesita por um momento e decide não fazer isso. A situação está tensa o suficiente do jeito que está; chamar a atenção para a mudança em sua dinâmica de poder mais do que o estritamente necessário constitui um risco desnecessário. Ela dificilmente acha que memorizar as respostas às perguntas que está prestes a fazer será um grande desafio. Na tentativa de reter pelo menos uma parte da autoridade que ele está tentando roubar, ela permanece de pé.

- Bem, você pode começar me dizendo onde estava entre sete e dez da manhã, por favor.

O som que ele emite é algo entre um bufo e uma risada seca.

- Qual é, isso é o melhor que Brodal pode fazer? Meu Deus, começando bem, não é? . . '

Aparentemente revivido, Jounas Smeed esvazia seu copo e se levanta.

Por um momento, ela pensa que ele está saindo da sala, mas em vez disso, ele caminha até uma mesa baixa.

Suas costas bloqueiam sua visão, mas ela pode ouvir o som de metal no vidro quando a tampa de uma garrafa é aberta, e o leve tilintar de mais uísque sendo derramado em seu copo. Ele balança um pouco quando se vira; ocorre a ela que esta provavelmente não será a primeira bebida de seu chefe hoje. Ele deve ter tido alguns tiros fortes quando ele dirigiu seu Lexus. Então ela se lembra de sua própria viagem de Dunker para casa naquela manhã. Se a mídia descobrisse os níveis de álcool no sangue da polícia Doggeriana neste dia, seria o suficiente para fazê-los pular de alegria. Por outro lado, é apenas uma questão de tempo até que eles tenham algo mais para esfregar as mãos de alegria. Certo, a maioria dos jornalistas da cidade provavelmente está em casa no momento, cuidando de ressacas, mas essa trégua está para chegar ao fim a qualquer minuto. A notícia do assassinato de Susanne Smeed vai se espalhar como um incêndio pelas ilhas.

- Você se importaria de responder à pergunta? ela diz calmamente quando Jounas Smeed volta para sua poltrona. - O que você estava fazendo esta manhã?

- Bem, acho que você sabe disso tão bem quanto eu.

Ele a observa com as sobrancelhas erguidas.

"Saí do hotel por volta das sete e vinte", ela o informa. - Depois disso, não posso lhe dar um álibi. O que você fez depois que eu saí? '

- Sete e vinte, hein? E então você dirigiu para casa ', Jounas disse pensativamente, ignorando sua pergunta. -

Passando pela casa de Susanne? Você não parou por acaso?

- O que diabos isso quer dizer?

'Lá agora. Calma, amor. '

- E que possível motivo eu poderia ter para matar sua ex-mulher? Você, por outro lado, provavelmente. . . '

Ela se interrompe, percebendo que caiu direto na armadilha dele; mais uma vez, ele a fez perder o controle.

Com apenas algumas palavras, ele conseguiu apagar anos de indiferença cuidadosamente montada para sua tagarelice idiota. Ela respira fundo algumas vezes e se senta na beirada do longo sofá branco. Tensa as costas e apoia as pernas para não afundar nas almofadas macias.

'Por favor, Jounas,' ela diz, forçando-se a parecer calma. - Se você pudesse apenas me dizer o que estava fazendo entre, certo, sete e vinte e dez da manhã. Você sabe que tenho que perguntar. '

"Voltei para casa por volta das dez, com uma ressaca do inferno", ele responde, inesperadamente complacente. 'Antes eu fazia o que você fazia, acordei, vomitei e saí do hotel com o rabo entre as pernas.'

Ela ignora a zombaria.

- A que horas você saiu do hotel?

- Por volta das nove e meia.

'Alguém viu você? No saguão, quero dizer.

'Como diabos eu vou saber? Não, acho que não como ninguém na recepção, mas não pensei muito nisso; Eu paguei quando fiz o check-in. Quando *fizemos o* check-in, quero dizer.

Por um segundo, ela brinca com a ideia de se oferecer para pagar por sua metade do quarto, mas decide não fazê-lo. Quanto menos falarem sobre isso, melhor.

- Você dirigiu para casa ou caminhou? ela diz em vez disso.

'Eu andei. São apenas vinte minutos e eu precisava de um pouco de ar fresco. Deixei meu carro estacionado na prefeitura. Ao lado do seu, na verdade, talvez você não tenha notado?

O carro de Jounas estava lá? Talvez, mas seu encontro com Inguldsen e Lange lhe dera outras coisas em que pensar.

- Você não costuma usar a garagem da estação?

'Eu fiz, no início do dia. Saí do trabalho tarde; Eu estava de mau humor e planejava voltar direto para casa.

Mas depois de pegar o carro na garagem e dirigir pela Redehusgate, mudei de ideia. Achei que fosse Oistra, afinal, e eu deveria ter pelo menos meia dúzia de ostras e alguns litros antes de ir para casa. Então, estacionei no estacionamento, imaginando que estaria de volta em menos de uma hora. Mas não foi assim que funcionou, como você sabe.

Certamente que sim, ela reflete. Os Jounas que ela conheceu mais tarde naquela noite devem ter bebido muito mais do que algumas canecas, mais como duas garrafas de vinho.

'Você encontrou alguém? Na manhã seguinte, quero dizer, caminhando para casa.

Jounas parece estar pensando nisso; ela tem a nítida impressão de que ele está atuando. Dadas as circunstâncias, ele já deve ter se perguntado isso. No momento em que soube que sua ex-mulher havia sido assassinada, ele deve ter percebido que seria solicitado a prestar contas de seu paradeiro no momento do assassinato. Isso e muitas outras coisas além disso.

“Sim, na verdade”, ele diz depois de um tempo. - Um bêbado no calçadão, procurando acender um cigarro.

Dei a ele um, mas duvido que ele esteja em condições de dar um relato exato de que horas eram, se você ao menos conseguir falar com ele. Não acho que ele tenha um endereço fixo, a julgar pelas coisas que está arrastando.

'Como ele era?'

- Bem, ele parecia como normalmente é, sujo, barbudo. Ele estava puxando um velho carrinho de compras cheio de garrafas de vidro e lixo.

- E você não viu mais ninguém? Não falou com ninguém? '

'O que você acha? Quantas pessoas você encontrou esta manhã? '

Karen é mais uma vez lembrada de Björn Lange e Sara Inguldsen e decide abandonar essa linha de investigação.

- E depois?

“Fui para casa e adormeci no sofá e acordei quando Viggo Haugen ligou um pouco antes da uma da manhã para me contar o que havia acontecido. Tentei ligar para Sigrid depois disso, mas ela não atendeu.

"Sua filha", diz Karen, lembrando-se da fotografia da criança de seis anos sem dentes na lareira de Susanne Smeed.

- Sim, mas como não consegui alcançá-la, decidi ir. Ela está propensa a não atender quando eu ligo. Mas eu não queria que ela soubesse que sua mãe estava morta por outra pessoa.

Karen acena brevemente com a cabeça. Isso parece razoável, quase humano.

'Então, voltei para a estação, entrei no meu carro e dirigi até Gaarda. *Sim* , é onde ela mora - acrescenta ele em tom irritado, como se essa informação tivesse causado sobrancelhas levantadas muitas vezes.

Aparentemente, Karen não escondeu a surpresa de que uma futura herdeira da fortuna Smeed escolheu viver em um dos arranha-céus cinzentos ao norte da cidade.

- E você a alcançou?

- Sim, ela realmente me deixou entrar, depois de dez minutos.

Seu tom não é amargo; na verdade, ele parece surpreso por ter conseguido falar com sua filha. Um dia desses, terei de descobrir do que se trata, pensa Karen, mas não agora.

'Como ela está?' ela pergunta em vez disso e vê uma sombra de aborrecimento passar pelo rosto de Jounas.

- Você teria que perguntar a ela. Tenho certeza de que você não pretende adiar a entrevista com a filha de uma vítima de assassinato, independentemente de como ela esteja.

Sua voz endureceu novamente e ele se levantou abruptamente. Cambaleia ligeiramente, mas consegue recuperar o equilíbrio.

"Não tenho mais nada a acrescentar", diz ele, sem olhar nos olhos de Karen.

Ela se levanta devagar e diz calmamente:

'OK, isso é o suficiente por agora. Mas vou precisar falar com você novamente, provavelmente amanhã. Só mais uma pergunta antes de eu ir.

Jounas foi até a janela e está de costas para ela, olhando para o jardim. Lá fora, a chuva aumentou e Karen pode ver o guarda-sol se debatendo com o vento.

- Quando você viu Susanne pela última vez?

- Vá se foder, Eiken - Jounas Smeed responde e abre uma das portas de vidro. - É hora de você ir embora.

*

O vento e a chuva atingiram seu rosto como uma bofetada. A temperatura deve ter caído vários graus durante sua breve visita à casa de seu chefe. O deck de madeira parece traiçoeiramente escorregadio sob suas botas; ela desce cautelosamente os três degraus do caminho de cascalho. Pouco antes de virar a esquina, ela se vira e olha para a sala de estar bem iluminada. Jounas Smeed está de volta ao aparador, abrindo a tampa de uma garrafa meio vazia de single malte Groth. Então ela ouve o barulho da sombrinha caindo.

12

Langevik, 1970

Per Lindgren fecha os olhos e se inclina para trás. É quase como se ele estivesse decolando, muito suavemente, pairando acima do solo, carregado pelos sons ao seu redor. O fraco sussurro das árvores ainda nuas, as gaivotas se aproximando do mar, olhando para a mesa, gritando de excitação. Você pode muito bem desistir, ele pensa, nada aqui além de decepção para você e para mim. Nem ele nem as gaivotas receberão peixe. Aqui não. A carne está fora de questão, é claro, sempre esteve, mas o peixe estava, pelo menos potencialmente, na mesa. Alguns foram a favor, outros veementemente contra. O veredicto da maioria foi que nem peixe nem marisco seriam permitidos na comuna, mas que os ovos eram aceitáveis, desde que viessem das suas próprias galinhas ou patos.

Per Lindgren sorri quando pensa nas discussões que eles tiveram antes da mudança. Ingela havia ameaçado tirar ela e Tomas totalmente do projeto se eles começassem a destruir seus ideais vegetarianos. Brandon, que provavelmente teria preferido ovos e bacon no café da manhã, depois de vários olhares de advertência de Janet, sabiamente se contentou com um de dois. Eles não descobrirão o que Theo pensa até amanhã; o holandês está chegando um dia depois do que todos os outros. Theo Rep é amigo de Janet e Brandon de Amsterdã e, embora os outros não o tenham conhecido, tanto Janet quanto Brandon garantiram que ele se encaixava bem. Além disso, ele realmente possui um Bukhanka; Só Deus sabe como conseguiu uma minivan soviética, pensa Per. Um veículo terrestre com espaço para muitas pessoas é exatamente o que elas vão precisar na ilha.

Eles têm seis meses. Esse é o tempo que seus fundos combinados serão capazes de mantê-los à tona enquanto eles constroem um futuro

compartilhado na fazenda. Eles vão ter que beliscar alguns centavos, viver com simplicidade, até que possam colher o que plantaram. Todos colocaram tudo o que têm, contribuindo de acordo com sua capacidade. Tomas e Ingela contribuíram com alguns milhares, Disa está contribuindo com conhecimento, Brandon contata - exatamente quem eles são e para que servirão não está claro para Per - Janet algumas centenas de libras que ela herdou de sua avó e de Theo, seu Bukhanka e alguns mudas.

E depois há sua amada Anne-Marie, sem a qual nada disso teria sido possível. Quando chegaram a notícia de que seu avô havia morrido, tudo isso significava que algum velho que ela nunca conhecera, o pai de um pai que ela mal conseguia se lembrar, aparentemente tinha estourado os tamancos. Anne-Marie nunca tinha visitado Doggerland, mal sabia que tinha raízes ali. E agora, como um raio do nada, ela de repente era a dona da Fazenda Lothorp, ao norte de Langevik em Heimö. Os nomes pareciam estranhos, quase exóticos. Mas então os advogados explicaram claramente: se Anne-Marie quisesse, eles ficariam mais do que felizes em supervisionar a venda da Fazenda Lothorp e as extensas parcelas de pastagens e florestas que a acompanhavam. Se, por outro lado, quisessem ficar com tudo, teriam que encontrar alguém para cuidar disso. Ou façam eles mesmos.

Eles só pensaram nisso por uma semana antes de tomarem sua decisão.

*

Per se sobressalta quando ouve o som familiar de crianças correndo e rindo, interrompendo-se repentinamente com um baque surdo no cascalho. Ele conta interiormente: um, dois, três e então vem o uivo.

E momentos depois, a suave voz dinamarquesa de Disa reconfortante:

- Pronto, pronto, você está bem.

Ele mantém os olhos fechados e ouve o choro diminuir quando uma segunda criança começa a gritar dentro de casa e depois uma terceira.

"Já vou", anuncia Tomas; Per retrata seu amigo pegando Love, cheirando habilmente para verificar se a fralda de pano precisa ser trocada antes de pegar Orian em seus braços, confortando-o. Tomar banho, trocar de roupa e acalmar é o trabalho do Tomas, a amamentação é da Ingela. E Tomas cumpre suas tarefas

obedientemente, embora os filhos não sejam dele. Ele está tão apaixonado por Ingela que provavelmente concordaria com qualquer coisa para mantê-la neste momento. Agora que eles finalmente encontraram o caminho de volta um ao outro após vários anos separados.

E então Per pensa que Tomas completa suas tarefas com a mesma diligência que costumava dedicar à construção de aeromodelos quando ele e Per eram crianças. Ele ainda se lembra do cheiro da cola que usaram para montar as pequenas peças que espalharam na mesa na sala de infância de Tomas. Ele não teve paciência para isso; ele freqüentemente deixava seu melhor amigo se preocupar com os minúsculos pedaços de plástico cinza enquanto voltava sua atenção para sua coleção de discos. O tio de Tomas havia trabalhado na indústria da música e forneceu a seu sobrinho os álbuns mais recentes, algo com que Per só poderia sonhar.

"Você pode ficar com ele", Tomas dizia a ele, quando via Per semicerrando os olhos para ler todas as letras no verso da capa de algum single que ele mal havia olhado. - Você deveria pegar, eu tenho muitos de qualquer maneira.

*

Agora ele pode ouvir o barulho de porcelana e talheres sendo arrumados sobre a mesa, o rangido de uma rolha se deixando puxar com relutância

para fora de uma garrafa antes de capitular com um plop. O

tamborilar ansioso de pés entrando e saindo da casa, passos rápidos para buscar algo mais para colocar na mesa. E as vozes. Vozes subindo e descendo, interrompidas por risos, por alguém gritando para alguém trazer algo da cozinha.

Os sons de uma festa.

Ele realmente deveria se levantar e ajudar, mas não consegue abandonar seus devaneios. E agora Brandon começa a cantarolar 'I Feel Like I'm Fixin' to Die-Rag 'e outra pessoa - é Ingela? - junta-se provisoriamente no verso. Ela não consegue acompanhar a letra ou o ritmo de Brandon, mas quando ele chega ao refrão, todos eles cantam juntos, rindo:

' *E é um, dois, três,*

Pelo que estamos lutando?

Não me pergunte, eu não dou a mínima,

A próxima parada é no Vietnã. '

Per de repente percebe que abriu os olhos e está cantando junto também. E então ele encontra os olhos de Anne-Marie, e eles imitam juntos enquanto ela dança em direção a ele.

' *E são cinco, seis, sete,*

Abra os portões perolados. . . '

Então ela está em seu colo, pressionando os lábios contra seu pescoço, fazendo cócegas na pele sensível.

- Você estava certo - ela murmura.

' *Estávamos* certos; você não queria isso tanto quanto eu? '

Ele pode senti-la balançando a cabeça, senti-la sorrindo contra seu pescoço. Sim, ela também queria.

Foi assim que funcionou; ideia dele a princípio, mas uma decisão tomada em conjunto. Para fazer as malas, deixe tudo e recomece.

Uma vida diferente desta vez.

13

No quartel-general da polícia que parece um bunker em Dunker, todos os andares, exceto dois, são escuros.

A única luz na recepção da Redehusgate está vazando por entre as portas fechadas do elevador.

A autoridade policial de Doggerland está dividida em quatro distritos principais: Heimö norte e sul, Frisel e Noorö. Cada distrito é dividido em áreas policiais locais, que lidam com a maior parte do policiamento do dia-a-dia. Todos os crimes graves, puníveis com pena de prisão de cinco anos ou mais, são investigados centralmente pelo Departamento Nacional de Investigação Criminal de Doggerland, geralmente referido por sua abreviatura, CID. O departamento está localizado no terceiro andar, entre o policiamento comunitário e o trânsito no segundo andar e o técnico e informática no quarto.

A Clínica, como a maioria dos policiais que tiveram o duvidoso prazer de trabalhar no prédio a chamam, foi construída em um terreno desocupado com a demolição de quatro blocos de antigas casas de madeira do século XVIII, que foram derrubadas apesar dos massivos protestos públicos . Hoje, o colosso de seis andares da Autoridade Policial paira ameaçadoramente sobre a venerável prefeitura de Dunker, que está oferecendo uma resistência desafiadora do outro lado da rua.

Nesta noite em particular, às sete e cinco, oito pessoas se reuniram na maior sala de conferências do terceiro andar. Além da chefe provisória Karen Eiken Hornby, o CID é representado por dois inspetores-detetives, Karl Björken e Evald Johannisen, e dois policiais, Astrid Nielsen e Cornelis Loots. Também está presente o Chefe da Unidade de Serviços Técnicos

Sören Larsen e o Coroner Kneought Brodal e, por telefone, o procurador de plantão, Dineke Vegen.

Karen olha para o grupo que se espalhou ao redor da longa mesa de conferência. Um prato de sanduíches secos, uma cafeteira e uma torre frágil de canecas de plástico formam uma natureza morta desolada sob as luzes fluorescentes. Ninguém parece tentado a cavar fundo.

“Ok, acho que estamos todos aqui agora”, ela diz. 'Bem-vindo e obrigado por ter vindo. Estamos todos cansados e não há razão para arrastar isso, mas precisamos fazer um balanço neste momento. Eu gostaria de começar com alguns fatos básicos. '

Ninguém fala; os únicos sons são de uma cadeira rangendo ameaçadoramente quando Evald Johannisen se mexe nela, o bocejo abafado de Kneought Brodal e o farfalhar de Astrid Nielsen pescando um losango de uma bolsa. Estudando sua colega alta, loira e em forma provocante, Karen instintivamente se endireita e suga a barriga antes de limpar a garganta e continuar.

“Às 11h55 de hoje, os serviços de emergência contataram o inspetor-chefe. Seis minutos antes, às 11h49, eles haviam recebido um telefonema de um homem chamado Harald Steen, morador de Langevik, a respeito de uma mulher ter caído e se machucado na cozinha. De acordo com a operadora, Steen não soube dizer se a mulher estava gravemente ferida, pois só a via pela janela. Ou melhor, ele só conseguiu ver os pés e a parte inferior das pernas dela.

Outro bocejo de Brodal e mais um, desta vez de Cornelis Loots, que tenta esconder a boca aberta atrás da mão. Karen sente sua confiança diminuir. Não se trata de mim, foi apenas um longo dia, ela se lembra e continua.

'Sabiamente, a operadora decidiu entrar em contato com o inspetor-chefe, além de despachar uma ambulância. Às 12h25, os policiais Inguldsen e Lange chegaram ao local, à frente da ambulância. Após uma entrada forçada, eles rapidamente estabeleceram que estavam lidando com uma mulher morta, esparramada no chão da cozinha com extensos ferimentos faciais. Harald Steen ainda estava em casa e identificou a falecida como Susanne Smeed.

Até agora, nada do que Karen disse é novidade para os presentes, mas o nome da ex-mulher do chefe ainda provoca um rangido geral das cadeiras, pois várias pessoas se mexem desconfortavelmente.

- E como diabos ele sabia que era ela? Os idiotas deixaram o velho entrar?

A interjeição faz com que todos se voltem para Evald Johannisen. Karen observa as sobrancelhas levantadas de seu colega, ouve a insatisfação em sua voz e sabe que Johannisen não vai facilitar as coisas para ela.

'Não', ela responde calmamente, 'mas Susanne Smeed era sua vizinha mais próxima, e ele sabia que ela morava sozinha. Mas, claro, você está certo, Evald, ele *presumiu* que fosse Susanne Smeed.

- E *sabemos* que foi Susanne Smeed - diz uma voz aguda do outro lado da mesa. "Podemos seguir em frente?"

Kneought Brodal está afundado em sua cadeira com os olhos semicerrados, as mãos cruzadas sobre seu intestino substancial.

- Obrigada, Kneought - diz Karen -, chegaremos ao seu relatório em instantes. Sim, sou eu aqui e não Jounas Smeed porque a mulher falecida é a ex-mulher de Jounas. Como consequência, o Chefe de Polícia decidiu que Jounas Smeed será colocado em licença enquanto a investigação estiver em

andamento e que agirei em seu lugar e que, como parte de minhas funções, também irei conduzir esta investigação. '

A sala ainda está mortalmente silenciosa. Karen resiste à vontade de beber um gole d'água e segue em frente.

“Sei que esta é uma situação difícil para todos nós e, para piorar as coisas, este caso é, como todos sabem, de grande interesse para a mídia. Portanto, é mais importante do que nunca que não haja vazamentos. Até novo aviso, Viggo Haugen estará lidando com a imprensa. Vou mantê-lo e ao chefe da mídia informados sobre a investigação.

“A imprensa vai ficar furiosa”, disse Karl Björken com um sorriso irônico. 'Eles sempre querem falar diretamente com quem está encarregado da investigação; eles farão tudo o que puderem para contornar Haugen. '

- De qualquer forma, é assim que vamos jogar - Karen diz secamente. 'Tudo será canalizado através do Chefe de Mídia e Viggo Haugen; nem você nem eu responderemos a perguntas da imprensa, até que nos diga o contrário. Sem vazamentos sobre horários, armas de assassinato ou métodos. Nenhum comentário sobre

Jounas como pessoa ou como foi seu casamento com Susanne ou qualquer coisa nesse sentido. Desta vez, vamos manter nossas bocas fechadas. OK?'

Ela está surpresa com o quão autoritária ela soa. Esse é exatamente o tom que mais a irrita vindo de seus superiores: repreensão preventiva.

- Então acho que é hora de ouvir você, Kneought, antes de cochilar - acrescenta ela com um sorriso irônico e pega a água.

O legista começa sua apresentação de slides; todos se voltam para a tela grande em uma das paredes. Há um suspiro coletivo. A foto mostra Susanne Smeed, deitada de costas, o rosto esmagado e o pescoço em um ângulo

agudo contra a borda preta fosca de um grande fogão de ferro fundido. Em meio à confusão sangrenta, o que resta de seus dentes quebrados forma um sorriso grotesco.

Karen nota a pele sardenta de Cornelis Loots ficando mais pálida. Ele rapidamente desvia o olhar e passa a mão pelo cabelo loiro morango algumas vezes, como se estivesse tentando se distrair. Sentado ao lado dele, Karl Björken constitui um contraste tanto na aparência quanto na reação; seu cabelo negro está penteado com esmero e seus olhos escuros olham fixamente para a tela. Só quem o conhece bem saberia interpretar o músculo que trabalha freneticamente em sua mandíbula. Karl Björken não é indiferente.

Até Astrid Nielsen parece que perdeu seu autocontrole por uma fração de segundo.

- Meu Deus - ela murmura e pega sua bolsa de pastilhas.

"Concluí a autópsia há cerca de trinta minutos", anuncia Kneought Brodal. 'Vou datilografar o relatório completo amanhã, mas posso lhe dar a palestra agora. E sim, tentarei usar uma linguagem que até mesmo a polícia de Doggerland possa entender ', acrescenta ele para responder a uma pergunta que ninguém fez, mas que obviamente surge com frequência para irritá-lo.

Brodal clica na próxima foto, um close do rosto de Susanne Smeed; Karen se força a estudá-lo novamente.

Ela está dolorosamente ciente de que os olhos de todos logo se voltarão da foto para ela. Procurando por algum tipo de resposta que ela não tem, esperando que ela forneça liderança.

Portanto, é minha responsabilidade descobrir quem matou a ex-mulher do idiota, enquanto ele fica em casa batendo copo atrás de copo de uísque e se

recusa a cooperar. E eu nem sei como me conduzir.

"Como eu disse, é Susanne que estamos vendo nas fotos", ela ouve Brodal dizer do outro lado da sala, agora com a voz embargada, como se estivesse prestes a explodir. Ele limpa a garganta e continua. 'Ela e eu éramos conhecidos desde quando ela era casada com Jounas, então fui capaz de identificá-la, apesar de seus ferimentos, mas iremos confirmar sua identidade usando DNA também.'

Brodal mostra uma nova imagem e os olhos de todos são relutantemente atraídos para a pele ferida e os fios de cabelo pretos de sangue.

'Os ferimentos que vemos aqui são o resultado de três golpes muito poderosos na cabeça, provavelmente causados por um atiçador de ferro, mas deixarei para Sören contar mais sobre isso. O primeiro veio diagonalmente por trás em um balanço que esmagou o osso ocular direito e o nariz. Provavelmente ocorreu quando a vítima estava se levantando da mesa da cozinha, ou possivelmente ela conseguiu se levantar logo após o primeiro golpe, dependendo da altura do agressor. Nesse ponto, Susanne ainda estava de pé.

Brodal limpa a garganta novamente, respira fundo e pressiona.

“O segundo golpe veio imediatamente após o primeiro. O assassino percebeu que a primeira não era suficiente e, portanto, tratou de outra, que esmagou sua maxila com tanta força que a vítima foi jogada para trás e bateu com a cabeça no fogão. '

Kneought Brodal mostra outra foto. Desta vez, um close da cabeça de Susanne Smeed.

Como uma galinha com o pescoço partido, Karen pensa consigo mesma.

"Puta que pariu", disse Karl Björken.

- Você pode repetir isso - rebate Brodal. “A causa imediata da morte foi um sangramento epidural maciço entre o crânio e o cérebro. O sangue empurrou o cérebro em direção ao centro respiratório onde o cérebro encontra a medula espinhal, o que fez com que a vítima parasse de respirar. Ou, como você pode dizer, ela morreu com o crânio quebrado.

Há silêncio em torno da mesa.

'E mais uma coisa.' Desta vez, há raiva reprimida na voz de Brodal.

- O perpetrador arrancou um ou possivelmente dois anéis do dedo mínimo esquerdo de Susanne depois que ela morreu. Também há marcas claras em volta do pescoço, provavelmente causadas por um colar sendo arrancado.

Desta vez, não há rangido, farfalhar, bocejar. Todos estão tendo o mesmo pensamento silencioso: talvez Susanne Smeed tenha sido morta por algo tão inútil quanto um roubo comum ou de jardim que deu errado.

Isso deve ser mais fácil de resolver. Fútil, com certeza, mas no final mais fácil para todos os envolvidos. Por fim, Karen pigarreou, quebrando o silêncio.

- Você pode nos contar algo sobre o perpetrador, Kneought?

Ela faz a pergunta sem muita esperança de obter uma resposta útil. Ela já ouviu a pergunta e a resposta muitas vezes.

"Não muito", responde o legista. 'Esqueça os ferimentos que revelam a altura ou peso exatos da pessoa que os causou, que só acontecem na TV. O que posso dizer é que deve ter exigido um certo nível de força da parte superior do corpo. O atiçador em si é bastante pesado e os golpes foram poderosos. '

- Ou raiva? Karl Björken participa.

- Bem, isso é para você descobrir, eu acho. Mas com certeza, a raiva ou o medo podem muitas vezes permitir que uma pessoa obtenha uma força inesperada. Além disso, é preciso um pouco de força, ou raiva, se você preferir, para arrancar os anéis de uma pessoa morta. Eles parecem se encaixar de forma relativamente confortável. '

Mais alguns segundos de silêncio contemplativo.

- Você conseguiu determinar a hora da morte? Karen pergunta.

'Como eu disse, a cozinha estava extremamente quente quando eu cheguei lá. Aparentemente, o fogão a lenha foi aceso e a porta da cozinha fechada. Tanto a porta da frente quanto a da cozinha foram posteriormente abertas pelos policiais que foram os primeiros a chegar ao local, que deixaram entrar o frio, fazendo com que a temperatura despencasse, mas depois a porta foi fechada novamente. A questão é que essas mudanças na temperatura tornam impossível determinar a hora exata da morte.

O legista faz uma pausa para outro gole de água.

- Mas consegui diminuir um pouco. De acordo com minha avaliação, a morte provavelmente aconteceu em algum momento entre sete e meia e dez. Ainda mais provável entre as nove e as nove e meia, mas não posso ter 100 por cento de certeza.

Karen respira fundo. É melhor dizer isso e tirar isso do caminho.

“Posso contribuir pessoalmente com outra peça do quebra-cabeça no que diz respeito ao momento certo. Por volta das oito e quinze, passei pela casa de Susanne e a vi da estrada.

'Oito e quinze? Quem em sã consciência está fora de casa àquela hora do dia seguinte a Oistra?

Evald Johannisen parece duvidoso.

- Passei a noite na casa de um amigo em Dunker, mas acordei cedo e voltei para casa. Como eu disse, vi Susanne, muito viva, caminhando de volta para sua casa depois de um mergulho matinal por volta das oito e um quarto. '

Karen rapidamente olha ao redor da mesa, mas ninguém parece prestes a questionar suas informações. Então ela percebe as sobrancelhas levantadas de Johannisen e o sorriso irônico. Ele não pode saber de algo, não é?

Quão próximos ele estão de Jounas? Ela sente suas bochechas ficarem vermelhas, mas é salva pela voz de Brodal.

"Tudo bem, então sabemos", diz ele, com uma nota de cansaço impaciente na voz. - Isso está de acordo com minhas conclusões. E não tenho muito mais a acrescentar, exceto que o conteúdo do estômago corresponde ao que estava na mesa: café com açúcar, iogurte, muesli composto de aveia, centeio, passas e amêndoas. O

tipo de pellets de cavalo que minha esposa insiste em comprar porque é saudável ', acrescenta.

'Eu estava pensando que você parecia excepcionalmente em forma', Karl Björken brincou com um sorriso irônico.

Risadas espalhadas pela mesa. O jargão grosseiro que os membros de uma equipe de investigação geralmente empregam para se proteger contra fotos horríveis estava fora de seu alcance neste momento. A tentativa idiota de Karl Björken de fazer uma piada é, portanto, recebida com gratidão; o clima fica mais leve quando Brodal finalmente fecha seu PowerPoint.

- Mais alguma pergunta para Kneought esta noite? Não? Então acho que é hora de mandá-lo para casa, para sua esposa e aquele muesli ”, diz Karen.

"Certo", ela diz quando a porta se fecha atrás das costas do grande legista. - É com você, Sören. E, por favor, seja breve, se não se importar ', acrescenta ela. 'Estamos todos cansados e queremos ir para casa.'

Principalmente eu, ela pensa. Sua soneca matinal e pura adrenalina a mantiveram relativamente alerta até agora, mas de repente, ela pode sentir exaustão em todas as partes de seu corpo. Ela abre o documento que

Sören Larsen lhe enviou por e-mail meia hora antes e passa o teclado e o mouse sobre ele.

“Está tudo bem”, diz ele, recusando o uso do computador com um aceno de mão. 'Nós realmente não precisamos olhar as fotos agora; você pode fazer isso amanhã. O que pudemos verificar até agora pode ser resumido rapidamente. Como Brodal mencionou, o assassino usou um velho atiçador de ferro fundido.

Segue-se que o atiçador deve ser considerado a arma do crime, embora o perpetrador tenha recebido uma ajuda do fogão a lenha no momento real da morte. O pôquer é feito à mão, com pouco menos de trinta centímetros de comprimento, provavelmente datando do final do século XIX. Nenhuma impressão digital foi encontrada nele. '

- Nem mesmo a de Susanne? Astrid Nielsen pergunta.

Por que ela não parece cansada? Karen se pergunta, estudando a mulher loira sentada na diagonal em frente a ela. Astrid Nielsen parece que veio direto de uma caminhada revigorante; suas bochechas estão rosadas e seus olhos alertas. Mas, novamente, talvez a pequena Srta. Goody-Goody não tenha bebido grandes quantidades de vinho na noite passada. Karen suprime uma pontada de culpa. Astrid é boa, muito boa até, e fácil de trabalhar também. Mas definitivamente um bonzinho. Três filhos e um marido que

trabalha para a unidade de informática da polícia e sempre tem um corte de cabelo bem cuidado e um sorriso piedoso no rosto. Karen suspeita fortemente que ele é evangélico; seu dialeto Noorö certamente apóia essa teoria.

- Não, absolutamente nenhum. A voz de Larsen faz Karen voltar a prestar atenção. - O assassino provavelmente limpou o atiçador ou pode ter usado luvas. Mas, se fosse esse o caso, deveria haver, como você diz, outras impressões. Mas havia, de fato, um segundo atiçador na casa, um instrumento consideravelmente mais leve e moderno, e encontramos as pegadas de Susanne nele.

"Certo, então não sabemos se o fogão foi aceso por ela ou pelo assassino", Evald Johannisen acrescenta, desapontado. - Mas não consigo entender por que ela acendia fogueiras nesta época do ano. Devia estar pelo menos dez graus lá fora e ela tinha uma caldeira. Direito?'

- Sim, correto - confirma Sören Larsen. - Também não encontramos nada fora do comum nas cinzas, apenas restos de lenha e jornais. Em outras palavras, por que alguém acendeu o fogão e se ele está ou não conectado ao assassinato é para você decifrar.

Karen se lembra de Susanne Smeed tremendo; querer aquecer a sua casa rapidamente depois de um mergulho no rio Langevik no final de setembro não é nada surpreendente. Mas isso pode esperar até amanhã.

Ela acena para Larsen continuar.

“De qualquer forma, é muito provável que o autor do crime tenha tentado colocar fogo na cesta de lenha ao lado do fogão”, diz ele. “Mas a lenha estava úmida e a cesta era na verdade uma velha tina de cobre, então o fogo

morreu antes de atingir as cortinas. Do contrário, estaríamos diante de uma situação muito diferente. '

Sören Larsen faz uma breve pausa para folhear suas anotações e continua.

“Certos sinais apoiam a teoria do roubo”, diz ele. - A penteadeira no corredor parece que alguém a vasculhou, sua carteira - que devemos presumir que continha seus cartões bancários e carteira de motorista -

foi retirada da bolsa. Não havia laptop ou telefone celular em casa, embora não tenhamos confirmado que Susanne Smeed possuía nenhum dos dois. Dito isso, a falta de um telefone fixo indica que ela possui um telefone celular. Iremos, é claro, verificar com os grandes provedores de serviços se ela tinha um contrato.

Ele faz uma breve pausa para consultar suas anotações novamente.

- Outra pista que poderia apontar para roubo seria o que Brodal acabou de nos contar sobre as joias de Susanne. Mas então, havia alguns itens óbvios que um ladrão deveria ter levado: talheres de prata no valor de aproximadamente 20 mil marcos e alguns outros objetos de prata antigos, que datam do século XVIII, na verdade, então provavelmente estamos falando de substanciais valor, embora não tenhamos sido capazes de estabelecer seu valor exato ainda. '

"Talvez os ladrões não fossem sofisticados o suficiente", diz Evald Johannisen com severidade. “Jovens viciados podem não assistir ao *Antiques Roadshow* . Alguma pegada?

- Nada de útil até agora, mas garantimos os que estavam lá. Nossos colegas arrastaram um pouco de lama e cascalho para o corredor e a cozinha quando chegaram pela primeira vez ao local, então não prenda a respiração. Encontramos DNA e impressões digitais de outras pessoas além de Susanne

Smeed, mas não teremos os resultados de nossa pesquisa de banco de dados até amanhã à noite, ou mais provavelmente na terça de manhã. O que temos é uma combinação anterior de impressões recentes encontradas na sala de estar, no banheiro do térreo e na cozinha.

Ele faz uma pausa dramática, esperando até ter toda a atenção de todos.

"Essas impressões pertencem a Jounas Smeed."

14

Após uma pausa de dez minutos, eles estão de volta à sala de conferências. Desta vez, é um grupo menor; à volta da mesa ficam apenas os membros do CID, Eiken, Johannisen, Björken, Loots e Nielsen.

Cornelis Loots estende a mão e pega um dos sanduíches secos da bandeja antes de empurrá-lo para Astrid Nielsen, que balança a cabeça silenciosamente. Karen observa enquanto o prato é passado pela mesa.

Quando chega a sua vez, ela observa com nojo a alface murcha aparecendo sob as fatias perfeitamente quadradas e suadas de queijo. A dor no estômago e uma dor de cabeça nascente a persuadem a ceder. Com um suspiro, ela pega um sanduíche da bandeja antes de passá-lo adiante.

Enquanto mastigam, eles ouvem o relato de Karl sobre o encontro dele e de Karen com Harald Steen e sua conversa por telefone com a cuidadora de Steen, Angela Novak. A última parte também é nova para Karen.

- Então o que ele disse estava certo? Achei que era esperar demais ', diz ela.

- Parece que sim. Angela Novak confirma que chegou à casa de Steen muito mais tarde do que de costume.

Mas não foi por causa do festival de ostras, como ela teve o cuidado de apontar. Aparentemente, ela foi ver outro paciente na aldeia ', diz Karl.

- Paciente não - interrompe Johannisen. - Devemos chamá-los de clientes agora, sabe. Caramba, não vai demorar muito para que alguém nos peça para ligar para os clientes dos slags, marque minhas malditas palavras ', acrescenta ele em torno do último pedaço de seu sanduíche, enquanto já estende a mão para outro.

Karl Björken lhe lança um olhar exasperado e continua.

- Bem, o problema é que esse outro. . . cliente, era uma mulher de 85 anos que estava no chão de seu quarto quando Ângela chegou. Como a mulher estava confusa e quase inconsciente, Angela chamou uma ambulância e obviamente teve de esperar que ela chegasse antes de ir para a casa de Harald Steen.

Ele olha para suas anotações.

- Verifiquei no hospital e as informações de Angela Novak parecem confirmar. Vera Drammstad foi apanhada em sua casa às 9h40 e levada para o pronto-socorro do Hospital Thystedt. Provavelmente foi apenas um TIA, mas ela ainda está em observação, caso você esteja interessado.

- Então ela viu alguma coisa? Angela Novak, quero dizer ', diz Karen, abafando um bocejo, sem realmente esperar uma resposta interessante.

Ela não tem um.

- Não, nada, pelo que ela se lembra. Mas ela estava no limite de lidar com a velha senhora e estressada por chegar tarde na casa de Harald Steen. Provavelmente sabia que ele estaria atrás dela.

"Que linha de trabalho maravilhosa", murmura Cornelis Loots.

- Mas ela e o velho ouviram um carro ligando e indo embora. De acordo com Angela Novak, era um pouco antes do noticiário das dez começar ', continua Karl. - E ela disse algo sobre soar como o carro do pai dela na Polônia. Mas o café estava quase pronto e ela estava ajudando Steen a se levantar da cama, então nenhum dos dois viu o carro ir embora.

'Então, pelo menos em teoria, pode ser um carro completamente diferente. Talvez alguém dirigindo na estrada ', diz Johannisen, estendendo as mãos.

"Sim, em teoria", diz Karl, claramente se forçando a manter a calma. - Mas Harald Steen jura que reconheceu os sons que fez.

Os lábios de Evald Johannisen se curvam em um sorriso queixoso.

- Então o velho tem certeza disso, mas nenhum dos dois percebeu que a casa ao lado estava pegando fogo enquanto bebiam o café? Não é estranho?

- Na verdade, não - Karl rebate. - De acordo com Brodal, o fogo se apagou sozinho com bastante rapidez e a janela da cozinha fica longe da casa de Steen. O que fez Harald reagir uma hora depois não foi a fumaça daquela fogueira, mas sim a fumaça que saía da chaminé. Ele achou estranho para Susanne acender uma fogueira quando ela claramente não estava em casa. É por isso que ele foi lá em primeiro lugar. Você não está prestando atenção? '

Karl Björken olha para o teto e abre os braços como se buscasse a força de um poder superior. Johannisen se prepara para retrucar.

- Tudo bem - interrompe Karen. - Cornelis e Astrid, encontraram algo útil? Além disso, me passe aqueles sanduíches secos e, sim, o café também.

"Infelizmente, não", responde Astrid Nielsen. "Conversamos com todos os vizinhos num raio de quinhentos metros da casa de Susanne."

- Não pode haver muitos - murmura Karen enquanto bombeia um fiozinho de café da urna para o copo de plástico.

- Não, fora de Langevik propriamente dito, as casas são poucas e distantes entre si, mas encontramos algumas outras propriedades, além da de Harald Steen, que são próximas o suficiente para que as pessoas que moram nelas possam ter visto alguma coisa.

Só se eles estivessem encostados nas cercas do jardim, olhando para a casa de Susanne, Karen pensa consigo mesma, sabendo muito bem a quais

propriedades Astrid se refere.

- E - diz ela, sentindo a amargura puxar suas papilas gustativas enquanto lava um pedaço de sanduíche com café morno e azedo. 'Nenhuma coisa?'

'Infelizmente, só encontramos pessoas em casa em uma das casas. Lage e Mari Svenning, um jovem casal que, segundo suas próprias informações, dormiu até o meio-dia. Portanto, eles não tinham visto ou ouvido nada.

- E quanto aos Gudjonssons? Karen cutuca.

Cornelis Loots olha para ela surpreso.

- Você conhece todo mundo em Langevik?

'Nem todos. Não mais.'

"Eles estão de férias", diz Astrid, taciturna. 'Aparentemente, eles foram para a Espanha por algumas semanas e estarão de volta no próximo domingo, de acordo com os pais de Johannes Gudjonsson, que contatamos por telefone. Uma pena, porque me disseram que é uma família grande. Com quatro filhos, as chances são de que pelo menos um dos pais estaria acordado em uma manhã de domingo.

- Como diabos as pessoas pagam isso? Evald Johannisen exclama mal-humorado. 'Dois adultos e quatro crianças em um hotel na Costa del Sol, quanto você acha que isso faz você se atrasar? Além disso, as crianças não deveriam estar na escola? Ele acrescenta com uma voz irritada.

'Johannes Gudjonsson é engenheiro-chefe da NoorOyl', responde Karen, 'e sua esposa dirige uma empresa de contabilidade, então acho que eles são bons para isso. E seus filhos são pequenos. Não acho que o mais velho ainda está na escola e os mais novos são gêmeos e têm apenas cerca de um ano.

- Então você os conhece? Astrid pergunta.

"Só até isso", Karen responde e muda de assunto.

Não há razão para dizer a eles que, por alguns anos, seu antigo colega de escola Johannes Gudjonsson costumava parar na dela quando estava em terra, deixando as plataformas de petróleo. Seu relacionamento emocionalmente sem investimento, mas sexualmente satisfatório, terminou no dia em que os gêmeos nasceram. Ele provavelmente não consegue mais encontrar tempo, Karen pensa consigo mesma. Ou a energia.

Em voz alta, ela diz:

- Alguma notícia sobre o carro de Susanne, Evald?

Johannisen dá a ela um olhar entediado.

- Você não acha que eu teria contado se tivesse algo? E você, já conversou com o chefe? '

Karen faz um breve relato de sua visita à casa de Jounas Smeed. E ela diz a verdade e nada além da verdade.

Só não toda a verdade.

Nenhuma palavra sobre a noite deles no Hotel Strand, nada sobre a bebida de Jounas e a relutância em cooperar quando ela falava com ele, ou sobre o fato de que ele praticamente a jogou na chuva. Em vez disso, ela os informa brevemente que Jounas Smeed, tendo celebrado Oistra na noite anterior, deixou o carro no centro da cidade, voltou para casa e adormeceu no sofá. E ela relata, com a mesma verdade, a história de Jounas sobre ser acordado por Viggo Haugen ligando no dia seguinte e que ele foi pegar seu carro para ir até a casa de sua filha para dar a ela a notícia da morte de sua mãe.

Com uma destreza que a surpreende, ela contorna o fato de que não só o carro de Jounas, mas o próprio homem ficou na cidade naquela noite e que sua caminhada para casa não tinha acontecido até a manhã seguinte.

O silêncio cai na sala de conferências mais uma vez. Ninguém pergunta em voz alta: Jounas tem alguém que possa corroborar suas afirmações? Ninguém suspeita que a única pessoa que poderia lhe dar um álibi - pelo menos até as sete e vinte da manhã - é Karen Eiken Hornby. Por outro lado, não faz diferença, ela diz a si mesma. A questão é o que Jounas Smeed fez depois que ela saiu do quarto do hotel.

15

Karen está sentado em seu carro, olhando para a frente. Os postes ao longo Redehusgate brilham fracamente; além deles, ela vê a lua crescente sobre uma obscuridade Holländer Park, e, além disso, os carros passam ocasionalmente em seu caminho para o Odinsgate melhor iluminado. O centro da cidade foi enrolado em um cobertor domingo lento durante todo o dia e agora está pronto para a cama. Ela é osso cansado; suas mãos descansar fortemente no volante. É metade de dez e em casa é quase uma hora de carro de distância. O gosto de dois sanduíches secas eo café aguado dos casacos urna sua boca; ela amargamente se lembra promessa de que de manhã para começar uma vida mais saudável. Foi que realmente esta manhã? Parece que dias atrás.

Ela olha para o banco do passageiro, onde a banana e a lata de Coca-Cola que trouxe de casa ainda estão ao lado de sua bolsa. A banana escureceu para um preto acastanhado e emite um cheiro azedo à medida que o carro esquenta. Ela pensa em jogá-lo pela janela, mas não se incomoda e o deixa onde está. Em vez disso, ela pega a lata de Coca, ouve o chiado quando levanta a tampa e bebe alguns goles do líquido doce e morno antes de colocar a lata no porta-copos entre os assentos com um arroto e agarrar o câmbio. Em seguida, ela aborta o movimento e remexe em sua bolsa. Ela põe o cigarro entre os lábios, acende-o e dá uma longa tragada. Ela raciocina que novas semanas e novos hábitos sempre começam na segunda-feira. Ainda falta uma hora de domingo.

Ela dirige consistentemente em velocidade máxima, desligando os faróis altos sempre que um carro ocasional a caminho de Dunker aparece na estrada esporadicamente iluminada, concentrando-se em permanecer acordada enquanto ela repassa os acontecimentos do dia. Acordar no quarto

do hotel parece remoto agora, quase irreal, e ela não deseja retornar a essa memória. Ela também conseguiu empurrar a memória de seu encontro matinal com Inguldsen e Lange para o fundo nebuloso de sua mente -

provavelmente por pura autopreservação - mas o resto de suas memórias do dia ainda são nítidas.

Então, de repente, ela pensa em sua conversa com Viggo Haugen. Durante o telefonema, todos os seus pensamentos giraram em torno do fato de que Susanne Smeed havia sido assassinada e como diabos ela sobreviveria às próximas vinte e quatro horas sem vomitar. Só agora ela teve tempo para refletir sobre por que Haugen a escolheu para liderar a investigação. E assumir o lugar de Jounas como chefe do departamento.

Por que não Johannisen ou Karl? Certo, eles eram seus juniores, mas Haugen poderia facilmente ter vindo com algum tipo de justificativa. Ele já tinha feito isso antes.

Suas tentativas anteriores de se tornar chefe do departamento certamente não tiveram sucesso.

A promoção de Karen a inspetor-detetive ocorrera sob a liderança de Wilhelm Kaster. É possível que ele tenha pensado nela como sua sucessora natural quando chegou a hora de se aposentar. Mas então, quatro anos antes de seu ansiado último dia de trabalho, ele morreu de um ataque cardíaco e todos os planos para o avanço de Karen pereceram com ele. Em vez disso, Kaster foi rapidamente sucedido por Olof Kvarnhammar, que parecia perplexo com as mulheres no local de trabalho; quanto mais alto eles conseguiam escalar, mais perplexo ele ficava. E, no entanto, até mesmo Olof Kvarnhammar percebeu que dificilmente poderia rebaixar Karen. Mas havia outros métodos de exclusão. Nos anos que se seguiram, ela foi sistematicamente esquecida quando os casos mais interessantes eram

designados, rotineiramente ignorados nas reuniões, constantemente criticados por causa de sua falta de experiência nas ruas. O fato de ela ter completado com sucesso seu treinamento policial, ter feito seis meses na área e ser bacharel em criminologia pelo London Met significava pouco se comparado aos anos que seus colegas passaram patrulhando as ruas de Doggerland com os pés doloridos. O fato de ela, motivada por uma pergunta direta de um jornalista, ter confirmado que a igualdade de gênero dentro da autoridade policial Dogger deixava muito a desejar, não fez nada para aumentar sua popularidade com a administração. O fato de a citação ter vinte anos, quando ela era estudante na academia de polícia, não parecia fazer diferença. Para o crime de cagar onde se come, como disse Kvarnhammar, não há prescrição.

Mas o maior erro de Karen, a marca negra em seu nome, foi que ela se vendeu; ela desistiu. Até deixou o país e passou vários anos no exterior. Ela não podia simplesmente voltar como se nada tivesse acontecido, fingindo que era um dos meninos.

Quando Kvarnhammar também faleceu - no caso dele, de uma aorta rompida - depois de menos de cinco anos no comando, Karen pressentiu um novo amanhecer. Enquanto os meninos desciam para o bar para beber em sua memória, ela foi para casa, sentou-se à mesa da cozinha com um grande uísque e fez um pedido para o cargo principal. Mas então Jounas Smeed apareceu do nada. Pelas contas de Haugen, seis anos como oficial uniformizado, um diploma inacabado em direito e três anos como vice-chefe da Unidade de Crime Econômico o tornaram o candidato mais qualificado para assumir a chefia do CID. Além disso, como Haugen disse ao apresentar seu novo chefe, "mesmo durante seus anos como patrulheiro, Smeed sempre deu

o seu melhor" (aqui ele fez uma pausa para uma risada educada), e se isso não bastasse, Smeed havia demonstrado 'grande progressismo organizacional e clarividência' durante seus anos na Unidade de Crime Econômico e também foi capaz de demonstrar 'habilidades comprovadas de liderança'. Karen parou de ouvir quando ele disse 'patrulheiro'.

Ela ainda não consegue se livrar totalmente da sensação de que a principal razão para a elevação de Jounas Smeed foi que ele era membro de uma das famílias mais proeminentes de Doggerland. Por outro lado, se ela está sendo completamente honesta, ela nunca esteve 100 por cento interessada no cargo principal. A ideia de traçar diretrizes, definir prioridades e liderar as investigações mais complexas - e provar que ela poderia fazer tudo isso muito melhor do que Olof Kvarnhammar - foi a razão pela qual ela escreveu aquele requerimento. Mas os outros aspectos eram menos tentadores: pesquisas de RH, negociações salariais, relatórios regulares para o Chefe de Polícia, ter de bajular políticos e, o pior de tudo, ter que gerenciar as *relações com os funcionários* . Sua decepção por não conseguir o emprego foi rapidamente substituída por alívio.

E agora, ela está na merda de qualquer maneira.

Mas apenas temporariamente, ela se lembra e acende outro cigarro. Quanto antes o caso for encerrado, mais cedo Jounas Smeed poderá voltar ao trabalho e ter sua liberdade de volta.

16

Ofegante, Karen se inclina para a frente com as mãos nos joelhos e olha para o mar. Um navio de carga desliza lentamente ao longo da faixa escura entre o céu e o mar no horizonte. Ela lentamente se endireita e sente o batimento selvagem de seu coração diminuir enquanto sua respiração volta ao normal. Duas milhas e meia ao longo do caminho da floresta que abraça a costa, direto ao norte de Langevik. Apenas três quilômetros e meio e, no entanto, o suor escorre por suas costas e sua boca está seca. Faz muito tempo que ela não faz qualquer tipo de exercício, ela percebe. Muitos meses e muitos cigarros atrás.

Por alguns minutos, ela gosta do vento frio contra suas bochechas coradas, mas então ela estremece quando sua camiseta larga e encharcada de suor é pressionada contra seu corpo. Ela tira o cabelo do rosto e olha com saudade para os penhascos. Uma rápida olhada em seu relógio de pulso: seis e vinte. Ela ainda tem tempo para sentar-se um pouco a sotavento do promontório antes de ter que correr de volta. Se ela tiver sorte, pode haver água da chuva em uma das fendas.

Ela bebe a água gelada de uma mão em concha e se acomoda com os joelhos puxados para cima e as costas contra a parede de rocha áspera. Apenas céu, mar, penhascos e um horizonte ininterrupto. E ainda assim, ela poderia identificar este local particular entre milhares como ele. Cada parte dela está gravada nela desde a infância. E foi a este lugar que ela retornou muitos anos depois, quando sua vida foi abruptamente arrancada de debaixo dela. Só aqui ela poderia continuar a existir sem John e Mathis. Já se passaram onze anos. Ela ainda grita seus nomes no mar às vezes.

Ela nunca pensa no mar como azul. Em Frisel e até em Dunker e ao longo de toda a costa oeste em direção a Ravenby, o mar é diferente daqui. Lá,

ondas brancas saltam alegremente em mares de um azul profundo e nuvens brancas de algodão flutuam no céu azul claro. Lá, as colinas são verdes e as árvores crescem altas e viçosas. Mas aqui, a apenas alguns quilômetros a nordeste da capital, tudo se estende ao solo. Aqui, pinheiros raquíticos rastejam ao longo das falésias, aparentemente dobrados pelo vento. Aqui, qualquer planta que luta para sair do solo escasso se encolhe para escapar das rajadas violentas. E nos poucos dias do ano em que um céu sem nuvens tinge de azul o mar, essa paisagem parece quase estranha para ela, untuosa e indigna de confiança, como se estivesse tentando disfarçar.

Aqui, a paleta de cores é diferente dos verdes que dominam o interior fértil de Heimö e do arenito amarelo de Frisel. Este lugar é tão rico em variedade quanto qualquer um deles, mas apenas um olho treinado pode discernir o esplendor da cor de uma paisagem composta por penhascos de granito cinza que repelem eternamente o mar aberto.

Karen vê isso. Seus olhos aprenderam a distinguir entre os diferentes tons, observe como o mar muda de prata para estanho para chumbo. Ela percebe o brilho despretensioso de salgueiro rasteiro e junco. Ela vê os tons de violeta nas fendas das rochas e as mudanças que as estações trazem com a economia do início do verão e a solidão roxa do alto verão. E agora, quando as plantas vão semear ao longo das falésias e o verão está inevitavelmente chegando ao fim, ela vai olhar mais para o interior, onde a urze cobre as colinas. É aqui que ela pertence.

Com esse conhecimento seguro, ela se levanta e começa a correr de volta.

17

Langevik, 1970

'Ela está se levantando ?! Eu não agüento mais! '

Anne-Marie pega o travesseiro que pressiona contra a orelha e o arremessa pela sala. Gritando e soluçando, ela começa a rastejar para fora da cama. Per puxa um dos braços de debaixo do edredom, estende a mão e agarra o braço dela.

"Calma, vai passar", ele murmura sonolento.

Ela se vira e o encara, acusadora, como se ele fosse cúmplice.

'Passar? Quando? Eu nunca vou me acostumar com isso. '

Seus gritos abafam os gritos vindos do quarto ao lado. De repente, a casa fica em um silêncio mortal.

'Eu quis dizer que a cólica de Love vai passar', diz ele pacientemente. 'Disa me disse ontem que ele vai melhorar qualquer dia agora. Ouça isso? Ele parou de chorar. Tomas está acordado, posso ouvi-lo andando.

Podemos voltar a dormir agora? '

- *Disa me contou* - ela imita de volta para ele. - *Tomas está acordado* . Você pode se ouvir? A única pessoa que não levanta um dedo é Ingela. '

A voz dela se transforma em falsete, cortando estridente a noite, e ele pensa consigo mesmo que deve atravessar as paredes, deslizar pelas frestas sob as portas. Ele se pergunta se Tomas consegue ouvir, talvez Ingela também. Per Lindgren solta o braço da esposa e se levanta, sentando-se. Com um suspiro suave, ele acende a lâmpada de cabeceira.

“Ela está amamentando”, ele diz gentilmente, ciente de que cada palavra que diz corre o risco de colocar lenha na fogueira. 'Pode ser muito cansativo e os meninos têm apenas um ano de diferença.'

- Estou tão feliz que você saiba tudo sobre como é amamentar. Porque acho que nunca vou descobrir. É por isso que você está tão ansioso para assistir? Você acha que eu não percebi?

Ele sente uma pontada de culpa. Não porque Anne-Marie esteja certa, mas porque ele pode ver claramente como pode usar a acusação para virar a mesa e tomar o lugar dela como mártir. Agora, ele é o ferido e vai arrancar a arma de suas mãos. Ele o faz não respondendo. Em vez disso, ele vira a cabeça e olha fixamente para fora da janela. Já está claro lá fora e a cortina improvisada não consegue evitar a noite de junho. Sem olhar para a esposa, ele sabe que a fúria e a frustração dela já se transformaram em ansiedade.

“Sinto muito, Per”, ela diz. 'Eu sei que você nunca faria. . . '

Ele deixa suas palavras preencherem a sala antes de se voltar para ela.

- Você sabe que conversamos sobre como pode ser difícil para você com todas as crianças. Que você pode não ser capaz de lidar com isso ', diz ele.

'Mas eu posso. Eu posso lidar com isso. É só isso . . . '

Per Lindgren estuda sua esposa com uma mistura de ternura e aborrecimento. Agora que ela parou de gritar, agora que sua raiva diminuiu e foi substituída por fraqueza, ele pode lidar com a situação. Faça o que ele faz de melhor. Conforte-a.

“Venha aqui”, ele diz e levanta o edredom.

Ela hesita, mas apenas por um momento, antes de se aninhar ao lado dele com as costas frias contra seu estômago quente. Ele puxa o edredom sobre

os dois, sobre suas cabeças, e enfia o nariz na nuca dela. O

cabelo dela está ligeiramente úmido, ele percebe; ele começa a acariciar seus ombros. Finge não ouvir quando ela murmura:

'Não é justo, é como se bebês estivessem saindo dela, e ela não está nem um pouco grata.'

'Shh,' ele diz e continua a acariciar as costas dela. Sente seus ombros magros como asas de pássaro sob suas mãos. Estremece e fica instantaneamente envergonhado de sua reação ao perceber que Anne-Marie está chorando silenciosamente.

- Ela nem parece se importar com eles. Tomas está praticamente cuidando deles sozinho, embora não sejam dele. A única coisa que Ingela faz é amamentar ', diz Anne-Marie, que fungou. - Sei que você não está olhando para ela, mas por que ela tem que exibir isso o tempo todo?

E enquanto suas mãos puxam a camisola de Anne-Marie e as palmas de suas mãos traçam as curvas virtualmente imperceptíveis de seu corpo magro, ele a imagina. Ingela, puxando para trás os cabelos ruivos flamejantes antes de desabotoar a blusa com uma das mãos e levantar um seio cheio de leite. Seus olhos encontram os dele enquanto ela faz isso.

E com essa imagem em sua mente, Per Lindgren entra em sua esposa.

18

Karen desce do elevador no terceiro andar, com as pernas tremendo e o cabelo ainda úmido. A inclinação no caminho de volta dos penhascos era difícil, mas depois de um banho rápido, uma tigela de mingau e um pouco de café forte, a sensação de satisfação ainda perdura. Nova semana, novos hábitos e pelo menos desta vez ela está começando bem.

Nem mesmo a visão de Astrid Nielsen, que provavelmente se levantou às cinco e correu o dobro, e que já parece absorta no trabalho, pode arruinar seu bom humor esta manhã.

“Bom dia”, ela diz. 'Somos os primeiros aqui?'

'Bom dia, chefe. Não, acho que Johannisen provavelmente está apenas pegando outro café.

Desde quando ele chega antes das oito? Karen sente seu sorriso esmaecer. Ela vai até sua mesa no escritório de plano aberto, tira a jaqueta e a pendura nas costas da cadeira. Assim que o jingle familiar anuncia que seu computador foi iniciado, Evald Johannisen aparece atrás dela, segurando uma xícara de café.

- Então você não está assumindo o escritório do chefe? ele diz com surpresa fingida.

Antes que ela pudesse responder, ouve-se um ding vindo da escada e Karen vê Karl Björken e Cornelis Loots saindo do elevador juntos. Eles entram, discutindo em voz alta e intensamente o que parece ser as apostas nos pôneis do próximo fim de semana em Rakne. A breve interrupção é o suficiente para impedi-la de gritar com Johannisen. Em vez disso, ela responde com calma:

- Não, Evald, na verdade espero que essa situação acabe tão rapidamente que não valha a pena mudar de escritório. Eu pensei que você compartilhava dessa esperança. '

Ele se vira sem responder e segue em direção a sua mesa.

Vinte minutos depois, os membros da equipe de investigação se sentam ao redor da mesa de conferência com suas xícaras de café, blocos de notas, laptops e pacotes amarrotados de chiclete de nicotina. O único que está faltando é Evald Johannisen, que ainda está no corredor, falando ao telefone. Karen, com a ajuda de Cornelis, trouxe um grande quadro branco e rolou-o até o final da sala. Enquanto esperam que Johannisen termine a ligação, ela coloca algumas fotos, usando ímãs redondos, ao lado de um mapa de Langevik e arredores. A primeira foto é uma foto ampliada para passaporte de Susanne Smeed. Embaixo disso, ela coloca uma fotografia mostrando Susanne morta no chão da cozinha e uma terceira foto mostrando um atiçador de ferro fundido manchado de sangue com cabelos loiros presos nele. Ao lado deles, ela escreve os nomes Jounas Smeed, Sigrid Smeed, Harald Steen e Angela Novak. No final, ela acrescenta - por falta de algo mais útil -

uma série de fotos da casa de Susanne e do terreno em que ela se encontra.

Não há muito para continuar. Absolutamente nada, na verdade.

'Você poderá adicionar outra imagem em breve', diz uma voz da porta. "Eles encontraram o carro."

Evald Johannisen trocou seu olhar habitualmente azedo por uma expressão de cautelosa excitação. Agora ele entra na sala e fecha a porta atrás de si.

“Estava em um estacionamento em Moerbeck”, ele diz e se senta. - Eles isolaram tudo e os técnicos estão a caminho.

'Boa. Você poderia pedir a eles que olhassem mais atentamente para o motor de partida para ver se faz algum tipo de ruído em particular?

As sobrancelhas de Johannisen se erguem, mas ele balança a cabeça e faz uma anotação.

- Temos uma lista de passageiros do navio de cruzeiro?

'Sim, infelizmente,' Cornelis Loots diz sombriamente. "Havia 187 passageiros no navio."

Karl assobia.

- Cento e oitenta e sete? Isso vai demorar um pouco para ser concluído. '

- Sim, e no que se refere aos navios de cruzeiro, é pequeno. Aparentemente, essa é a última tendência, cruzeiro em pequenos navios. Compacto, mas ridiculamente exclusivo.

'Com quem você falou?'

- Primeiro o capitão do porto e depois o chefe da segurança a bordo. Ele foi muito prestativo, mas ao mesmo tempo se divertiu muito com a ideia de um de seus convidados estar envolvido em um assassinato.

Aparentemente, a idade média a bordo é bem alta. Principalmente aposentados americanos abastados que transformaram os cruzeiros em um estilo de vida, mas também alguns escandinavos e holandeses e italianos.

Não tenho certeza do que você quer que façamos com a lista.

Cornelis Loots lança um olhar resignado para Karen.

“Bem, suponho que descobriremos se algum dos passageiros desaparecer”, diz ela. - Teremos que verificar se algum deles tem ficha criminal. Sei que parece um pouco fútil, mas tem que ser feito, pelo menos por razões

formais. Teremos que contar com a ajuda de nossos colegas em seus respectivos países. Mas vou colocar outra pessoa nisso. Haugen nos prometeu todo o apoio de que precisamos. '

- Isso seria a primeira vez - resmunga Evald Johannisen, mal-humorado. 'Imagine o que um pouco de interesse da mídia pode fazer.'

Karen esconde um sorriso. Johannisen está certo, Viggo Haugen normalmente é tudo menos generoso com recursos, mas claramente, neste caso, ele está disposto a gastar muito.

"Basta dizer uma palavra e eu garantirei que você tenha toda a ajuda de que precisa, todos os recursos disponíveis estão à sua disposição", ele disse a Karen quando ela falara com ele por telefone, dez minutos antes. - E me mantenha informado de tudo o que acontecer, está claro?

Todos os recursos disponíveis . Não há muito para se vangloriar neste edifício. É verdade que as unidades para crimes econômicos e ambientais conseguiram aumentar sua eficiência por meio de uma combinação de experiência e recrutamento bem-sucedido, mas há uma oferta muito limitada de investigadores de assassinato experientes. Investigações completas de assassinato são uma ocorrência rara nas Ilhas Dogger. Homicídio culposo, estupro e agressão são relativamente comuns, mas Karen só consegue se lembrar pessoalmente de ter participado de algumas investigações de assassinato em que o autor era desconhecido. E um desses casos ainda não foi resolvido; eles nunca conseguiram provar quem matou um casal de idosos na ponta norte de Noorö há dezesseis meses. O filho muito endividado - a única pessoa que teria a ganhar com o falecimento de seus pais - tinha um álibi incontestável. A opinião que prevalece entre os policiais é que o filho tinha um cúmplice, mas não havia evidências para

apoiar essa teoria e, eventualmente, a mídia voltou sua atenção para outro lugar.

Desta vez, há pouca chance de sua curiosidade diminuir por conta própria, pensa Karen. O fato de um policial muito graduado - que também é membro de uma das famílias mais proeminentes da república - ter uma ligação com o caso vai prender a atenção dos jornalistas até que o assassinato seja resolvido - e talvez mais, dependendo o resultado da investigação. O risco de vazamento de informações para a mídia é maior do que nunca e, para cada pessoa que trazem a bordo, aumenta o risco de alguém escorregar. Eu não quero que todo o edifício meter o nariz, ela pensou quando o chefe de polícia deu-lhe a sua oferta generosa.

“Começaremos com um pequeno grupo e expandiremos conforme a necessidade”, ela disse a ele.

Agora, Karen Eiken Hornby se volta para os que estão ao redor da mesa.

'As pessoas envolvidas nesta investigação são as pessoas nesta sala. Também vou pedir emprestado Inguldsen e Lange para fazer o trabalho braçal para nós. Eles já estão envolvidos no caso e podem ajudar em algumas das tarefas mais demoradas. Cornelis, você vai coordenar o trabalho deles e entrar em contato com seus superiores quando precisarmos emprestá-los.

Loots acenos.

- Suponho que você não precise que eu enfatize que toda e qualquer informação sai desta sala através de mim e de mais ninguém. E sim ', ela acrescenta,' haverá uma coletiva de imprensa ao meio-dia; Haugen está fazendo isso sozinho, então irei informá-lo após esta reunião sobre o que temos até agora. '

- Isso não vai demorar muito - Johannisen murmura.

'Sim, eu sei que não temos muito a dizer ainda, mas a avaliação de Haugen é que é importante que nós demonstramos transparência desde o início. Além disso, ele pode levar a valiosos de denúncias do público ', acrescenta ela, ignorando seus colegas de trabalho olhares céticos. Notícia do assassinato tinha propagação on-line na noite anterior e os meios de comunicação manhã ter requentada o pouco que há para dizer ad nauseam. conferência de imprensa de hoje vai ser uma festa escassa; ela grato de Karen não é obrigado a comparecer.

Ela respira fundo e continua.

'Vamos passar para tarefas de hoje. Björken e eu vou estar falando com a filha de Susanne, Sigrid, assim que eu sou feito com Haugen. Evald e Astrid, eu quero que você confira local de trabalho de Susanne. Ela trabalhava em uma casa de repouso em Odinswalla, se eu entendi corretamente '.

- Sim, é verdade - confirma Evald Johannisen. - Consegui rastrear o gerente ao telefone na noite passada; ela disse que estaria lá a partir das nove, o mais tardar.

'Boa. Temos que falar com todos que podem nos dizer algo sobre Susanne Smeed: colegas, vizinhos e parentes. Quem fazia parte de seu círculo social? Ela tinha um amante? Interesses, brigas, qualquer coisa que nos leve a um possível motivo. E Cornelis, quero que você fique em contato com os técnicos e me mantenha

informado sobre qualquer progresso nessa frente. Ela devia ter um celular em casa e provavelmente um laptop também.

Todos eles recebem suas atribuições com acenos silenciosos e anotações. Nem mesmo Evald Johannisen se opõe. Mas um sentimento de expectativa silenciosa permeia a sala. Eu esqueci algo? Karen se pergunta com uma repentina onda de pânico. Devo dizer ou fazer outra coisa? '

E, naquele momento, ela percebe o que eles estão esperando.

'Eu sei que esta é uma situação única, não menos importante para mim', ela diz e olha de pessoa para pessoa.

'Alguns de vocês podem estar se perguntando por que Viggo Haugen me escolheu para liderar esta investigação; Eu me fiz exatamente essa pergunta. '

rangidos cadeira de Evald Johannisen ameaçadoramente quando ele cruza as pernas e lentamente se inclina para trás. Ele conhece seus olhos com as sobrancelhas levantadas, como se ele está interessado em ouvir o que está próximo.

'E . . .? ' ele fala arrastado. - Você tem uma explicação?

Suas palavras transformam sua insegurança em irritação; ela será amaldiçoada se ela recuar.

- Suponho que tenha a ver com o fato de eu ser o detetive inspetor mais experiente aqui. É verdade que a luz do meu currículo sobre patrulhamento; Sei que alguns de vocês têm mais experiência nessa área, mas, neste departamento, sou quem tem mais experiência na investigação de crimes graves e acredito que nossas diferentes origens se complementam. De qualquer forma, espero poder contar com seu apoio e cooperação.

Se não for por mim, então por Jounas. '

Evald Johannisen baixa os olhos para a mesa, mas os outros acenam com a cabeça.

"Claro", diz Astrid.

- E quanto a Jounas? Karl Björken pergunta. 'Quem vai falar com ele?'

'Eu vou', diz Karen. 'Eu vou falar com ele de novo, mais tarde hoje. Mas você e eu vamos começar com a filha. E o resto de você, obtenha cavando e vamos encontrar aqui às 4 da tarde para fazer um balanço. E me chamar imediatamente se você se deparar com qualquer coisa de interesse.'

19

A escada do Aspvägen 48 cheira a desinfetante, comida e vômito recém-limpo. O piso de pedra cinza do saguão ainda está úmido após os esforços de limpeza da manhã; a faxineira, com quem eles se cruzam do lado de fora da porta da frente, está caminhando em direção a uma van branca com um balde em uma das mãos e um longo esfregão na outra.

Sigrid Smeed mora no sexto andar, segundo o grande tabuleiro com o nome que cobre a maior parte de uma parede do térreo; eles pegam o elevador. Karl Björken já falou com a filha de Susanne Smeed ao telefone para avisá-la que eles estão vindo; sua porta se abre antes que eles tenham a chance de tocar a campainha.

Ela devia estar ouvindo o elevador, Karen decide, e vê um breve relance de um rosto pálido antes que a jovem se vire sem dizer uma palavra e desapareça no apartamento. Karl e Karen trocam um olhar enquanto ele fecha a porta atrás deles. Em seguida, eles seguem Sigrid para a sala.

O quarto está escuro. Um sofá envolto em um pano com um teste padrão oriental fica de costas para uma janela cuja cortinas fechado calar o sol de outono. única fonte de luz do quarto é um raio de sol que escoa através de uma abertura de quatro polegadas onde as cortinas marrom não fazer muito se encontram. Estantes encheu-se com livros de bolso, CDs e um número notável de discos de vinil cobrir duas das paredes. Na terceira parede é um cartaz de uma exposição Andy Warhol no museu Louisiana na Dinamarca e um recorte de jornal emoldurado de algo que se parece com uma crítica do Festival de Música Frisel. Abaixo deles, dois casos de guitarra preta e uma pilha de jornais sentar ao lado de um amplificador Marshall preto.

Sigrid estacionou de pernas cruzadas no meio do sofá, um sinal claro de que ela quer ser a única pessoa nele.

Um maço de cigarros e um isqueiro de plástico verde estão ao lado de uma caneca de chá azul lascada na mesinha de centro de madeira escura e manchada. A caneca ainda está meio cheia e o sanduíche ao lado dela parece intocado.

Sem pedir permissão, Karen se senta em uma poltrona esfarrapada e observa enquanto Karl dobra seu corpo desengonçado sobre um pufe de couro marrom claro. Ela contempla as partículas de poeira pairando no raio de sol, então se vira para a garota de cabelos pretos no sofá.

Seu rosto está pálido e fechado e sua boca tensa. Seu septo é perfurado por um grosso anel de ouro e sinuosas tatuagens verdes e azuis representando algum tipo de criatura serpentina envolvendo seus braços cruzados. Seu cabelo na altura dos ombros está despenteado, como se ela tivesse acabado de sair da cama.

Que sua cor negra não é real é amplamente demonstrado por seus olhos injetados de sangue, escondidos atrás de cílios loiros. Fendas expostas em sua armadura resistente.

Quão diferente da menininha loira sorrindo nas fotos da sala de Susanne Smeed. Quantos anos ela pode ter, não muito mais do que dezoito ou dezenove, com certeza?

“Oi, Sigrid”, diz Karen. 'Como você está se sentindo?'

Um encolher de ombros. Karen se prepara.

- Quero começar dizendo o quanto sinto por você. Eu entendo que deve ser muito difícil perder sua mãe.

Especialmente assim. '

A única reação de Sigrid é erguer os olhos rapidamente para o teto, como se esperasse pacientemente que seus visitantes fossem direto ao ponto. Karen tenta novamente.

- Como tenho certeza de que você entende, estamos fazendo tudo ao nosso alcance para descobrir quem matou sua mãe, por isso precisamos fazer algumas perguntas. Não vai demorar muito. . . '

'O que você quer saber?' Sigrid a interrompe com uma voz áspera. - Só cuspa pra fora e então você pode ir embora. Estou trabalhando esta noite, então preciso dormir. '

'Você está trabalhando?' Karl pergunta surpreso.

'Por que?' Sigrid pergunta e se vira para ele. - Você não acha apropriado?

Ele não responde, mas olha para Karen, que assume novamente. Um pouco da suavidade de sua voz desaparece quando ela faz a próxima pergunta.

- Você trabalha em um dos bares de música do centro, não é? Qual é o nome disso? '

"Lucius."

- Em Thybeckgate?

Sem resposta.

"Tudo bem", diz Karen. - Você estava trabalhando lá no sábado à noite?

'Sim.'

'Até quando?'

'Eu sempre trabalho até o fechamento.'

- E que horas são? Karen pergunta pacientemente.

Sigrid agora está estudando suas unhas. Aparentemente, ela encontrou algo interessante e está coçando com a unha do polegar. Uma lasca de seu esmalte preto se solta e cai em seu colo.

- Vamos - intercede Karl, obviamente irritado. - Estaremos fora daqui mais cedo se você não nos obrigar a arrancar de você todas as respostas. Quando você fecha?'

- Um - murmura Sigrid enquanto arranca um pedaço da cutícula do dedo indicador direito.

"Um", Karl confirma e faz uma anotação.

“Mas no sábado ficamos abertos até as três”, acrescenta Sigrid, levantando o dedo para estudar o resultado.

Boa, Karl, pensa Karen. Talvez você tenha conseguido quebrar o gelo.

- Você foi direto para casa depois do trabalho?

'Não, eu não fiz. Fui buscar minha bicicleta primeiro ', acrescenta ela, após uma breve pausa.

Karen suprime o desejo de levantar a voz. Karl está irritado hoje.

- Você estava sozinho ou alguém estava com você? ela pergunta o mais neutra que consegue.

- Como se eu estivesse namorando alguém, você quer dizer? Você acha que eu trago clientes do trabalho para casa como uma puta de merda?

“Não, Sigrid”, ela diz com uma paciência exagerada na voz. - Eu quis dizer que talvez você tivesse um namorado com você. Ou talvez alguém esperando por você em casa.

Algo muda no rosto de Sigrid; uma leve contração no canto da boca, como se ela estivesse lutando contra as lágrimas. Ela puxa as mangas do suéter de tricô, esticando-as para cobrir as mãos, e fica em silêncio por um momento antes de se voltar para Karen e responder com a voz firme mais uma vez.

'Não, ninguém. Eu estava sozinho.'

- Mas você não mora aqui sozinho, vive? Karl diz e acena com a cabeça na direção dos estojos do violão. -

Os dois são seus ou você tem namorado?

Um encolher de ombros; eles esperam.

- Não sei, porra - diz Sigrid depois de um tempo. - Não faço a mínima ideia se ele está pensando em voltar.

Nós brigamos e ele foi embora. Não o vi desde então. '

'Qual o nome dele?'

'Sam. Samuel Nesbö. '

- E vocês normalmente moram aqui?

Desta vez, há um aceno de cabeça e uma limpeza rápida com a manga sob o nariz.

'O que aconteceu? Você pode nos dizer?'

- Eu te disse, nós brigamos.

'No sábado?'

'Sim.'

'Sobre o que?'

'O que é isso para você? Você quer que eu lhe diga como são as coisas na cama ou o quê? '

- Não, não ligamos para isso - Karen diz calmamente. - Mas queremos saber por que você estava brigando e que horas eram.

- Ele ficou puto quando falei com uns holandeses, certo? Nós tocamos e eles vieram até mim durante o intervalo. Não sei que horas são, talvez duas? '

'Reproduziu?' Karl diz surpreso. - Achei que você trabalhasse atrás do bar.

Sigrid revira os olhos e balança a cabeça com um sorriso pálido por sua estupidez insondável. Por um momento, Karen imagina que pode sentir a presença persistente da menina nas fotos da sala de estar de Susanne Smeed.

- Sim, sim - diz Sigrid, e agora é sua vez de usar um tom excessivamente paciente. - Mas também temos shows, sabe. Ele *é* possível fazer mais de uma coisa, não é?'

Ela faz uma breve pausa e depois continua.

“Então, no sábado, trabalhei no bar até as onze e meia e depois jogamos até o fechamento. Dois trabalhos em uma noite, super esquisito, né? Você vai me prender agora? '

Karen pode sentir os lados da boca se contraindo; ela franze a testa para suprimir o sorriso. Ela olha para seu colo por um momento antes de pegar o olhar de Sigrid e segurá-lo enquanto faz a próxima pergunta.

- Então você está nos dizendo que você e Sam brigaram e você foi para casa sozinho depois de fechar. Você foi direto para casa? '

Karen vê os olhos de Sigrid se estreitarem e seu lábio superior se enrolar em algo que parece desprezo genuíno.

- Não, eu fiz um desvio até Langevik para matar minha mãe primeiro - diz ela lentamente e puxa os cantos da boca para cima em um sorriso provocadoramente sem alegria.

Com o canto do olho, Karen nota que Karl está se preparando para pular de volta.

'Você fez?' ela diz calmamente, batendo-lhe a ele. "Você foi para Langevik?

- E por que diabos eu faria isso?

- Bem, talvez você não queira ficar aqui sozinho. Talvez você tenha ficado chateado e quisesse passar a noite na casa da sua mãe? '

- Você sabe a que distância fica? Levaria horas de bicicleta. '

- Se você estivesse de bicicleta. Talvez você tenha pegado uma carona, acho que muita gente estava indo para lá depois de Oistra. Acho que dificilmente encontrar alguém disposto a levá-lo de carro.

“Fui para casa”, diz Sigrid laconicamente. - Além disso, não fazia ideia de que ela estava em casa. Ela geralmente parte por causa de Oistra. Acho que ela não suporta ficar perto de pessoas felizes.

Karen aguarda os ouvidos. Esta é uma nova informação.

- Para onde ela vai normalmente?

Outro encolher de ombros.

- O de sempre, eu acho. Provavelmente pega a balsa para a Inglaterra ou Dinamarca. Ela costumava ir para Maiorca, Grécia e tudo o mais, mas duvido que ela possa pagar por isso hoje em dia.

- Então você não sabia que sua mãe ia ficar em casa este ano?

- Não, mas mesmo se eu soubesse, não teria ido lá. Tipo, mamãe é a última pessoa que eu gostaria de ver.

'Por quê? Você e sua mãe não tinham um bom relacionamento? ' Karl pergunta.

Sigrid lhe lança um olhar desdenhoso.

' *Você e sua mãe não tinham um bom relacionamento?* - ela zomba de uma impressão exagerada de Karl.

'Nós não tínhamos um relacionamento, ponto final, se você precisa saber. Eu não a vejo há mais de um ano.

Mal conversei com ela também.

'E por que isto?' Karen diz.

Sigrid se inclina para a frente e tira um cigarro do maço na mesinha de centro. Sua mão magra treme levemente quando ela segura a chama do isqueiro até o cigarro e dá uma longa tragada.

"Ela estava louca", diz ela sucintamente e solta a fumaça. 'É por isso.'

'Louco? De que maneira? '

'Amargo, sempre irritante. Odiava todo mundo. Achei que ela pudesse me controlar, embora eu não more em casa há mais de dois anos. Isso é suficiente?'

'Dois anos? Você devia ser muito jovem quando se mudou. Ela estava realmente bem com isso?

“O dia em que fiz dezesseis anos. Eu não pedi permissão. '

Outra tragada; sua voz está mais relaxada agora. Parte do tom estridente desapareceu.

'E antes que você saiu? que fez mover para trás e para a frente após o divórcio, ou se você vive com sua mãe?' Karen pede e tenta pensar se seu chefe jamais mencionou nada sobre isso. Não, ela conclui, ele nunca falou sobre sua filha no trabalho, pelo menos não na minha frente. Apenas mencionou seu em passar uma ou duas vezes.

Sigrid dá outra tragada; desta vez ela sopra pequenos anéis de fumaça e observa enquanto eles sobem em direção ao teto.

'Eu me movia para frente e para trás. Tive que empacotar minhas coisas todos os domingos. E foi um inferno, caso você esteja se perguntando.

'Movendo-se para frente e para trás? É isso que você quis dizer?'

- Não, que os dois eram uns idiotas do caralho. Provavelmente sou a única criança no mundo que orava a Deus todas as noites para que seus pais se divorciassem. Acho que imaginei que as coisas melhorariam se isso acontecesse, mas pioraram; eles estavam sempre brigando e queriam que eu agisse como uma espécie de intermediário. Eles estão malucos, os dois - acrescenta ela, e apaga o cigarro violentamente no pires da xícara de chá meio vazia.

Como se percebesse que acabou de usar o tempo verbal errado sobre a mãe, Sigrid de repente parece confusa.

Karen e Karl sentem uma crescente sensação de mal-estar à medida que esta nova informação é absorvida.

Que o casamento de Jounas Smeed tinha sido tempestuoso e que as brigas continuaram após o divórcio era algo que eles preferiam não saber, especialmente em relação à investigação do o assassinato de sua ex-mulher.

E ouvir isso diretamente de sua filha enche os dois com a sensação de bisbilhotar algo com o qual eles não querem ter nada a ver. Como cheirar a roupa suja de alguém.

"Uma última pergunta", diz Karen. - Você tem ideia de quem pode querer machucar sua mãe? Alguém com quem ela teve problemas?

Sigrid olha para ela com ar resignado.

'Emitir? Além do papai, você quer dizer? Bem, apenas, tipo, todas as pessoas que ela conheceu.

- Alguém específico vem à mente?

'Não tenho a menor idéia do que ela levantou-se para ou que ela passou um tempo com. Como eu disse, nós tivemos praticamente nenhum contato nos últimos dois anos '.

Ela fica em silêncio e seus olhos marejam.

- Tudo bem, Sigrid - diz Karen. - Paramos de incomodá-lo por hoje, mas podemos precisar falar com você novamente.

Ela puxa um cartão de visita do bolso da jaqueta.

'Esse e meu numero. Se você pensar em algo, me ligue. Ou se você só quer falar ', ela acrescenta, sem realmente saber o que ela quer dizer com isso. Se ela estava olhando para ter um coração para coração, Sigrid Smeed dificilmente se voltam para um dos colegas de seu pai. E um de cobre, para arrancar.

Ela coloca o cartão em cima da mesa e se levanta. Quando Karl fecha a porta da frente para trás, Sigrid ainda está sentado imóvel no sofá.

Ela deveria trancar a porta, Karen observa.

20

Eles descem de elevador em silêncio. Ao saírem do prédio, eles notam três meninos de cerca de treze anos correndo para longe do carro de Karen como ratos.

'Goddamn crianças, porque eles não estão na escola?' exclama Karl furiosamente, estudando as letras felt-tip preto no pára-brisas: CUNTSTABLES CARALHO.

"A verdadeira questão é como eles nos localizaram, já que nem mesmo estamos dirigindo um carro de patrulha", rebate Karen.

Karl ri amargamente enquanto tenta apagar o texto com a manga do paletó.

- Qual é, aqueles pirralhos podem localizar um policial a um quilômetro de distância. Suponho que seja genético.

- Pare com isso, você está estragando sua jaqueta. E diminua o preconceito, sim?

Ela abre a porta e liga o limpador de para-brisa. Karl deslizou para o banco do passageiro; um leve cheiro de etanol se espalha pelo carro enquanto eles observam o limpador de para-brisa espalhar as letras pretas em lama cinza no para-brisa.

"Isso foi difícil", diz Karl após um minuto.

Karen acena em silêncio.

'Tem certeza que quer falar com Jounas sozinho? Talvez seja mais fácil se nós dois formos? '

'Obrigado, é bom oferecer, mas acho que seria melhor se eu fosse sozinho novamente. Não fomos muito longe ontem, ele foi. . . em estado de choque e não é particularmente fácil de conversar. '

Karl lança um olhar para ela.

- Você quer dizer martelado? Bem, eu certamente não o culparia se ele pegasse a garrafa. Eu sei que faria se alguém espancasse meu ex até a morte. Mesmo se ela fosse uma bruxa certa ', acrescenta; Karen se pergunta se ele está se referindo à própria ex-mulher ou a Susanne Smeed.

Ela decide que não faz diferença.

"Acho que ele não estava totalmente sóbrio", ela responde secamente. - De qualquer forma, vou tentar mais uma vez antes de aumentar a aposta. Afinal, também depende do que os outros descobrem. Vamos apenas esperar e ver onde estaremos no final do dia. '

Ela deixa Karl na Redehusgate, fora da estação. Um carro da estação de rádio pública está estacionado do outro lado da rua. Entre as portas traseiras abertas de uma van adornada com o logotipo da emissora pública de televisão de Doggerland, DTV, Karen avista um fotógrafo que ela reconhece como companheiro constante do repórter de TV Jon Bergman. Ele está apoiando um tripé contra a van enquanto descarrega sua câmera.

No momento em que Karl abre a porta do passageiro para sair, o próprio Jon Bergman aparece atrás da van da DTV. Ele imediatamente localiza Karen atrás do volante e define o curso para ela.

- Saia daqui, agora - sibila Karen para Karl. - E nem uma palavra para a mídia, está me ouvindo?

No momento em que a porta do carro se fecha atrás de Karl, ela desacelera, indo em direção a Odinsgate. No espelho retrovisor, ela vê Jon Bergman parado desamparado no meio da rua, olhando para ela por alguns segundos antes de se virar e correr para a estação atrás de Karl.

A decisão de Viggo Haugen de dar uma entrevista coletiva não estava aberta para discussão. Mas quando Karen informou a ele e ao promotor Dineke Vegen sobre a investigação após a reunião matinal, ele pareceu preocupado.

- Então você está me dizendo seriamente que ninguém viu ou ouviu nada? E você não tem ideia de quem fez isso?

'Está correto; até agora, não encontramos testemunhas nem motivos, mas ainda é o começo. Não se passaram nem vinte horas desde que fomos chamados para o local.

- E o que devo dizer na entrevista coletiva?

O chefe de polícia estendeu as mãos e olhou para Dineke Vegen, como se esperasse que ela o apoiasse em suas críticas. Mas o promotor o ignorou e, em vez disso, fez uma anotação em seus papéis.

- Bem, acho que você terá que contar a eles tudo o que sabemos, exceto o método e a arma do crime, obviamente - Karen respondeu. “Quem morreu, onde aconteceu, que não podemos descartar o assassinato, mas que não temos liberdade para divulgar mais detalhes. A porcaria de sempre - acrescentou ela antes de ser capaz de se conter.

Viggo Haugen deu a ela um olhar irritado, e Karen rapidamente tentou tirar a dor de suas palavras.

'Mas eu concordo que pode ser uma boa idéia para falar com a mídia em um estágio inicial. Ele poderia gerar informações valiosas do público.'

O que você sabe, minha língua já está ficando mais longa e mais marrom? ela pensou consigo mesma, oferecendo um sorriso conciliador.

Talvez seja, se não for bom, pelo menos necessário, dar uma entrevista coletiva agora, ela pensa, vendo as costas de Jon Bergman desaparecerem na estação. O fato de o chefe do CID estar intimamente ligado à vítima já é do conhecimento de todos os editores da cidade. Eles têm que informar a mídia sobre as medidas que estão tomando para manter Jounas Smeed seguro enquanto a investigação está em andamento. O que ela disse sobre dicas do público, por outro lado, é um tiro no escuro. A experiência anterior mostrou que qualquer pessoa com informações realmente valiosas geralmente entra em contato sem ser solicitada pela

mídia. O resto, por outro lado, é desencadeado por apelos de informação e vai onerar tanto as redes telefónicas locais como as esquadras do país. Tempo valioso será perdido conversando com pessoas solitárias e malucas sobre coisas que não têm nada a ver com a morte de Susanne Smeed.

*

Karen vira à esquerda na Odinsgate e depois à direita na Slaktehusgate em direção à Praça Packartorget.

Cerca de vinte pessoas estão espalhadas na escadaria do Museu Nacional, com os rostos voltados para o sol.

É realmente muito cedo para o almoço e ela não está particularmente com fome, mas ela percebe que deveria comer algo antes de seguir em direção a Thingwalla. Ver Jounas Smeed vai ser difícil o suficiente na melhor das circunstâncias; com baixo teor de açúcar no sangue, pode ser um desastre.

Ela estaciona na praça do lado de fora do mercado e entra pelas grandes portas, passa rapidamente pelos cheiros de café moído na hora, especiarias e pão e continua em direção à peixaria nos fundos. Aqui, engradados de arenque e camarão defumados disputam espaço com pilhas de diferentes tipos de ostras de casca áspera, cochos cheios de lagostas vermelhas

brilhantes, leitos de gelo onde o tamboril, o bacalhau e a cavala são empilhados ao lado do lobo e do arinca. Ela para para olhar seus olhos arregalados e bocas escancaradas e faz uma nota mental para comprar um bom pedaço de bacalhau para o fim de semana. Uma memória dos olhos vazios e mortos de Susanne Smeed passa por sua mente; ela continua em direção à seção de comida para viagem.

Dez minutos depois, ela se senta na escadaria do museu com uma salada de salmão e uma garrafa de água mineral. Ela protege os olhos com a mão e olha para a praça, onde ávidos vendedores de frutas e vegetais gritam para se fazerem ouvir acima da música clássica que sai dos alto-falantes. Depois de muita agonia, Dunker Town Council decidiu fazer alarde em mais um ano de música para o almoço em alguns dos locais de encontro mais importantes da cidade. A coisa toda começou como um dos muitos eventos organizados para o ano da Capital da Cultura, quando os partidos políticos da cidade competiram para apresentar sugestões criativas de como aumentar a disponibilidade de toda e qualquer forma de cultura. Ninguém pensava que haveria protestos estridentes quando os oradores fossem retirados no final do ano; no final, o conselho rolou e deixou o público triunfar. Consequentemente, por duas horas todos os dias, a música clássica ainda flui pela Packartorget Square. Qualquer tentativa de modificar ou modernizar o repertório foi rejeitado, no entanto; ninguém está disposto a pagar pelo direito de tocar música quando as obras mais de setenta anos de idade estão livres, de acordo com as leis internacionais de direitos autorais. Existem limites.

Karen fecha os olhos e ouve por alguns segundos algo que acredita ser Mahler. Mesmo que o sol esteja consideravelmente mais baixo no céu agora do que há algumas semanas, ainda aquece suas bochechas e testa. Mas uma nova crocância se insinuou pela ilha, como um lembrete suave, mas

insistente, de que se trata de um adiamento temporário; o verão definitivamente acabou e, em breve, fortes ventos atlânticos soprarão nas ilhas Dogger.

Ela abre a garrafa, toma um gole de água mineral e come o salmão defumado quente. Enquanto ela mastiga, seus pensamentos vagam para o encontro que a espera. Aparecer sem avisar na casa de Jounas novamente é uma aposta, mas seu plano é desarmá-lo antes que ele tenha a chance de levantar a guarda. Ele não vai gostar. Ao mesmo tempo, dificilmente pode ser uma surpresa para ele que ela esteja de volta tão cedo.

Dadas as estatísticas, ele deveria estar muito grato por ela ainda não o ter trazido para a delegacia. Em nove entre dez casos em que uma mulher é assassinada, o agressor é o marido ou o ex-marido. A questão é como os Jounas serão cooperativos desta vez. E que sóbrio.

21

Quando Karl Björken passa pela porta giratória da delegacia, ele ouve a voz familiar de Jon Bergman no compartimento atrás dele.

'Ei, Björken, você tem um minuto? Ei, espere, sim?

Sem se virar, Karl continua vivamente em direção aos elevadores, mas o jovem repórter do *The World Today* da DTV o alcança antes mesmo que ele possa apertar o botão. Eu deveria ter subido as escadas, ele pensa e olha para a mesa da recepção, onde o policial de plantão tenta apaziguar os jornalistas que aguardam impacientemente que os passes de visitantes sejam impressos. Círculos azul-escuros sob os braços da camisa do uniforme revelam que o sistema está piscando como de costume; o opróbrio alto da imprensa reunida é salpicado de palavras relacionadas à burocracia e à incompetência policial.

Um segurança de Gardia está bloqueando a porta do auditório principal, com os braços estendidos, fazendo o possível para evitar que um repórter criminal de *Kvellsposten* entre sem se registrar.

Karl ergue os olhos para o relógio acima da recepção: três para o meio-dia. Viggo Haugen provavelmente está andando nervosamente nos bastidores agora, esperando para fazer sua entrada, ansiosamente se perguntando por que o auditório ainda está vazio. Isso certamente está tendo um começo estelar, considera Karl Björken, e vira as costas para o desastre. O meio-dia é uma hora idiota para dar uma entrevista coletiva, de qualquer maneira. Pelo menos, é se você não pretende oferecer ao bando de repórteres farejadores de escândalos nada para afastar suas piores pontadas de fome na hora do almoço.

Mas, então, esta entrevista coletiva não vai oferecer nada de substancial em um sentido literal ou figurativo; Viggo Haugen é tão obstinado quanto ávido pela atenção da mídia; Karl agradece suas estrelas da sorte por não ter que participar do espetáculo inútil.

'A ex-mulher de Jounas Smeed é a vítima de assassinato? Você pode pelo menos confirmar isso? Vamos, já sabemos que é ela; Eu só preciso de uma confirmação oficial. '

Jon Bergman faz a pergunta enquanto olha para seu fotógrafo, que está lotando a recepção com os outros.

Aborrecido, Karl aperta o botão do elevador novamente e ergue os olhos para as telas acima das portas. Um elevador parece preso no quarto andar, enquanto o outro está subindo.

- Smeed foi suspenso? Como familiar ele tem que ser considerado suspeito, certo? Ou você já sabe quem é o assassino?

Jon Bergman tenta contornar Karl para chamar sua atenção. Ele respira rapidamente e continua.

'Você sabe que arma foi usada? Smeed deve ter uma arma de fogo, certo? Vamos, Björken, dê-me alguma coisa, está bem?

Karl escuta distraidamente o dilúvio de perguntas. Pela primeira vez, os detalhes ainda não começaram a vazar. Por respeito a Jounas, seus colegas parecem ter realmente mantido a boca fechada. Com alívio, ele nota que um dos elevadores finalmente parece estar descendo.

'Absolutamente', diz ele com um sorriso no momento em que as portas apitam e se abrem.

'O que? O que você quer dizer?'

Jon Bergman parece confuso.

- Ei, acho que eles vão começar aí agora. Karl acena com a cabeça em direção ao auditório onde o segurança deu um passo para o lado para deixar entrar a horda de jornalistas e fotógrafos impacientes. “É melhor você se apressar ou vai perder”, ele diz e sorri para o repórter quando a porta do elevador se fecha entre eles.

Enquanto o elevador sobe, Karl pega seu telefone e digita uma mensagem para Karen. Ele pressiona enviar assim que sai do elevador no terceiro andar.

Smeed vai receber visitantes muito em breve.

Evald Johannisen parece estar olhando fixamente para a tela do computador, mas Karl pode dizer por seus olhos vazios que seus pensamentos estão em outro lugar inteiramente.

- Tudo bem, Evald? ele diz e bate com o punho na lateral da mesa. - Sonhando acordado, não é?

Johannisen se assusta e, por um momento, uma expressão de raiva descontrolada distorce suas feições. Uma fração de segundo se passa, ele se recompõe, sorri amplamente e se recosta casualmente na cadeira do escritório.

'Olha quem está aqui; ela o deixou escapar ou você se libertou? '

- Acredite ou não, tenho permissão para correr um pouco livre. Você já viu Loots? Achei melhor verificar se ele tinha recebido uma resposta dos técnicos.

Evald Johannisen sacode a cabeça em direção à cozinha.

- Provavelmente na pausa para o café, como sempre. Para onde foi a patroa, então?

- Ela foi até a casa de Smeed. Como ela disse que faria esta manhã.

- Sim, aparentemente ela prefere vê-lo. . . devemos dizer em particular? Muito atencioso com ela, excelente potencial gerencial, se você me perguntar.

Karl Björken estuda seu colega e faz uma avaliação rápida. Johannisen está cansadamente descontente, como sempre, mas seu sarcasmo geralmente tem um pouco mais de sutileza. A nomeação de Karen Eiken Hornby como chefe interina do CID tocou claramente em um ponto sensível. Karl sente vontade de dizer algo sobre uvas verdes, mas decide não o fazer.

Ele gosta de Karen; apesar de sua falta de polonês social e uma ou duas idiossincrasias cansativas, ela sempre fez um bom trabalho. Por outro lado, ninguém quer ficar no lado errado da Johannisen. Ainda pior do que ter que aturar ouvi-lo batendo alguém estaria sabendo que ele estava criticando você pelas costas. Além disso, esta nova estrutura de poder é altamente temporário e cuidado deve sempre ser o princípio orientador quando se trata de política do escritório. Após o retorno do Smeed, Karen vai ser empurrado para baixo a

escada e ações da Johannisen vai subir novamente. Ele se instala em simplesmente atirando Johannisen um sorriso torto, que ele é livre para interpretar o que quiser.

'E você?' ele diz em uma tentativa de distrair e redirecionar. - Você e Astrid não iam ao local de trabalho de Susanne Smeed hoje?

- Sim, fomos, mas não apareceu muito. A gerente falou sobre como ficou arrasada com o que aconteceu, mas as pessoas que estavam lá não pareciam

ter trabalhado muito de perto com Susanne. Acho que vamos ter que tentar de novo. '

'Eiken e eu acabamos de conversar com a filha de Jounas, não temos muita sorte também,' Karl oferece. 'Era impossível arrancar dela qualquer coisa útil; ela parecia principalmente ressentida. '

'Sim, eu sei, tatuagens e piercing no nariz e no resto do olhar,' sorrisos Johannisen, parecendo que ele está tentando coaxial algo fora de entre os dentes com a língua.

'Oh, então você a conheceu? Tenho a impressão de que ela não tem muito contato com Jounas. '

- Isso é verdade, mas Erlandsen a apontou para mim na rua algumas semanas atrás e me disse que era a garota de Smeed. Pobre coitado! Primeiro todas aquelas coisas com a mulher dele e depois uma filha que parece uma drogada.

- *Todas essas coisas com a esposa* , o que você quer dizer?

Evald Johannisen enfiou o dedo mínimo na boca e agora está trabalhando laboriosamente no que quer que esteja claramente preso entre seus molares.

“Vamos, Björken”, diz ele, “com certeza metade de Doggerland sabe que Susanne Smeed fez da vida de Jounas um inferno por anos. E não apenas sua vida, se entendi bem as coisas; ela aparentemente se tornava um incômodo em todos os tipos de áreas. Não, não faltam inimigos ou motivos. Você está realmente fora do circuito, Charlie-boy? '

Com repulsa, Karl Björken observa seu colega limpar o dedo indicador nas calças; ele pode sentir sua irritação se intensificando.

"Bem", diz ele, encolhendo os ombros com indiferença na tentativa de diminuir o valor da notícia da declaração de Johannisen. - Eu sabia que ela não era nenhuma Madre Teresa, obviamente, mas acho que você vai ter que ser mais específico se quiser que os mexericos da aldeia revelem algo útil.

Evald Johannisen balança a cabeça lentamente e estala os lábios com um sorriso pesaroso.

'Regra número um para os policiais: nunca subestime a fofoca da aldeia. Nove em cada dez vezes, é aí que você encontrará a verdade. Mas tenho certeza de que nossa preciosa detetive e seu garoto Charlie serão mais do que capazes de desenterrar toda a sujeira sobre o chefe e sua família, em vez de me deixar servi-la em uma bandeja de prata.

Como de costume, Evald Johannisen faz seus comentários ofensivos com um grande sorriso, sempre pronto para recuar e dizer que estava apenas brincando se necessário. Mas Karl pode ouvir um novo tom na voz de Johannisen, algo que ele nunca tinha ouvido antes. Como se ele estivesse socando por baixo desta vez e soubesse disso.

"E tenho quase certeza de que você é profissional o suficiente para compartilhar qualquer coisa que saiba que possa ajudar na investigação", retruca Karl. 'Apesar de ser um idiota', ele acrescenta e nota que sua voz soa um pouco mais dura do que ele pretendia.

- Cristo, acho que você não está pronto para brincadeiras amigáveis, então. Charlie-boy está ofendido? '

Mais um sorriso, mas algo mais cruza seu rosto também, transformando o sorriso em um rictus dolorido.

- Não está nem a metade ofendido quanto você parece, Evald. Você deveria pelo menos dar uma chance a Karen. Ela não pediu exatamente a promoção

e ninguém aqui está gostando de bisbilhotar os assuntos particulares de Smeed.

Evald Johannisen não responde, apenas olha vagamente para o espaço.

Cansado. Karl estuda as olheiras sob os olhos do colega. Pálido e cansado. A amargura tem um custo, é claro.

'Você sabe tão bem quanto eu que temos que tratar os Jounas como qualquer outro perpetrador em potencial até que o caso seja resolvido', ele continua. - E isso inclui desenterrar todos os motivos concebíveis e detalhes desagradáveis. Karen entrevistando-o em particular em vez de arrastá-lo aqui é na verdade uma concessão cuidadosa.

- É o que você diz. . . Não tenho tempo para discutir com você ', Johannisen declara olhando para o relógio.

'Alguém aqui tem que se aproximar e encontrar o assassino, para que possamos ter o verdadeiro chefe deste

departamento de volta. Você também não tem um trabalho a fazer ou está aqui apenas como colírio para os olhos de sua majestade? Ai, puta merda! '

O rosto de Evald Johannisen se contorce e ele agarra o braço esquerdo com a mão direita. Em seguida, ele emite um som de chocalho e cai sobre a mesa. O tapa quando a testa do colega pousa no teclado é tão alto que Karl dá um pulo.

22

Ele está deitado em uma das poltronas reclináveis à beira da piscina. Seu corpo comprido está vestido com jeans e um suéter cinza de lã de ovelha; um boné de beisebol foi colocado como uma tampa sobre seu rosto e seus pés descalços pendem frouxamente na beirada da cadeira. Karen ouve roncos suaves quando se aproxima e pensa em como acordá-lo. Ela tenta bater os pés um pouco mais forte do que o necessário quando sobe os três degraus do deck de madeira. Limpa a garganta dela. Sem reação. Suspirando por dentro, ela caminha até a poltrona e estuda o homem adormecido. O ronco parou agora, mas fora as respirações longas e constantes que fazem seu estômago subir e descer lentamente sob a lã do cordeiro, não há sinal de movimento. Ela limpa a garganta novamente, um pouco mais alto desta vez.

- Você sempre gosta de um ladrão de gatos?

A voz inesperada sob o boné de beisebol faz Karen pular. Jounas Smeed ainda está deitada imóvel, mas agora ela vê um copo alto cheio de líquido efervescente e uma rodela de limão no deque próximo à poltrona.

Gim e tônica, ela pensa. Excelente.

Logo, uma mão se estende, dedos tateando no ar até que, eventualmente, eles encontram o que estão procurando e fecham o vidro. Em seguida, ele levanta o boné de beisebol, se apoia no cotovelo e esvazia o copo em três longos goles.

- Acalme-se, Eiken - diz ele, olhando para a expressão resignada de Karen. - Perrier e limão, nada mais. O

que você quer?'

'Você sabe o que eu quero. Nós precisamos conversar.'

'Cristo, não é minha coisa favorita de ouvir de uma mulher. . . '

'Chega de besteira. Você se importaria de se sentar direito? '

Inesperadamente obediente, ele se senta lentamente, esfrega os olhos com os pulsos e arrota alto.

'Desculpe. Gás ', diz ele, acariciando o estômago.

- Podemos entrar em casa? ela diz, acenando com a cabeça em direção à casa. 'A conferência de imprensa está quase no fim; haverá repórteres aqui a qualquer minuto. Eu me sentiria melhor falando lá dentro. '

'Tudo bem, então devemos absolutamente entrar em casa. É importante que ambos estejamos satisfeitos ', ele diz lentamente e se levanta. Ele fica parado por um momento, olhando para baixo em direção à garagem, e Karen nota que sua ameaça sobre a chegada iminente da imprensa surtiu o efeito desejado. Agora é hora de colocar o resto de sua estratégia à prova.

Ela o segue para dentro de casa sem dizer uma palavra e se senta no mesmo lugar da noite anterior. Jounas Smeed para no meio do caminho.

'Xícara de café?' ele pergunta, sacudindo a cabeça na direção da cozinha.

'Eu quero saber por quanto tempo sua pequena apresentação vai durar,' ela diz secamente. - Porque estou ficando muito cansado disso.

Ele se enrijece, mas não responde.

'Nós vamos?' diz ela, encontrando seus olhos sem piscar. 'Você quer que a gente tem uma boa conversa sobre o que aconteceu? Eu ficaria feliz de reservar cinco minutos por seus comentários desprezíveis, para que possamos começar a trabalhar.'

- Foda-me, você está de péssimo humor.

'Você está surpreso?' ela diz, firmemente segurando seu olhar. - Vim aqui para entrevistá-lo, o que você sabe que tenho de fazer, e você faz de tudo para sabotar isso. Mas tudo bem, vamos resolver tudo, então podemos seguir em frente. Quer que eu vá primeiro? '

- Tudo bem, chega, Eiken. . . '

A voz de Jounas de repente soa ameaçadora. Ou isso é um indício de insegurança que ela detecta?

"Foi isso que aconteceu", continua Karen. “Ficamos bêbados e tomamos decisões erradas. Certo, tenho apenas vagas lembranças de como chegamos ao hotel, mas, infelizmente, me lembro de toda a merda.

Realmente estúpido e desnecessário, e definitivamente não é memorável, então você se importaria de superar isso já? '

'Foi realmente tão ruim assim?' ele fala arrastado. - Porque me pareceu que você estava ...

- Já que você está perguntando, sim - ela o interrompe. “As partes de que me lembro eram incrivelmente maçantes e nunca mais vai acontecer. E se você se recusar a parar de fazer referência a isso, imagino que será pior para você do que para mim.

Ela pode vê-lo enrijecer e seus olhos ficarem vigilantes. Ele caminha lentamente até ela e se senta na beirada da mesa de centro. A cabeça dele está quase 30 centímetros acima da dela e ela se amaldiçoa interiormente por ter se sentado. Em seguida, ele balança a cabeça lentamente e sorri, como se estivesse esperando pelo que ela acabou de dizer.

- Você está me ameaçando, Eiken? ele ri. - Você vai alegar que não foi consensual? Que eu de alguma forma forcei você. . . '

- Pare com isso - ela rebate e se levanta tão de repente que ele precisa se inclinar para trás para evitar uma colisão.

Ela se afasta dele e cruza os braços.

'Foi completamente estúpido, mas, infelizmente, consensual em todos os sentidos. O que quero dizer é que não sou o único que fica melhor em deixar isso para trás.

'Isso está certo?'

- Sim, não acho que sua carreira seria ajudada por notícias de que você tem péssimo julgamento.

Hospedando-se em hotéis e transando com seus subordinados enquanto está embriagado. Acho que você perderia parte de sua credibilidade.

'Seu maldito cun-'

Ele interrompe de repente.

"Não, vá em frente", ela pede. 'Bota tudo pra fora! Por que você não fala um pouco sobre as feministas que precisam de uma boa trepada também, enquanto você está nisso; Tenho certeza de que isso faria você se sentir melhor. Não hesite em minha conta; Há quase quatro anos que ouço essas merdas.

'Eu pisaria com cuidado se eu fosse você', diz Jounas, levantando-se lentamente. - Não se esqueça de que serei seu chefe de novo assim que essa farsa acabar.

- Eu sei, mas agora você não está. E a menos que você tenha algo a esconder, é melhor você começar a cooperar. Quanto mais cedo essa investigação for encerrada, mais cedo você poderá voltar ao trabalho e começar a tornar minha vida um inferno. OK?'

Jounas Smeed foi até as janelas e está olhando para o jardim. Mesmo que ela só possa ver as costas dele, ela pode sentir que deveria parar de falar, que ela venceu. Só por agora, só esta rodada, mas é o suficiente.

Por fim, ele se vira e faz menção de falar, mas ela o antecipa.

- A oferta de café ainda está de pé?

Quinze minutos depois, ela coloca a xícara na mesinha de centro.

“Fale-me sobre Susanne”, ela diz.

'O que você quer saber?'

Sua voz está cansada agora, mas não hostil.

- Tudo, suponho. Comece com seu casamento. Como vocês se conheceram?'

Ele se inclina para trás com um suspiro pesado.

- Maio de noventa e oito, no casamento da minha irmã. Eles foram colegas de classe no ensino médio e mantiveram contato depois. '

- Então você conheceu Susanne antes disso?

- Claro, algumas vezes com Wenche, mas sou dois anos mais velho que minha irmã e me mudei para o exterior cerca de um ano depois que terminaram a escola. E quando voltei depois de alguns anos, Wenche já havia conhecido Dag, então eles provavelmente haviam se separado e não se viam tanto. Mas sim, eu a conheci algumas vezes antes. Antes que ela afundasse suas garras em mim.

Karen ignora seu tom amargo.

- Então eles mantiveram contato depois do colégio? ela diz. "Wenche e Susanne, quero dizer."

Ela faz uma nota mental para ir ver Wenche Hellevik o mais rápido possível.

'Eu acho, liga e desliga. O suficiente para ela ser convidada para o casamento, de qualquer maneira. Como mencionei, foi onde nos conhecemos adequadamente.

- Como era Susanne naquela época?

Jounas Smeed se inclina para trás e faz um gesto como se sugerisse que a pergunta é supérflua.

- Muito bonito, é claro. Sexy pra caralho. Mas isso foi então ', acrescenta.

Karen suprime um suspiro.

- Sorte sua, mas eu estava mais interessado em como ela era como pessoa.

'Naquela época? Feliz, fácil de lidar, sem reclamar.

A mulher ideal de Smeed, supõe Karen. Sexy, feliz e descontraída. Em breve ele também será grato e obediente.

'Então você teve um bom relacionamento? No começo, quero dizer.

Jounas dá uma risada curta. Um bufo amargo e sem tonalidade.

'Inicialmente? Claro, suponho que você possa dizer isso.

- O suficiente para se casar, de qualquer maneira.

- Sim, no outono seguinte. A história de sempre. '

- Susanne engravidou?

Ele concorda.

- Sim, algumas semanas depois. Não perdi tempo, tenho que admitir.

- São necessários dois, não é?

- Foi isso que ela afirmou.

Karen abandona o assunto. Ela não suporta ouvir a opinião de Jounas sobre cuja responsabilidade é garantir que não haja gravidez indesejada.

- E Sigrid é sua única filha? ela pergunta mesmo sabendo a resposta; deseja manter a pretensão de que esta é uma entrevista como qualquer outra.

"Sim", ele responde secamente. "Ela nasceu no final de janeiro."

Karen rapidamente olha para seu bloco de notas.

- O que daria cerca de oito anos na época do seu divórcio.

Jounas encolhe os ombros sem fazer comentários.

'Conversamos com Sigrid e ela nos disse que morou com você e Susanne até sair de casa.'

Ainda outro encolher de ombros; Karen se pergunta se pensar na filha está fazendo Jounas copiar sua linguagem corporal. Perguntas claras, ela lembra a si mesma, ou você não obterá nenhuma resposta.

- Ela disse que você e Susanne brigaram muito. Sobre o que eram as brigas?
'

'O que são brigas? Você também teve um casamento fracassado. . . '

Por um segundo, Karen está afundando, tateando em busca de algo para se agarrar, agarrando-se e agarrando-se, encontrando um ponto de apoio rude. Então ela ressurge.

"Não estamos falando de mim", ela retruca rapidamente e ouve a pulsação em seu pescoço, quase abafando as palavras. 'Por favor, apenas responda à pergunta.'

Ele lança um olhar resignado para ela

'Nós brigamos por tudo', diz ele. "Absolutamente tudo."

Karen estuda Jounas, cujos olhos parecem ter ficado presos no vazio diante de seu rosto. Ele balança a cabeça lentamente; ela espera até que ele continue.

'Nós brigamos sobre onde morar, onde ir nas férias e sobre Sigrid. Que escola ela deveria ir, quais atividades ela deveria fazer. E sobre dinheiro, é claro. E meu trabalho, principalmente sobre meu trabalho. Ou minha escolha de carreira, para ser mais específico.

Parece que ele está pensando no que acabou de dizer. Então ele ri.

- Bem, ser esposa de um policial não era o que Susanne imaginou quando se casou com alguém da família Smeed. Claro que ela estava furiosa.

Karen tenta se lembrar do que ouviu. Deve ter havido muitas sobrancelhas levantadas quando o filho de Axel Smeed evitou seguir os passos do pai, embarcando em uma carreira muito menos lucrativa e dificilmente adequada como oficial da lei. Mas sua lembrança da fofoca local é nebulosa. Ela se formou na academia no mesmo ano que ele se matriculou. Eles não se conheceram enquanto cresciam, Jounas e ela. Ela cresceu no campo, ele no centro de Dunker, escolas diferentes, círculos sociais diferentes, vidas diferentes, embora tivessem a mesma idade. Provavelmente tinham ido a algumas das mesmas festas, embora Karen não se lembrasse disso, e seus caminhos provavelmente se cruzaram em alguns dos bares que adotavam uma abordagem descontraída dos limites de idade. A cidade era pequena o suficiente para praticamente garantir isso.

Mas embora Jounas Smeed não tivesse deixado uma impressão na época, todos os ilhéus sabiam quem era seu pai. Axel Smeed e seu irmão Ragnar haviam aproveitado ao máximo a herança do próprio pai. Entre os

investimentos em terras e a exploração de propriedades de Axel e o escritório de advocacia de Ragnar, os

irmãos haviam multiplicado a fortuna. O envolvimento político de Ragnar e seus dois mandatos no parlamento também ajudaram; quaisquer obstáculos que não pudessem ser superados por meio do uso hábil de brechas legais sempre poderiam ser contornados por meio do uso igualmente hábil de conexões nos domínios da justiça e da política. A crença popular dizia que os Smeeds possuíam um terço da Heimö e metade da Frisel. Karen se lembra do que seu pai costumava dizer: 'O que os Smeed não possuem hoje, eles vão roubar amanhã.' E ela se lembra de como ele soou presunçoso ao telefone quando disse que o filho de Axel Smeed havia se matriculado na academia de polícia.

- Aparentemente, ele vai ser um policial, assim como você, Karen. Afinal de contas, não tão extravagante, o garoto Smeed.

Mas Susanne dificilmente ficaria surpresa com a escolha de carreira de Jounas; ele já deve ter se formado na academia quando se conheceram. Ela não sabia disso?

Jounas respondeu à pergunta antes que ela pudesse fazer.

'Só me matriculei alguns anos depois do colégio. Comecei e abandonei vários cursos na universidade antes disso; Eu não sabia o que queria fazer. Inscrever-se na academia foi provavelmente principalmente para se rebelar contra meu pai de alguma forma. Tornar-me policial estava o mais longe de seus planos para mim.

'Funcionou?'

'Eu acho. O velho ameaçou me deserdar e toda essa merda. O problema é que eu não era exatamente louco por isso. Gostei do treinamento, mas dos

primeiros anos de serviço. . . '

“Prendendo bêbados e atendendo a distúrbios domésticos”, diz Karen. - Não, também não foi exatamente esse o momento da minha vida.

- Pelo menos aguentei mais do que você: quase dois anos.

- Então, eu percebi.

'Mas então eu deixei a ilha.'

Karen fica surpresa. Ela não tinha ideia.

'O que você conseguiu fazer?'

"A versão curta?"

Karen acena com a cabeça.

“Viajei pela América do Sul e depois pelos Estados Unidos. Trabalhei fora dos livros em vários canteiros de obras e em bares na Califórnia e passei os últimos seis meses em Nova York. Acho que foi aí que tive uma pequena epifania e percebi que a perspectiva de viver de mãos dadas para sempre não era tão atraente. Então comecei a pensar em voltar para casa e me estabelecer de uma forma ou de outra. Simplificando, eu estava cansado de estar quebrado o tempo todo. '

- E então você decidiu ser policial. Escolha interessante. . . '

Eles sorriem em um momento de compreensão mútua.

- Não, primeiro voltei engatinhando para o papai. Prometeu esquecer todos os meus planos anteriores; meus anos na academia nem foram mencionados. Aparentemente, meu pai ficou mais envergonhado por eu estar viajando pela América do Sul e ficar chapado nos Estados Unidos. Então, em vez disso, comecei a estudar direito. Depois de um tempo, eles

me deixaram trabalhar mais no escritório de advocacia de meu tio, em troca da promessa de que eu terminaria meus estudos e ficaria à disposição de meu pai. Em outras palavras, nepotismo puro. E ele me deu bastante grana e comprou um grande apartamento em Freyagate.

Jounas se levanta de repente e olha para Karen.

- Se você vai insistir em vasculhar essa merda, vou precisar de uma bebida forte. Acho que não vale a pena perguntar se você quer um, não é?

'Desculpe, não', ela sorri. - Não posso exatamente beber no trabalho com meu chefe assistindo.

Ela diz isso como uma educação tática. Quer enfatizar que ela está ciente de que a atual inversão de papéis é temporária. Ele finalmente está começando a falar; ela não quer arriscar que ele se feche novamente.

“Boa, Eiken”, ele diz.

Ela acha que pode ver uma contração no canto da boca antes que ele se vire e saia da sala. Quando ele volta, Karen olha com inveja para seu copo embaçado, no qual pequenas bolhas estão efervescendo em torno de dois cubos de gelo e uma rodela de limão; desta vez é definitivamente um gin tônica. Ela quase pode sentir o cheiro do zimbro e o gosto amargo na língua quando Jounas toma um grande gole. Salada para o almoço e agora isso. Quantas semanas de vida limpa ela havia prometido a si mesma novamente?

'Vá em frente', diz ela encorajador. 'Você estava estudando direito e extra trabalhando para seu tio. Era que, quando você conheceu Susanne?

'Bingo. Eu tinha um par de anos de conformidade resignado sob a minha cintura, foi se aproximando rapidamente e meia e eu acho que a minha

guarda foi baixo. Foi quando Susanne afundado suas garras em único filho de Axel Smeed '.

- Então você foi apenas uma vítima trágica. . . Primeiro os caprichos do seu pai e depois os de Susanne?

Jounas a encara por cima do copo, mas continua.

“Acho que, na verdade, ela se considerava uma vítima”, diz ele com calma. “Ela estava procurando um advogado e encontrou um policial. Ela ficou muito decepcionada, isso eu garanto.

Ele sorri, satisfeito com sua referência a Edith Södergran, e Karen ri um pouco. Então ele conhece seus poetas nórdicos, ou pelo menos se lembra dos destaques da escola.

- E que expressão teve essa decepção?

- Bem, obviamente ela causou um grande pesadelo quando abandonei a faculdade, seis meses depois de nos casarmos. Eu estive infeliz por um longo tempo e no final simplesmente não agüentei mais. '

Jounas Smeed dá um gole em sua bebida; Karen espera em silêncio que ele continue.

'Papai e Susanne se revezaram tentando me persuadir a pensar novamente. Por um tempo, eles estiveram unidos em sua luta, mas quando o velho começou a ameaçar me deserdar novamente, ela se voltou contra ele também. E então ele nos informou friamente que estava vendendo o apartamento em Freyagate e que teríamos de nos mudar.

- Mesmo tendo um filho? Ele era tão insensível ou estava tentando assustar você?

- Bem, suponho que ele tenha sido insensível em seu caminho, mas entendi de onde ele estava vindo. Por que ele nos ajudaria financeiramente se eu me recusei a ceder aos seus desejos? De qualquer forma, eu não estava preparado para continuar com a lei só porque meu pai ou minha esposa queriam. Além disso, sempre suspeitei que meu tio estava bastante grato por se livrar de mim. Simplesmente nunca foi minha praia. '

- Então você optou por voltar para a aplicação da lei. Vestiu aquele uniforme de volta. . . '

'Eu fiz. Cumpri seis meses em Ravenby e mais alguns meses aqui em Dunker antes de anunciarem que estavam procurando um inspetor-chefe. O avanço não demorou tanto naquela época; todo ano havia outra reestruturação. '

- Mas Susanne não ficou feliz?

'Você está brincando? Um ano depois de nosso casamento, ela trocou uma cama de cinco em Freyagate por uma de duas em Odinswalla. Além disso, destruí qualquer perspectiva de uma carreira deslumbrante como advogado e desisti de minha posição como herdeiro do império de meu pai. Mal nos falamos durante um ano inteiro. '

- Mas você ficou casado por muito tempo depois disso?

- Pelo menos no papel. E às vezes funcionava bem. Continuei sendo promovido e mudamos de uma casa com duas camas para uma geminada em Sande. As coisas melhoraram, simplesmente. O problema é que nunca foi suficiente para Susanne. Ela nunca conseguiu superar o que poderíamos ter tido e que meus pais nunca nos convidaram. Mas, por alguma razão, ela absolutamente não queria se divorciar. E eu, da minha parte, também. . . Eu acho que percebi. . . '

Era prático, Karen pensou consigo mesma.

- Acho que devíamos esperar para nos separar até que Sigrid ficasse um pouco mais velha. Em retrospectiva, porém, me pergunto se essa foi a decisão certa ', diz ele desanimado. - Todas as lutas cobraram seu preço, infelizmente. Bem, você a conheceu - acrescenta ele, como se isso respondesse à pergunta.

- Não acho que haja nada de errado com Sigrid - Karen diz com cautela, ciente de que o menor passo em falso pode fazê-lo explodir de novo. - Ela parece um pouco zangada, mas talvez isso seja natural.

' *Um pouco irritado* . Tem certeza que a conheceu? Você viu a argola no nariz? Olhares miúdo como um touro sangrenta, se você me perguntar.'

'Eu não estou perguntando. Gostaria de saber mais sobre Susanne e o que aconteceu depois do divórcio. '

'O que você quer saber? Ela era uma cadela gananciosa e calculista. Não é o suficiente? '

Jounas derruba o último gole de seu G&T, coloca o copo na mesa com um pouco de força demais e confere o relógio. Karen o estuda, aparentemente calma; ela está longe de terminar com suas perguntas. Se eles não podem continuar a falar aqui e agora, até que ela tenha todas as respostas de que precisa, ela terá que trazê-lo para a delegacia, e ela prefere evitar isso o máximo possível.

- Tudo bem - ela diz e o encara fixamente. - O que ouvi é que seu relacionamento com Susanne era. . .

gelado. E, de acordo com Sigrid, o divórcio não melhorou as coisas. Posso perguntar sobre o que eram suas lutas naquele momento? Depois do divórcio, quero dizer.

“Ainda sobre dinheiro, é claro”, ele rebate. “Tudo girava em torno de dinheiro para Susanne. Era tudo com que ela se importava.

Karen pensa na casa de Susanne, comparando-a com a que está agora. Dois quartos em Langevik, estante laminado branco e sofá Ikea. Limpo e arrumado, mas a anos-luz desta gigantesca villa Thingwalla com seus tapetes orientais, arte valiosa e piscina. Aparentemente, seus olhos errantes denunciaram suas reflexões.

"É chamado de acordo pré-nupcial", observa Jounas. 'Justo como pode ser. Você tira o que trouxe. Nada mais.

- E ela ficou feliz em assinar um. Bem desse jeito?'

- Não, mas ela não teve muita escolha, não é? Nem eu, se quiséssemos um lugar para morar. O que era uma necessidade com uma criança a caminho. Foi ideia de papai do começo ao fim: sem contrato pré-nupcial, sem apartamento, sem mesada, sem emprego. Claro, eu poderia ter rasgado mais tarde, uma vez que tivesse cortado os laços com o velho de qualquer maneira. Deus sabe que Susanne me importunou sobre isso. Mas . .

. bem, suponho que não me senti inclinado a agradá-la. Acho que quase a levou ao limite.

- E quando você se divorciou. . . '

- Ela não tem nada. Zilch, além das poucas coisas que compramos durante nosso casamento. O que ela ganhava era dinheiro todo mês, um caminhão de dinheiro, posso garantir. Contribuições voluntárias; Não sou completamente sem coração. Pelo menos enquanto dividíamos a custódia de Sigrid. O dinheiro estava realmente lá para garantir que Sigrid tivesse um padrão de vida tolerável quando não estivesse comigo. Mas idiota que sou, nunca tive certeza de saber como Susanne gastou isso.

- Como ela gastou?

Jounas bufa e abre os braços, fazendo os cubos de gelo tilintarem contra a lateral de seu copo.

'Como eu deveria saber? Pedicuras, roupas e lipoaspiração e tudo o mais que vocês mulheres quiserem. E

viagens constantes: Tailândia, Nova York, Espanha. Acho que ela até conseguiu se espremer na Turquia.

E sapatos, Karen observa internamente.

- E a casa dela em Langevik, como ela conseguiu isso?

'Foi a casa de sua infância. Sua mãe estava morta quando nos conhecemos, mas seu pai morou lá até um pouco antes do divórcio, quando foi internado em um hospital. Portanto, a casa estava convenientemente vazia, apenas esperando Susanne se mudar.

Conveniente para vocês dois. Karen fica maravilhada com a capacidade de Jounas de pronunciar cada palavra que diz sobre Susanne como uma acusação implícita ou explícita. Nem mesmo agora, quando ela está morta, ele consegue conter seu desprezo.

- Então o pai dela estava no hospital. Ele morreu lá? '

Jounas dá de ombros, parecendo que perdeu o interesse.

- Sim, ele supostamente bebeu bastante e acho que seu fígado acabou cedendo. Mas não sei quase nada sobre os pais de Susanne; ela nunca quis falar sobre eles. Suponho que eles também não corresponderam às expectativas dela.

- Mais uma pergunta antes de eu ir. Como é que as suas impressões digitais foram encontradas na casa da Susanne? De acordo com os técnicos, houve

impressões recentes suas em vários lugares da casa dela.

Por um momento, ela acha que ele pode explodir. Ou implodir, mais parecido. Ela observa o rosto de seu chefe mudar de branco para vermelho. Então ele começa a rir.

- Então, Eiken, você está escondendo aquele pedacinho todo esse tempo, hein? Não confunda sua calcinha; não é tão excitante quanto você espera. '

“Por favor, responda à pergunta”, ela diz, cansada.

- Porque eu estava lá, é claro. Há uma semana, talvez um pouco menos.

'Por quê? Nada do que você me disse indica que você queria vê-la.

- Porque ela ligou. Afirmou que queria discutir sobre Sigrid e que era importante. Eu estava relutante, obviamente, mas ela insistia que devíamos poder falar sobre nossa filha sem brigar, que ela havia descoberto algo que a deixava preocupada. E ela realmente parecia preocupada, então. . . '

Ele se interrompe.

- Então você foi lá? Karen diz em dúvida.

'Sim', ele fole. 'Mas você não pode porra imaginar o que é, que a preocupação com o seu filho pode fazer você colocar todas as outras coisas de lado.

Há um zumbido em seus ouvidos; ela está em queda livre. O zumbido se transforma em um rugido alto, fazendo as palavras de Jounas soarem remotas e estranhas.

- Mas posso te dizer, Eiken, que por Sigrid, eu faria coisas consideravelmente piores do que conversar com uma cadela maluca. Porque ela estava tão brava como sempre. Tudo o que ela tinha era a reclamação de sempre sobre como Sigrid deveria estudar em vez de trabalhar em um bar, e

então algo sobre o namorado, que Susanne aparentemente não aprovava. De acordo com ela, ele gosta de todos os tipos de coisas duvidosas, roubo e drogas e tudo o mais que ela possa imaginar. E de repente, era incrivelmente conveniente que eu fosse um policial. Ela virtualmente exigiu que eu colocasse a vigilância sobre o menino e previsivelmente perdeu o controle quando me recusei a obedecer.

Karen está ouvindo com a cabeça baixa e os olhos fechados enquanto o rugido diminui lentamente e o som da voz de Jounas retorna.

'. . . então eu saí e não a vi ou ouvi falar dela desde então. E eu também não a matei, embora eu tivesse razão e um forte desejo muitas e muitas vezes.

Ela fica em silêncio por mais alguns momentos, dizendo a si mesma que não deve chorar, ainda não, não até que ela saia de casa. Em seguida, ela exala lentamente e se levanta com as pernas dormentes. Ela tem que sair antes que ela desmorone.

“OK”, ela diz. - Vou embora, então.

'Bem desse jeito?'

'Bem desse jeito. Entrarei em contato. '

Ela apenas faz isso.

*

Pelo menos ele não está fingindo, conclui ela, depois de enxugar o rímel sob os olhos com guardanapos de papel e dar partida no carro.

Ele não sabe nada sobre mim. Ele não pode ter falado sério.

Mas ele ainda é um idiota, ela acrescenta, lembrando do tom rancoroso que Jounas Smeed costumava falar sobre sua falecida ex-mulher. A maioria das pessoas evita falar mal dos mortos; em todas as investigações em que Karen

trabalhou, mesmo os criminosos mais endurecidos sempre foram retratados como cordeirinhos doces assim que saíram desse invólucro mortal. Na verdade, ela não consegue se lembrar de ninguém expressando tal desprezo indisfarçável por um parente morto. Ou ódio, na verdade. Será que ele a odiava o suficiente para dirigir até lá uma última vez para espancá-la até a morte? Ela não pensa assim; se fosse esse o caso, ele provavelmente teria feito questão de minimizar seus sentimentos em relação a Susanne. E ela não encontrou um motivo concreto. Pelo menos ainda não.

Infelizmente, eu sei exatamente onde aquele bastardo estava ontem de manhã, ela pensa com tristeza e vira à direita na Valhallgate. Na verdade, Jounas Smeed tem algo incrivelmente raro: um álibi à prova d'água, pelo menos até as sete e vinte. Mas depois disso? Segundo suas próprias informações, ele só saiu do hotel às nove e meia, mais de duas horas depois, "uma ressaca propriamente dita". Esse último ponto, ela acredita. Ela tem que encontrar algo para verificar suas afirmações, a menos que queira ser a única a lhe dar um álibi durante parte desse tempo.

Ele não falava com ninguém, a não ser com um morador de rua da praia. Bem, ele dificilmente poderia ter encontrado uma testemunha menos confiável se tivesse tentado, e provavelmente impossível rastreá-la. E, assim como quando ela escapou do hotel, a recepção não estava ocupada; que nem fortaleceu nem enfraqueceu suas reivindicações. Se ela tivesse sorte, alguém estaria lá, embora Jounas não os tivesse visto.

Ela teria que verificar isso, hoje. Querido Senhor, deixe alguém corroborar suas afirmações, ela pensa; se forem verdadeiras, podem descartá-lo e ninguém jamais precisará saber onde ele passou a noite. Ou com quem. Se ele saiu do hotel quando disse que saiu, simplesmente não poderia ter matado Susanne. Por outro lado, uma voz irritante em sua cabeça

interrompe: se ele saiu do hotel logo depois de mim, ele teria tido tempo suficiente.

Seus pensamentos são interrompidos quando ela para em um sinal vermelho e seu telefone toca, fazendo-a pular. Ela remexe em sua bolsa com uma das mãos enquanto mantém os olhos nas luzes. Na hora que passou com Jounas, seu telefone tocou quatro vezes; ela recusou as ligações assim que viu o número. Jon Bergman.

Claramente, o departamento de mídia fez seu trabalho, desviando a atenção dela, mas Jon tem seu número direto. Olhando para a tela, ela está convencida de que o nome do repórter piscará novamente. Em vez disso, lê Karl Björken; ela atende imediatamente.

- Ei, Karl, ela diz. 'Alguma novidade?'

Ele não perde tempo com cumprimentos.

"Johannisen está fora", diz ele com os dentes cerrados. "Ele teve um ataque cardíaco."

23

Karen olha para a prateleira superior em sua vertente da ferramenta com uma pontada de culpa.

A satisfação que sentiu depois de selar todas as sete janelas do andar térreo da casa principal foi substituída pela derrota. Todo o primeiro andar ainda precisa ser consertado; a casa vai ficar muito fria neste inverno, a menos que ela resolva logo. Um pouco de calafetagem não é suficiente. Cada janela deve ser idealmente retirada, cada moldura limpa de tinta velha, preparada, seca e finalmente pintada com tinta a óleo azul.

Pelo menos há muita tinta, ela observa. Por alguma razão, seu falecido pai aparentemente sentiu necessidade de manter um estoque de cerca de dez baldes grandes, que ainda estão alinhados ordenadamente, embora de forma reprovadora, na prateleira à sua frente. Ele provavelmente os adquiriu de alguém que colocou as mãos em alguns baldes 'o primo de alguém encontrou em algum lugar'. Walter Eiken foi incapaz de perder uma oportunidade dessas. Sempre cuidado para não estar diretamente envolvido quando um carregamento de algo

'caiu da parte de trás de um caminhão', mas sempre pronto para entrar em ação em um estágio posterior da cadeia de abastecimento. Os genes Noorö de Walter Eiken nunca triunfaram decisivamente sobre o que ele herdou do lado materno, o que equivalia a um mínimo de retidão, a casa em Langevik e os direitos de pesca que vieram com ela. O que foi o suficiente para mantê-lo do lado certo da lei pelos últimos quarenta anos de sua vida.

Karen examina as prateleiras, bancada de cavalete, paredes e chão novamente, sem encontrar o que está procurando. Se também não está aqui, ela deve ter emprestado a alguém. A questão é para quem.

Com um suspiro irritado, ela empurra a porta do galpão de ferramentas e gira a trava de madeira.

Lentamente, ela caminha pelo gramado e pega o ancinho descartado no chão.

Ela faz uma pausa, segurando a comprida maçaneta de madeira, e olha ao redor de seu quintal, estudando cada construção com a expressão de uma mãe olhando para um filho delinquente. Tanta ternura e amor -

tantas preocupações. Todas as coisas que ela deveria fazer. Os restos de uma telha de telhado caída estão em uma pilha debaixo da janela da cozinha - ela sabe muito bem que assim que uma das telhas se for, mais irá em breve. Embora ela não possa ver daqui, ela sabe que a parede norte da casa de hóspedes é uma visão lamentável. E ela sabe como deve ser.

Ela se move lentamente de volta para a casa, pega um cacho de frutas da grande sorveira do lado de fora da janela da cozinha e estuda sua cor. Ainda não chegou a hora, mas assim que a primeira geada chegar, ela fará questão de preparar algumas garrafas de amargo. Isso ela está disposta a fazer. Todas as outras coisas que -

de acordo com as notas meticulosas que sua avó lhe deixou - devem ser colhidas nesta época do ano, ela está planejando deixar para a Mãe Natureza. Sofá comum e polipódia, bolsa de pastor, cogumelos de cordeiro da floresta, searocket e rosehip. . .

Ela faz uma pausa e olha para baixo em direção à amoreira-da-praia ao lado da casa de hóspedes. Talvez ela devesse escolher alguns dos quadris, afinal. É realmente difícil jogar alguns punhados em uma panela e fervê-los? E seque o resto. Talvez no próximo fim de semana.

Karen encosta o ancinho no tronco da sorveira. Não adianta colocá-lo de volta no galpão antes que as folhas caiam. Além disso, é útil para juntar bagas de sorveira. Mas isso fica para outra hora. No momento, ela deveria estar ligando para perguntar: 'Você pegou meu quebra-cabeça emprestado?'

Ela faz uso superficial do raspador de botas no degrau da frente antes de abrir a porta da frente e notar com outro suspiro pesado que as dobradiças precisam ser lubrificadas.

*

Enquanto a cafeteira emite alguns chocalhos finais, Karen examina o pacote achatado na mesa da cozinha.

Claro que ela não vai tentar caçar o maldito serrote esta noite. Na verdade, já faz tanto tempo que ela não viu que poderia estar em qualquer lugar. Talvez ela devesse simplesmente dar uma passada em Grenå no caminho do trabalho para casa amanhã e comprar um novo. Vai estar frio, mas até que ela possa instalar a aba do gato, ela vai ter que viver deixando a janela da cozinha entreaberta.

Devo pelo menos abrir a caixa e estudar a construção. Meça exatamente onde colocá-lo agora e descubra como instalá-lo. Ou mesmo desça ao porão e procure a porcaria de serra ali.

O pensamento é tão desagradável que ela pensa em ligar para a mãe. Surpreendendo-a com uma ligação extra além da obrigatória todos os sábados de manhã. Ser uma filha melhor do que tem sido nos últimos tempos. . .

Nesse momento, ela é atingida por uma ideia, tão óbvia quanto incompreensível. Por que ela não pensou nisso antes? Ela rapidamente

coloca o pacote de aba de gato no chão, enche sua grande caneca de café e adiciona um pouco de leite, senta-se à mesa e pega o telefone.

'O que está errado?'

A voz de Eleanor soa tão tensa quando ela pega Karen que fica cheia de culpa. Ouvir dela é claramente tão inesperado que provoca uma reação de medo em sua mãe.

- Não, não - ela a tranquiliza. - Só queria perguntar se você sabe. . . '

Ela instintivamente se esquiva de seu verdadeiro propósito ao ligar e procura uma alternativa. Algo que uma boa filha ligaria para a mãe para perguntar.

'. . . o que fazer com as roseiras. '

Há alguns segundos de silêncio antes que Eleanor fale novamente.

- As roseiras? ela diz em descrença. - Você quer saber o que fazer com as roseiras?

'Sim . . . Não me lembro se você deve limpá-los primeiro ou fervê-los com penugem e sementes.

- E você está ligando para sua velha mãe para perguntar em vez de usar a internet?

A voz do outro lado soa tão divertida que Karen se arrepende de pedir uma fração de segundo. Horrorizada, ela percebe que involuntariamente voltou ao seu tom de adolescente taciturno.

- Bem, *desculpe-me* por perguntar.

Isso faz Eleanor Eiken, que dedicou mais de mil milhas entre si e quarenta anos de tarefas domésticas, rir com vontade. Então ela limpa a garganta e

continua em um tom mais maternal.

- Você pode fazer qualquer um, mas se não limpar, terá que coar depois, é claro. Use a peneira chinois que está pendurada na parte de trás da porta da despensa. Aquele que não cabe nas gavetas.

'Ok, obrigado. Como vão as coisas de outra forma? Como você está e. . . Atormentar? Sem novas doenças? '

Karen agradece a sua estrela da sorte por conseguir se lembrar do nome dele. Eles ainda não foram apresentados, mas provavelmente é apenas uma questão de tempo antes que Eleanor apareça em sua porta com sua nova amiga. Não há dúvida de que sua mãe se apaixonou na velhice; Karen a ouviu falar de Harry Lampard desde o momento em que ele se mudou para sua cooperativa na Costa del Sol, na Espanha, no ano passado. Agora, eles parecem estar passando todo o tempo juntos.

- Desde sábado, você quer dizer? Eleanor ri. 'Na verdade não. Mas por que você não vai em frente e me diz por que realmente está ligando? Você sabe, uma ovelha conhece seu cordeirinho. . . '

Karen suspira e toma um gole de café.

- Você se lembra de Susanne Smeed?

'Susanne? Claro que me lembro dela. Não é uma pessoa legal, se você me perguntar. Não é uma das pessoas de quem sinto falta aqui. Por que você pergunta?'

- Ela morreu há alguns dias.

Há um breve silêncio.

'O que você está dizendo? Ela tinha a sua idade.

"Três anos mais jovem, na verdade."

- Isso é terrível, e aqui estou eu, falando mal dos mortos. Foi câncer? Foi preciso o pai dela, eu acredito. Ou -

Eleanor abaixa a voz - ela se matou?

'Por que você perguntaria isso?'

- Bem, às vezes coisas assim acontecem na família. A mãe de Susanne era uma mulher ansiosa e, segundo os boatos, ela se matou. Mas eu não sei disso com base em boa autoridade. Os Lindgrens nunca fizeram realmente parte da comunidade. Sendo estranhos e tudo. '

Karen respira fundo.

“Susanne foi assassinada”, diz ela.

Eleanor Eiken não é uma sensacionalista, mas o anúncio de Karen atrai um suspiro audível.

Há um leve tremor em sua voz quando ela continua.

- Foi o rapaz Smeed?

Karen fica quieta por alguns segundos. Então ela pergunta, tão neutra quanto ela é capaz:

- Por que você acha que foi ele?

'Bem, eles eram como cães e gatos, todos sabiam disso, quer quisessem ou não. Seu pai sempre disse que não deve ser fácil viver com um Smeed, mas estou lhe dizendo, ser casado com a pequena Susanne não deve ter sido um passeio no parque também. Havia algo errado com aquela garota, não me importo de dizer a você, embora ela possa estar morta agora. Acho que percebi que Jounas finalmente teve o suficiente. '

"Eles estão divorciados há quase dez anos."

'Sim, você está certo; boba eu. Então quem era, você sabe?

Karen decide não ligar para a mãe sobre sua confusão fingida.

'Ainda não. Mas é só uma questão de tempo ', ela responde, desejando ter conseguido parecer um pouco mais confiante. “Estamos mapeando a vida de Susanne no momento. É por isso que estou me perguntando o que você pode saber. Você costumava controlar as coisas na aldeia.

'Oh, não, querida, eu nunca fui uma fofoqueira,' Eleanor diz afetadamente.

- Só quis dizer que você morou aqui muito tempo e conhecia a maioria dos habitantes locais. Você deve ter conhecido os pais de Susanne.

'Nós vamos. Todo mundo sabia *sobre* eles, é claro. Mas isso não é a mesma coisa que *conhecê*—los. Eles eram estranhos, como você sabe e. . . bem, você sabe como é. '

'Forasteiros? De onde eles são? '

'Suécia, de todos os lugares. Mas a mãe de Susanne era neta de Vetle Gråå; você se lembra dele, não é? Não, claro que não, mas tenho certeza que você já ouviu falar dele; ele costumava ser proprietário de muitas terras. Floresta e pastagem. Bem, de qualquer forma, eles herdaram a propriedade do velho, então acho que eles pertenciam aqui de certa forma. Do contrário, provavelmente não teriam sido aceitos, porque eu nunca soube como eles ganhavam a vida. Não era ovelha ou pesca de qualquer maneira. '

- Por que eles se mudaram para cá em primeiro lugar?

- Nossa, bem, eles viveram na Fazenda Lothorp durante os primeiros anos, se bem me lembro. Não apenas os Lindgrens, aparentemente outras pessoas se mudaram para cá também, em busca de uma nova vida. Mas apenas os Lindgrens ficaram.

Suas palavras despertam uma memória de infância. Rumores sobre o culto de Lothorp sobreviveram entre os filhos de Langevik. Fascinada e assustada em partes iguais, Karen ouvira as histórias das crianças mais velhas sobre o que costumava acontecer lá em cima: rituais secretos e sacrifícios de crianças a deuses pagãos. E a parte mais assustadora: que todos os membros do culto estavam mortos agora e assombravam o lugar.

Como adulta, ela está surpresa mais do que tudo. Por que Langevik atrairia pessoas em busca de uma nova vida? Por que alguém se mudaria para cá voluntariamente?

'Mas tudo isso aconteceu quando ainda estávamos em Noorö', diz Eleanor. "Quando nos mudamos para Langevik, aqueles fazendeiros ao luar já haviam desistido há muito tempo."

Karen acena com a cabeça. Embora ela sempre se considere uma nativa de Langevik, seus primeiros anos foram passados na costa oeste de Noorö, varrida pelos ventos, de onde seu pai era natural. Ela não tem nenhuma memória daquela época; tudo o que ela sabe sobre isso é baseado no que sua mãe disse a ela. Não foi até Walter Eiken, como o filho mais velho, herdar a casa de seus avós em Langevik que sua esposa viu uma chance de escapar da ilha odiosa para sempre. Eleanor Eiken, nascida Wood, não se importava de estragar as mãos limpando peixes ou de passar noites consertando redes mastigadas, mesmo sendo filha de um médico de Ravenby. Foi a mescla hipócrita de ilegalidade e religiosidade em Noorö com a qual ela não conseguiu se reconciliar. Eleanor não era criminosa nem particularmente religiosa, e também não queria que sua filha o fosse. Pôr uma distância decente entre ela e a família do marido melhoraria consideravelmente a qualidade de vida de Eleanor. A sogra, em particular, melhoraria muito com a distância. E embora o clima na costa leste de

Heimö fosse frequentemente severo, não era nada comparado com a costa noroeste de Noorö.

Ela contou tudo isso ao marido, acrescentando que, se ele insistisse em ficar em Noorö, agora que eles finalmente tinham a oportunidade de ir embora, ele também deveria começar a procurar outra esposa. E fosse porque Walter Eiken levou a sério o ultimato da esposa ou porque ele estava pronto para tentar algo novo, eles se mudaram para Langevik. Era 1972 e Karen tinha três anos. E a comuna na Fazenda Lothorp sobreviveu apenas em histórias de fantasmas contadas pelas crianças locais.

Em outras palavras, eles perderam o início da vida da família Lindgren em Langevik, mas certamente havia algo que sua mãe poderia lhe contar sobre Susanne.

Em resposta à sua pergunta não formulada, Eleanor acrescenta:

“Para ser sincero, não me lembro de Susanne quando criança. A aldeia estava repleta de crianças, não tínhamos tempo para prestar muita atenção a todas elas. Mas, considerando como seus pais eram vistos, posso imaginar que ela passou por momentos difíceis. Tenho certeza de que você sabe mais sobre isso do que eu. Afinal, você estudou na mesma escola.

“Ela era três anos mais nova e morava do outro lado da aldeia, então minhas lembranças dela são bastante vagas. E mais tarde, o que você lembra dela quando adulta? '

- Não muito, na verdade. Ela saiu de casa mais cedo e então se casou com alguém da família Smeed. Acho que não a vi nenhuma vez durante esses anos. Mas houve conversa, é claro.

'O que as pessoas disseram?'

- Que ela se casou, naturalmente. Inveja, principalmente. Mas como diziam quando eu era jovem: “Casar rico pode custar caro”. Bem, talvez todos devêssemos prestar mais atenção a esses ditados antigos, 'Eleanor ri. 'Não que Harry é tão *muito* rico, não é isso que eu quis dizer. Bem, não que estejamos planejando nos casar, por falar nisso. . . '

Karen observa que sua mãe passou a tagarelar nervosa apenas para ficar abruptamente em silêncio, como se de repente percebesse que seu tom leve contrastava fortemente com o assunto em questão.

- E depois que ela se divorciou e voltou para casa, foi mais ou menos na mesma época que todas as outras coisas aconteceram. . . Tínhamos o suficiente em nossos pratos. Bem, você sabe disso tão bem quanto qualquer pessoa ”, acrescenta ela.

Sim, Karen pensa consigo mesma. Eu sei disso muito bem.

24

Quando eles se sentam na sala de conferências mais uma vez, o clima é sombrio.

Falando com a esposa de Johannisen ao telefone na noite anterior, Karen foi informada de que não tinha sido um ataque cardíaco, mas sim um caso grave de angina. Os médicos recomendaram repouso e medicação.

Agora, ele está se sentindo relativamente bem, sua esposa disse a ela. Assim como Harald Steen, Karen observa, mas Johannisen deve ser pelo menos vinte anos mais jovem.

Quando ela informou Viggo Haugen sobre a emergência de saúde de Johannisen e a iminente licença médica meia hora antes, ele parecia ainda mais preocupado do que o normal.

'Isso não poderia ter vindo em pior hora, mas posso transferir pessoas de outro lugar.'

- Obrigado, posso aceitar isso, mas do jeito que as coisas estão, não seria muito útil ter um monte de gente correndo por aí.

Ela se preparou para resistir às tentativas dele de persuadi-la a expandir o grupo. Em vez disso, ela ficou surpresa com a resposta fácil de Haugen.

“Bem, você está encarregado da investigação”, ele disse. - A decisão é sua, Eiken.

A explicação para isso veio quando o chefe de mídia Johan Stolt veio procurá-la no departamento.

Aparentemente, a coletiva de imprensa foi uma experiência decepcionante para todos os envolvidos. Após a análise inicial dos fatos e um punhado de perguntas subsequentes que ele não conseguiu responder, o interesse dos

jornalistas em falar com o chefe de polícia era inexistente e suas reclamações sobre o fato de ninguém em uma posição operacional estava disponível para eles tinha crescido estridente. Os representantes das várias agências de notícias deixaram o auditório resmungando, jogando os crachás de visitante na mesa da recepção, descontentes. Uma declaração à imprensa teria sido tão útil. Eles cancelaram as reuniões de almoço e não ouviram nada.

“Acho que você vai ter que começar a se preparar para ter algum nível de contato com a mídia, afinal”, Johan Stolt disse a ela com uma expressão resignada no rosto.

Ela o encarou com ceticismo, e não apenas porque sua escolha de roupas tinha sido uma jaqueta de tweed xadrez dupla.

'Eu? Mas Haugen foi extremamente claro sobre eu não falar com a mídia em nenhuma circunstância. '

- Bem, ele mudou de ideia. Eu suportarei o peso disso, então teremos que manter contato próximo sobre quais informações podemos tornar públicas. Mas se fizermos outra entrevista coletiva, você será necessário.

Você já teve algum treinamento de mídia? '

Por enquanto, o chefe de polícia recuou para lamber suas feridas após sua conferência de imprensa confusa, mas é um adiamento temporário. Ele vai me tirar do caso, Karen percebe. A menos que esclareçamos tudo de maneira precisa, Viggo Haugen vai colocar outra pessoa no comando da investigação e me tornar o bode expiatório.

Ela faz uma pausa na porta da sala de conferências e olha ao redor da mesa onde sua equipe e o chefe de mídia já ocuparam seus lugares. Ela hesita por

alguns segundos, então continua passando pela cadeira do meio que ela escolheu no dia anterior e naquela manhã.

Minha investigação, minha responsabilidade, ela diz a si mesma e se senta à cabeceira da mesa.

- Estão todos aqui? ela diz e olha para o grupo. - Cornelis, você se importaria de fechar a porta?

Cornelis Loots empurra a porta e se senta ao lado de Astrid Nielsen. Os dois oferecem toda a atenção de Karen, enquanto Karl Björken se ocupa com canecas e cafeteiras. Há um prato de sanduíches secos na mesa

novamente hoje. Desta vez, presunto cozido e pimentão, ela observa, olhando com um calafrio enquanto Karl despeja um pouco do café aguado em sua caneca.

Ela rapidamente relata o que foi contado pela esposa de Evald Johannisen e espera que nenhum alívio que ela sente por não ter que lidar com ele enquanto eles avançam se mostre em seu rosto.

“Eu irei, é claro, manter contato com a esposa de Johannisen; ela prometeu me manter informado sobre o estado dele, mas a cirurgia só vai acontecer amanhã, a menos que haja algum desenvolvimento agudo.

"Talvez devêssemos enviar flores", acrescenta Astrid Nielsen.

Karen suspira interiormente: por que ela não pensou nisso?

- Ótima ideia, vamos fazer dessa a primeira tarefa de Björn Lange - diz ela rapidamente com um aceno de cabeça para Cornelis, que obedientemente faz uma anotação. 'Certifique-se de que ele compre algo considerável e obtenha um cartão que todos possamos assinar.'

Então ela se vira para Johan Stolt. Eles concordaram que ele participará da reunião de hoje, mas participará apenas quando necessário, por exemplo, no caso de um grande avanço, depois disso.

- Alguma coisa da coletiva de imprensa que o grupo precisa saber? ela pergunta.

'Na verdade, não. O chefe de polícia repassou os fatos básicos e isso era praticamente tudo o que tínhamos a dizer. Recebemos as perguntas inevitáveis: como isso aconteceu, que arma foi usada, Jounas Smeed é um suspeito, existem outros suspeitos. . . '

'E o que você disse?' Karl Björken pergunta.

Johan Stolt solta um suspiro resignado e sorri.

- Infelizmente, não podemos entrar nisso, por razões técnicas, é claro. Mas isso dificilmente impedirá os jornalistas de tentar obter as respostas por outros meios. Tentei falar com Smeed o dia todo para saber se eles apareceram na casa dele, mas não consegui falar com ele. Talvez devêssemos avisar a filha dele também, se ainda não o fizemos. Mas temos que ter cuidado nisso ', acrescenta Stolt. "Não podemos dar a impressão de que estamos tentando amordaçar pessoas que não trabalham para a polícia."

“Já falei com Jounas”, diz Karen, “e ele sabe o quê. Mas não avisei a filha, embora ela não me pareça tagarela; dificilmente o tipo de entrevista que diz tudo.

- Ela pode precisar do dinheiro. . . '

- Claro, e não podemos impedi-la. Mas talvez devêssemos avisá-la, para seu próprio bem, para que não seja pega desprevenida. Sempre há o risco de que sitiem o prédio dela, se estiverem desesperados o suficiente.

Você se importaria de dar a ela um anel, Karl? Assim que terminarmos aqui, se possível?

Ele acena em silêncio.

- Tudo bem, chega de falar nisso. Já que Evald não está aqui, talvez você possa nos contar sobre sua visita a.

. . ' Karen consulta suas anotações, '. . . a casa de repouso Solgården ', ela diz e se vira para Astrid Nielsen.

Astrid Nielsen faz um relato autoconfiante da reunião dela e de Evald Johannisen com a gerente de Solgården, Gunilla Moen, que lhes disse que Susanne Smeed havia trabalhado na casa de saúde como assistente administrativa, com funções como folha de pagamento e gerenciamento de faturas de compras, por quatro anos. Pelo que Gunilla Moen sabia, Susanne tinha sido secretária em uma empresa de arquitetura antes disso, mas foi demitida quando a empresa se mudou para o Reino Unido. Mas Gunilla Moen não tinha 100 por cento de certeza; ela trabalhava em Solgården havia pouco mais de um ano e "herdara" Susanne Smeed, como ela mesma dizia.

'Tanto Evald quanto eu tínhamos a forte impressão de que ela não gostava de Susanne, mas era impossível fazer com que ela dissesse algo abertamente negativo', diz Astrid Nielsen. - Mas, então, ela ficou chocada ao saber o que tinha acontecido, é claro, então foi um desafio extrair algo útil dela.

- Você falou com outra pessoa além de Gunilla Moen?

'Sim, falamos com alguns dos cuidadores, mas eles não parecem ter tido muito contato direto com Susanne.

Ela parecia ter se mantido reservada; alguém até deu a entender que ela se considerava “acima” dos outros funcionários e torceu o nariz para a ideia de socializar com seus colegas de trabalho. Por outro lado, ela não parece ter se socializado com Gunilla Moen ou qualquer outro membro da gerência também. '

Teremos que ir lá de novo, Karen raciocina. Alguém com quem ela trabalhou deve ter algo a dizer sobre ela.

Astrid deu a eles todos os fatos; tudo, desde histórico de empregos até períodos de licença médica, mas as impressões de Johannisen em sua visita teriam sido valiosas. Ele pode ser um idiota, mas também é um detetive experiente e um velho bastardo astuto, ela pensa enquanto agradece a Astrid. Ela se vira para Cornelis Loots.

- Alguma coisa dos técnicos?

- Parece que Harald Steen estava certo sobre o carro. O motor de arranque está péssimo, então pode muito bem ser que foi o carro de Susanne Smeed que ele e seu cuidador ouviram.

"Tudo bem", diz Karl. - Então Susanne foi morta por volta das oito e quinze quando você, Karen, passou de carro e a viu, e alguns minutos para as dez quando o velho Steen ouviu o carro de Susanne partir.

- Isso está de acordo com a estimativa de Brodal - Karen confirma. 'Algo mais?'

Ela se volta para Cornelis Loots, que olha para suas anotações e depois ergue os olhos.

- Algumas coisas, na verdade. Não encontramos um computador, mas sim a embalagem e o recibo de um laptop - um HP - comprado há pouco mais de

três anos. Isso pode indicar que o assassino o levou, embora três anos seja muito para um computador nos dias de hoje.

- Talvez ele não tenha percebido quantos anos tinha - sugere Astrid.

- Ainda não encontrou um celular?

- Não, mas havia um carregador Samsung na mesa do corredor. E aqui está a melhor parte: usando a triangulação, eles conseguiram localizar os sinais do telefone comercial de Susanne Smeed para um lugar ao norte de Moerbeck. Eles acabaram de me contar.

Cornelis olha ao redor da mesa com expectativa, mas é recebido com olhares de resignação.

- Você é de Noorö, não é? Karl Björken pergunta.

'Sim . . . ' ele admite hesitantemente, como se a resposta pudesse colocá-lo em apuros.

Cornelis Loots nasceu e foi criado na região mais setentrional das Ilhas Dogger. Mas, ao contrário de Karl, ele só se mudou para a capital em Heimö há seis meses, quando foi promovido a detetive policial. Fazer sua esposa Lise concordar com a mudança exigiu quase três semanas de persuasão virtualmente diária, negociação e, no final, uma promessa de que a Páscoa, o solstício de verão *e o* Natal seriam passados com seus pais.

“Cinco anos, no máximo. Não permitirei que nossos filhos cresçam em Heimö ', ela disse a ele.

E depois de apenas dois meses no apartamento deles em Gaarda, com uma visão do tráfico de drogas no parquinho abaixo da janela da cozinha, Lise descobriu que estava grávida e deu a ele outro ultimato.

"Ou compramos uma casa em outro lugar ou vou voltar para casa."

Dois quartos no andar de cima e dois no térreo em um terreno voltado para o sul em Sande acabaram consumindo todo o aumento salarial que acompanhou a promoção de Cornelis, além de impedir qualquer tentativa de economizar, mas Lise estava contente. E todas as noites, quando Cornelis vê sua esposa grávida no sofá, equilibrando a xícara de chá em sua barriga enorme, parecendo satisfeito, ele sabe que a casa vale cada xelim.

Confuso, ele agora olha para seus colegas.

“Há um grande poço de cascalho um ou dois quilômetros ao norte de Moerbeck”, explica Karen. “Um poço profundo de cascalho cheio de água”, acrescenta ela.

"E", Karl acrescenta, "mesmo que eles pescassem o telefone antes que ele morresse, não tenho certeza do que conseguiríamos com ele."

'Mas podemos solicitar o registro de chamadas da operadora, certo?' Astrid diz.

Cornelis acena com a cabeça.

"O promotor os requisitou e a TelAB está trabalhando nisso."

- Uau, talvez aqueles idiotas preguiçosos se dignem realmente a arrancar os dedos dentro de alguns meses -

zomba Karl e joga a caneta no chão com tanta força que rola sobre a mesa e cai no chão com um leve tilintar.

Ninguém ao redor da mesa diz nada; todo mundo sabe que Karl está basicamente correto, embora ele possa estar exagerando um pouco. TelAB dificilmente é conhecido por sua vontade de cooperar ou conformidade rápida.

“Teremos que continuar com eles”, diz Karen. - Alguém mais tem mais alguma coisa?

Todos balançam a cabeça.

- Tudo bem, então vamos encerrar o dia. Tenho uma breve reunião com Viggo Haugen e Dineke Vegen amanhã às oito, mas não deve demorar mais de meia hora. Então, nos encontraremos de volta aqui às oito e meia. E me ligue se descobrir alguma coisa antes disso.

25

Está completamente escuro; faróis varrem de um lado para o outro o grande estacionamento, procurando vagas gratuitas. A temperatura caiu durante o dia e o calor quase do verão foi substituído por uma garoa fria

e constante. Ilhéus despreparados, que passaram o dia tremendo de frio em roupas leves inadequadas, correram para casa, nos sótãos e porões, para tirar casacos e chapéus.

Além das filas de carros assomam os prédios semelhantes a bunker do Grenå Mall, lar de duas superlojas concorrentes, uma grande loja de bricolagem, uma loja de móveis, viveiros de plantas e todos os principais varejistas de roupas, bem como o motivo de Karen para vir aqui esta noite . A julgar pelo estacionamento lotado, os moradores não deixaram que o frio ou as festividades do último fim de semana diminuíssem seu apetite pelo consumismo. Dito isso, ela não se lembra de uma única visita a Grenå, em qualquer dia, a qualquer hora, que não tenha vindo com longas filas, crianças gritando e dentes cerrados atrás de carrinhos gigantes.

Depois de duas voltas rastejantes ao redor do estacionamento, Karen finalmente avista um Nissan dando ré em uma das vagas. Com uma habilidade que muito provavelmente é percebida pelo outro motorista como rudeza, ela consegue escorregar para o local desejável ao pisar no freio e dar ré. Cheia de medo e sede de sangue em partes iguais, Karen Eiken Hornby caminha em direção ao bunker mais iluminado.

*

Em trinta minutos, ela conseguiu colocar uma grande caixa na caçamba de seu Ford Ranger e fechou a porta traseira com um estrondo. Ela estremece e se senta ao volante com um suspiro pesado. Dirigir para casa vai ser um

trabalho árduo com este tempo: a visibilidade é virtualmente zero; assim que ela sair da rodovia, ela não conseguirá evitar os buracos.

Isso é tudo a desculpa que ela precisa; ela chega para o porta-luvas. A porta é dura; ela lhe dá um praticada bater com a palma da sua mão e observa que ela se lembrava direito; há um pacote fechado de cigarros que ela esqueceu de jogar fora. Foi sexta-feira passada ela comprou? Parece que há séculos.

Sem muito esforço, ela suprime uma pontada de culpa, se inclina para trás e inala a fumaça. Ela fica sentada imóvel no escuro por alguns minutos, observando os faróis indo e voltando, enquanto os carros procuram algum lugar para estacionar. Um mendigo trêmulo anda por aí, implorando que os carrinhos voltem para poder pegar as moedas e comprar mais cerveja. A maioria dos compradores que acaba de descarregar suas malas parece grata por não ter que trazer seus carrinhos de volta, mas uma mulher claramente não aceita nada disso. Karen assiste a conversa pelo para-brisa como um filme mudo, e não tem dificuldade em imaginar as maldições lançadas pelo mendigo enquanto ele se afasta, com os ombros puxados para cima sob sua jaqueta encharcada. A mulher cuida dele até que ele esteja longe o suficiente, então dá um empurrão no carrinho que o faz rolar e bater em um poste, pula em seu Mercedes e vai embora.

- Puta merda - murmura Karen, dando uma última tragada antes de apagar o cigarro e colocar a chave na ignição. Em seguida, ela puxa alguns cigarros do maço e os coloca com cuidado no banco do passageiro.

Enquanto ela dirige ao lado do homem sem-teto, ela abaixa a janela e acena para ele. Ela entrega a ele uma nota de cinquenta marcos e o resto dos cigarros.

“Você devia sair da chuva, vai pegar uma pneumonia”, ela diz e estremece quando a mão congelada dele toca a dela.

Antes de sair do estacionamento, ela olha para o espelho retrovisor e vê a parte superior da grande caixa na caçamba sobre os encostos dos bancos. Viggo Haugen provavelmente perderá o controle quando a fatura chegar, mas ela está disposta a enfrentar essa luta.

Karen é saudada por uma mistura familiar de calor, vozes suaves e um leve cheiro de mofo quando ela abre a porta do Hare and Crow. O único pub restante de Langevik está menos lotado do que o normal. Apenas cerca de vinte clientes estão sentados às mesas, mas a espinha dorsal do estabelecimento está sentada ao longo do bar, como de costume. Por sua própria estimativa, os três regulares garantem a margem de lucro que mantém o Hare e o Crow à tona. As três costas familiares pertencem a Egil Jenssen, Jaap Kloes e Odd Marklund, cujos traseiros já bastante amplos cobrem a maior parte de seus bancos. Os três nasceram e foram criados na aldeia, os três já ativos na indústria pesqueira: Jenssen e Kloes como pescadores de bacalhau e Marklund como gerente na fábrica Loke, onde supervisionava o descasque e embalagem do camarão.

Karen hesita por um momento antes de caminhar até o bar. No momento em que ela se sentar ao lado dos velhos, ela será forçada a ouvi-los reclamar sobre como a aldeia está indo para os cães, o fechamento de mais uma loja, a invasão do pessoal da abotoadura de Dunker, para não falar As reclamações habituais de Marklund sobre a terrível virada que a fábrica de Loke tomou e o amargo fato de que o camarão está sendo enviado para a Letônia, Polônia e Tunísia para ser descascado e colocado em salmoura. Por outro lado, esses

três cavalheiros rabugentos constituem um poço sem fundo de informações sobre tudo e todos e, pela primeira vez, ela veio para pôr em dia as fofocas da aldeia.

- Oi, Arild - diz ela, dando um tapa no balcão. - Alguma notícia hoje?

Arild Rasmussen olha para cima do até com uma expressão azeda. Claramente, ele não aprecia alusões a selecção escassa do pub. Que os bares

em Dunker servem todos os tipos de cervejas nos dias de hoje não impressiona Rasmussen. A expansão explosiva recente da indústria microbrewing local pode reconhecidamente passaram o Hare e Corvo por completo, mas as ofertas do pub refletem o escandinavo, britânico e demografia holandesa de Doggerland, e Rasmussen sente que é suficiente. A lebre e patronos de galinha pode escolher entre a Carlsberg, Heineken - e Spitfire ou o dedo do Bispo, mas nunca os dois ao mesmo tempo. O cliente raro que prefere vinho pode escolher entre o vermelho eo branco. Estas opções são apresentadas por Arild Rasmussen em um tom tão brusco que qualquer intenção de fazer perguntas inconvenientes sobre país de origem ou do vintage é inevitavelmente cortado pela raiz. Por outro lado, não um monte de pessoas vêm para o Hare e Corvo para beber vinho ou comer alimentos, embora Arild Rasmussen é realmente capaz de jogar juntos um perfeitamente bom ensopado de borrego.

A receita é de sua esposa, Reidun, cuja mistura única de canto schlager e maldições salgadas costumava fluir da cozinha até oito anos atrás. Os Rasmussens lutaram sem parar durante os trinta e dois anos em que serviram ensopado de cordeiro e cerveja no Hare and Crow, às vezes tão ferozmente o som de "sua porca do mal" e "seu bode velho inútil" na cozinha fazia os clientes se mexerem desconfortavelmente em seus assentos e olhando para seus relógios.

Mesmo assim, os habitantes locais temiam que Arild não fosse capaz de administrar o negócio por conta própria depois que Reidun sofreu um derrame em um lindo dia de maio. O último pub da aldeia seguiria o mesmo caminho do agora fechado pub do cais, o Anchor?

Após o derrame de Reidun, o Hare e o Corvo permaneceram fechados por onze dias, mas então, uma manhã, Arild virou a placa mais uma vez e abriu

suas portas. O menu era menos ambicioso; além do ensopado de cordeiro, consistia principalmente em croquetes de peixe pré-cozidos com ervilhas e purê de batata e hambúrgueres pré-cozidos com batatas fritas. Dizem que Reidun ainda dá ordens de sua cama no apartamento acima do Hare and Crow, onde ela e Arild moram, mas ninguém sabe ao certo.

Seja como for, as torneiras do Hare and Crow estão sempre limpas e o preço da cerveja ainda é um xelim inferior ao de Dunker.

*

Agora, Arild pega um copo de cerveja e levanta uma sobrancelha.

"O de sempre?" ele pergunta, colocando a mão na torneira do Spitfire.

Karen acena com a cabeça. Em vez de levar o copo para seu lugar favorito nos fundos, ao lado da lareira, ela puxa um dos banquinhos e pendura a bolsa em um dos ganchos sob o bar. Arild Rasmussen pousa uma base para copos de papelão com o logotipo Shepherd Neame e coloca sua cerveja em cima. Karen agradece com um grande sorriso. Existem apenas duas maneiras de fazer Arild Rasmussen falar: elogiar ou fazer com que ele tome um ou dois copos.

- Você deu tudo de si - diz ela com um aceno de cabeça em direção às mesas, que são decoradas com corredores xadrez e suportes para velas verdes de vidro.

- Você notou, não é? Rasmussen murmura. - Comprei algumas coisas novas para Oistra - acrescenta ele, tentando esconder um sorriso satisfeito.

- Parece muito bom, muito elegante - Karen diz a ele e inala um pouco de espuma de seu copo.

Os três regulares ouviram sua breve conversa com uma curiosidade mal disfarçada. Agora Jaap Kloes se volta para Karen.

- Então, uma visita do bobby da cidade, hein? Ou talvez eu deva dizer bobette? '

Karen observa que, como de costume, Kloes consegue espremer vários insultos em uma frase. Mas ela não está ofendida; aqui, as pessoas se engrandecem derrubando os outros; é tradição. E uma vez que você descasque o jargão, não há realmente muita malícia aí.

'Bem, eu estive realmente um inspector do detetive para muito poucos anos agora', diz ela e sorri com pesar.

'Mas eu entendo que é difícil para você manter-se com todas as mudanças, velho; primeiros sufrágio feminino e agora oficiais mulheres policiais e até mesmo detetives - o que é o mundo vai parar?

Kloes murmura algo baixinho e rapidamente volta para sua cerveja enquanto os outros homens gargalham cruelmente.

"Eiken um, Kloes nada", diz Odd Marklund. - Você está em ótima forma esta noite, garota Karen.

“Não se empolgue, não vou demorar muito”, diz ela. - Só procuro meio litro ou dois e alguma fofoca. Você não se importará de me ajudar, não é?

- Você quer saber sobre a mulher Smeed, suponho?

Karen acena com a cabeça e dá outro gole. Em seguida, ela limpa a espuma do lábio superior com as costas da mão.

'Então, o que você pode me dizer sobre Susanne? Eu quero saber tudo.'

*

Demora cerca de trinta minutos para os quatro homens no bar adicionarem consideravelmente à imagem. Os três regulares e o proprietário pub foram unânimes na sua avaliação: Susanne era um desgraçado espinhosa, amargo

com uma capacidade bem desenvolvida para esfregar todos ao seu redor se o caminho errado.

Enquanto Karen está irritado com o julgamento, condescendente tom de descrições dos homens, ela tem que admitir os confirma imagem a sua própria impressão.

E talvez Susanne também tenha sido assim quando criança e adolescente; Karen não tem nada além de uma vaga e vaga lembrança dela daquela época. Uma garota de cabelos louros que morava do outro lado de Langevik. A diferença de idade de três anos fora uma barreira eficaz, pelo menos para Karen. Quando Susanne começou a primeira série, Karen mudou para o ensino médio e enquanto Susanne estava no ensino médio, Karen já havia experimentado as alegrias e os desafios do ensino médio: novas matérias, novos professores e - o mais importante - os meninos nas séries mais altas. Tudo permeado por uma sensação emocionante de finalmente ser um adulto. Ela estava preocupada com suas próprias deficiências, a grandiosidade das outras pessoas e se perguntando se Graham, na nona série, gostava dela ou não. Ela não tinha tempo para os bebês das séries iniciais.

Embora ela e Susanne tivessem crescido apenas um ou dois quilômetros uma da outra, a distância entre elas era enorme e, por algum motivo, não diminuíra com a idade. Eles se conheciam pelo nome, diziam oi e trocavam algumas palavras sempre que se encontravam quando adultos, mas era só isso. Até aquela época, quatro anos atrás.

Logo depois que Jounas foi nomeado chefe do CID, Karen e Susanne acabaram na fila, uma ao lado da outra no viveiro de plantas, um dia no início de abril. Enquanto a fila avançava a passo de lesma, era impossível não trocar pelo menos algumas palavras. Com as mãos firmes em um

carrinho cheio de amores-perfeitos, Susanne respondeu monossilabicamente às tentativas de Karen de conversar. E então, após uma longa pausa estranha, ela deixou escapar:

- Você deve ter cuidado, Karen. Jounas sempre foi atrás de mulheres que. . . bem, mulheres como você. '

Então ela virou o carrinho, deu uma desculpa por ter esquecido algo e voltou para as prateleiras de mudas e terra para vasos. Karen pagou e dirigiu para casa com duas ameixeiras e uma sensação perturbadora de que ela sabia a que tipo de mulher Susanne estava se referindo.

A imagem unânime de Susanne Smeed sendo pintada no Hare and Crow esta noite é que, embora ela costumava ser uma "coisinha bonita", com o passar dos anos, ela se tornou uma pária.

“Ela reclamava de absolutamente tudo”, diz Jaap Kloes. 'Ônibus parados, contas da associação rodoviária, lombadas perto da escola, os filhos dos vizinhos. E de acordo com a patroa, ela não era diferente no trabalho; nem os cuidadores nem os gerentes suportavam estar perto dela. A única coisa que pode ser dita em sua defesa é que ela chutou para cima e para baixo, eu acho. Uma vadia nojenta, se me perdoa meu francês.

“Basta olhar para a merda que ela mexeu com o moinho de vento, por exemplo”, acrescenta Egil Jenssen.

'Obviamente éramos todos contra isso desde o início, mas no final as pessoas aceitaram que não havia nada a ser feito a respeito.'

Especialmente as pessoas que foram generosamente compensado por sua terra e fizeram uma pequena fortuna. Mas Karen não diz nada.

"Eu entendo que ela ficou irritada quando eles construíram aquelas turbinas", continua Kloes. “A terra dela ficava bem ao lado deles. Mas ela

não iria desistir! Resmungos constantes, cartas aos jornais e ao conselho.

Ela realmente esperava que eles derrubassem as coisas destruídas novamente, uma vez que fossem construídas? Só porque eles a incomodaram?

- Muito trágico, na verdade. Uma mulher solitária em guerra, em ambos os proprietários de terras e a empresa de energia; ela não tinha a menor chance,' Odd Marklund diz, balançando a cabeça lentamente.

Ao contrário de Jenssen e Kloes, Marklund tem uma nota de pena em sua voz quando fala sobre Susanne.

Karen não está surpresa. O estranho Marklund provou ser corajoso e cuidadoso com os outros quando Karen teve seu primeiro emprego de verão na linha de limpeza de camarão na fábrica Loke, onde ele era o gerente.

Ao contrário do super zeloso gerente de turno que, com uma alegria mal disfarçada, constantemente reduzia o pagamento dos trabalhadores por negligência, Odd Marklund abordou os fragmentos de projéteis com serenidade.

Motivo pelo qual Karen não se surpreendeu ao saber que Marklund fora despedido pela gigante empresa de peixes alguns anos depois. Os investidores noruegueses exigiram que a fábrica Dogger fosse modernizada; qualquer parte do processo não controlada por uma máquina era uma ameaça às suas margens de lucro. Aos cinquenta e seis anos, Odd Marklund foi despedido.

Ele sabe exatamente o que significa lutar contra algo maior e infinitamente mais forte. Quem poderia estar em melhor posição para sentir empatia pela luta inútil de Susanne Smeed contra a empresa de energia eólica Pegasus?

E Susanne dificilmente foi a única lutando; lutas igualmente incendiárias haviam sido uma legião nos últimos anos. O debate que culminou na decisão do parlamento, vinte anos atrás, de salvar a economia de Doggerland e garantir o crescimento futuro das ilhas, permitindo uma expansão massiva da energia eólica e a exportação de eletricidade para o norte da Europa, havia ocorrido por muito tempo antes de se extinguir.

Com o tempo, a resistência, os apelos e os atrasos desapareceram porque os proprietários de terras mais poderosos viram suas contas bancárias crescerem à medida que eram compensados pelas terras apropriadas.

A expansão tem inegavelmente um custo. A vida das aves em grandes partes do arquipélago tem visto um declínio dramático, e ainda há rumores alegando a empresa de energia tem as pessoas em sua folha de pagamento com a tarefa de limpar as aves mortas em torno das turbinas. Mas é raramente falava sobre agora.

E a empresa de energia está a fazer lucros obscenos, mas, por outro lado, a participação do Estado também garantiu duas décadas de crescimento econômico. Dado que, a maioria dos ilhéus parecem dispostos a ignorar o fato de que metade dos lucros acabam enchendo os bolsos de capitalistas de risco.

Susanne Smeed tinha claramente uma opinião diferente. Ela parecia estar literalmente se inclinando contra moinhos de vento. E, no entanto, a julgar pelo que Karen acabou de saber, ela nem era dona do terreno em questão. Karen sinaliza com um aceno de cabeça para Arild Rasmussen que ela gostaria de outra cerveja.

'Então você está me dizendo que ela estava lutando contra os proprietários de terras? Pensei propriedade familiar está tudo Susanne até o cume?

'Isso e muito mais. Todo o cume mais um pedaço considerável da floresta do outro lado ', responde Arild. - E

tudo teria sido dela se o pai não tivesse vendido. Per Lindgren conseguiu vender até o último pedaço de terra que herdou de sua esposa, hectare por hectare.

Arild limpa a parte externa do vidro com uma toalha de barra verde e a joga na frente de Karen.

“Na verdade, tudo começou antes disso, enquanto a esposa ainda estava viva”, ele continua. - Acho que foi assim que eles financiaram a comuna ou como quer que a chamem. Eles eram um bando duvidoso, de qualquer maneira, vivendo na fazenda do velho Gråå.

Karen lembra o que sua mãe disse a ela e as histórias que ouviu quando criança sobre Lothorp Farm.

“Aqueles malucos ficaram por apenas um ano, depois se dispersaram”, explica Egil Jenssen. “Mas os Lindgrens permaneceram e venderam suas terras em vez de trabalhar um dia honesto. Fez pinturas que ninguém queria comprar, foi tudo o que Lindgren fez, até o amargo fim. Deus sabe como sua esposa e a pequena Susanne agüentaram. Eles não tinham renda e tiveram que pagar pela comida e pelas roupas de alguma forma, então suponho que foi por isso que leiloaram a fortuna da família, pouco a pouco.

'Eu mesmo comprei uma faixa de floresta, adjacente à minha propriedade. Deve ter sido em setenta e quatro ou possivelmente setenta e cinco, se bem me lembro. Muito bom negócio, vou lhe dizer isso.

Claramente animado com as memórias e as fofocas, Jaap Kloes sorri com o canto da boca, levanta seu copo para os outros e bebe profundamente com o olhar satisfeito de um bebê de peito.

"Suecos malucos", Kloes continua depois de colocar o copo na mesa e limpar a boca. - Lembra quando eles compraram gansos? Achei que eles poderiam vagar livremente dia e noite. A raposa pegou cada um antes do fim do verão. Mas você sabe o que dizem: você pode temperar com bretões, frísios e flamengos. . . '

'. . . a sopa Dogger ainda cheira principalmente a escandinavos ”, finaliza Karen com um sorriso cansado.

Jaap Kloes ri deliciado.

"Bem, acredito que havia britânicos e holandeses naquela comuna", diz Egil Jenssen secamente e se volta para Karen. - Estou surpreso que tenham ficado tanto tempo. Seu pai apostou cem xelins que toda a comuna desistiria antes do primeiro inverno. Isso era muito dinheiro naquela época. '

'O meu pai? Por quê?'

'Não apenas ele, eles tinham uma piscina indo para baixo no Âncora. Harald Steen foi o bicheiro e havia um monte de disputas sobre como distribuir o dinheiro quando ele apagou as Lindgrens ficaram e os outros empurrou fora. Em que ano foi isso que veio aqui? Sessenta e nove?

"Setenta", diz Kloes. - No mesmo ano em que meu filho mais novo nasceu. Lembro-me de quando eles chegaram com seus chapéus peruanos de tricô, falando um grande jogo sobre agricultura orgânica e vivendo da terra e todos os tipos de bobagens como essa. Eles iriam compartilhar tudo, eles disseram. '

“A Sra. Lindgren quase deixou minha esposa louca com suas palestras sobre produtos sem pesticidas e corantes à base de plantas e Deus sabe o quê”, disse Jenssen. - Provavelmente também fumei um pouco de tabaco de jazz, aposto. Não, nunca entendi o que eles queriam aqui. '

“A onda verde”, diz Odd Marklund. “Muita gente veio aqui durante esses anos. Foi para Frisel, muitos deles.

De volta à natureza e outros enfeites. Havia fazendeiros lá que ganhavam muito dinheiro com eles; eles venderiam um pedaço de terra a um preço alto e comprariam o lote inteiro por um preço mais baixo quando descobrisse que a vida no campo não era tão fácil. Eles não podiam viver do que conseguiram cultivar. '

'Bem, os Lindgrens certamente não tem para comprar terras. A esposa, Anne-Marie, eu acho que seu nome foi herdado antiga propriedade do GRAA - ele era seu avô, por isso era todo dela, mesmo que ela nunca mais pé set na ilha antes de então, tanto quanto eu estou ciente . Ele era um bastardo velho mesquinho, foi Vetle GRAA; lembro dele, Karen? Inclinou-se como uma foice, mas ele fez as rondas de sua propriedade até o dia que ele morreu. Dois filhos que teve, um bebeu até morrer, o outro um sueco casado, por isso não admira que o velho estava mal-humorado ', diz Jaap Kloes.

'Então, o pai de Anne-Marie,' diz Karen. 'O que aconteceu com ele?'

"Não foi ele quem caiu de um andaime em uma construção em Malmö e morreu?" Odd Marklund diz e é recebido com um aceno triunfante.

'Sim. Apesar de todas as maravilhosas leis de segurança no local de trabalho que existem por lá. Depois disso, o velho Vetle não teve tempo para nossos irmãos do leste, por mais escandinavo que fosse.

Karen balança a cabeça. Claro que ela ouviu falar de Vetle Gråå. Sua mãe estava certa ao dizer que seu nome sobrevivera a ele. Mas Karen nunca prestou atenção a quem era o dono de cada terra ou a quem enganava quem na série interminável de heranças, leilões de emergência e negócios que

seus pais discutiam na mesa da cozinha. Todos na aldeia, jovens e velhos, no entanto, sabiam que as propriedades do velho Gråå em Langevik eram extensas.

“Então a mãe de Susanne era neta de Gråå”, ela diz pensativa. - E ainda assim você está me dizendo que a única coisa que sobrou para Susanne herdar foi a casa.

“Tudo o que restou da propriedade de Gråå foi o jardim ao redor da velha casa de pedra onde Susanne morava, para onde os Lindgrens se mudaram depois que a comuna falhou. Foi quando eles venderam a fazenda em Lothorp e as terras ao redor. E o que restou - extensões de terra que se estendem até Kvattle e a floresta - foi lentamente vendido por Per Lindgren ao longo dos anos; quando ele estourou os tamancos, não havia sobrado nem um pedaço de grama. '

'Esta comuna', Karen diz perscrutadoramente, 'quão grande era? Quer dizer, quantas pessoas moravam lá? '

'Bem, eu nunca exatamente apareci para uma contagem de funcionários', diz Egil Jenssen. - Os Lindgrens, é claro, e outra família sueca. E uma senhora dinamarquesa, pelo que me lembro. Acho que minha esposa conversou com ela algumas vezes e disse que ela parecia perfeitamente razoável. Um tipo melhor do que o resto deles, ela me disse.

'Eu acho que havia pessoas do Reino Unido, também, ou talvez da Irlanda; de qualquer forma, eles freqüentemente falavam inglês um com o outro; você ouviria quando eles descessem para a aldeia. Não tenho certeza, mas acho que foram cerca de oito ou dez adultos, e crianças, é claro. Mas não sei nenhum de seus nomes. . . '

Odd Marklund se vira interrogativamente para seus companheiros de bebida, que ambos balançam a cabeça.

“A outra mulher sueca era bonita; que eu me lembro ', Jaap Kloes acrescenta.' Nós nos sentávamos no Anchor, fantasiando sobre o que acontecia lá quando as luzes se apagavam. Estávamos todos um o pouco curioso com tudo que fala sobre os suecos e amor livre, você sabe.'

'Fale por você mesmo; Certamente nunca tive tempo de bisbilhotar a Fazenda Lothorp à noite ”, retruca Arild Rasmussen e desaparece na cozinha com uma caixa de plástico cheia de copos de cerveja vazios.

Karen estuda os velhos desalinhados. O que eles estão falando aconteceu há quase quarenta anos; deviam estar na casa dos trinta quando os Lindgrens e os outros membros da comuna chegaram. Provavelmente da mesma idade que eles, mas de mundos muito diferentes. Para um homem de trinta anos - de quem quinze

anos de pesca no Mar do Norte já haviam cobrado seu preço -, devem ter aparecido pessoas que estavam dispostas a abandonar uma vida confortável para cultivar vegetais em uma ilha varrida pelo vento no meio do mar. mentes. Para as pessoas cuja infância consistiu em fogões a lenha e lâmpadas a querosene, uma existência sem as conveniências modernas não tinha nenhum apelo romântico. Não havia rima ou razão para desistir voluntariamente do que os outros labutaram tanto para adquirir. Naquela época, os fluxos de migração tinham ido principalmente para o outro lado; por que qualquer pessoa sã trocaria a Suécia moderna por Doggerland?

Karen não tem dificuldade em imaginar as fantasias dos ilhéus sobre os membros da comuna; ao lado das esposas dos pescadores prematuramente envelhecidos em Langevik, as jovens devem ter parecido exóticas, para dizer o mínimo. As mulheres da aldeia provavelmente ficaram muito menos

entusiasmadas com a visão da liberdade sem sutiã. Por outro lado, nem mesmo os homens babando da Âncora pareciam ter dado boas-vindas aos recém-chegados ao redil. Apesar da curiosidade, eles pareciam ter visto os membros da comuna com medidas iguais de schadenfreude e ciúme. E, no entanto, apesar da hostilidade, Per e Anne-Marie Lindgren tinham ficado. O que os fez resistir?

E agora que toda a família se foi e ninguém parece estar de luto por nenhum deles, ela percebe com uma sensação de desconforto. Ninguém tem nada de bom a dizer, nem mesmo sobre Susanne, que cresceu em Langevik. Como deve ter sido para ela crescer na aldeia?

'Sabemos algo sobre como funcionava a comuna? Afinal, eles continuaram assim por mais de um ano, morando juntos e compartilhando tudo, você disse. Não houve rumores sobre discórdia ou luta? '

Kloes encolhe os ombros, como se tivesse perdido o interesse pelo assunto.

'Bem, eles partiram, então claramente deve ser muito amor livre e besteira orgânica até mesmo para eles', diz Jenssen. - Não me importo de dizer que também não compartilharia minha esposa. Não que alguém a queira

- acrescenta ele com uma risada que se transforma em um acesso de tosse forte.

Odd Marklund abaixa a cerveja e encontra o olhar de Karen.

'Muitas pessoas estavam explorando maneiras diferentes de viver naquela época; alguns estavam procurando por algo diferente e outros provavelmente estavam fugindo de algo. Eles não são os únicos que fugiram para cá e para lá ao longo dos anos, são, Karen?

Ele sabe, ela pensa e olha para sua mão segurando a barra, estudando a marca úmida que deixa na madeira escura.

- Você está se sentindo bem, moça?

Odd Marklund a estuda com um olhar preocupado; ela lhe dá um sorriso tranquilizador.

- Estou um pouco tonto. Não comi nada desde o almoço, então acho que é hora de ir para casa agora. Ela se vira para Arild Rasmussen, que voltou da cozinha.

'Só uma última pergunta. Você disse algo sobre Susanne não possuir mais o terreno acima da casa dela, o terreno com os moinhos de vento. Mas ela ainda estava brigando com a empresa de energia?

- Bem, acho que esse era o problema. Ela não sabia que a terra tinha sido vendida, mas ainda a possuía. Até que topógrafos e engenheiros apareceram, sem serem convidados, no que ela pensava ser suas terras. Foi logo depois que ela se divorciou e voltou, então acho que ela não tinha uma ideia clara do que era. Mas então o pai dela morreu e ela descobriu que tudo havia sido vendido há muito tempo.

“Não admira que ela se tenha sentido enganada”, diz Karen. "O que ela pensava ser o terreno dela já havia sido vendido e agora estava sendo vendido novamente e quarenta e duas turbinas eólicas estavam sendo construídas na porta ao lado."

'Você está errado lá,' Arild Rasmussen corta-la fora. 'O dono da terra não vendeu. bastardo Wily conseguiu Pegasus para assinar um arrendamento de cinquenta anos com a participação nos lucros e toda a-fazer.

Discussão sobre ter seu bolo e comê-lo. Deus sabe como ele puxou-off '.

A voz de Rasmussen agora está cheia de partes iguais de desprezo e admiração. Karen, por sua vez, se sente desconfortável com a má sorte de Susanne Smeed.

"Isso parece um bom negócio", diz Karen secamente. - E quem é esse 'bastardo astuto' então - por acaso você sabe disso? '

- O filho de Axel Smeed, Jounas, claro, quem mais?

27

'Espere, deixe-me ajudá-lo!'

- Tudo bem, entendi, mas se você não se importasse de segurar a porta, ficaria muito grato.

Cornelis Loots obedece, caminhando rapidamente do elevador até a porta de vidro fosco que leva ao CID.

Sentindo-se claramente inútil, ele então observa enquanto a detetive inspetora Karen Eiken Hornby se arrasta pela porta de lado, seu rosto vermelho brilhante, ofegante sob o peso da enorme caixa que ela está carregando.

- Maldição - ela murmura quando sua grande sacola escorrega de seu ombro.

Cornelis Loots se sente um idiota quando não consegue pensar em outra maneira de ajudá-la a não ser levantar a sacola e caminhar ao lado de seu chefe enquanto ela continua com sua carga pesada, tombada para trás, os pés afastados. Quando ela se dirige para a cozinha, ele não aguenta mais. Juntos, eles conseguem colocar a besta de uma caixa no chão sem nenhum som alarmante. Karen lhe dá um sorriso agradecido e esfrega as mãos tenras.

- Sorte que você estava aqui; Eu nunca teria conseguido abrir essa porta sozinho. Você é bom em assuntos técnicos, por falar nisso? Você se importaria de me ajudar a configurar isso antes que os outros entrem? '

Ela faz um gesto amplo em direção à caixa; só agora Cornelis percebe do que é a imagem no papelão brilhante.

'Cristo, isso é um monstro', diz ele. - Quanto isso atrapalhou você?

Karen dá de ombros.

'Você não quer saber. Mas Haugen foi muito claro sobre nos dar todos os recursos de que precisamos. '

- E você não acha que ele quis dizer em termos de pessoal extra. . .? '

'Minha avaliação profissional é que não podemos continuar com esta investigação com aquela desculpa atroz de café como nosso único combustível.'

Karen acena vagamente para a cafeteira marrom no balcão. Alguém colocou a panela de vidro suja de volta no aquecedor; o cheiro azedo do café de ontem se espalha pela pequena cozinha.

Depois de vinte minutos, Cornelis Loots coloca a chave de fenda no balcão e arregaça as mangas da camisa enquanto ele e Karen refletem sobre a conquista conjunta. Ela o viu ligar a máquina à força e à água com uma mistura de respeito e surpresa. Agora ela não terá que ligar para o zelador, Kofs, e ouvir suas reclamações sobre como isso não está em sua descrição de trabalho. Ela dá um passo à frente, limpa uma impressão digital da casca de cromo brilhante da máquina e encosta o dedo indicador no braço dobrado da varinha de vapor, fazendo-a girar. Comprar vai ter um ataque.

- Uma coisa assim não precisa de um café especial?

Trinta dias antes da fatura chega. . . Smeed pode estar de volta até então. Ela empurra o pensamento para baixo e sorri amplamente em Cornelis. Em seguida, ela puxa dois sacos de uma libra de grãos de café fora de sua bolsa.

- Você atira aquele monstro e eu vou atravessar a rua um pouco. Tenho uma reunião rápida com Vegen e Haugen começando '- ela olha para o relógio -' dois minutos atrás. '

'Parece-me que devemos ser capazes de atacar Smeed fora da lista de pessoas de interesse; Eu não vejo nenhuma razão para que ele não pode voltar ao trabalho.'

Viggo Haugen rapidamente disfarça o leve tremor em sua voz, terminando a frase em um barítono profundo e forte. Eles estão reunidos no escritório do promotor, sentados no grupo de poltronas em uma extremidade da sala.

Karen suspira interiormente e troca um rápido olhar com Dineke Vegen. Vegen é bom, uma curvatura no canto da boca indica que ela está bem ciente de que as coisas não são tão simples quanto o chefe de polícia está tentando fazer parecer, mas suas sobrancelhas levantadas revelam que ela vai deixar essa luta em particular para o detetive Inspetor Eiken. Ela não viu uma razão para intervir e assumir a investigação ainda.

'Eu entendo de onde você está vindo,' Karen responde, olhando diretamente nos olhos azuis gelo de Haugen.

'Claro que seria ótimo se pudéssemos esclarecer Jounas agora, mas ainda há muitas perguntas sem respostas.'

Viggo Haugen abre a boca para interromper, mas a fecha novamente quando Karen prossegue com fingida convicção.

- Como você, é muito difícil imaginar Jounas matando Susanne, mas não é o suficiente. Ele ainda não tem um álibi para a hora do assassinato e há, infelizmente, algumas circunstâncias que podem ser vistas como incriminatórias. Ele esteve na casa de Susanne recentemente - seis dias antes do assassinato, de acordo com suas próprias informações - e o relacionamento deles pode ser descrito como complicado, para dizer o mínimo.

'Bem, não admira; isso dificilmente é uma pista sólida. Se todos que tinham um relacionamento

“complicado” com suas ex-esposas fossem automaticamente considerados suspeitos. . . '

Viggo Haugen faz aspas no ar e abre as mãos.

"Karen está certa", a voz de Dineke Vegen põe fim à sua pequena apresentação.

Haugen ficou em silêncio com uma carranca surpresa em seu rosto.

'Assim que o arquivo do caso for tornado público', continua o promotor, 'você pode ter certeza de que será desmembrado por todos os jornalistas deste país; não deve haver nada que sugira que deixemos a posição de Jounas influenciar a investigação. Pelo contrário, temos que tomar cuidado especial para descobrir tudo o que pode ser usado contra Smeed.

Viggo Haugen pigarreia, sua mente correndo. Ao contrário de Karen, Dineke Vegen irradia o tipo de autoridade feminina que ele realmente respeita. Mais educação e elegância e menos. . . vadia mal-humorada.

Ele se vira para o promotor com um sorriso.

'Naturalmente, eu não quis dizer que deveríamos. . . '

- Pelo menos para o bem de Jounas - Karen acrescenta. - A menos que ele esteja completamente livre de todas as suspeitas, vai ser um inferno para ele voltar. E acredite em mim, vou fazer tudo o que puder para inocentá-lo ', acrescenta ela.

Viggo Haugen responde instantaneamente com um olhar de soslaio para Dineke Vegen.

- Em vez disso, sugiro que você se concentre em encontrar o verdadeiro assassino. Acho que isso serviria melhor aos Jounas. '

- Foi isso que eu quis dizer - Karen murmura baixinho. 'Eu não me expressei claramente.'

- Bem, essa dificilmente é a primeira vez. De qualquer forma, ouvi você e avisarei Jounas assim que terminarmos aqui.

Dineke Vegen levanta suas sobrancelhas bem cuidadas novamente.

- Sobre a continuação de seu ano sabático, quero dizer. Nada mais. Tudo bem então, está decidido ', ele anuncia e se levanta.

Karen lança outro olhar para Dineke Vegen e recebe a sugestão de um pequeno sorriso em troca.

29

Langevik, 1970

- Nunca, em meus sonhos mais loucos, imaginei que teríamos que aturar sua espécie aqui. O pobre Gråå se reviraria em seu túmulo se pudesse ver o que estão fazendo com sua fazenda.

A mulher na caixa registradora da loja de ferragens com firmeza, quase com raiva, perfura o preço de trezentos parafusos para madeira enquanto fala, depois ergue os olhos para o cliente, em busca de um acordo.

Anne-Marie Lindgren está parada entre prateleiras forradas com latas de tinta, óleo de madeira e querosene.

Ela estava se abaixando para pegar os pincéis, mas congelou no meio do movimento, curvada, como se estivesse com vergonha.

Eles sabem que ela está lá? Eles querem que ela ouça ou eles apenas sentiram a falta dela vindo? Suas bochechas ficam vermelhas; as palavras parecem um tapa na cara.

Agora ela ouve uma resposta murmurada do cliente, então a voz do funcionário nervoso corta a sala novamente.

'Você viu como eles são? Vista-se como drogados todos eles, vestidos longos e cabelos longos. Oitenta xelins, por favor. E eles também têm filhos pequenos, muitos. Deus sabe como eles cuidam deles. Eles vão para a escola aqui, na aldeia, quando esse dia chegar? Brincar com nossos filhos? Se você me perguntar, eles não deveriam deixar gente assim procriar. Sim, eu sei que parece cruel. . . '

Aparentemente, o homem que comprou os parafusos diz algo, porque a voz irada do balconista se abaixa um pouco.

- Sim, Arthur diz a mesma coisa - ela suspira. “Seis meses no máximo, ele diz. Vinte shillings trocados e seu recibo, aí está. Bem, é uma coisa na primavera e no verão, mas quando as tempestades de outono chegarem, eles vão desistir e voltar para casa, guarde minhas palavras. É o que Arthur diz, mas não sei.

Mais resmungos do cliente antes que o balconista assuma novamente.

'Sério, você não diz. Bem, teremos que esperar o melhor. Agradeço pelos seus serviços!'

Anne-Marie se endireita sem uma palavra, se vira e rapidamente sai da loja. Sente os olhos em suas costas quando a campainha anuncia estridente que a porta foi aberta. Eles provavelmente vão pensar que eu roubei

algo, pensa ela. Adicionar novas acusações à já longa lista. E eles vão ganhar no final. Nós não vamos ser capazes de viver aqui; Eu não vou ser capaz de suportar.

*

Depois de correr para casa, ciente dos olhares de censura que recebe de todos que encontra, ela entra na casa principal sem fôlego, tentando piscar para afastar as lágrimas ardentes. Ela não quer contar aos outros, não quer que eles ignorem isso e sugiram que ela está sendo muito sensível, que ela tem que não se importar com o que as outras pessoas pensam. Ela não quer preocupá-los; eles estão sempre tão preocupados com ela.

Per está sentado na mesa da cozinha com Theo, e Disa está ao lado da placa, folhas de tingimento em uma panela grande. Ela levanta uma seção do tecido com sua concha e estudos a cor amarela. O cheiro de feijão, cebola e especiarias está a subir com o vapor de outro pote, embaçando as janelas da cozinha. Brandon está caído no banco, com sua guitarra abraçado

ao peito, como de costume; cinco anos de idade Mette está ajudando a dedilhar as cordas. E agora Ingela está descendo as escadas com bebé Orian em seu braço.

"Olha", ele grita, os dedinhos segurando um longo pedaço de barbante com cascas de mexilhão que estão amarradas no pescoço. 'Meu colar!'

Ninguém ouviu Anne-Marie entrar, mas Per ainda se vira instintivamente, como se pudesse sentir sua presença. Seu sorriso se transforma em um olhar de preocupação quando ele vê suas bochechas coradas e olhos marejados, que todos notam. Eles fazem barulho, levam-na até a mesa, puxam uma cadeira, dão a ela uma xícara e a enchem de chá e mel. E ela garante que ficou sem fôlego ao subir a colina, a estrada da aldeia é íngreme; ela está se sentindo estranhamente cansada, talvez tenha pegado um resfriado que algumas crianças tiveram na semana passada. Ela percebe que Per a está observando com olhos que não conseguem esconder sua esperança. Aquela esperança sem sentido e sem esperança de que ela pudesse estar grávida.

Não, ela lhes diz nada. Não sobre o que ela ouviu quando ela foi até a vila para comprar pincéis para pintar os caixilhos das janelas com. E não sobre a súbita percepção de que o idílio que reina atualmente no Lothorp Farm vai ser quebrado. A ameaça é tão palpável, enviando calafrios por suas costas, como uma primeira rajada de ar, encontrando seu caminho para dentro da casa, um presságio de tempestades iminentes. Ela não pode dizer de que direção ele está vindo, não sabe o quão próximo está. Apenas que é algo muito pior do que um fofoqueiro puta velha loja de ferragens.

30

No momento em que ela coloca a mão na maçaneta da porta, ela é tomada por dúvidas. Esta é realmente uma boa ideia? Talvez pensem que ela está tentando se insinuar, que está tentando ganhar popularidade com uma máquina de café idiota.

Em vez de entrar direto, Karen parou no corredor por alguns segundos, sua mente disparando. Talvez eles estejam certos. Na verdade, não é uma espécie de suborno? Uma maneira desesperada de colocar o grupo do lado dela?

Pelo menos Evald Johannisen não está aqui, ela lembra a si mesma e endireita os ombros. O mero pensamento das farpas cortantes que ele provavelmente jogaria em seu caminho a faz estremecer. Talvez os outros concordassem com ele.

- Foda-se - diz ela tão alto que ecoa escada abaixo.

E a maldita coisa tem que ser paga; com certeza haverá muito mais caras azedas daqui a trinta dias. Vinte e nove, ela se corrige e empurra a porta aberta.

O cheiro de café a atinge antes de cruzar a soleira.

A porta da sala de conferências no final do corredor está entreaberta; ela pode ouvir o som fraco de vozes vindo de dentro. Ela caminha rapidamente pela paisagem vazia do escritório até sua mesa e puxa uma pasta da gaveta de cima. Então ela continua, com passos determinados e levemente raivosos, em direção à sala de conferências e abre a porta.

Bastardos ingratos.

Karen afunda em sua cadeira, com as bochechas em chamas, enquanto a salva de palmas espontânea diminui e um prato cheio de pãezinhos de canela é empurrado em sua direção.

“Ótima iniciativa, Eiken”, diz Karl. - Mas estou presumindo que eles vão dar a você todo tipo de inferno por isso.

- Cruze aquela ponte quando eu chegar lá - ela responde e dá um sorriso torto enquanto afunda os dentes em um dos pãezinhos gigantes.

- Vamos começar? ela murmura e lambe alguns grãos de açúcar pérola do dedo indicador.

Ela rapidamente relata o que descobriu com os velhos no Hare and Crow e termina com as palavras:

'Portanto, acho que é seguro presumir que Susanne Smeed criticou muitas pessoas da maneira errada e dificilmente foi considerada um raio de sol pelos habitantes locais. E seus gerentes e colegas de trabalho parecem concordar.'

"E a filha dela", acrescenta Karl Björken. - E presumivelmente Jounas também não foi particularmente elogioso?

'Está correto. Até agora, ninguém a descreveu em termos positivos, e isso é para dizer o mínimo. A questão é se ela conseguiu irritar alguém o suficiente para que eles a matassem. Será que ela se envolveu em algum tipo de chantagem? Rude e desagradável, isso nós sabemos, mas ela era do tipo bisbilhoteiro? Qualquer um?'

Todos estão em silêncio, parecendo pensativos.

“Está mais para curioso”, diz Astrid Nielsen. - Pelo menos a julgar pelo chefe dela e pelo punhado de colegas que Johannisen e eu conseguimos

rastrear. Susanne Smeed parece ser do tipo que nota os erros das outras pessoas e adora apontá-los. Um pouco fofoqueiro também.

- Cornelis e Astrid, vou mandar vocês voltarem a Solgården hoje para desenterrar o que puderem. Vou ver Wenche Hellevik - Smeed, como era. Ela é irmã de Jounas e uma das poucas amigas que Susanne parece ter tido, 'ela acrescenta depois de olhar para cima e encontrar olhares curiosos. - Talvez ela possa nos dar uma imagem mais detalhada. Mas preciso de alguém para ir comigo. Karl, você tem tempo?

Ele acena com a cabeça e Karen se volta para Cornelis Loots.

- Você tem algo a nos dizer sobre a investigação técnica ou qualquer outra coisa da qual esteja encarregado?

“Falei com Larsen esta manhã; eles estão trabalhando em DNA e impressões digitais agora e provavelmente terão um resultado antes do final do dia. Bem, além das estampas que já foram identificadas como de Jounas Smeed ', acrescenta, parecendo desconfortável. - E ainda estamos esperando notícias do banco de Susanne e do navio de cruzeiro.

'Certo, como vai isso? Quão longe você foi? '

“Enviamos consultas aos países de origem de cada um dos passageiros, o que inclui todos os países escandinavos, os Estados Unidos, a Holanda e a Itália. Alemanha também, na verdade; um dos dinamarqueses tinha cidadania alemã ', disse Cornelis Loots, lendo seus papéis.

'E . . .? '

'Até o momento, não há denúncias de crimes graves, conforme definido por no mínimo um ano no nick.

Concedido, a escala de sentença varia entre os diferentes países, mas olhando para qualquer pessoa que já foi encarcerada, estamos falando com duas pessoas. Ou seja. . . '

Cornelis folheia seus papéis.

'Um empresário sueco, Erik Bjornlund, que passou dezoito meses atrás das grades por informações privilegiadas e um americano, Brett Close, que fez seis anos, por homicídio, na verdade. Mas quando olhamos para isso, ele acabou por ser um caso de dirigir alcoolizado, onde uma menina de três anos de idade, foi morto. E de qualquer forma, Brett Fechar é setenta e dois anos de idade e que tudo aconteceu de volta em meados dos anos setenta. Desde então, ele tem sido limpo como um assobio e de acordo com o chefe da segurança no navio, ele e sua esposa são ambos profundamente religioso. Episcopais, eu acho que ele disse.'

- Bem, já vimos homens tementes a Deus cometerem crimes terríveis - Karen disse sabiamente. 'Não se esqueça daquele pastor em Noorö que matou sua esposa e quatro filhos para salvá-los de mais pecados. Mas eu entendo o que você quer dizer, Brett Close não parece exatamente um chumbo em brasa. Algo mais?'

'Não, isso é tudo o que temos até agora, mas não recebemos resposta de todos os lugares e os italianos não responderam de forma alguma. Vou ligar para eles de novo depois disso. '

Karen suspira. A chance de encontrar algo útil através do navio de cruzeiro sempre foi uma chance remota e certamente não parecia promissora. Assim que Loots e Nielsen obtivessem as respostas de todos os países, provavelmente seriam capazes de abandonar essa linha de investigação e se concentrar em outra coisa.

A questão é o quê. As primeiras vinte e quatro horas de uma investigação são sempre críticas; estatisticamente, as chances de resolver o caso diminuem a cada hora. Eles agora estão acontecendo por três dias sem um suspeito ou mesmo um motivo claro. Oitenta por cento dos crimes envolvendo violência letal são, de acordo com os números, esclarecidos nos primeiros três dias.

Mas independentemente de estarem lidando com assassinato a sangue frio ou homicídio culposo em um momento de paixão, parece cada vez mais improvável que este caso seja incluído nesses 80 por cento.

Depois de um ensaio durante o qual nada de substancial foi apresentado, uma sessão de especulação costumeira sobre o curso provável dos eventos e possíveis motivos e a distribuição de tarefas, Karen termina

a reunião, pedindo a Karl Björken para ficar por perto. Ela diz a ele que tem uma missão para resolver naquela manhã e concorda em se encontrar no estacionamento à uma.

Vinte minutos depois, ela passa pelas portas giratórias do Hotel Strand.

31

Karen olha para a jovem recepcionista e suspira por dentro. Truls Isaksen é um cara normal de cerca de 25

anos que a olha com aquele ar de polidez exigida e profunda superioridade tão comum entre os jovens no setor de serviços. Seu cabelo escuro está cuidadosamente puxado para trás em um rabo de cavalo discreto e pequenas fendas verticais nos lóbulos das orelhas revelam que eles geralmente são adornados de alguma forma quando ele não está no trabalho.

Assim que Karen se apresentou e disse para que ela estava lá, seu sorrisinho foi apagado e suas sobrancelhas baixadas para uma altura mais relaxada. Certo, seu trabalho exige que ele trate o hóspede do hotel com um certo nível de polidez, mas ninguém disse nada sobre beijar a bunda de um policial.

Eles voltaram para a cozinha dos funcionários atrás da mesa da recepção e Truls, depois de se servir de uma xícara de café, perguntou se ela também queria uma. Ela não quer. Enquanto destrói meio pacote de biscoitos de chocolate, ele tira um maço de cigarros e começa a virá-lo impacientemente na mão. Aparentemente, ele presume que a conversa terminará rapidamente para que ele possa sair para o pequeno quintal e fumar um cigarro bem merecido. Karen pensa em se oferecer para acompanhá-lo e continuar a conversa do lado de fora. E talvez o tivesse feito se estivesse com um humor melhor ou se Truls tivesse sido mais receptivo. Em vez disso, ela finge não notar os cigarros que ele colocou na mesa à sua frente, em vez disso, brinca com um isqueiro de plástico vermelho.

Assim, a conversa começa; Karen faz perguntas sem deixá-lo provocar ou enrolar-la e Truls Isaksen responde cada vez mais tenso e desinteressadamente. Ela pode sentir sua vez o humor mesmo fouler.

Não, ele não tem ideia de quando o hóspede do quarto 507 fez o check-out na manhã de domingo; o quarto havia sido pago antecipadamente e ele poderia ter deixado a chave na recepção a qualquer momento. O hotel não tem o hábito de espionar seus hóspedes. Não, ele não está na recepção a cada segundo de seu turno; ele tem o direito de comer e de ir ao banheiro. E sim, ele tem o direito de fumar algumas pausas rápidas também, quando as coisas estiverem calmas. Além disso, há uma campainha que as pessoas podem tocar se precisarem de ajuda. E sim, deve ter sido ele quem fez o check-in do hóspede no quarto 507, ninguém mais estaria trabalhando à meia-noite e meia. Não, ele não tem nenhuma lembrança clara da pessoa em questão.

Não, isso não é estranho, considerando que check-ins espontâneos acontecem durante o Oistra; ele provavelmente serviu meia dúzia de convidados não anunciados naquela noite de sábado em particular. E

todos nós sabemos para que eles estão aqui.

'Velhos e velhas tesudos se escondendo perto do elevador, tentando se manter fora de vista', Truls Isaksen diz com um ar de experiência cansada. “Também acontece nos fins de semana normais, mas é pior durante o Oistra; muitas pessoas de meia-idade bêbadas, ansiosas por alguma ação.

Karen se contorce por dentro ao ouvir a descrição altamente precisa do jovem. Exteriormente, ela não mostra nenhum indício de seus pensamentos; a capacidade de manter o rosto impassível é uma habilidade que ela praticou durante inúmeras entrevistas. Mesmo assim, o que Truls Isaksen diz a seguir a faz estremecer.

- Mas você não estava aqui? Eu sinto que já te vi antes. '

A repentina epifania da jovem recepcionista faz Karen estudá-lo com incredulidade. Como é possível que esse cara - que não viu nem ouviu nada, que não se lembra de hóspedes ou tempos e que provavelmente roncou durante metade do turno - a reconheça de todas as pessoas? Agora ele está olhando para ela com um interesse tão inesperado quanto indesejável.

- Não foi você que fugiu ao romper da madrugada de domingo? Às sete? Eu estava voltando do pântano e vi você escapar pelas portas. . . '

Karen o observa, com as sobrancelhas erguidas novamente; talvez ele interprete isso como surpresa ou indignação por sua incapacidade de distinguir entre oficiais da lei e hóspedes de hotel. Ou talvez ele não dê a mínima. De qualquer forma, o brilho de interesse nos olhos de Truls Isaksen se extingue e ele se inclina para trás com um suspiro pesado, como se sua lembrança repentina tivesse sugado toda a sua energia. Suas próximas palavras enviam uma onda de alívio por ela.

'Seja como for, eu acho que foi outra pessoa. Venha para pensar sobre isso, ela mais parecia um percussor mudo, bêbado do que um cobre. Embora ela fez lembre-me de você. Sem ofensa, obviamente.'

Karen pigarreia e sorri rigidamente.

- Só mais uma pergunta, depois deixo você continuar fumando - diz ela, apontando para o maço de cigarros. -

Você está me dizendo que não há como saber quando um hóspede sai do hotel, desde que o quarto seja pré-pago e ninguém na recepção anote a que horas o cartão-chave é devolvido? Não há câmeras? '

- Só no estacionamento. Se o cara tivesse um carro. . . '

Truls Isaksen parece que se arrepende de suas palavras no momento em que saem. Ela vai fazer com que ele lhe mostre onde estão as fitas do CCTV

agora? Foda-se, algumas coisas têm que ser decididas por seu empresário.

"Infelizmente, ele não fez isso", Karen diz a ele. - Pelo menos não estacionado aqui no hotel.

Ela se levanta e estende a mão.

'Ok então, obrigado pelo seu tempo.'

Truls Isaksen aperta a mão dela enquanto puxa um cigarro com o outro. Então ele se vira e sai rapidamente da cozinha, desaparecendo por um corredor que parece levar à porta dos fundos. Aparentemente, ele não tem intenção de levar Karen para fora. Ela o observa ir embora. A porta do quintal permanece aberta por um segundo; ela vê de relance uma mulher parada no pequeno pátio pavimentado, fumando um cigarro. Ela está claramente com frio em seu casaco de limpeza azul fino e sandálias ortopédicas; parece que ela está se abraçando para se manter aquecida. Então a porta se fecha e Karen se vira para andar na direção oposta em direção ao saguão do hotel. Só então, ela ouve a voz de Truls Isaksen.

'Oi, você. . . '

Ele está parado na porta, exalando uma fina nuvem de fumaça com uma expressão satisfeita no rosto, acenando para Karen.

“Percebi que Rosita pode saber de alguma coisa”, diz ele.

'Rosita?

- Sim, ela estava limpando aqui no domingo de manhã.

Então ele dá um passo para o lado, tornando a mulher com o roupão azul claro visível mais uma vez.

Rosita Alvarez conta com clareza suas tarefas diárias e como sempre mantém anotações meticulosas sobre quais quartos foram limpos ou se notou algo fora do comum, como toalhas roubadas ou a necessidade de esforços adicionais de limpeza. Karen escuta com atenção, sem interromper.

'As pessoas vomitar,' Rosita diz sucintamente. 'Nem sempre no banheiro. Ele fica no chão e as pessoas não limpar depois de si. Um convidado tinha vomitado todo o banheira, mas que o tempo eu fui para o gerente e lhe disse que queria o tempo extra. Nós só temos quinze minutos por quarto se eles são jovens que abandonam.

'Leavers?'

- Sim, pessoas que estão fazendo check-out. Depois temos os stayers, pessoas que ficam por mais de uma noite; Só tenho sete minutos para arrumar os quartos.

Karen não pergunta se a limpeza do quarto 507 exigiu um esforço adicional, não quer saber. Em vez disso, ela escuta com horror crescente o relato de Rosita sobre um dia normal de trabalho para uma faxineira de hotel. Rosita Alvarez com naturalidade conta a ela sobre toalhas roubadas que ela relatou para evitar problemas, sobre roubos reais, imaginários e inventados onde os limpadores são sempre os suspeitos, vários tipos de lençóis manchados, tateando convidados, insultos e a pressão constante do tempo. E ela diz a ela que gosta de começar a trabalhar o mais cedo possível para poder voltar para casa para seu marido e filho de 13

anos em Moerbeck.

'Eu sempre começo no último andar e trabalho para baixo. Na segunda volta faço o contrário e depois na terceira, começo de novo por cima.

Normalmente, três ou quatro rodadas são suficientes.

- Sim, por favor, por que não? - Karen diz e aceita um cigarro do maço que Rosita oferece a ela com um aceno encorajador. - Então você precisa continuar voltando aos andares que já cobriu?

'Sim, alguém está sempre dormindo; algumas pessoas tomam café da manhã em seus quartos e outras penduram a placa de não perturbe nas portas. Então você tem que esperar. '

- Por acaso você não se lembra de como foi na manhã de domingo? Porque preciso saber quando o hóspede do quarto 507 fez o check-out.

- Não seja louco - Rosita diz e dá uma última tragada firme. “Temos cinquenta e um quartos; Não consigo controlar tudo. '

Ela se inclina sobre uma mesa de jardim e apaga o cigarro contra um pote de terracota de cabeça para baixo que serve de cinzeiro.

- Mas posso dar uma olhada no livro - acrescenta ela, sorrindo abertamente ao ver a expressão decepcionada de Karen. 'Eu sempre anoto os horários, para que eu possa manter o controle de quais quartos eu fiz. Afinal, não sou mais tão jovem ', diz ela, batendo os nós dos dedos na testa. - Você pode vir comigo depois de terminar de fumar. . . '

'Você salva todos os seus logs?' Karen pergunta e rapidamente apaga seu cigarro fumado pela metade enquanto envia um aleluia silencioso aos céus.

- Não para sempre, mas pelo menos por um mês - Rosita responde e mantém a porta aberta. 'Caso haja alguma reclamação dos convidados após o fato. Ou da administração, por falar nisso - acrescenta ela com um olhar severo enquanto escova alguns flocos de cinza do roupão.

*

Se todos fossem como Rosita Alvarez, Karen pensa ao se aproximar do estacionamento em frente à delegacia. Ela e Karl concordaram em se encontrar lá para que pudessem ver a irmã de Jounas, Wenche Hellevik, juntos. Uma olhada em seu relógio diz que ela está sete minutos adiantada. Ela cuidadosamente se senta na caixa de jornal empoeirada do lado de fora da loja da esquina no cruzamento da Kirkegate com a Redehusgate e olha para a entrada da estação.

Com um sorriso, ela se lembra de seu encontro com Rosita Alvarez, a extraordinária faxineira do Hotel Strand. Karen acha que a mulher merece uma medalha.

O sinal de não perturbe estava na porta do quarto 507 quando Rosita verificou o corredor do quinto andar naquela manhã, alguns minutos depois das nove. Enquanto esperava, ocupou-se com os quartos 501 e 503, cujos hóspedes já haviam deixado o hotel. Quando ela terminou, meia hora depois, a placa havia sido retirada e Rosita Alvarez havia limpado o quarto 507 entre 9h35 e 9h50, de acordo com suas anotações.

Karen repassa o tempo mais uma vez. A própria afirmação de Jounas de que ele deixou o hotel por volta das nove e meia parece valer a pena. Teoricamente, ele poderia, é claro, ter deixado o hotel logo depois que Rosita viu a placa de não perturbe alguns minutos depois das nove; ainda havia um intervalo de trinta minutos enquanto ela limpava os outros quartos. De acordo com Kneought Brodal, Susanne morreu no máximo às 10h, e mais provavelmente antes das 9h30. Digamos que Jounas tenha deixado o hotel logo depois das nove, ela pondera. Nesse caso, ele teria sido eminentemente capaz de chegar a Langevik antes das dez e poderia ter matado Susanne dentro do prazo especificado por Brodal.

Mas primeiro ele teria que caminhar até o estacionamento da prefeitura e pegar o carro; mais cinco minutos, pelo menos. Faltam pouco mais de quarenta e cinco minutos. Bem, ela cobriu a mesma distância em meia hora uma ou duas vezes quando estava com muita pressa, mas não sem quebrar severamente os limites de velocidade. Se ele pisasse fundo, deveria ter conseguido, mas por que Jounas se arriscaria a ser pego? Ele não teve nenhuma razão para correr até lá.

Droga, ela pensa, isso não é bom o suficiente.

Karen desvia o olhar da entrada da estação, virando o rosto para o sol de outono e fechando os olhos. Ela está tão perto de ser capaz de excluir seu chefe. Quase perto, mas não exatamente lá. Ainda há uma possibilidade teórica. Os minutos e segundos indicam que ele teve tempo, mas que tal um motivo? Qual teria sido o gatilho? Será que aconteceu alguma coisa naquela manhã no hotel, depois que eu saí? ela pondera. Um telefonema, uma mensagem de texto, um e-mail; algo que acordou Jounas e o deixou furioso? Ou com medo?

- Pegando raios, não é? Seu carro ou o meu? '

A voz de Karl a assusta. Meu, obviamente, ela pensa, mas reprime o impulso. Ela sempre se sente desconfortável no banco do passageiro, mas hoje deveria deixar a direção para Karl.

“Por que não pegamos o seu”, ela diz. 'Eu preciso pensar.'

33

A rodovia que sai de Dunker em direção a Ravenby corta em linha reta a planície de Sörland. Milha após milha de campos escassos e floresta decídua, dividida por vastos urze. No extremo oeste, onde a estrada vira para o norte, o horizonte aparece; mesmo tão longe no interior, você pode sentir que o lado oeste da ilha cai vertiginosamente no mar. Hoje em dia, poucas pessoas ainda acreditam na lenda do gigante Frendur, que em um acesso de raiva partiu Heimö com sua espada, poupando a metade oriental enquanto deixava a ocidental, onde sua esposa adúltera e irmão de coração falso viviam em pecado juntos, afundem no Oceano Atlântico.

Mas assim como a Terra pode parecer plana e o céu parecer uma cúpula de vidro azul em um belo dia de verão, a costa de Heimö realmente parece ter sido criada por um golpe de espada massivo desferido por alguém em uma fúria altíssima.

Karl dirige rápido, mas bem, e pouco mais de uma hora depois, eles cobriram quase setenta milhas, viraram na rota 20 e agora estão seguindo as placas para Helleviksnäs. Está ficando nublado de novo, Karen pensa consigo mesma e se inclina para espiar as nuvens cinzentas que se movem do oeste, se acumulando acima delas.

'É apenas uma coincidência?' Karl pergunta olhando para o GPS. - Que o sobrenome deles é Hellevik e eles moram em Helleviksnäs, quero dizer.

"Não pensei assim", diz Karen. 'Parece que me lembro que a família do marido de Wenche é bastante numerosa; eles provavelmente eram donos da aldeia uma vez. Mas acho que isso não é totalmente incomum.

- Talvez não aqui, mas em Frisel é praticamente inédito. Ninguém ali possui nada além de seu pequeno pedaço de terra. Se isso, mesmo. '

- Não, vocês, friselianos, não são exatamente conhecidos por sua ambição. Nem pelo seu trabalho árduo -

acrescenta ela, lançando a Karl um olhar provocador.

Karl bufa com indignação fingida. Ele já ouviu isso antes; quanto mais ao norte você mora no arquipélago Dogger, é mais provável que você seja considerado trabalhador e honesto. Os residentes de Noorö - com sua herança predominantemente norueguesa e sueca - ainda são descritos como trabalhadores, quietos e tementes a Deus, enquanto seus primos na ilha mais ao sul - onde a população tem raízes dinamarquesas e holandesas mais extensas - são considerados frívolos e deixe suas redes na água por muito tempo. No meio está Heimö com sua mistura profana de herança britânica, escandinava e europeia continental. Pessoas vieram aqui de diferentes partes do mundo e por diferentes motivos. Provavelmente é verdade que, muito tempo atrás, Heimö serviu como um porto seguro para pessoas que se viram obrigadas a deixar suas terras natais por qualquer motivo, mas dificilmente na extensão que as histórias tentam entender. No entanto, embora os ladrões, assassinos e outros criminosos nunca tenham sido tão numerosos quanto alguns afirmam, a ilha principal é, de acordo com os nativos de Noorö e Frisel, habitada principalmente por pescadores ilegais, proprietários de terras, magnatas marítimos e outros de seus laços, que não se importam em enriquecer às custas dos outros. E Dunker, a capital, é, naturalmente, a pior.

- Faz sentido - murmura Karl Björken. - Longe da filha de Axel Smeed casar. Se você cresceu com uma colher de prata na boca, obviamente não pode se apaixonar por um mendigo. Aposto que estão nadando em dinheiro.

- Acho que sempre podemos perguntar - Karen responde sarcasticamente.

Mas eles só precisam entrar pelos portões da propriedade dos Helleviks para saber que, embora a família possa não estar literalmente nadando em dinheiro, eles definitivamente estão no sentido figurado. A quadra de tênis à direita da entrada da garagem tem um clube e duas fileiras de assentos elevados e a piscina em formato de rim é a maior piscina particular que Karen já viu. Ela ouve Karl murmurar algo sobre o Tio Patinhas quando avista o trampolim de seis metros. Eles continuam em direção à mansão impressionante e estacionam ao lado da fonte verde-cobre que adorna a entrada de automóveis. Karl desliga o motor e se inclina para olhar a fachada pelo para-brisa.

- Você acha que podemos estacionar aqui? Ou devemos usar a entrada dos criados?

Antes que Karen pudesse responder, uma mulher alta apareceu na esquina da casa, parando ao pé da magnífica escadaria que conduzia à porta da frente. Ela está atrás de dois Yorkshire terriers molhados, que ficam emocionados ao ver os visitantes. Latindo e pulando de alegria, eles correm para frente e para trás entre os pés de seus donos e o carro de Karl. Atrás deles, Karen vislumbra algo que parece um setter irlandês igualmente úmido, mas muito mais calmo. Ele trota e se senta ao lado da mulher, que automaticamente coloca a mão em sua cabeça castanha.

Karl e Karen abrem as portas como um só e saem do carro.

'Bem vinda!' Wenche Hellevik grita. - Tudo bem, tudo bem, acalme-se!

Ela não se adianta para cumprimentá-los, mas seu sorriso é caloroso; Karl e Karen caminham em direção à mão estendida dela o mais rápido possível. Karen estuda discretamente a irmã de Jounas Smeed. Seu cabelo loiro-branco está puxado para trás em uma torção francesa tão severa quanto suas roupas: uma jaqueta verde escura sobre uma blusa de gola alta, uma saia justa xadrez verde abaixo do joelho, brincos de pérola

discretos e unhas de madrepérola levemente rosa . A única coisa que prejudica seu visual com curadoria é um par de galochas recém-lavadas com mangueira, das quais suas pernas crescem como delicados talos de flores.

Eles apertam as mãos e se apresentam.

'Eu pensei ter ouvido um carro. Acabamos de voltar de uma pequena caminhada e tivemos que enxaguar na sala de lama. Não, eu já te disse, sem pulos! Posso te oferecer uma xícara de café? Ou chá, talvez? Você deve estar exausto da viagem. Não, cachorro mau! '

Essa última parte é dita com uma voz inesperadamente poderosa para o setter irlandês, que não parece entender por que este seria um momento ruim para sacudir a água de seu pelo. Wenche Hellevik os conduz pelos largos degraus de pedra e pelas portas de carvalho ricamente ornamentais. Por causa do forte contraste entre o sol de outono lá fora e a escuridão lá dentro, Karen leva alguns segundos para perceber que o corredor gigantesco está coberto por folhas de plástico e papelão. Dois homens de branco estão parados entre a confusão de escadas, latas de tinta e tubos Polyfilla, rolos e pincéis. Eles estão discutindo algo com um terceiro homem de terno azul

incomumente alto. Os três parecem preocupados e um deles está apontando para o teto.

'Você vai ter que desculpar a bagunça; tivemos um vazamento em um dos banheiros do andar de cima e vamos ter que reformar todo o corredor. Querida, a polícia está aqui, venha dizer oi antes de sair! '

A conversa com os pintores é rapidamente encerrada e o homem alto se junta a eles, apertando primeiro a mão de Karen e depois a mão de Karl com um sorriso educado.

"Magnus Hellevik", ele se apresenta. - Acredito que minha esposa me disse que você está aqui por causa deste terrível negócio com Susanne.

'Sim, é isso mesmo, precisamos falar com o maior número possível de pessoas que a conheceram', responde Karen.

'Não sei se falar comigo teria alguma utilidade; Estou à sua disposição, claro, mas gostaria de pedir que comece comigo. Tenho uma missão urgente em Ravenby e realmente deveria ter saído muito antes de agora, mas estamos tendo alguns problemas aqui, como você pode ver.

Magnus Hellevik aponta para a pintura e as escadas enquanto estuda Karl e Karen um por um, como se refletisse sobre quem é mais velho, embora eles tenham acabado de se apresentar.

- Você ficou bem Susanne agora? Karen pergunta.

'De jeito nenhum. Nós nos socializamos um pouco como uma família enquanto ela e Jounas eram casados, mas eu não a vi desde então. E já se passaram anos desde que eles se separaram.

Karen acena com a cabeça.

“Então não aumentaremos o seu estresse”, ela diz com um sorriso. - Pelo menos não hoje. Queremos principalmente falar com Wenche, mas entraremos em contato se tivermos alguma dúvida para você.

Magnus Hellevik parece aliviado e se desculpa com um sorriso e um beijo rápido na bochecha da esposa.

'Devemos?'

Wenche gesticula em direção a um par de portas deslizantes à direita, antes de assumir a liderança e abri-las com um som estrondoso.

'Sente-se; Eu volto já. Você disse chá ou café?

*

Poucos minutos depois, ela volta com uma bandeja carregada com três xícaras, uma pequena urna de chá e um prato de muffins de limão. Ela se senta em uma das pontas de um sofá branco como osso e se vira para seus convidados, que se acomodaram em poltronas de chita florida.

- Sirvam-se e depois me digam o que posso fazer por vocês. Leite?'

Ela não se parece em nada com o irmão, pensa Karen. Mesmo nariz e constituição, talvez, mas, felizmente, parece que é aí que as semelhanças terminam. Até agora, não há nenhum traço de amargura ou arrogância no rosto da irmã de Jounas. Ela encontra os olhos de Karl e acena com a cabeça para ele ir em frente.

- Você se importaria de nos contar como você e Susanne se conheceram? Eu soube que vocês estudaram juntos? '

- Sim, isso mesmo, mas não antes da faculdade do sexto ano. Susanne morou em Langevik e passou seus primeiros nove anos lá, mas a faculdade foi uma ótima oportunidade para ela se mudar de casa.

'Oh?' Karen diz. - Então ela não viajou para Dunker, como todo mundo?

Por uma fração de segundo, ela é arremessada de volta no tempo trinta anos, para o ônibus amarelo Leyland acidentado que ela pegou para a escola todos os dias durante três anos. Ela se lembra da náusea constante,

causada tanto pela leitura do dever de casa no ônibus quanto pelos cigarros no ponto de ônibus.

'Não, e foi assim que nos tornamos amigos', continua Wenche. - Papai era dono de um prédio de apartamentos para alugar em Nygate e me deu uma pequena cama com a condição de que eu mesma pagasse o aluguel. Ele era muito exigente com relação a coisas assim. '

Ela toma um gole do chá e lentamente coloca a xícara na mesa antes de continuar.

'Eu tinha minha bolsa de estudo e trabalhava extra nos finais de semana, mas como queria ir a festas e comprar roupas, era difícil pagar as contas, então, depois de alguns meses, coloquei um folheto para encontrar um colega de apartamento. Susanne deve ter sido a primeira pessoa a ver o folheto e imagino que ela o rasgou imediatamente. De qualquer forma, ela me contatou durante um intervalo naquele mesmo dia e.

. . bem, ela se mudou alguns dias depois.

- E vocês se tornaram amigos. Você estava perto? '

Karl pega um muffin e Karen nota que a expressão ressentida que ele tinha no rosto quando eles chegaram se suavizou. Provavelmente aplacada com a história de seu pai não pagar o aluguel dela, obrigando-a a trabalhar mais. Além disso, Wenche Hellevik parecia bastante pé no chão, apesar da piscina e da quadra de tênis.

'Fechar? Eu acho que você poderia dizer isso. É tão fácil fazer amigos íntimos quando você é jovem. Antes de desenvolver uma personalidade fixa, se é que você me entende. Mais tarde na vida, estamos mais ou menos formados quando se trata de nossos pontos de vista sobre todos os tipos de coisas, mas no final da adolescência, acredito que as coisas que surgiram em nosso mundo eram meninos, roupas, música e professores injustos. '

Karen concorda com a cabeça. Esses são os assuntos sobre os quais ela se lembra de ter falado sem parar naquele ônibus esburacado.

“E os jovens são terrivelmente conformistas, embora *pensem* que são incrivelmente radicais. A maioria só quer se encaixar, a qualquer custo. Mas, para responder à sua pergunta, sim, éramos tão próximos quanto duas adolescentes seriam. Besties, acho que eles chamam.

- Você poderia nos dizer como era Susanne? O que você acha dela como pessoa? '

Wenche Hellevik tem uma expressão ausente em seus olhos enquanto busca suas lembranças.

“Ansioso”, diz ela por fim. 'Decente e prestativa e sempre muito ansiosa para agradar e se encaixar. Bastante brilhante, na verdade, mas ela não estava particularmente interessada em estudar, parecia mais focada em desenvolver sua rede social.'

- Ela era popular?

'Susanne era muito bonita; ela não teve problemas para encontrar meninos. Mas ela não era tão querida entre as meninas e nunca se esforçou para encontrar namoradas, além de mim. Por alguma razão, ela parecia me respeitar em particular; ela copiou as coisas que eu fiz, cortou o cabelo quando eu fiz, descoloriu o cabelo como eu. Bem, eu sou uma loira natural,

é claro ', Wenche Hellevik rapidamente se corrige,' mas você sabe o que quero dizer. Ela apenas me imitou, comprou roupas semelhantes e coisas assim, tanto quanto suas finanças permitiram.

- E o que você achou disso?

Wenche Hellevik encolhe os ombros; Karen avista Jounas e Sigrid no gesto.

'Eu provavelmente ficava irritado de vez em quando, mas não era grande coisa. Acho que também fiquei um pouco lisonjeado. Na verdade, parecia-me que ela estava impressionada com minha família e um pouco envergonhada de sua própria origem. Ela queria deixar sua antiga vida para trás.

- Ela contou alguma coisa sobre a família dela?

'Muito pouco no início, mas com o tempo tive uma impressão clara de uma infância nada feliz. Não tanto que ela fosse maltratada em casa, mais parecida com ela - como posso dizer? - Acho que tive a sensação de que ela não respeitava os pais. Eles eram excêntricos, eu acho, e ser diferente deve ter sido muito difícil naquela época, especialmente em um lugar pequeno como Langevik.

'Oh? Em que sentido eles eram excêntricos? ' Karl pergunta.

Ele consegue parecer genuinamente surpreso, como se não tivesse ideia, embora Karen o contasse sobre o que sua mãe e os velhos no Hare and Crow lhe contaram sobre a comuna da Fazenda Lothorp no caminho para cá. Ela faz uma nota mental para dizer ao laboratório para se apressar e lançar o álbum de fotos que ela e Karl encontraram no quarto de Susanne.

“Eles eram o que as pessoas chamariam de hippies, eu imagino”, diz Wenche Hellevik, hesitante. 'Seus pais se mudaram para cá da Suécia e se eu a entendi bem, eles viveram em algum tipo de comuna durante seus

primeiros anos na ilha.'

- Ela lhe contou mais alguma coisa sobre aqueles anos?

- Não, ela era tão pequena naquela época, não tenho certeza do quanto ela sabia sobre a comuna. Mas muitas outras coisas foram difíceis para ela depois.

'Tal como?'

- Bem, por exemplo, nenhum dos pais dela tinha um emprego adequado, o que eu sei que Susanne achou constrangedor. Os colegas dela na aldeia eram principalmente filhos de pescadores, pilotos e outros profissionais ditos íntegros, enquanto o pai de Susanne ficava parado no jardim deles, pintando quadros.

Isso corresponde ao que Jaap Kloes e os outros disseram, observa Karen. Se o desejo mais fervoroso de Susanne era se encaixar, não deve ter sido fácil ser Lindgren.

"E a mãe dela morreu muito jovem", continua Wenche, "então me sinto mal por dizer isso, mas sei que Susanne tinha vergonha dela."

'Envergonhado? Por quê?'

Aparentemente, Karl parece ansioso demais, porque a voz de Wenche Hellevik é seca e levemente sarcástica quando ela responde.

- Receio não ter nenhum escândalo picante para você. Acho que era simplesmente porque a mãe de Susanne era o tipo de pessoa que chamava atenção e não dava a mínima para as convenções; ela se vestia de maneira diferente das outras mães, fazia ioga, curava e coisas assim. E Susanne provavelmente queria o tipo de mãe que todo mundo tinha. Ninguém falou sobre. Mas isso é realmente tudo que sei ', acrescenta ela.

Seu sorriso é de desculpas, mas a autoridade em sua voz sinaliza com firmeza que Wenche Hellevik não tem mais nada a dizer sobre a infância de Susanne. Karen decide mudar de assunto.

“Pelo que me contaram, os Lindgren se sustentavam vendendo suas terras”, diz ela. - Aparentemente, eles herdaram uma grande propriedade de um dos parentes da mãe de Susanne.

- Sim, estou ciente disso, mas Susanne não sabia nada sobre isso naquela época, tenho certeza de que não.

Ela provavelmente pensou que eles viviam das economias do velho Gråå. Mas ele não tinha nada no banco, fiquei sabendo; toda a sua riqueza estava ligada à terra. '

Ela faz uma pausa para um gole de chá antes de continuar.

- Ela obviamente sabia que tinha raízes na ilha e que sua mãe herdou de seu avô, que tinha muitas propriedades. Mas que a herança foi vendida, pedaço por pedaço, para pagar a conta deles, isso ela só descobriu muito mais tarde. Na verdade, acho que não ficou claro para ela até que seu pai faleceu. Não descobri por muitos anos, quando meu irmão mencionou isso para mim em conjunto com seu divórcio. '

- Então Jounas sabia antes de Susanne. . .? '

Wenche Hellevik parece desconfortável.

'Eu penso que sim. Porque papai comprou grandes extensões de terras dos Lindgren. Tenho vergonha de dizer que ele também não pagou um preço justo por isso. O pai de Susanne não era empresário e provavelmente imaginou que poderia confiar em um parente pelo casamento. E quando ele morreu, Jounas herdou a terra. '

- Jounas herdaram, você diz. E você?'

'Claro, mas a herança foi dividida; Jounas ficou com a maior parte das terras e eu assumi as empresas de papai. Como policial, Jounas não tem tempo nem inclinação para dirigir os negócios, enquanto Magnus e eu temos.

Karen pondera as implicações do que Wenche acabou de dizer a eles. Isso significa que o velho Axel Smeed deve ter continuado a comprar terras do pai de sua nora enquanto Susanne e Jounas estavam casados.

Comprando sistematicamente a herança de Susanne para que ele pudesse dá-la ao filho. Jounas, ao contrário das afirmações de Wenche, sabia disso o tempo todo? Ou Axel agiu pelas costas do filho também?

Como se pudesse ler a mente de Karen, Wenche capta seu olhar e o segura.

“Papai era um homem duro”, diz ela. 'Ele não suportava' ladrões, gente da Frisel e outras escórias ', como ele dizia, e sempre presumiu que seus filhos seguiriam seus passos e compartilhariam seus valores. Jounas foi quem se rebelou, não eu. Foi difícil para papai quando seu único filho se matriculou na academia de polícia em vez de entrar no negócio da família que havia construído. E quando Jounas se casou com Susanne, com sua formação e família excêntrica, acho que ele desistiu dele. Em vez disso, ele transferiu todas as suas esperanças para a próxima geração. Magnus e eu nunca tivemos filhos; Sigrid é sua única neta. '

'Então ele não estava cuidando do filho tanto quanto da neta', Karen diz pensativa.

- Exatamente, acho que ele percebeu que a terra, em caso de divórcio, estaria mais segura nas mãos de Jounas do que nas de Susanne. Ela era uma caça-ouro, ele dizia, e filha de uma turba sueca que não entendia o valor do

dinheiro. Acho que ele presumiu que eles se divorciariam e se prepariam de acordo. E ele estava certo. '

E eles tinham um acordo pré-nupcial; Axel Smeed tinha certeza disso. Era a sua condição para ajudar o filho e a nora grávida com as acomodações, segundo Jounas. Tudo se encaixa na reputação de Axel Smeed; duro e disposto a fazer qualquer coisa para fazer um bom negócio. Ele nem mesmo hesitou em ir pelas costas da nora, comprando sua herança futura por uma ninharia e entregando-a ao desapontamento de um filho para protegê-la, para se certificar de que eventualmente terminaria onde ele queria. Na posse de Sigrid, seu único neto, seu herdeiro.

Uma imagem de Sigrid, eriçada no sofá, tatuada e com piercings, surge diante dos olhos de Karen.

Dificilmente a imagem de uma herdeira de toda a fortuna de Smeed. Provavelmente não o neto que Axel Smeed teria desejado. E dificilmente a filha que Jounas ou Susanne esperavam quando a inscreveram para aulas de equitação e balé.

Eu me pergunto como é ser uma decepção tão grande?

- Você está vendo Sigrid? ela pergunta.

- Faz muito tempo que não. Ela basicamente cortou todos os laços com os pais no momento em que se mudou. Todos os laços com a família em geral, na verdade.

- E por que isso?

Wenche Hellevik hesita por alguns momentos.

“Nem sempre é fácil lidar com meu irmão”, ela diz finalmente. 'Ele pode ser insensível e inflexível; ele certamente era para Susanne. E ela era

amarga e combativa. Era um conflito constante e eles usaram Sigrid como intermediária, forçando-a a tomar partido. No final, ela não viu outra maneira a não ser se distanciar dos dois, fugindo de toda a situação. '

Assim como Susanne fez, observa Karen. Os dois deixaram a casa dos pais assim que puderam. Pelo menos eles tinham isso em comum.

"Pulando um pouco à frente", diz Karl. - Você e Susanne continuaram amigos?

'Sim e não', Wenche Hellevik diz com algo parecido com alívio em sua voz, como se ela estivesse muito feliz em mudar de assunto. 'Não brigamos nem nada parecido, mas fui estudar nos Estados Unidos e simplesmente perdemos o contato. Às vezes nos víamos quando eu voltava para os intervalos, mas ficou cada vez mais óbvio que estávamos nos distanciando.

'Como assim?'

'Bem, para mim, o ensino superior sempre foi um dado, enquanto Susanne foi trabalhar logo após o colégio.

Ela apenas pegou a primeira coisa que apareceu, sem uma direção real, suponho. Na verdade, ela até teve alguns shows como modelo, já que era bonita e alta. '

- Sério - Karen diz surpresa. 'Uma modelo?'

- Bem, não foram grandes trabalhos, mas algumas sessões de fotos de moda e alguns anúncios, eu acho.

Infelizmente, não o suficiente para viver, mas ela se agarrou ao sonho; talvez seja por isso que ela nunca se preocupou em estudar. Mas Doggerland não está exatamente lotado com trabalhos de modelo, então ela teve que aceitar vários outros empregos para sobreviver.

- E quando você voltou para sempre, continuou a vê-la? Karl pergunta.

'De vez em quando, especialmente quando nenhum de nós tinha namorado. Houve alguns anos em nossos vinte e poucos anos quando saímos em vários clubes e fomos a festas. Foi divertido, com certeza, mas para ser sincero, sempre achei que ela queria ser vista mais do que eu. E então conheci Magnus e tive menos tempo tanto para Susanne quanto para meus outros amigos, por mais apaixonado que eu fosse. Ela estava muito chateada, pelo que me lembro.

'Como isso se manifestou?'

Mais uma vez, Wenche parece ausente, como se estivesse sendo transportada de volta no tempo.

“Acho que foi então que minha impressão de Susanne começou a mudar seriamente”, diz ela, pensativa. 'Ela me deixava inquieto, quase culpado, toda vez que nos encontrávamos; falava muito sobre como eu tinha tudo e ela não tinha nada. Houve algumas palavras duras ditas sobre como eu agia como se ela não fosse mais boa o suficiente. Seus empregos de modelo haviam secado quase completamente naquele ponto também; ela provavelmente sentiu que todas as portas estavam fechando para ela enquanto eu seguia em frente. '

- Você parou de se ver?

'Não, eu me senti um pouco culpado por permitir que Magnus monopolizasse meu tempo, então fiz questão de convidá-la para festas e sair para tomar uma bebida com ela de vez em quando. Acho que estava ansioso para provar a Susanne que não me considerava superior a ela. E um ano ou mais depois, Magnus propôs casamento e, claro, nós a convidamos para o

casamento. Jounas pode ter lhe contado que nosso casamento foi onde ele conheceu Susanne?

- Sim - responde Karen -, ele nos contou isso. E, aparentemente, ela acidentalmente engravidou com apenas alguns meses de relacionamento.

Wenche emite uma risada bufante que parece fora de compasso com sua natureza gentil e contida. Depois de um momento, ela se levanta e alisa algumas rugas invisíveis da saia.

- Acidentalmente - diz ela secamente. - Não tenho tanta certeza disso.

Ela caminha até um aparador onde garrafas e decantadores de cristal disputam espaço. Ela se vira para Karen e Karl, as sobrancelhas erguidas; eles balançam a cabeça.

- Bem, eu, pelo menos, sinto necessidade de uma bebida forte.

Ela despeja alguns dedos de uma das garrafas e toma um gole antes de retornar ao sofá branco como osso.

No momento em que ela se senta novamente, seu sorriso caloroso voltou. Ela toma outro pequeno gole e coloca o copo na mesa de centro.

- Então você não acha que a gravidez de Susanne foi um acidente? Karen retoma a conversa.

'Eu não acho que ninguém fez. Você vai ter que me desculpar se eu parecer chateado, mas o fato é que parecia. . . bem, como algum tipo de violação, como se ela deliberadamente se insinuasse em nossa família. '

- Então você não acredita que ela e Jounas estavam genuinamente apaixonados?

Wenche Hellevik encolhe os ombros novamente e suspira.

- Jounas se sentiu atraído por ela, naturalmente, mas dificilmente acho que ele teria concordado em se casar com ela em quaisquer outras circunstâncias. E no que diz respeito a Susanne, estou inclinado a concordar com meu pai; Acredito que foi principalmente a fortuna e o status de nossa família que a atraiu. Ela pode ter se apaixonado por Jounas, mas nunca houve qualquer química real entre eles. Nunca nenhuma faísca visível, nenhum beijo espontâneo, nenhum olhar amoroso. E, no entanto, ela de alguma forma parecia satisfeita com a situação. Nunca perdi a oportunidade de falar sobre como seríamos irmãs. '

'E depois do casamento; como você descreveria o casamento deles? '

“Acho que os primeiros dois anos foram relativamente harmoniosos, principalmente graças à pequena Sigrid, a quem os dois amavam, é claro. Mas quando Jounas abandonou a faculdade de direito e voltou para a autoridade policial, as coisas desmoronaram. Papai estava lívido, Susanne meio histérica e Jounas teimoso e irracional. Isso afetou a todos nós, quase separou a família. Nada mais foi o mesmo depois disso. É claro que nos víamos em feriados e aniversários importantes, mas, fora essas ocasiões, Jounas e Susanne ficavam isolados do resto da família. Papai retirou todo o apoio financeiro e eles tiveram que deixar seu apartamento chique em Freyagate. Acho que só os visitei uma vez em seus dois leitos em Odinswalla; Susanne era uma pessoa completamente diferente naquela época.

'Em que aspecto?' Karen pergunta.

'Amargo, desapontado. Essas tendências sempre estiveram lá, mas agora era como se tivessem assumido o controle completamente, deixando-a abatida de uma forma que eu nunca tinha visto antes. Quase senti pena dela. E para ser franco, os Jounas se comportavam como um idiota. Eu entendo que ele

queria seguir seu próprio caminho e não marchar ao som do tambor do papai e sei lá, mas ele não pensou em mais ninguém, não consultou ninguém, nem mesmo sua esposa. Ironicamente, seu comportamento deixou claro que ele e papai eram ervilhas em uma vagem; completamente implacável e disposto a fazer o que for preciso para conseguir o que querem. '

*

De volta ao carro, Karen e Karl estão perdidos em pensamentos. Por fim, Karl quebra o silêncio.

'Você não pensa. . . Quero dizer, como podemos ter certeza de que ele estava em casa quando Susanne foi morta?

- Não tenho certeza o suficiente.

'O que você quer dizer?'

Karen respira fundo e expira lentamente.

'Tudo bem', diz ela, 'mas eu quero que isso fique entre nós. Jounas passou a noite no Strand depois de Oistra.

Karl se vira para encará-la tão de repente que o carro espreita.

'Que porra é essa, Eiken, por que você não disse isso antes? Você disse ao time que ele foi para casa.

- Sei exatamente o que disse e você está certo. Ele realmente voltou para casa a pé, mas não até a manhã seguinte.

- Você mentiu para nós.

- Não contei toda a verdade, mas tomei muito cuidado para não mentir para você de cara.

- Oh, entendo, não totalmente. Isso é decente da sua parte. . . realmente.'

A voz de Karl está cheia de sarcasmo; ela lhe lança um olhar rápido. Ele está olhando para a estrada, mas sua mandíbula cerrada é um sinal claro de que ele está com raiva.

“Me escute, Karl”, ela diz. “Não queria contar a toda a equipe que nosso chefe passou a noite em um hotel com uma mulher. Mas verifiquei quando ele saiu do hotel. Ele teria tido no máximo quarenta e cinco minutos para caminhar até a prefeitura para pegar o carro, dirigir até Langevik e matar Susanne. Isso parece provável para você?

'Não particularmente.'

Eles ficam sentados em silêncio por mais alguns quilômetros. Karl é mais uma vez a pessoa que rompe o silêncio.

“Mas não é impossível”, acrescenta.

35

Karen está parada perto da janela, olhando para o estacionamento na diagonal oposta. As grandes árvores do Parque Holländar balançam com o vento, e mais e mais folhas amarelas se juntam às conkers no solo. São quase sete horas e completamente escuro, mas a luz dos postes revela que o pavimento está escorregadio de chuva.

- Não acredito - murmura Karen, aproximando-se do vidro.

Naquele momento, um minúsculo floco de neve branco pousa na janela e desliza para baixo enquanto derrete rapidamente. Sim, é inegável: granizo. No início de outubro. Um mês antes, pelo menos, mesmo para os padrões de Doggerland.

Ela pode apenas ver seu Ranger no lado esquerdo do estacionamento; Ocorre a ela que é hora de começar a estacionar no abrigo da garagem subterrânea da polícia. O desagradável de entrar em um carro congelando em breve superará o desagrado do ambiente subterrâneo com suas luzes fluorescentes. E é gratuito para funcionários também.

Está ficando tarde, ela pensa, eu deveria ir para casa antes que o tempo piorasse.

Mas ela fica onde está. A estrada lamacenta é tão tentadora quanto sua casa escura e silenciosa. O que ela quer é ir ao bar mais próximo, curtir o calor de corpos estranhos, ouvir o barulho de suas vozes e se embriagar. Ela quer ficar na cidade e trabalhar amanhã de manhã cedo. Ou, em um cenário mais provável, durma mais uma hora.

Na verdade, não preciso ir para casa. A janela da cozinha está entreaberta e há bastante comida e água para o gato; ele vai ficar bem por uma noite. Karen imediatamente percebe que não deveria deixar a janela aberta com

esse tempo e que realmente deveria ir para casa e instalar aquela maldita aba de gato. Ela reprime uma pontada de culpa e pega o telefone. Rola a lista de chamadas para baixo até um de seus números discados com mais freqüência.

A voz que atende soa alegremente surpresa.

'Oi, amor! Então, você está vivo? '

- Só um pouquinho, eu acho. Você ainda está na cidade? '

'Desculpe. Estou no carro, quase em casa. Onde você está?'

- Ainda estou no trabalho, mas estava pensando em encerrar o dia e queria companhia.

- Você poderia ter ligado antes - responde Marike. 'Eu não acho que estou pronto para dirigir todo o caminho de volta com este tempo. Eles estão falando sobre chuva congelante. Em outubro, uma loucura! '

'Mesmo? Bem, isso me deixa ainda menos ansioso para dirigir para casa. Tudo bem se eu ficasse no estúdio?

'

- Vá em frente, você tem as chaves. Tenho certeza de que é bom e quente; os fornos estão ligados desde ontem; Eu apenas os desliguei quando saí. Que tal sábado?'

Dois segundos de desespero vasculhando seu banco de memória antes de encontrar algo. Em um momento de fraqueza, ela convidou alguns amigos para comemorar seu último aniversário no lado direito dos cinquenta anos.

'Foda-se, eu tinha esquecido completamente.'

"Esquecido?"

'Eu estive ocupado. Você leu os jornais, certo?

- Você sabe que só leio a seção de artes. Mas, falando sério, nem mesmo eu poderia deixar de perceber que alguma pobre mulher foi assassinada em Langevik. Você está no caso?

"Não só nisso, estou encarregado da investigação."

Marike assobia.

'Perfeito. Então, queremos ouvir todos os detalhes interessantes no sábado.

Karen não responde de imediato.

- Sinceramente, não sei se terei tempo. E dificilmente é algo para comemorar. Mas no próximo ano. . . '

- Então considere isso um velório. Você prometeu fazer seus *kricklings* . '

'Eu estava bêbado. As promessas feitas durante o Oistra não contam.

'Falando nisso, Kore disse que você puxou depois que eu saí. Quem é o cara? '

'Ninguém. Não foi nada. '

Um pouco rápido demais, um pouco áspero demais para soar convincente.

'Oh, sério, é isso mesmo. . . '

- Tanto faz, não estou com vontade de falar sobre isso.

- Então, um de seus idiotas habituais. Você já pensou em dormir com alguém de quem realmente gosta? '

Antes que Karen possa responder, Marike continua:

- De qualquer forma, minha saída está chegando, então tenho que ir. Falaremos mais sobre isso outra hora.

Mas se você quer mesmo mudar de ideia sobre o sábado, provavelmente deveria ligar para Eirik e Kore; eles estão ansiosos por isso. '

Karen faz alguns cálculos rápidos: ela pode ferver mexilhões durante o sono e vinho que pode pegar depois do trabalho. A menos que haja uma quebra no caso, ela deve ser capaz de retirá-lo. Além disso, ela precisava de companhia.

'Não, você está certo', ela diz, 'é claro que você deveria vir. Mas não terei tempo para limpar e você vai ter que trazer um pouco de pão da cidade; não há mais padaria decente em Langevik. E se algo acontecer e eu tiver que voltar ao trabalho, você está por conta própria.

Quarenta e nove, ela pensa depois de encerrar a ligação. Quando diabos isso aconteceu?

Vinte minutos depois, Karen abriu caminho através da seção barulhenta do bar do Restaurante Kloster e sentou-se a uma mesa para dois. Depois de uma rápida olhada no quadro-negro, ela acena para o garçom e pede bacalhau com manteiga derretida e raiz-forte.

- E meia garrafa de tinto da casa - acrescenta ela.

Ela olha ao redor da sala. Perto do bar, acima de uma parede de corpos, braços continuam disparando, tentando chamar a atenção do barman e fazer um último pedido antes que o happy hour termine. A seção do restaurante, por outro lado, está apenas meio cheia; ela observa os outros clientes sob o pretexto de estudar a decoração.

Kloster fica a apenas alguns passos do Dunker City Theatre; vários de seus amigos comensais provavelmente estão indo para lá quando eles terminarem: possivelmente o casal de meia-idade que agora está recebendo a sobremesa; definitivamente as quatro mulheres bem vestidas de cerca de sessenta e cinco que estão pedindo outra garrafa de branco com sua conta e rindo ruidosamente. Talvez o casal de trinta e poucos anos na mesa ao lado também, embora isso seja menos provável. A mulher está falando intensamente sobre algo enquanto o homem mastiga seu entrecosto e lança olhares ansiosos para o bar. De vez em quando, ele emite grunhidos preocupados, mas experientes. Karen é tomada pela mesma sensação que tem quando vê um pai entediado empurrando seu filho nos balanços do parque em uma manhã de domingo com um sorriso distraído, parecendo estar pensando: quando é que o pirralho está indo se cansar disso? Ou o dono de um cachorro em uma caminhada noturna, esperando pacientemente que seu cachorro termine de farejar e fazer seu trabalho.

A mulher está realmente tão alheia à falta de interesse de seu companheiro, ou ela não se importa? Ela está feliz em ser tratada como um cachorro?

O vapor sobe da batata recém-cozida quando o garçom coloca seu prato e uma pequena jarra de cobre cheia de manteiga derretida sobre a mesa. O bacalhau parece atraente; brilhante e com o nível certo de salgado, ele descama obedientemente quando Karen o toca com o garfo. Ela pode sentir a queimadura da raiz-forte atrás das pálpebras e sorri para si mesma enquanto mastiga. Ela ficou confortável comendo fora sozinha ao longo

dos anos; ela ignora os olhares fascinados e compassivos do bar cada vez mais barulhento. Quando a mulher da mesa ao lado lhe lança um vago olhar de condolências, Karen levanta a taça para fazer um brinde e retribui o sorriso com tanta alegria que a mulher imediatamente baixa os olhos e sussurra algo para o marido.

Ele rapidamente vira a cabeça para avaliar o vizinho, olhando Karen de cima a baixo antes de voltar para sua comida, continuando a mastigar com uma expressão entediada no rosto. Aqui estamos nós, duas mulheres, sentindo pena uma da outra, Karen releta.

Ela pensa em Karl. A raiva dele pelo fracasso dela em ser completamente franco sobre o paradeiro de Jounas na noite anterior ao assassinato diminuiu, mas uma certa distância se abriu entre eles. Uma nota de polidez permaneceu em sua voz pelo resto do dia, como uma pequena punição. E durante o encontro noturno, ele estava assustadoramente quieto.

Karl Björken é seu confidente mais próximo no trabalho. É a ele que ela recorre quando precisa conversar sobre coisas ou discutir ideias, ou quer sair para tomar uma cerveja depois do expediente. É verdade que ele nunca se opôs abertamente ao jargão laddish que passou a caracterizar o CID nos

últimos anos, mas também nunca participou. Se eu perder a confiança dele, pensa Karen, o trabalho vai se tornar um pesadelo.

*

No meio de seu bacalhau, Karen congela. Ela avistou um perfil familiar no bar; em pânico, ela vira o rosto e tenta encontrar uma saída. Mas já é tarde; ele a viu. Jon Bergman se aproxima com passos determinados e um grande sorriso. Em circunstâncias normais, ela teria ficado feliz em vê-lo; agora ela tem que fazê-lo ir embora.

- Ei, Karen. Você está sozinho? Posso me juntar a você?'

"Absolutamente não", ela responde com ênfase.

Ele já colocou a mão na cadeira em frente à dela para puxá-la, mas congela no meio do movimento, o rosto incrédulo. Karen coloca os talheres no prato e se inclina para trás.

- Você sabe que não posso falar com você enquanto há uma investigação em andamento.

"Muito bem", ele responde. - Mas vá em frente, diga-me uma coisa, está bem? Smeed ainda é suspeito?

- Quem disse que ele era suspeito?

- Bem, quando uma mulher é assassinada, geralmente é o marido ou ex-marido. Desde que não haja nenhum outro perpetrador óbvio, é claro. Mas talvez haja. . .? '

Karen dá um suspiro profundo.

- Por favor, Jon, não há absolutamente nenhuma chance de eu deixar escapar alguma coisa. Você poderia, por favor, me deixar terminar meu jantar em paz? '

- Então, há algo que pode escorregar? É isso que devo tirar disso? '

'O que você deve tirar disso é que eu quero comer meu bacalhau antes que esfrie e que quero fazer tudo sozinho.'

Jon Bergman ignora o gesto dela em direção ao prato, toma um gole de sua cerveja e coloca o copo na mesa.

'E pensar que você costumava ser tão aberto e livre com suas opiniões uma vez.'

- Talvez um pouco aberto demais.

Ela quer voltar atrás no momento em que diz, sabe que Jon Bergman vai atacar.

'Aha, então você foi amordaçado; você pode liderar a investigação, mas não pode falar sobre isso. É por isso que aquele desgraçado do Haugen deu a chamada “coletiva de imprensa”.

Jon Bergman coloca as palavras entre as palavras com os dedos, fazendo Karen pensar o quanto ela odeia quando as pessoas fazem isso. Então ela pensa que o resto de seu bacalhau com certeza já deve ter esfriado.

Ela sinaliza para o garçom que quer pagar.

É verdade que Jon Bergman é repórter de TV e não de jornal, então ela não corre o risco de ser citada incorretamente no jornal de amanhã, mas perdeu o apetite. Ela sabe que é apenas uma questão de tempo até que ele revele o que aconteceu há quatro anos. Uma aventura curta, mas intensa, de verão, algumas semanas quando eles mal se levantaram da cama e mais alguns meses depois, quando ainda se encontravam esporadicamente, antes que tudo acabasse. Um interlúdio agradável em que ela raramente pensa, já que ela e Jon andam em círculos diferentes e raramente se encontram

atualmente. Embora tenha sido há muito tempo, sua credibilidade seria seriamente prejudicada se seu breve romance se tornasse um assunto de conversa em torno dos refrigeradores de água da delegacia de polícia. Tem havido muitos vazamentos para a mídia; a questão de quem pode estar deixando as coisas escaparem é objeto de constante especulação.

Beber vinho com Jon Bergman durante uma investigação em andamento está fora de questão. Dê a ele um centímetro e ele nunca o deixará ir. Ela se abaixa e tira a carteira da bolsa.

“Bem, se você não vai embora, eu vou”, ela diz. - De qualquer forma, estou com pressa - acrescenta ela, para amenizar o tom de suas palavras.

'Maldição, relaxe, sim', diz Jon Bergman. - Você poderia me dar algo, pelos velhos tempos. . . '

Karen entrega ao garçom seu cartão sem responder. Ele aperta alguns botões no leitor de cartão, o coloca na mesa na frente de Karen e olha para o prato dela.

- Espero que não tenha havido nenhum problema com a sua comida. ele diz, estudando as sobras de bacalhau em seu lago de manteiga.

"De jeito nenhum", responde Karen, "só estou com pressa".

Ela se levanta e dá um sorriso rápido para o garçom. Jon Bergman deu um passo para trás e observou Karen vestir o casaco.

'Eu não queria estragar o seu jantar. Deixe-me pelo menos te pagar uma bebida no bar? Ou talvez em outro lugar? '

"Eu realmente não tenho tempo."

Ele está em seus calcanhares enquanto ela caminha em direção à saída.

- Você tem meu número - grita ele quando ela abre a porta. 'Liga para mim!'

Ela para no meio do movimento, se vira e sorri.

- Tudo bem, Jon, eu prometo. Se eu perder todo o julgamento novamente, você será minha primeira escolha.

Mas não será até depois que a investigação for concluída. '

37

O calor persistente dos fornos a envolve assim que ela passa pela porta. Por um momento, ela havia pensado em dirigir de volta para Langevik afinal, já que sua noite tinha acabado de forma abrupta, mas então ela percebeu que de fato conseguira beber a maior parte do vinho tinto. Sua culpa por dirigir para casa de ressaca e provavelmente ainda tecnicamente embriagada na manhã do domingo passado ainda paira sobre ela como uma nuvem negra. É verdade que muitos ilhéus costumam dirigir com quantidades consideráveis de álcool; as leis são ineficazes, as multas são baixas, desde que não haja acidentes e haja poucos controles na estrada de qualquer maneira. Mas Karen Eiken Hornby prometeu a si mesma: nunca mais do que um copo. As chaves do estúdio de Marike em Dunker's Old Harbor são parte dessa promessa.

Ela joga o casaco e a bolsa em um banco da loja e entra na sala retangular nos fundos do prédio, onde a preciosa argila de Marike é transformada em arte. A argila verde-azulada especial que tentou o escultor a deixar Copenhague e comprar terras em Heimö. Um terreno pantanoso no interior onde nada cresce e ela não pode construir nada. Um enredo que não é nem bonito, mas sob a superfície da qual se escondem toneladas do que Marike considera o equivalente a ouro.

O enredo mostra como Karen e Marike se conheceram pela primeira vez. O vendedor da terra era o primo de Karen, Torbjörn; ela estivera fazendo uma visita em uma manhã de sábado, quase sete anos atrás, quando uma mulher alta com um olhar muito determinado apareceu sem avisar na varanda de Torbjörn.

A mulher trouxera um mapa da área em que havia delineado um terreno com caneta hidrográfica vermelha, que - ela havia anunciado em

dinamarquês praticamente incompreensível - ela queria comprar a qualquer custo. Essas foram as palavras dela, *a qualquer custo* , e, assim que ele conseguiu decifrá-las, acenderam uma faísca voraz nos olhos de Torbjörn.

A negociação foi uma piada. Depois que sua surpresa inicial por haver interesse no canto sudoeste inculto de sua propriedade diminuiu, Torbjörn agarrou a chance de encher sua carteira. E logo ficou claro que a dinamarquesa nada sabia sobre os preços dos imóveis em Dogger ou sobre as condições exigidas para construir a casa que planejava. Além disso, as dificuldades de comunicação, causadas principalmente pela incompreensível forma de contagem dinamarquesa e pelo sistema monetário doggeriano - ambos incompreensíveis para os de fora - os forçaram a mudar para o inglês, apesar de seu parentesco escandinavo.

No início, Karen ouvira os hábeis lucros de sua prima com diversão, mas no final não conseguiu ficar quieta.

Desafiando os olhares furiosos de Torbjörn, ela enfatizou o valor insignificante do enredo e apontou que construir qualquer coisa sobre ele estava absolutamente fora de questão. Em seguida, ela sugeriu incluir na venda a faixa de terreno adjacente com vista para o rio Portland, que era tradicionalmente contada como pertencente ao lote em discussão; a dinamarquesa poderia construir sua casa lá e ter uma visão realmente decente do negócio, pelo menos em uma direção.

Sua interferência custou-lhe seis meses de relações geladas com sua prima, mas levou a uma amizade duradoura com Marike Estrup.

Agora ela levanta um canto da folha de plástico que cobre uma das grandes calhas do estúdio e arranca um pedaço de argila, enrolando-o entre o polegar e o indicador, testando a plasticidade enquanto estuda as esculturas acabadas alinhadas ao longo do parede da janela. Ela testemunhou cada

etapa do laborioso processo; Marike, vestida com limícolas, desenterrando argila no campo atrás de sua casa, enxaguando-a várias vezes, deixando-a secar pacientemente e, por fim, suavizando-a com os braços fortes antes de conduzi-la para seu estúdio Dunker. Lá, a transformação começa. Karen está fascinada com o poder e a determinação de seu processo criativo; as formas parecem surgir do nada, as cores mudam com o calor intenso. Ela experimentou a emoção de abrir as portas do forno, observou os olhos ansiosos de Marike enquanto eles examinavam os resultados de seus esforços.

E, no entanto, ainda é difícil para ela entender o fato de que as esculturas exibidas em galerias de prestígio em todo o mundo originalmente surgiram do caroço pegajoso que ela está rolando entre os dedos.

Então a realidade a alcança e ela conclui que o assassinato de Susanne Smeed é seu próprio caroço pegajoso, que pode nunca tomar forma. A conversa com Wenche Hellevik acrescentou detalhes à imagem de Susanne Smeed; crescer em Langevik não deve ter sido fácil para uma garota de uma família que se destacava como pavões entre um bando de gaivotas. Isso provavelmente explicava, pelo menos parcialmente, a necessidade desesperada de Susanne de se encaixar, pertencer, forçar seu caminho para uma família tão diferente daquela em que ela nasceu. E então a amargura quando tudo se desfez. Sobre o divórcio e ser forçada a voltar para a aldeia, apenas para perceber que a terra que ela deveria ter herdado havia sido vendida e agora pertencia ao homem que ela mais odiava: Jounas Smeed. Ela não teria ficado surpresa em ouvir Susanne bater em sua cabeça com um atiçador. Mas o contrário? Não, ela não pode ver que Jounas teria um motivo. E ainda, a possibilidade teórica, a possibilidade matemática exasperante de que ele pudesse ter feito isso. E quem mais?

Os relatos de Cornelis Loots e Astrid Nielsen na reunião do final da tarde foram admiravelmente claros e detalhados. Eles falaram com os colegas de trabalho mais próximos de Susanne, os cuidadores e faxineiros, e com a gerente de Solgården, Gunilla Moen, novamente. Cerca de metade dos entrevistados não tinha opinião alguma sobre Susanne Smeed, conhecia-a apenas pelo nome e tinha pouco ou nenhum contato com ela pessoalmente. A outra metade afirmou, sem exceção, que Susanne - que estava encarregada de faturar e processar a folha de pagamento e os pedidos de licença - tinha sido meticulosa e bem organizada no que dizia respeito ao seu próprio trabalho, mas não tinha capacidade de flexibilidade e disponibilidade; nem mesmo em casos de caridade ela estivera preparada para ir além de seu dever de ajudar alguém em uma situação difícil. Um pedido de licença que acabou na mesa de Susanne após a data limite nunca foi concedido, mesmo que os temporários estivessem fazendo fila para cobrir os turnos. Os adiantamentos de salário foram categoricamente recusados, sem exceção. Ao mesmo tempo, ela tinha o hábito irritante de meter o nariz dentro, apontando as deficiências das outras pessoas e questionando informações sobre horas extras trabalhadas ou a necessidade de novas roupas de trabalho. Em resumo, Susanne Smeed tinha sido

"uma porra de intrometida", como disse um dos faxineiros.

Ninguém foi capaz de dizer a eles nada de útil sobre a vida privada de Susanne. Não ficou claro o porquê, de acordo com Nielsen e Loots. Ostensivamente, ou porque não havia nada de interessante para contar ou porque ninguém em Solgården se interessara em descobrir o que Susanne fazia fora do trabalho. A maioria sabia que ela era divorciada e morava em Langevik; seus colegas mais velhos também sabiam com quem ela havia se casado e que havia uma filha. Alguns sabiam que Susanne gostava de passar férias no exterior, mas que as viagens haviam se tornado menos

frequentes com o tempo; já fazia muito tempo que ela não voltava ao trabalho com um bronzeado do Mediterrâneo ou da Tailândia.

“Acho que ela teve problemas para pagar as contas, o que dificilmente é um choque, dados os salários aqui”, Gunilla Moen disse a eles.

Mais alguns petiscos surgiram. Susanne havia se candidatado, mas não conseguiu o emprego de gerente assistente, pouco mais de um ano antes, embora ela tivesse coberto Gunilla Moen na ocasião. O motivo era, de acordo com Moen, a incapacidade de cooperar e a falta de flexibilidade de que vários de seus colegas de trabalho haviam falado. Desde então, Susanne Smeed se isolava, sempre almoçava sozinha, evitava qualquer reunião de pessoal que não fosse obrigatória, chegava pontualmente às oito e partia às cinco em ponto. Nem um minuto depois, nem um minuto para.

Mas na primavera passada, após uma decisão da administração de proibir o uso privado de telefones comerciais, Susanne saiu de seu isolamento autoimposto e teve um inesperado acesso de raiva. Quatro pessoas a viram gritar com Gunilla Moen que 'ela tinha uma ou duas coisas para contar às pessoas sobre este lugar' e que elas deveriam 'tomar cuidado com os passos'. Tanto Gunilla Moen quanto todos os outros

alegaram não ter ideia do que ela estava se referindo. Alguns achavam que a explosão de Susanne tinha sido causada por um problema com bebida, outros que ela era simplesmente uma 'típica cadela da menopausa'.

Susanne nunca mais encenou ou mencionou o caso novamente, mas sua explosão embaraçosa exacerbou a tensão com seus colegas. No final, alguém relatou toda a situação como um problema de RH e Susanne foi convocada para uma reunião com o chefe central de recursos humanos de Eira para discutir uma possível transferência para uma das outras oito casas

de repouso administradas pela empresa. Susanne recusou e foi autorizada a continuar em Solgården sob cautela.

Nos últimos meses, Susanne perdera trabalho o suficiente para fazer Gunilla Moen entrar em contato com o RH novamente, mas nenhuma providência havia sido tomada ainda. Na segunda-feira antes de ser morta, Susanne ligou dizendo que estava doente. Desta vez, ela nem deu um motivo, apenas deixou uma mensagem na secretária eletrônica. Ela não tinha voltado ao trabalho desde então.

O departamento de TI da polícia havia concluído sua investigação sobre o computador de trabalho de Susanne; seu relatório era escasso. Mais ou menos na mesma época em que Solgården decidiu proibir o uso privado de telefones comerciais, o uso privado de seu laptop de trabalho por Susanne também cessou completamente. E antes disso, a maioria eram e-mails sobre pedidos on-line de roupas e produtos de beleza, algumas reclamações prolixas dirigidas à empresa de energia eólica, apelos de várias taxas atrasadas para várias contas e esporádicos e, na maioria das vezes, sem resposta, e-mails para sua filha.

Houve uma exceção: um e-mail de natureza privada foi recebido, mas nunca foi respondido. Alguém chamado Disa Brinckmann havia enviado um e-mail para Susanne.smeed@solgården.dg no final de maio.

Parecia ter sido escrito em algum tipo de mistura de sueco e dinamarquês. Karen distribuiu a impressão pela mesa.

Querida Susanne!

Você provavelmente não se lembra de mim, já se passaram muitos anos desde a última vez que nos vimos, você era muito pequeno. Mas seus pais podem ter me mencionado. Por alguns anos, vivemos juntos em uma

comuna em Langevik. Tenho algumas informações que podem ser importantes para você e, portanto, gostaria de entrar em contato com você o mais rápido possível.

Cumprimentos,

Disa Brinckmann

Telefone: +46 40 682 33 26

O e-mail havia sido enviado de dbrinckmann@gmail.com, mas nenhuma resposta havia sido enviada, pelo menos não do e-mail do trabalho de Susanne.

"Ela poderia ter respondido de uma conta particular, é claro, se tivesse uma", sugeriu Karl. - Ou ela poderia ter ligado. Verificamos o número? '

"Está registrado em um endereço em Malmö", Karen disse a eles. "No sul da Suécia", ela acrescentou.

'Obrigado, eu sei onde Malmö está.'

- Tentei ligar - continuou Karen, ignorando Karl, que claramente ainda estava dolorido. 'Mas não recebi nenhuma resposta e não há correio de voz, então não pude deixar uma mensagem. Vamos continuar tentando, naturalmente, mas considerando o quão anti-social Susanne era e como ela se sentia sobre o modo de vida de seus pais, acho que há poucas chances de que Disa Brinckmann tenha tido sucesso em suas tentativas de fazer contato.

A reunião foi encerrada com pedido de demissão. Um leve, mas inconfundível cheiro de derrota invadiu a sala pela primeira vez, como um peido que todos podem cheirar, mas ninguém reconhece. Com uma voz vibrando com uma convicção totalmente infundada, Karen tentou reverter o

clima abatido: Disa Brinckmann poderia lhes dar novas pistas e eles, é claro, investigariam se Susanne poderia de fato saber algo prejudicial sobre Gunilla Moen, Solgården ou seus proprietários . Então ela enfatizou que ainda era cedo, a investigação tinha apenas três dias. Mas todos sabiam que três dias era exatamente a quantidade de tempo que não deveria passar sem progresso. Ninguém havia dito isso, e talvez ela estivesse imaginando coisas, mas não estava lá, não dito: 'Se Smeed estivesse aqui, teríamos mais coisas para continuar neste momento'.

*

Karen coloca o pequeno pedaço de argila de volta em sua gamela e esfrega a umidade em seu jeans. Em seguida, ela entra na cozinha ao lado do estúdio e abre a geladeira. Marike não decepciona. Certo, na prateleira de cima há apenas meio bloco de queijo, algumas bananas, uma caixa de leite fora do prazo, alguns rolos de filme e um pote de azeitonas, mas na prateleira de baixo, os enfeites de azeitona estão bem alinhados: três garrafas de gim e uma de vermute, que, segundo Marike, pertencem à categoria de alimentos básicos. Karen abre o compartimento do congelador e tira uma das taças de martini que Marike sempre guarda no congelador "por precaução".

Depois de buscar sua bolsa no banco da loja, ela retorna ao estúdio e se senta no sofá com um copo transbordando. O primeiro gole traz consigo uma vontade repentina de fumar e ela percebe que desta vez não será capaz de quebrar sua promessa; ela deu seus últimos cigarros a um sem-teto no Grenå Mall. Por meio minuto, ela brinca com a ideia de sair novamente, caminhando até Varvsgate, onde a loja da esquina mais próxima pode ser encontrada, mas ela descarta a ideia depois de olhar pela janela. Em vez disso, ela abre a bolsa e tira uma bolsa de plástico pesada, se inclina para trás com as pernas cruzadas e coloca a bolsa no colo. Ela abre com cuidado

a pequena corrediça de plástico da sacola Ziploc e tira o grosso álbum de fotos que ela e Karl encontraram na cômoda de Susanne Smeed, que finalmente foi liberado pelos técnicos.

Ela estuda o álbum, acariciando cuidadosamente sua superfície; a encadernação é pintada habilmente para fazer com que pareça couro, mas os cantos esfarrapados mostram papelão gasto. Em seguida, ela abre o álbum, liberando um cheiro familiar de poeira e cola velha.

Em sua própria casa, ela pode ter três ou quatro álbuns de fotos de vários períodos de tempo; este álbum parece conter todas as fotos da família dos Lindgrens. Talvez as fotos mais importantes tenham sido coletadas em um lugar antes de eles deixarem a Suécia. Os mais antigos são retratos de estúdio em tons de sépia do século anterior e provavelmente mostram os ancestrais de Anne-Marie ou de Per. Karen lê os nomes suecos perfeitamente impressos embaixo de cada foto, junto com um ano: Augusta e Gustav, 1901; Gota e Albin, 1904; em ambos os casos, as mulheres usam vestidos pretos, têm os cabelos presos em coques justos e ficam de pé atrás dos maridos, rigidamente sentados em seus ternos de domingo em cadeiras de madeira.

Nome e ano, mas nenhuma explicação sobre as relações entre as pessoas nas fotos.

As próximas páginas contêm uma exposição dos amigos e parentes dos Lindgrens ao longo das décadas sucessivas do século XX; a cada década que passa, os motivos tornam-se menos obviamente conectados a ocasiões especiais e mais cotidianos em caráter: um homem de terno e botas, Rudolf aparentemente, está orgulhosamente encostado em um Ford Modelo T; uma mulher sorridente e de peito grande em um vestido floral dos anos 1930 e sapatos brancos em um jardim é aparentemente chamada de Anna-Greta e o ano é 1933. Outra fotografia, provavelmente tirada na mesma época, mostra um jovem, Lars-Erik, em seu boné de estudante com o braço em volta da mesma mulher nos degraus da frente de uma casa de madeira amarela.

Mãe e filho, Karen pensa consigo mesma.

No ano seguinte, alguém chamado Ulla está fazendo ginástica em uma viga e a próxima foto mostra os meninos Karl-Artur e Eskil que, em 1935, junto

com algumas outras crianças sem nome, praticavam mergulho de um cais. Duas fotos fotográficas da Segunda Guerra Mundial mostram jovens vestindo uniformes e expressões graves. Algumas mulheres na casa dos 40 anos parecem frias em uma estação de trem no inverno: uma delas está acenando para a câmera enquanto as outras parecem estar servindo sopa para homens uniformizados que fazem fila em uma fila organizada. Katrineholm 1943, está escrito em cursiva abaixo da imagem.

Entre os outros ancestrais está também uma fotografia muito pequena com um fundo que parece familiar: parece que foi tirada por um dos galpões de pesca em Langevik e mostra um casal de idosos sentado em cadeiras de madeira, consertando redes: Vetle e Alma Gråå, 1947.

Para sua surpresa, Karen se comoveu. Várias das fotos poderiam muito bem ter vindo de seus próprios álbuns de família; a súbita sensação de conexão contínua e da falta de sentido dessa existência transitória faz sua garganta se apertar. Longas filas de mulheres, homens e crianças, parecendo sérios ou felizes, que testemunharam décadas passadas e agora provavelmente estão todos mortos. Geração após geração, lutando para sobreviver e perpetuar a humanidade - e talvez para alcançar um certo grau de felicidade. Todos esses ancestrais cujas desgraças e alegrias agora podem ser apenas vagamente vislumbradas em um punhado de fotos desbotadas. Pessoas que já significaram tudo para alguém, mas são esquecidas após algumas gerações.

Alguns de nós ainda antes disso, Karen medita e esvazia o copo.

A vontade de fumar a invade novamente e, num impulso repentino, ela se levanta, entra na cozinha e abre o armário acima do bufê. Marike ainda fuma às vezes. Como Karen, ela frequentemente se compromete a desistir,

mas cede facilmente sempre que as coisas ficam difíceis; Karen a notou bufando durante a Oistra, enquanto reclamava da falha do esmalte.

Karen examina as prateleiras cheias de xícaras, copos, pratos e tigelas. Tate onde quer que seus olhos não alcancem e lá, no fundo, atrás de uma grande tigela de argila vermelha, seus dedos pastam em uma forma familiar. Triunfante, sentindo apenas uma leve pontada de culpa, ela puxa meio pacote de Camel.

*

Depois de misturar-se outra martini seco, abrindo duas janelas e puxando em um casaco de lã, Karen afunda de volta para o sofá e dispara um texto para Marike, informando-lhe sobre seu plano para acabar com seu estoque de emergência de cigarros. Então ela pega o álbum pesado foto de volta e retoma seu estudo sobre as fotografias. Lars-Erik poderia ser o pai de Per. Qual das fotografias, se houver, mostram os parentes de Anne-Marie é mais difícil de dizer. Não sobrenomes ou laços de parentesco são dadas; ela vira as páginas com minguante curiosidade, olhando para a fila interminável de rostos anônimos e encenado poses.

Agora o otimismo cauteloso dos anos do pós-guerra está irradiando para ela. As fotos ainda estão em preto e branco, mas à medida que os anos 40 se transformam nos anos 50, os cenários começam a parecer mais modernos: crianças brincando em fontes suburbanas, três meninas com cinturas finas e cabelos altos fazendo beicinho nos lábios de maneira sedutora, um jovem de jeans e uma jaqueta de couro agachada ao lado de uma motocicleta. Por 1957, diz sob o ciclomotor. Alguns anúncios de morte: Anna Greta Lindgren, de peito grande, aparentemente morreu aos 74 anos em 1955, lamentada e perdida por "marido, filhos e netos". Mais duas fotos de formatura: na primeira, uma garota com um penteado bem arrumado e um

sorriso tímido: Anne-Marie, 1959. Na foto ao lado dela está um jovem igualmente elegante, com cabelos loiros bem penteados e um punhado de cicatrizes que testemunham a cura da acne nas maçãs do rosto salientes.

Karen acende outro cigarro, bebe seu martini seco e vira a página novamente. Agora ela atingiu os anos sessenta; as memórias dos Lindgrens são retratadas em uma profusão de cores com aquele tom amarelo característico como um filme sobre as fotos. Agora, as câmeras são onipresentes; uma espontaneidade recém-descoberta dá vida às imagens, mas a qualidade é prejudicada. O foco geralmente está em algo na frente, atrás ou mesmo ao lado da pose, e braços e pernas desencarnados aparecem nas bordas. E, possivelmente pelo mesmo descuido, nomes e datas não são mais anotados. Não pode haver dúvida de que são os anos 60, no entanto. É verdade que a maioria das pessoas mais velhas ainda usa roupas que eram modernas dez ou vinte anos antes, mas os ideais da moda da nova década são ainda mais perceptíveis entre a geração mais jovem. E duas pessoas continuam aparecendo nas fotos: um casal que parece ter quase 30 anos.

Karen os reconhece pelas fotos de formatura. Claramente apaixonados, Anne-Marie e Per posam em várias situações, ela de minissaias e ele de calças justas, às vezes sozinho, mas geralmente junto com um grupo de amigos. Um membro do grupo está claramente ansioso para imortalizar cada reunião: festas, jantares, férias.

Há um número crescente de mulheres grávidas nas fotos e depois de crianças pequenas. Um jovem casal levanta um menino pelas mãos, de modo que ele fica pendurado, rindo, entre eles; uma jovem de cabelo comprido amamenta seu filho em um cobertor na grama. Mesmo que seu rosto esteja parcialmente escondido, é claro que ela está sorrindo.

Karen desvia o olhar do álbum de fotos e fecha os olhos. Ela tinha sorrido daquele jeito alheio e feliz?

Naquela época, antes da cólica, a gripe, a varicela e as infecções de ouvido contaminassem a onda de êxtase com uma ponta de ansiedade sempre presente. Naquela época, antes que pedaços espalhados de Lego cortassem os pés descalços, antes que os terríveis dois tornassem o vestir-se uma batalha. Naquela época, antes de sua casa ficar cheia com o som de sua insistência. A reclamação constante sobre luvas e lenços, dever de casa e TV e, pelo amor de Deus, não coma o cereal direto da caixa e John-poderia-você-ensiná-lo-a-coloque-o-assento-na-próxima-vez e certifique-se-que-seu-cinto-de-segurança-está-colocado-você-sabe-que-ele-se-desamarra-no-segundo-que-você-não-está-olhando.

Ela tinha estudado o pequeno embrulho em seus braços com um sorriso melancólico, quase triste, também, como se ela pudesse sentir o que estava por vir? O que realmente aconteceria se ela baixasse a guarda por mais de um maldito segundo. Se, por um momento, ela dissesse a si mesma para não se preocupar tanto. Se ela não tivesse tempo para evitar o perigo.

Mecanicamente, sem realmente notar as lágrimas escorrendo pelo rosto, ela as enxuga com as costas da mão e impede que o ranho escorra com uma fungada rápida. Sua mão só treme um pouco quando ela segura o isqueiro para outro Camel; quando ela pega o copo, está estável mais uma vez. Acabou por agora. Ainda tão frequente, ela reflete, mas de menor duração. Está ficando melhor.

Respirando fundo, ela permite que seus olhos voltem para a coleção de fotos de Susanne, virando a página e estudando as fotos com novo distanciamento. Ela observa com naturalidade que a moda - agora que o final dos anos 60 consumiu os Lindgrens - aparentemente prescreve botões

de botões largos, camisas justas, vestidos longos tingidos e cabelos repartidos ao meio. Foto após foto de jovens rindo contra um céu azul Kodak.

Alguma dessas pessoas veio com os Lindgrens para Doggerland? Algumas delas são as mesmas pessoas de quem os velhos no Hare and Crow falavam de maneira tão depreciativa? Ela vira as páginas rapidamente e aí está; a imagem que finalmente conecta a vida de Per e Anne-Marie Lindgren na Suécia com sua nova existência em uma comuna nessas ilhas remotas.

Uma foto de grupo perto do parapeito de uma balsa. Karen reconhece imediatamente o logotipo verde da empresa ao fundo: o peixe estilizado acima de uma linha ondulada ainda adorna os navios que trafegam na rota Dunker-Esbjerg.

Três mulheres, dois homens, três crianças. Uma menina de cerca de cinco anos está segurando uma das mãos de uma mulher e sorrindo para a câmera. Outra mulher carrega um bebê em um longo xale enrolado no corpo; um dos homens está segurando um carrinho de bebê. A criança no carrinho parece ter cerca de um ano. Seus longos cabelos balançam com o vento e as saias das mulheres se enredam em suas pernas.

Eles devem ter pedido a outro passageiro para tirar a foto, ou havia mais uma pessoa em seu grupo. Karen estuda seus rostos animados e estremece. Alguns deles estariam de volta à Suécia menos de dois anos depois e os que ficaram em Langevik agora estão todos mortos.

Há uma única foto colada na próxima página. Acima dela, alguém imprimiu letras e números de cinco centímetros com uma caneta de feltro laranja: Langevik 1970. Desenhos coloridos de flores e sinais de paz emolduram a fotografia. A fotografia em si é uma imagem de grupo. Oito adultos - quatro mulheres e quatro homens - se espremeram em duas fileiras em um lance de

degraus de pedra que leva até as portas duplas verdes da casa principal. Algumas crianças estão sentadas no gramado em frente à escada.

Seus nomes estão impressos ordenadamente abaixo da imagem: aparentemente, Disa, Tomas, Ingela e Theo estão na linha superior.

Karen se inclina para a frente para estudar a mulher na extrema esquerda. Disa Brinckmann. Então é assim que ela se parece. Ou melhor, era assim que ela era há quase cinquenta anos. Ela deve estar na casa dos setenta agora. Karen olha para as pessoas no degrau inferior e lê seus nomes: Per, Anne-Marie, Janet e Brandon.

Per e Anne-Marie Lindgren, pais de Susanne Smeed, ela pensa, estudando seus rostos sorridentes com uma sensação de desconforto. A foto foi tirada antes do nascimento de Susanne; felizmente, nenhum de seus pais poderia saber como sua vida terminaria.

O nome na linha inferior dizia: Orian, Mette e Love. Orian parece um menino de cerca de um ano. Mette, que parece ter cerca de cinco anos, está sentada com as pernas cruzadas, segurando Love nos braços: é impossível dizer se Love é um menino ou uma menina.

Três das mulheres, dois dos homens e todas as três crianças parecem ser as mesmas pessoas da balsa; os outros rostos são novos. E sem sobrenomes, é claro, Karen nota com decepção.

As poucas fotos que se seguem nunca foram coladas, apenas inseridas entre as últimas páginas. Algumas vistas do porto de Langevik e algumas da Fazenda Lothorp: a casa principal, as duas casas de hóspedes, anexos, o galinheiro e algo que parece um canteiro de batatas recém-escavado. A foto de um jovem de peito nu, cabelos compridos e óculos redondos, sentado no

telhado, brandindo um martelo. Karen a compara com a foto do grupo e decide que é provavelmente o homem chamado Brandon.

Ela pega a próxima fotografia. A imagem ligeiramente borrada mostra uma mulher, possivelmente um pouco mais velha do que as outras, em pé ao lado do fogão, mexendo algo em uma panela grande. Seu longo cabelo loiro acinzentado está preso em uma trança grossa que desce sobre um de seus ombros. Ela está com um vestido longo e se volta para a câmera com um sorriso tímido, sem largar a colher de pau. Ela se vira de novo para a foto do grupo: sim, é a Disa.

Outra fotografia: uma mulher com cabelos tingidos de hena e uma barriga que parecia um balão sob o vestido longo tingido, parecendo cansada com as duas mãos nas costas. Deve ser a mulher da balsa, aquela que carregava um bebê embrulhado, Karen decide e volta para a foto do grupo novamente. Ingela: pelo menos um dos filhos deve ser dela e agora parece que está grávida de novo; não admira que ela pareça cansada.

A última foto mostra duas mulheres sentadas na varanda. Mesmo assim, depois de mais de quarenta anos, Karen pode sentir a tensão. Anne-Marie está sentada com a cabeça apoiada nas mãos, o rosto meio virado para o lado, a ruiva Ingela levanta uma das mãos, como se para afastar o fotógrafo.

Uma vida diferente, supõe Karen, provavelmente era tudo o que eles queriam. Uma nova era, novos ideais, um novo país.

Eles provavelmente, como todo mundo, estiveram em busca de uma vida melhor, comunidade e felicidade, independentemente de como concebessem essas coisas. E eles viajaram muito, colocaram tudo em risco para encontrar o que estavam procurando. Eles tiveram a coragem e a vontade de criar a existência que desejavam. Mesmo assim, seu sonho morreu depois de apenas um ou dois anos.

Algo claramente deu errado lá em Lothorp Farm. A questão é o quê. De repente, entrar em contato com Disa Brinckmann parece urgente.

39

Langevik, 1970

A culpa aperta seu peito, irradiando em seu intestino. Per Lindgren se inclina e respira fundo para aliviar as cólicas. Depois de um tempo, ele se endireita e continua descendo o caminho sem enxugar as lágrimas que escorrem pelo rosto. Como ele pode? Como ele poderia?

Mas ele sabe a resposta; o verão tem sido de três meses de preliminares contínuas. A boca risonha de Ingela e os lábios carnudos e vermelhos, tão diferentes do sorriso triste de Anne-Marie. Ingela, que com as mãos pretas de terra do canteiro de batatas, despeja sobre a cabeça e nas costas uma concha de água do barril junto à parede. Seus olhos nas curvas bem torneadas delineadas sob o tecido úmido de sua blusa. A alegria despreocupada de Ingela, tão diferente da ansiedade constante de Anne-Marie.

Os olhos de Ingela ao olhar para ele. As mãos dela, que acariciam suas costas cada vez que ela passa, sua coxa contra a dele sob a mesa, sua língua lambendo o vinho de seu lábio superior enquanto seus olhos fixam os dele.

E ele. Sempre atento para onde Ingela está. Seus olhos constantemente procurando os dela, querendo validação e obtendo-a o tempo todo. Ele, que despenteava rindo os cabelos de Anne-Marie algumas semanas atrás, quando ela o confrontou mais uma vez com suas acusações. Por que ele está olhando para Ingela desse jeito? Ele acha que ela é cega? Ele dormiu com ela? Esposa de Tomas. A esposa de seu melhor amigo.

Responda honestamente: ele tem?

'Oh, Ammi', ele disse a ela, com uma risada surpresa, tão convincente que percebeu como seria fácil para ele traí-la. Usando seu apelido e uma voz tão

suave que sua raiva derreteu em lágrimas. 'Você é ciumento?'

“Apenas me diga a verdade”, ela disse.

Em vez disso, ele negou e inverteu suas acusações. Não, não havia nada entre ele e Ingela, claro que não; você está imaginando coisas. E mesmo que houvesse algo, Anne-Marie não tinha o direito de jogar na cara dele. Eles concordaram que não eram donos um do outro. Não era exatamente esse o tipo de valor da pequena burguesia que eles queriam elevar na comuna?

'Por que você não pode simplesmente me dizer a verdade?' ela implorou novamente.

E ele disse algo sobre ela sufocá-lo. No final, ela recuou, desistiu, disse que acreditava nele. Mas ele viu a ansiedade em seus olhos e prometeu a si mesmo não olhar para os seios e lábios de Ingela. Ela era a esposa de Tomas, pelo amor de Deus, a esposa de seu melhor amigo. E ele amava Anne-Marie. Ele realmente fez.

*

Sim, pensa ele, olhando para o mar. Eu amo-a. Anne-Marie nunca pode descobrir; Eu a perderia. Eu perderia Tomas também. Com esse pensamento, uma fúria irracional irrompe dentro dele. Por que ele está sendo julgado tão severamente? Brandon, o desgraçado com tesão, certamente também cobiça Ingela quando Janet não está olhando. E quem sabe o que ele fez com a irmã de Theo quando ela veio visitá-la algumas semanas atrás.

E não fora o próprio Tomas o defensor mais ávido do amor livre, de não possuir outras pessoas, do amor sem limites? Ele não havia levado Ingela de volta depois de quase três anos separados, quando ela voltou rastejando

para casa em busca de segurança? Amava-a de novo, mesmo tendo filhos com outra pessoa? Disse que todas as crianças são filhos de todos? Cuidou dos filhos de Ingela como se fossem seus, alimentando-os, carregando-os, trocando as fraldas e tudo mais?

Foi o que combinaram: vamos dividir tudo, posses, comida, bebida, trabalho, alegria e tristeza. Comunidade, liberdade e honestidade deveriam ser os princípios orientadores da vida na fazenda. E amor. O resto se resolveria.

O problema era que nenhum deles estava sendo particularmente honesto. Não Brandon, traindo Janet, não Theo escondendo a melhor erva daninha em seu colchão. Nem mesmo Anne-Marie, que disse que acreditava nele quando seus olhos revelaram que ela não acreditava.

E muito menos ele mesmo. Como um covarde, um ladrão noturno, ele aproveitou a oportunidade quando Tomas teve de voltar para a Suécia.

Meu melhor amigo deixa sua família na minha fazenda para enterrar sua mãe, e eu vou e fodo sua esposa, Per pensa, chafurdando de vergonha. Não apenas uma vez; eles continuaram depois que Tomas voltou, rindo, furtivamente, saboreando seu segredo, trocando olhares sobre a mesa de jantar quando ninguém estava olhando.

Certamente ninguém estava olhando?

Nunca mais, ele promete a si mesmo. Nunca mais, ele diz em voz alta.

Ninguém precisa saber que a criança que Ingela está esperando não é de Tomas. Desta vez também.

É seu filho, Per, ela disse a ele. Eu sei que é.

Ele certamente não vai confessar a Anne-Marie ou Tomas. Por que ele deveria ser honesto quando ninguém mais é? E Ingela também não deve contar. Isso quebraria Anne-Marie e ela sabe disso.

E Tomas. Talvez desta vez ele não perdoasse tão rápido, Per havia dito a ela. Se eles contarem a eles, tudo vai desmoronar, ele disse. A fazenda, suas amizades, o relacionamento dele com Anne-Marie. Tudo seria destruído, tudo o que eles estavam tentando construir seria destruído se eles dissessem a verdade.

No final, Ingela prometeu manter o shtum. Ela realmente prometeu.

O problema é que ela é tão sangrenta. . . imprevisível.

Per se vira e começa a caminhar de volta para a fazenda. Tenho que falar com ela de novo, pensa consigo mesmo. Agora, antes que seja tarde demais.

'Quem diabos faz caminhadas na Espanha? Isso é algum tipo de idiotice sueca? '

Karen se recosta na cadeira com tanta força que rola para trás e se choca contra a mesa vazia de Johannisen.

Ninguém atende no endereço de Disa Brinckmann em Malmö, mas Astrid Nielsen descobriu que uma Mette Brinckmann-Grahn, filha de Disa Brinckmann, mora em Lomma, perto de Malmö, com seu filho de 23 anos, Jesper. E quando Karen ligou, o filho atendeu.

O dialeto sueco do sul tinha sido difícil de interpretar, mas ela conseguiu deduzir que Jesper Grahn nada sabia sobre as tentativas de sua avó de contatar uma mulher chamada Susanne Smeed em Doggerland. Na verdade, Jesper Grahn parecia pouco interessado nos assuntos da avó. Possivelmente, ele ofereceu, ela poderia estar na Espanha.

'Alguma merda de caminhada de Jesus ou o que quer que eles façam', ele disse com ditongos pesados. 'Mas você teria que perguntar a minha mãe; ela estará em casa em uma hora. '

E quando Karen conseguiu falar com Mette Brinckmann-Grahn pouco mais de uma hora depois, ela confirmou a informação do filho. Disa Brinckmann tinha ido para Santiago de Compostela e provavelmente estaria de volta em cerca de dez ou doze dias.

- Mamãe gosta de coisas espirituais. Acho que agora é a terceira vez que ela faz essa trilha, então não é uma viagem organizada. Ela geralmente fica fora por um par ou no máximo três semanas. Mas acho que ela disse que tem ingressos para um show aqui em Malmö no próximo fim de semana, então ela deve estar em casa até lá.

'Ok, sua mãe tem um telefone celular? Não conseguimos encontrar um número. '

- Ela tem, mas está registrado para mim porque eu pago por isso. Eu dei a ela no Natal. Está bem aqui, na cozinha. Eu dei uma carona para ela até o aeroporto e ela me pediu para cuidar disso. '

'Por quê?'

- Ela não queria trazer isso na caminhada, visto que o objetivo é o silêncio e a reflexão. Ela estava com medo de perdê-lo também. Eu perguntei a ela como eu deveria entrar em contato com ela se algo acontecesse se ela não trouxesse, mas ela disse que o telefone tocando estragaria a experiência. Simplesmente não adianta importuná-la. Você quer o número mesmo assim? Como eu disse, ela deve chegar em casa logo.

Karen suspirou interiormente, anotou o número e mudou de assunto.

- É verdade que você e sua mãe viviam em uma comuna no início dos anos 70?

Houve uma longa pausa e quando Mette Brinckmann-Grahn finalmente respondeu, havia um tom frio em sua voz.

Sua guarda está levantada agora, Karen pensou consigo mesma.

- Sim, isso é correto, mas isso foi há mais de quarenta anos. Voltamos para casa antes de eu começar a escola. Do que se trata? '

Karen havia lhe contado brevemente que Susanne Smeed havia sido encontrada morta e que a polícia de Doggerland tinha certos indícios de que Disa estava tentando entrar em contato com ela alguns meses antes.

Como parte da investigação, eles estavam simplesmente fazendo algumas perguntas de rotina a qualquer um que tenha entrado em contato com

Susanne nos últimos meses.

- Você tem ideia de por que sua mãe quis falar com Susanne?

Desta vez, a resposta foi imediata.

'Nenhuma idéia.'

Karen esperou em silêncio do outro lado da linha, e Mette Brinckmann-Grahn finalmente expandiu sua resposta.

- Suponho que ela queria entrar em contato com alguém daquela época e imaginou que Susanne poderia ajudar. Mamãe está um pouco. . . como colocar isso? Ela ainda está muito presa aos anos setenta, de certa forma. Mas você vai ter que perguntar a ela quando ela voltar.

Eles encerraram a ligação depois que Mette prometeu que sua mãe entraria em contato com Karen assim que ela voltasse, ou antes, se Disa ligasse para ela da Espanha.

*

Karen fecha os olhos e pensa nas palavras de Jesper Grahn. 'Caminhada de Jesus.'

Ela ri. Bem, essa é uma maneira de colocar as coisas. Ela leu sobre as peregrinações a Santiago de Compostela e viu fotos incríveis das várias trilhas, mas nunca se sentiu tentada. A pouca fé que ela tinha quando criança - a família de seu pai havia feito algumas tentativas tímidas de trazê-la para o rebanho durante as semanas de verão que ela passaria com seus primos em Noorö - murcharam e morreram em uma terça-feira em dezembro onze anos atrás.

Peregrinações e pés doloridos não estão no topo da lista de Karen Eiken Hornby. E como diabos uma mulher que deve ter mais de setenta encontra

energia para vagar por caminhos espanhóis empoeirados por semanas a fio?

- E como uma pessoa pode se recuperar poucos dias depois de um ataque cardíaco - ela murmura exasperada, franzindo o cenho para a mesa de Johannisen antes de voltar para a sua.

Evald Johannisen disse por meio de sua esposa que terá alta amanhã e que, se tudo correr bem, ele estará de volta ao trabalho em apenas algumas semanas.

- Angina - Karl a corrige. 'Não foi um ataque cardíaco. Meu pai também toma nitroglicerina e inibidores de cálcio. . . '

- Tudo bem, mas ele é um maldito dentista, não um detetive - interrompe ela, irritada. 'Johannisen deve entender isso como sua deixa para se aposentar. Ele mal estava em sua melhor forma antes de desmaiar; como ele imagina que vai aguentar agora? '

'A questão é como você vai aguentar. Você parece estar sob pressão, e isso é o mínimo - Karl diz calmamente. 'Você já almoçou?'

- Não estou com fome - ela descarta a pergunta. - E não é um grande choque estar sob pressão; não estamos chegando a lugar nenhum. '

"Já se passaram cinco dias", disse Karl e se levantou. 'Muita coisa ainda pode acontecer, como você mesmo disse na reunião de equipe ontem.'

- Eu menti - disse ela severamente.

- Sim, ficou claro para mim que você faz isso às vezes.

'Achei que tínhamos acabado com isso', ela retruca.

Karl provavelmente está certo. Uma leve tontura sugere que o açúcar no sangue caiu para os tornozelos.

- Reduza um pouco, Eiken.

'Eu sinto Muito. Estou tão cansada de não chegar a lugar nenhum. Cada pista é um beco sem saída. Alguém matou Susanne Smeed e não temos ideia de quem ou por quê.

- Bem, ela não era exatamente a Srta. Popular, então é dificilmente impossível imaginar alguém tendo um motivo.

- Também não sou a Srta. Popular, mas você não vê ninguém batendo na minha cabeça.

'Ainda não . . . ' Karl retruca com um sorriso. - Aposto que Johannisen gostaria. Eu também, às vezes.

- Só sei que Haugen vai colocar outra pessoa no comando da investigação, a menos que venhamos com algo que pelo menos se pareça com uma teoria em breve. Além disso, sinto que o time está enfraquecendo.

- Bem, de qualquer forma, estou com fome e estava indo para Magasinet. Você quer vir? Eles têm espadilha adequadamente agradável no menu no momento. . . '

Ela se levanta com um suspiro e tira o casaco das costas da cadeira.

*

É quase uma meia hora e o pior da correria do almoço acabou. Karen toma um gole de sua cerveja e olha para o porto.

Os grandes navios de pesca estão ancorados em Ravenby atualmente, mas os arrastões de popa e as redes de emalhar rechonchudas ainda estão atracados em longas linhas ao lado das embarcações leves de alumínio dos pescadores de ostras. Um grupo de mergulhadores está reunido na beira do píer; aparentemente em uma discussão profunda, gesticulando

descontroladamente. Provavelmente reclamando da concorrência dos bancos de ostras de Frisel, como sempre. Mais adiante, um homem encurvado empurra um carrinho de compras, procurando latas de bebida vazias. Karen o reconhece na manhã seguinte a Oistra, quando estava de pé junto ao muro do calçadão e o viu cochilando na praia.

Tanta coisa aconteceu desde que ela acordou em uma cama de hotel ao lado de seu chefe que ela realmente não teve tempo para chafurdar em seu arrependimento e vergonha abjeta. Agora, lembrando-se disso, ela estremece de consternação e rapidamente se vira para Karl.

“Ah, sim, esse é o ingresso”, ele diz, parecendo satisfeito, quando a garçonete traz a comida e um celeiro.

Seu estômago aperta quando os cheiros a alcançam; espadilhas fritas crocantes, manteiga de alho, limão e salsa. E pão fermento fumegante. O alho é uma adição recente; as pessoas mais velhas ainda comem sua espadilha com banha derretida, uma pitada de vinagre e carneiros picados, quando está na estação. Ela saboreia a crocância suave quando seu garfo afunda no primeiro peixe; ela sorri para Karl.

“Você estava certo”, ela diz. 'Eu estou com fome.'

Eles comem em silêncio até que Karl enxuga os últimos restos de sua manteiga derretida com um pedaço de pão. Ele toma alguns goles de sua cerveja, depois se inclina para trás e estuda Karen, arrotando discretamente por trás de sua mão.

- Você realmente acha que pode ser Jounas? ele diz. - Acho que todo mundo está morrendo de vontade de saber se você acha que foi ele ou se está apenas puxando a corrente dele.

'Arrancando sua corrente? Não foi minha decisão sangrenta colocá-lo de licença; até mesmo Haugen podia ver que isso tinha que ser feito. '

"Eu sei", Karl responde calmamente. - Mas você entrevistou Smeed sem mais ninguém presente; você é o único que pode realmente avaliar se o relato dele sobre o paradeiro dele no último domingo é válido. E você realmente não acha que importe, se entendi bem as coisas.

'Eu gostaria de ter. Acredite em mim, eu não pedi para ficar nesta posição. '

- Então você não pretende ser chefe do CID? Admita que parte de você gostou da ideia, Eiken.

Ela encontra seu olhar sem devolver o sorriso.

'Eu não quero assim', ela responde. 'Ou Jounas volta e torna minha vida um inferno, ou ele não volta e eu não consigo a promoção permanente de qualquer maneira.'

'Por que você não iria? Porque você gasta dinheiro em máquinas de café absurdamente caras?

- Porque se Jounas Smeed não voltar, é porque ajudei a prendê-lo por assassinato. Os Smeed têm muita influência entre os chefões. Você sabe que o tio de Jounas é casado com a irmã de Haugen, certo?

- Você está dizendo que é por isso que ele conseguiu o emprego?

'Não é a única razão. Jounas é um bom detetive. Arrogante e desagradável, mas muito inteligente, você sabe disso. E os meninos gostam dele. Johannisen lamberia as botas se ele pedisse.

'OK, então o que não bate? Repasse os tempos de novo.

- Verifiquei com o hotel onde Jounas estava hospedado e eles confirmaram que ele saiu do quarto não antes das nove e cinco. Foi quando a faxineira

notou que a placa de não perturbe ainda estava na porta.

Ela bebe sua cerveja e continua.

'O carro dele estava estacionado na prefeitura; caminhar ali não levaria mais do que seis a sete minutos. Isso lhe daria 45 minutos para dirigir até Langevik e matar Susanne. De acordo com Brodal, ela pode ter sido assassinada às 10 da manhã, embora provavelmente tenha sido antes. Como você sabe, ele não pode ser mais específico do que isso. Eu dirigi pessoalmente de Dunker a Langevik em pouco menos de trinta minutos.

Normalmente, leva quarenta. '

- Então, dez minutos. Essa é a janela. '

'Sim.'

'O que Haugen disse?'

- Ele está irritado, mas, felizmente, a promotora Vegen é uma mulher astuta. Ela percebe que não podemos excluir Smeed enquanto essa janela permanecer.

- E o que Jounas tem a dizer sobre isso?

- Que ele saiu do hotel às nove e meia e foi direto para casa. Ninguém no hotel o viu sair, o que pode muito bem ser verdade. O cara da recepção não é exatamente o tipo que fica grudado em seu posto.

- E antes das nove, você já pensou nisso? De acordo com Brodal, o assassinato poderia ter ocorrido já às oito.

Jounas poderia ter saído do hotel mais cedo e ido para Langevik e voltado. Se fosse tão fácil quanto você diz passar furtivamente pelo cara na recepção, isso teria sido possível. Você conversou com a mulher que estava com ele? '

Karen, que acabou de levar a bebida aos lábios, congela no meio do movimento, tão abruptamente a cerveja bate na lateral do copo, respingando nas costas de sua mão. Ela faz uma tentativa desesperada de mascarar sua reação com uma tosse. Karl a estuda, as sobrancelhas erguidas. Um momento se passa, ela pode ver a moeda cair.

“De jeito nenhum”, ele diz. - De jeito nenhum, porra.

'O que você quer dizer?' ela pergunta e coloca o copo de volta na mesa, evitando seus olhos.

Sua voz está firme, mas suas bochechas estão vermelhas e ela sabe que ele pode dizer. Karl levou uma fração de segundo para ver através dela. Ele também é um detetive inteligente.

Agora ele está olhando para ela sem falar; ela se prepara em antecipação ao inevitável dilúvio de sarcasmo.

Ele não vai denunciá-la, todo o departamento não vai descobrir, mas Karl saber é o suficiente. Karen Eiken Hornby dormiu com o chefe.

Ele não a pressiona a confessar, sabendo muito bem que ele está certo.

- E quando você saiu de Strand? é tudo o que ele diz.

"Sete e vinte", ela responde baixinho.

"Então isso mata essa teoria", diz Karl amargamente. 'Quero outro? Eu certamente preciso de um. '

Ele acena para a garçonete e pede mais duas canecas depois de notar o aceno de Karen em resposta à sua pergunta.

“Tudo bem então”, ele diz e se volta para Karen. 'Arrependimentos?'

'O que você acha.'

- Bem, não vou perguntar como foi. Suponho que suas memórias sejam um tanto nebulosas.

- Bem, você sabe, Oistra - diz ela, e tenta sorrir, mas não consegue. - Só prometa que não vai. . . '

- Oh, nem é preciso dizer, vou direto a Haugen para denunciá-lo. Depois vou ligar para Jounas e perguntar se você é bom de cama. Quem você acha que eu sou?'

'Obrigado. Desculpe.'

Outra tentativa de sorriso; isso se transforma em uma contração em uma de suas bochechas. Agradecida, ela se concentra na cerveja que a garçonete põe na mesa à sua frente. Eles bebem em silêncio até que Karl fala novamente.

'Bem', diz ele, 'se eu ganhasse cinco marcos para cada trepada feia que fiz, seria um homem rico. Mas, falando sério, Eiken, você e Smeed. . . Eu não teria acreditado nisso. Você deve ter tido uma ressaca magnífica no domingo passado.

Ao dizer isso, ele parece ter outra epifania.

- E então Haugen liga e diz que a esposa de Smeed foi espancada até a morte.

- Ex-mulher - Karen o corrige.

Karl Björken se inclina para a frente com uma pitada de schadenfreude em seu sorriso irônico.

'Bem, bem, bem. Então é por isso que você estava tão decidido a entrevistá-lo sozinha. Sou tão crédulo: *ela está sendo atenciosa* , disse a Johannisen.

Karen baixa os olhos para a mesa e não diz nada.

'Deve ter sido um inferno, Eiken. Bem feito para você. '

*

São quase três horas quando eles voltam para a estação. Karen está concentrando todas as suas forças em manter seus intensos sentimentos de vergonha sob controle, revisando os relatórios escritos que lhe foram enviados ao longo do dia. Chegaram respostas de todos os países relevantes sobre os registros criminais potenciais dos passageiros de navios de cruzeiro. Apenas uma pessoa foi adicionada à lista de pessoas com pena de prisão no passado. Um homem italiano culpado de exibir repetidamente crianças em escolas e parques infantis. Depois de sua prisão mais recente, ele cumpriu oito meses em prisão aberta antes de ser

autorizado a voltar para a casa de sua esposa e filhos nos arredores de Palermo. Atualmente, porém, ele sofre de reumatismo severo e está mais ou menos confinado a uma cadeira de rodas, de acordo com as notas de Cornelis Loots.

Algumas horas depois, Karen olhou para o relógio e percebeu que a reunião da tarde começaria em seis minutos. Desanimada, ela se levanta e vai até a máquina de café. Algo a atormenta enquanto ela observa o café preto derramar na caneca. Algo que está bem ali, mas se esquiva quando ela tenta agarrá-lo. Uma vaga sensação de que ela viu ou ouviu algo, mas não conseguiu acompanhar. Algo potencialmente crucial.

'Estamos lidando com apenas cinco números recorrentes de entrada e saída. Linha direta de Gunilla Moen, linha direta para o chefe do RH, mesa telefônica de Solgården, celular de Jounas Smeed e celular de Sigrid Smeed. E um punhado de ligações de e para vários vendedores e fornecedores também, é claro. E uma chamada registrada de um número sueco e três de um número pré-pago não listado.

As mãos grandes e sardentas de Cornelis Loots folheiam as folhas A4 grampeadas que detalham as ligações dos últimos seis meses de e para o telefone comercial de Susanne Smeed. Até Karl Björken foi forçado a admitir que a TelAB havia se mostrado extraordinariamente rápida quando seu relatório chegou algumas horas antes.

Cornelis Loots coloca os papéis de lado sobre a mesa e ergue os olhos para seus colegas, que o olham com expectativa.

“E”, diz ele lentamente, como se gostasse de ser o centro das atenções pela primeira vez, “aquele cartão SIM

pré-pago foi comprado na Suécia. Em Malmö, para ser mais preciso.

'Eu vejo. Por Disa Brinckmann, aposto ”, diz Karl e se recosta na cadeira com um suspiro.

Karen roubou a lista de chamadas de Cornelis. Agora ela folheia suas próprias anotações, para e balança a cabeça.

“Não, não é o telefone de Disa Brinckmann”, ela diz. - Mas o número listado é dela. Então, claramente, ela conseguiu falar com Susanne no final. Eles falaram por quase uma hora em 21 de junho. '

- Então quem é o outro ligador, porra? Outra pessoa que também mora em Malmö; quais são as chances disso? Nah, aposto com qualquer coisa que esse número pré-pago também pertence a Brinckmann.

"Já que Susanne não tinha permissão para usar o telefone do trabalho para chamadas privadas, ela também devia ter um celular privado", Astrid Nielsen acrescenta.

"Eu concordo, deve ter sido mais do que um telefone álibi comum", Karl acrescenta.

Karen olha para Karl com as sobrancelhas levantadas.

'Um' telefone álibi '?

- Sim, para manter as aparências no trabalho. Você não precisa usá-lo para nada além de navegar pornografia e fazer ligações de chantagem. '

'Você tem um? Para manter as aparências, quero dizer?

'Claro que não; Estou sempre de plantão. ' Karl sorri. "O estado vai ter que pagar pelas poucas ligações privadas que eu fizer."

'Bem, eu tenho um telefone pessoal', diz Astrid. 'Temos algum tipo de contrato de família que permite que você tenha vários números.'

Claro, Karen conclui com um suspiro. O Sr. e a Sra. Goody-Goody sempre tomam as decisões certas: eles correm e comem de forma saudável e têm contratos familiares por telefone. Eles provavelmente vão à igreja também. Só então, ela percebe que Astrid está estranhamente pálida. Uma mecha de cabelo escorregou de seu rabo de cavalo; ela afasta-o do rosto com cansaço.

"De qualquer maneira, Susanne recebeu um total de três ligações do número pré-pago para o telefone do trabalho", continua Cornelis Loots pacientemente. “Duas ligações no final de junho, a primeira com quase

meia hora de duração e a segunda com pouco mais de dois minutos. Depois, nada por quase três meses, que é quando outra chamada é registrada do mesmo número, mas aquela parece ter ido direto para o correio de voz.

Cornelis faz uma pausa para efeito antes de prosseguir.

“Essa ligação veio no dia 27 de setembro às 10h15”, diz ele.

- Dia vinte e sete. Mas isso foi na última sexta-feira!

*

A sala fica em um silêncio mortal por exatamente quatro segundos. Alguém ligou para Susanne dois dias antes de ela ser assassinada. Quatro segundos de silêncio antes de Cornelis Loots limpar a garganta mais uma vez.

'TelAB também nos ajudou a identificar o local de onde a chamada foi feita e parece que foi retransmitida por um mastro no centro de Copenhague.'

- Então definitivamente não é Disa Brinckmann. Ela foi para a Espanha no dia '- Karen folheia suas anotações -' vigésimo sétimo, na verdade. Ela dificilmente teria tido tempo de aparecer em Copenhague no mesmo dia em que voou para Bilbao.

Astrid Nielsen está sentada em silêncio, mexendo no telefone. Agora ela alcança o jarro de água enquanto estala uma embalagem blister de paracetamol com a outra mão. Ela realmente parece cansada. Karen empurra o jarro para mais perto de Astrid. Eu provavelmente deveria falar com ela, perguntar como ela está.

Astrid discretamente coloca o comprimido na boca e engole com dois goles rápidos de água.

“Teria havido tempo suficiente”, diz ela. 'O trem de Malmö para Copenhague leva pouco mais de meia hora.

E há muito mais voos do aeroporto de Kastrup em Copenhague do que do aeroporto de Malmö. Pode muito bem ter sido a maneira mais fácil para Disa chegar a Bilbao.

- Desde que ela esteja na Espanha - acrescentou Karl. - Ela pode ter vindo para cá em vez disso. Temos todas as listas de passageiros do dia 27, certo? Talvez houvesse uma Disa Brinckmann em um vôo de Kastrup para Dunker.

Cornelis acena com a cabeça e se levanta.

- Vou verificar agora.

A sala de conferências está zumbindo com algo que Karen não sente há dias. Ter esperança. Talvez eles finalmente tenham encontrado uma pista que vale a pena perseguir.

*

A esperança murcha rapidamente e morre.

"Não havia Disa Brinckmann em nenhum voo para Dunker no dia 27", Cornelis Loots anuncia quando volta para a sala de conferências, com uma expressão quase de desculpas no rosto.

'Ela pode ter vindo mais cedo, vamos ter que verificar mais algumas datas.'

"Não adianta, infelizmente", diz Cornelis Loots. «De acordo com a SAS, havia um Disa Brinckmann no voo das 9h40 de Malmö para Bilbao no dia 27 de setembro.

O silêncio envolve a sala mais uma vez.

"Então, a velha senhora estava comprovadamente a caminho da Espanha quando a ligação foi feita", disse Karl estupidamente, colocando em

palavras o que todos já descobriram. - Tudo bem, não pode ter sido Disa Brinckmann. Então quem diabos era?

42

Karen sai da rodovia na saída Grenå Mall. São quase seis e meia, mas em Tema as filas ainda são longas. As multidões de sexta-feira à tarde nos supermercados se tornaram tão insuportáveis nos últimos anos que cada vez mais pessoas começaram a fazer suas grandes lojas às quintas-feiras. E agora, a corrida para comprar comida para o fim de semana levou a multidão ainda mais longe, para as noites de quarta-feira. Nesse ritmo, Karen pondera severamente com um olhar para seu ingresso para o balcão de bebidas alcoólicas, todos nós teremos que fazer nossas compras de fim de semana no domingo à noite.

A disciplina dos ilhéus na hora de comprar álcool é rígida e seu nível de eficiência alto. No balcão da delicatessen, as pessoas podem hesitar, oscilando entre os patês e o presunto serrano; nas peixarias, espera-se um certo nível de seletividade e contemplação. Já no balcão de bebidas, você deve saber o que quer, fazer o pedido com rapidez e clareza, passar o cartão, pegar o recibo e retirar as compras na pick-up alguns minutos depois. Uma espécie de princípio de linha de montagem que faz com que os números dos ingressos passem rapidamente. Uma garrafa de vinho ou cerveja pode ser comprada em uma loja da esquina, com sua seleção limitada, mas as compras mais grandes são sempre feitas em um supermercado Tema ou Freja. Karen pretende fazer uma compra em grande escala. A comida que ela está planejando para sábado pode ser simples, mas haverá muito para beber. Além disso, ela precisa reabastecer suas lojas de qualquer maneira.

*

Em vinte minutos, ela está empurrando seu carrinho tilintante pela pista esburacada do estacionamento.

Depois de carregar duas caixas de vinho, uma bandeja com latas de cerveja, duas garrafas de gim, uma garrafa de uísque e uma sacola contendo cebola, alho, manteiga e creme em seu carro, ela morde um grande

pedaço da barra de chocolate que ela ' d pegou na caixa registradora e se virou para devolver o carrinho.

Ela repassa seu plano: tem tempo de passar pelo porto para pegar mexilhões na sexta-feira e Marike prometeu trazer pão fresco da cidade, mas ela provavelmente deveria servir algum tipo de sobremesa também. Por que ela não pensou nisso? A ideia de voltar para buscar mais comida é no mínimo desanimadora.

Um jovem com um avental de Tema vermelho destacou uma longa fila de carrinhos de compras estacionados e começou a arrastá-los em direção à entrada. Torta de maçã, ela decide, tenho uma tonelada de maçãs em casa, está bom.

- Ei, você também quer esse?

O jovem para e se vira, mas não parece que aprecia a interrupção. Ele aceita o bonde de Karen com um suspiro e o empurra para dentro do trem. Ele realmente tem que se esforçar para fazer a longa fila de carrinhos se mover novamente; Os olhos de Karen se demoram na figura curvada enquanto sua mente continua repassando seus planos para o sábado. Uma clássica torta de maçã e canela, talvez, ou talvez uma tarte Tatin. . .

Então ela fica rígida. Ela rapidamente pega seu telefone e percorre seus contatos.

Jounas Smeed atende após cinco toques.

'Ora, olá de novo, Eiken, o que posso fazer por você desta vez?'

Suas palavras são impecavelmente amigáveis, mas seu tom revela que ele não está feliz em ouvir dela. Ela ignora isso e vai direto ao ponto, sem se importar em cumprimentar.

- Aquele homem que você encontrou na manhã de domingo. Ele pediu cigarros, você disse. Você se lembra de mais alguma coisa sobre ele?

- Oh, dê um tempo, sim. Não, como já te disse. Você tem ideia de quantos bêbados estão cambaleando por esta cidade? Haugen me disse que você estava praticamente paralisado, mas você realmente não encontrou nada melhor para investigar?

- Você realmente não consegue se lembrar de nada? ela adula. 'Nada mesmo. Experimentar.'

- Quer dizer, além do fedor de suor e bebida velha? Por favor, Karen, você realmente não é bonita o suficiente para ser *tão* burra.

Ele ri, claramente satisfeito com seu duplo insulto, e ela luta contra o desejo de desligar. Seria tão fácil esquecer tudo. Certamente não é por causa de Jounas que ela decide fazer mais uma tentativa.

- Você disse que o encontrou no passeio. Você viu de qual direção ele estava vindo?

'Como diabos eu vou saber? Ele estava parado no final da rua, cambaleando, no topo da colina acima da saída para a praia. O que você quer chegar?'

Há uma mudança na voz de Jounas; uma leve sugestão de curiosidade vindo através da indiferença fingida.

Ela hesita antes de perguntar, não quer cutucá-lo em nenhuma direção específica. Esta é uma palha quebradiça que ela está segurando.

- Bem, tipo, ele tinha alguma coisa com ele?

Um suspiro exasperado indica que qualquer interesse que estivesse brotando em Jounas Smeed agora murcha novamente com a mesma rapidez.

- Não sei se ele tinha alguma coisa com ele. Acho que ele tinha um daqueles carrinhos de compras grandes que alguns roubam nos supermercados, mas não perguntei o que ele guardava nele. Sério, Eiken. . .
'

Sem outra palavra, ela encerra a ligação.

Spinnhusgate parece deserto quando Karen vira lentamente no parque da prefeitura e continua subindo Valhallagate em direção ao estacionamento atrás do antigo mercado municipal. Ela está ligeiramente curvada para a frente sobre o volante, olhando pelas janelas laterais para o acompanhamento monótono dos limpadores de para-brisa, que varrem a garoa do vidro a cada quatro segundos. Ao chegar ao nível da garagem, ela vê o que está procurando. Ela encosta rapidamente, inclina-se no banco do passageiro e abaixa a janela. A mulher, que está prestes a se abaixar sob a barreira amarela que bloqueia a saída, para ao som da frenagem de um carro e se vira. Ela instintivamente empurra o peito para fora e franze os lábios de forma convidativa. Uma fração de segundo depois, ela percebe quem está no carro e desiste do ato.

'Oi, Gro', Karen grita, 'você gostaria de entrar e se aquecer por um minuto? Há uma coisa que quero te perguntar. '

Gro Aske hesita por um momento, depois cambaleia até a beira do meio-fio com suas botas de salto alto.

Então ela se abaixa e dá um sorriso torto que revela a falta de um canino em sua mandíbula superior.

'Deus, você soa exatamente como um apostador.'

Seu cabelo descolorido tem raízes escuras e está úmido de chuva; sua jaqueta curta e branca de pele sintética é provavelmente uma péssima escolha para o clima.

- Você não tem nada para beber? Gro Aske diz esperançosa depois de subir e soprar ar quente em suas mãos em concha. "Eu poderia usar algo para me aquecer."

Pelo menos ela teve o bom senso de deixar a minissaia em casa hoje, Karen pensa, olhando os jeans skinny enrolados nas coxas finas de Gro Aske.

'Desculpe,' ela responde. - Mas que tal um cigarro em vez disso? ela adiciona e puxa um novo pacote do bolso da jaqueta.

Ela se lembra das caixas de vinho, cerveja e uísque na caçamba. Se você soubesse o que tenho nas costas. . .

Em seguida, ela estremece com o barulho que sai dos pulmões de Gro Aske quando ela dá uma primeira tragada e solta uma maldição balbuciante. Karen viu Gro andar pelas ruas por quase dez anos e, no entanto, só agora, de perto, é que ela percebe como a outra mulher realmente parece abatida; emaciada, seus olhos fundos, sua pele cinza. Ela provavelmente não tem nem trinta anos, tentando não mostrar o quão estranha ela se sente.

- Não é hora de desistir logo? ela pergunta.

- Com o fumo, você quer dizer? Gro retruca com um sorriso sarcástico.

'Você sabe o que eu quero dizer.'

'E fazer o que?'

- Não sei, acorde sem ansiedade pelo menos uma vez, talvez. Pare de se preocupar em como pagar por essa merda. Talvez veja sua filha novamente. Você provavelmente conseguiria uma vaga em Lindvallen imediatamente se se inscrevesse.

'Eu sei. Penso nisso todas as manhãs, na verdade, assim que consigo minha primeira dose, mas todas as noites, lá estou eu, procurando por mais. Bem, você sabe como é. . . '

Eu faço? Karen se pergunta.

O que ela realmente sabe sobre essas mulheres e meninas em suas saias obscenamente curtas e pernas congeladas, curvando-se para falar através das janelas dos carros? O que ela sabe sobre mães insones que são assombradas por visões de antros congelantes de drogas e garfos presos em caixas de fusíveis e que vivem com medo do telefonema inevitável informando-as de uma overdose mortal? O que ela realmente sabe sobre o que é preciso para escapar disso?

Sua própria incapacidade de colocar sua vida de volta nos trilhos é realmente tão diferente da de Gro como ela gosta de imaginar?

Karen decide ir direto ao ponto.

“Preciso da sua ajuda”, ela diz. - Você conhece a maioria dos sem-teto desta cidade, certo?

Grunhe para indicar que sim e estuda a ponta acesa do cigarro sem responder.

"Tem um homem que puxa um grande carrinho de compras", continua Karen.

'Muitos deles fazem. Eles os chamam de buggies.

Karen solta uma risada involuntária.

- Esse cara anda muito pelo calçadão, acho, coletando vasilhames.

Gro dá uma tragada profunda, retém a fumaça nos pulmões por alguns segundos e depois exala com uma baforada alta.

'Eu não grama. Você sabe disso.'

- Eu sei, e não estou tentando prendê-lo por nada. Se fosse esse o caso, eu não teria vindo até você. '

- Então, que porra é essa?

- Ele pode dar um álibi a uma pessoa, só isso. Eu prometo, Gro. '

- E você não tem nada para beber?

Karen põe a mão na chave da ignição.

'Você vai me ajudar ou não? Do contrário, terei de continuar procurando.

Gro Aske dá uma última tragada profunda, abre a porta e joga a ponta na calçada. Mas então ela fecha novamente.

'Você provavelmente está falando sobre o novo cara', diz ela. 'Leo Friis, eu acho. Ele mantém a si mesmo, principalmente, mas às vezes ele sai no parque com os outros velhos idiotas um pouco. Embora eu

dificilmente ache que ele estará lá com este tempo. '

Leo Friis. Karen sabe que há algo familiar nesse nome. Ele provavelmente foi sequestrado por intoxicação pública mais de uma vez.

'O quê mais? Você sabe onde posso encontrá-lo?

- E você está me dizendo que ele não fez nada?

'Eu prometo. Juro.'

Karen estende os cigarros, balançando o maço convidativamente; Gro estende a mão congelada.

- Aparentemente, ele é meio louco por espaços confinados. Você verificou em New Harbor, sob as docas de carga?

44

A ligação vem no momento em que ela está saindo da rodovia em direção a Dunker. Karen recusa o noticiário das oito e põe o fone no ouvido.

Suas tentativas de localizar Leo Friis na noite anterior foram inúteis. Depois de circundar os edifícios de armazenamento e carregar as docas em um rastejar, faróis varrendo como holofotes, por vinte minutos, ela desistiu. O antigo porto com o nome enganoso de Novo Porto era pequeno para os padrões de hoje, mas difícil de pesquisar. Se Leo Friis estivesse escondido em um de seus incontáveis recantos, as chances eram de que ele a visse muito antes que ela pudesse identificá-lo. E se ele, como todos os outros moradores de rua, fosse capaz de sentir o cheiro de cobre a uma milha de distância, dificilmente faria sua presença conhecida.

Em contraste, seu impulso repentino de ligar para o celular de Sara Inguldsen fora um sucesso. Não, ela disse, estava em casa no momento, prestes a ir para a cama, na verdade, mas ela e Björn ficarão de plantão amanhã às cinco e meia da manhã. É claro que eles ficaram felizes em manter os olhos abertos para um homem sem-teto puxando um carrinho de compras na área ao redor do antigo New Harbor.

- Não o roube - Karen a lembrou uma última vez antes de encerrar a ligação. 'Mantenha distância e me diga onde ele está; Vou falar com ele. '

E, vejam só, esta manhã Sara Inguldsen ligou para informá-la que avistaram alguém que se encaixava na descrição de Friis subindo a encosta do cais em direção a Gammelgårdsvägen.

*

Ela leva seis minutos para localizá-lo. Leo Friis está subindo a suave inclinação de Gammelgårdsvägen em direção ao centro da cidade, com os

ombros curvados sob um cobertor de lã cinza. Karen passa de carro e para mais adiante na rua. Em seguida, ela desce do carro, tira um maço de cigarros e finge estar procurando algo na bolsa. Sorte que não consegui desistir, ela brinca para si mesma; talvez eu devesse reclamar o fumo como despesa de trabalho.

'Sinto muito', diz ela enquanto Leo Friis se aproxima. - Por acaso você não tem luz?

Ele para e olha em volta, confuso, como se para ter certeza de que ela está falando com ele.

'Oh, espere, aqui está', diz ela, envergonhada por suas pobres habilidades de atuação. 'Quero um?'

Ela estende o pacote; Leo Friis parece hesitar. Ele não é o tipo de homem que é parado por mulheres aleatórias que oferecem cigarros, a menos que haja alguma maldade em andamento.

'O que você quer?' ele diz secamente.

'Leo Friis?'

- E quem diabos é você?

“Karen Eiken”, ela diz, estendendo a mão.

Ele não aceita. Dividido entre o impulso sonoro de ir embora e a vontade de fumar que o aflige desde a noite anterior, ele mantém os olhos fixos no maço de cigarros na mão de Karen. Ela tenta novamente.

- Sou um detetive de polícia e ... não, vamos, acalme-se, você não fez nada de errado, só quero te perguntar uma coisa.

"Não tenho nada a dizer."

Leo Friis se move para fazer o carrinho pesado rolar; ela rapidamente absorve o conteúdo: sacolas cheias de latas e garrafas vazias, algo que parece um saco de dormir enrolado, um par de botas de inverno e um punhado de trouxas não identificáveis. Sem bloqueá-lo completamente, Karen dá um passo para o lado para que ele tenha que pelo menos contorná-la.

- Nem mesmo se você pudesse ajudar a provar a inocência de alguém? ela diz.

Leo Friis não responde.

'Você quer café da manhã? Aquele café ali está aberto ”, ela diz rapidamente, como uma operadora de telemarketing. - Por minha conta, café e alguns sanduíches. E depois os cigarros. Vou te dar o pacote inteiro.

'

Ela acena com a cabeça em direção ao café do outro lado da rua e nota que Leo Friis segue seu olhar.

- Você realmente acha que eles me deixariam entrar? Esqueça.'

- Eles vão deixar você entrar se eu mandar.

*

Ele come com gosto e lança olhares rápidos e frequentes para o carrinho do lado de fora. Felizmente, ele deixou o cobertor do lado de fora também, e Karen percebeu que ele passou os dedos pelos cabelos como se quisesse se arrumar antes de entrar. A maneira confiante como ela colocou seu convidado na mesa da janela e pediu um grande bule de café, um copo de leite, dois sanduíches de queijo e um com cordeiro fatiado convenceu a garota da caixa a se abster de comentar. Karen não pode fazer nada a respeito de seus olhares suspeitos, mas Leo Friis parece alheio, ou talvez

simplesmente não se importe. Felizmente, o lugar está meio vazio e os poucos clientes que entram escolhem as mesas o mais longe possível do casal que fica perto da janela.

Ela deixa Leo comer em silêncio, estudando-o por trás de sua xícara de café. De longe, ela imaginou que ele tivesse cerca de sessenta anos, talvez mais velho. Agora, vendo-o de perto, ela percebe que ele não pode ter muito mais que quarenta anos. Suas mãos estão calejadas e assumiram uma cor púrpura-avermelhada, provavelmente o resultado de muitas noites dormindo na rua. Metade de seu rosto está escondido atrás de uma barba, mas ao redor dos olhos, sua pele está relativamente sem rugas. Um leve cheiro de suor e mofo sopra em seu caminho toda vez que ele vira a cabeça para se certificar de que seus preciosos pertences ainda estão estacionados em segurança do lado de fora da janela.

- Na manhã seguinte a Oistra - diz ela por fim, depois que ele engole a última garfada do sanduíche de cordeiro com um grande gole de leite. - Você dormiu na praia naquela noite, não foi?

- Isso é contra a lei agora?

'Não que eu saiba. Acho que você foi a pessoa que vi quando estava em frente ao Hotel Strand, pouco depois das sete, olhando para a praia. Isso está correto? '

Leo Friis encontra os olhos dela acima da borda de sua xícara de café por um segundo. Ele toma um gole e acena brevemente com a cabeça.

'Não é impossível. Tenho dormido lá o verão todo. Este resfriado sangrento soprou há apenas alguns dias.

'Sim, lembro que era uma manhã quente e pensei comigo mesma que o homem na praia não estaria se sentindo bem quando acordasse. Para ser

honesta, eu não estava exatamente me sentindo bem ', acrescenta ela.

Leo Friis não faz nenhum comentário sobre o bálsamo relativo da manhã ou o fato de que a mulher do outro lado da mesa está revelando fatos pessoais sobre como ela estava se sentindo por algum motivo desconhecido.

- De qualquer forma, acredito que você acordou depois de algumas horas e subiu a encosta até o calçadão. Eu gostaria de saber se isso está correto e, em caso afirmativo, se você se lembra de ter encontrado alguém lá?

Alguém que você tentou queimar um cigarro.

Ele parece totalmente impassível. Encara o espaço vagamente, como se não tivesse ouvido a pergunta. Este é um tiro longo, obviamente, ela pensa consigo mesma, ou mais como um tiro do poste. Como ela poderia, mesmo por um momento, imaginar que um homem que vive sua vida como Leo Friis seria capaz de se lembrar onde estava ou com quem conversou cinco dias atrás? Ele provavelmente tem sorte se se lembra do que fez há uma hora.

- E se eu quiser. . . ' ele diz devagar.

- O que você quer ou não?

'Olha, eu não estou completamente fora disso. Ainda não. Sim, lembro-me de conversar com um cara. '

'Tem certeza. Como ele era, você se lembra? '

'Não, apenas um cara normal. Um cara de terno vagando na hora errada do dia. Mas, tirando a roupa, ele parecia maltratado, posso garantir. Não parecia em muito melhor estado do que eu.

- Terno, você disse?

- Sim, mas não posso dizer qual é a marca. Arm *aaa* ni, talvez, ou Hugo— *Nazi*- Boss.

Leo Friis pronuncia os nomes com uma voz anasalada e Karen fica surpresa por ele saber os nomes de todos os estilistas. Por outro lado, por que não? Algo diz a ela que não faz muito tempo que Leo caiu da face da

Terra. Seu vício ainda não deixou cicatrizes suficientes.

"Tudo bem", ela diz com um sorriso. - Por que não pulamos esse detalhe, então. O que eu gostaria de saber é se você tem ideia de que horas podem ter sido. Quer dizer, eu percebo que você pode não saber exatamente, mas. . . '

"Vinte para as dez", ele a interrompe.

Karen o encara com cautela.

'Vinte para dez? E você tem certeza, simplesmente assim? '

'Sim eu tenho certeza. Bem desse jeito. Pense nisso, oficial.

Algo em sua voz a faz engolir sua próxima pergunta e, em vez disso, fazer o que ela disse. Ela pensa sobre isso. O que poderia fazer um homem que dormiu até o fim na praia e acordou, provavelmente suado e de ressaca, lembrar exatamente que horas eram? Uma fração de segundo depois, a resposta se apresenta.

“A loja da esquina”, ela diz. - Eles abrem às dez aos domingos.

'Bingo! Quatro latas de cerveja e um pequeno maço de cigarros. Um pacote de salsichas também, na verdade.

Eu estava excepcionalmente rico naquela manhã; a praia estava cheia de vazios, tudo que eu tinha que fazer era pegá-los. O problema é que, quando acordei, ainda não havia nada aberto.

Leo pega a cafeteira e se serve de outra xícara antes de continuar.

- Fiquei de olho no relógio da torre da igreja o tempo todo enquanto enchia meu carrinho. E quando aquele cara apareceu, lembro que pensei comigo mesmo que tinha mais vinte minutos antes de poder comprar cigarros, mas eu queria tanto um que poderia ter batido nele se ele não tivesse me deixado queimar um . '

'Brilhante! Estou ligando para Jounas agora para lhe contar as boas notícias. Muito bem, Eiken, muito bem feito! '

Viggo Haugen sorri para ela e faz menção de se levantar da cadeira de visitante no escritório da promotora Dineke Vegen. Em seguida, ele se detém e afunda de volta no assento de veludo. Ele se vira para Karen novamente, inclina um pouco a cabeça e lhe dá um sorriso simpático.

- Suponho que isso signifique que Jounas Smeed poderá retomar suas funções imediatamente. Você fez bem em substituí-lo, Eiken, mas realmente não há nada que impeça Smeed de assumir a investigação agora. Você percebeu que sua promoção era temporária, certo?

Karen olha para ele surpresa. Claramente, ela não terá mais que ocupar o cargo de chefe de departamento interina, mas nunca poderia ter imaginado que Smeed assumiria a investigação.

Dineke Vegen pigarreia.

"Espere um pouco, Viggo", ela diz. 'Esta é uma boa notícia, que podemos excluir Jounas, quero dizer, mas não acho que seria apropriado para ele chefiar a investigação.'

Viggo Haugen se inclina para frente, pronto para protestar, mas um aceno de sua mão o faz fechar a boca.

'Mesmo que Jounas não seja mais suspeito, ele tem uma ligação pessoal muito próxima com a vítima. Se entendi bem as coisas, você ainda não tem um suspeito ou mesmo uma teoria sobre os possíveis motivos?

Karen concorda com relutância. Infelizmente, Dineke Vegen entendeu as coisas direito, pois ela sabe muito bem. Viggo Haugen aproveita o

momento.

“Mas é exatamente por isso que precisamos de Smeed”, ele diz, parecendo aborrecido. - Bem, sem ofensa, Eiken, mas já faz cinco dias sem nenhum progresso.

'Não, Viggo, é exatamente por isso que Jounas *não deve* ter nada a ver com o caso', explica Dineke Vegen pacientemente. 'Temos que fazer mais entrevistas, alargar o círculo. Não se pode esperar que ele entreviste seus próprios parentes: sua filha, por exemplo.

- Filha dele - zomba Viggo Haugen. - Você já conversou com ela, não é? E o namorado dela também, a menos que eu tenha interpretado mal o relatório desta manhã.

'Sim esta correto; Karl Björken conseguiu localizar Samuel Nesbö na noite passada; sua declaração corrobora o relato de Sigrid sobre o show tardio e a briga que os dois tiveram. O que por si só não significa que qualquer um dos dois tenha um álibi para a manhã de domingo, apenas que ela não mentiu sobre o que aconteceu na noite de sábado. Ou os dois estão mentindo - Karen acrescenta e nota com o canto do olho que Viggo Haugen está carrancudo para ela.

“De qualquer forma, não podemos descartar a filha ou o namorado”, conclui Dineke Vegen.

Viggo Haugen se recusa a desistir.

- E que motivo eles poderiam ter tido? Susanne não deixou nenhum dinheiro para falar. E aquela casa. . . '

"Isso dificilmente é relevante para o assunto em questão", interrompe o promotor, agora com um tom áspero na voz. 'Deixe-me colocar isso muito claramente: está fora de questão para Jounas chegar perto deste caso.

Você sabe que prefiro não me intrometer nas investigações policiais, embora, como promotor, tenha todo o direito de intervir e assumir. Não hesitarei em fazê-lo desta vez, se for necessário. '

- Bem, agora, espero que as coisas não cheguem a esse ponto. Normalmente concordamos, não é?

Karen evita olhar para o chefe de polícia. Um homem em sua posição não deveria ser advertido por um superior na frente de um empregado. Haugen, de uma maneira notavelmente pouco profissional, criou uma situação que é embaraçosa para os três. Ele vai descontar em mim, ela raciocina. Cedo ou tarde.

'Eu sugiro que Karen continue com a equipe que ela montou e continue a se reportar a nós duas. Jounas vai retomar a chefia do CID, mas vai ficar muito longe desse caso em particular. Estamos entendidos?'

*

Haugen está pelo menos parcialmente certo, Karen aceita, enquanto ela desaba em sua cadeira de escritório.

Outra pessoa provavelmente deveria assumir a investigação. Não Smeed, obviamente, mas outra pessoa, alguém que tem o impulso necessário. Ela, por sua vez, se sente totalmente exausta. Houve um tempo em que ela teria abordado um caso como este, como um terrier que descobriu um osso carnudo. Uma época em que suas ambições profissionais incluíam noções de ascensão para se tornar gerente, de ser capaz de moldar o trabalho de longo prazo da polícia. Ela sabe melhor agora.

O mero pensamento de Jounas Smeed voltando ao trabalho é paralisante. O fato de ela reter a responsabilidade final pela investigação e ignorá-lo totalmente, relatando diretamente seus chefes - o chefe de polícia e o

promotor - dificilmente tornará as coisas entre ela e Jounas menos tensas. A ausência dele proporcionou um alívio temporário, uma pequena bolha de ar na qual ela podia respirar e até sentir um pouco de entusiasmo voltando ao trabalho. Agora essa bolha estourou. O que aconteceu entre eles no Strand sempre vai pesar sobre ela. Qualquer respeito que Jounas pudesse ter por ela antes certamente terá sido apagado, mas seu pior medo é que ele deixe escapar, que os outros descubram. Ela pode realmente ficar aqui com aquele tipo de espada de Dâmocles pendurada sobre ela?

Não, definitivamente não sou a pessoa certa para liderar esta investigação, ela suspira interiormente. O

promotor pode ser capaz de inspirar a equipe e encontrar novos ângulos. Ou Karl, pelo menos ele ainda está com fome. Enquanto ela pensa isso, Karl aparece ao lado dela.

'O que eles disseram?'

'Jounas está voltando, mas ele não participará da investigação. Haugen iria ligar para ele imediatamente. '

Karl acena com a cabeça.

'Como esperado então. Embora eu admita que pensei que Haugen iria defender Jounas assumindo o caso, agora que ele está oficialmente descartado. '

Karen hesita. Ela deveria contar a ele o que aconteceu ou deixar Karl acreditar que Viggo Haugen tomou uma decisão sensata por sua própria vontade?

“Não, vamos continuar como antes”, diz ela. 'Mesmo time.'

'Boa. Além disso, agora você pode esquecer tudo sobre '- ele olha ao redor do escritório de plano aberto antes de continuar mais suavemente -' aquela noite no hotel já que outra pessoa está garantindo por Jounas, certo?

Então, por que você parece tão derrotado?

Ela lentamente se vira na cadeira e olha nos olhos de Karl Björken.

'Porque eu não tenho nenhuma ideia terrena para onde ir a seguir.'

Nesse momento, o telefone toca.

É Kneought Brodal, que a informa que os resultados do DNA foram obtidos e que confirmam que a falecida é, de fato, Susanne Smeed.

'Já que a identidade da vítima já foi verificada e não há nenhuma dúvida sobre a causa da morte, vou entregar o corpo aos parentes para sepultamento', diz ele em um tom casual que não revela que ele conhecia Susanne pessoalmente.

Os parentes. Karen retrata Sigrid; Susanne não tinha outros parentes. Como Sigrid vai organizar um funeral?

Dificilmente haverá um velório; Karen duvida que Sigrid se importe com a tradição. Mas o funeral em si provavelmente é difícil o suficiente de organizar. Felizmente, ela é inteligente o suficiente para deixar seu pai ajudar. Jounas pode ser um idiota e claramente não tem nada além de desprezo por sua ex-mulher, mas ele estaria lá para sua filha se ela simplesmente perguntasse, não é? De qualquer forma, é urgente, se eles querem seguir a regra dos sete dias: em Doggerland, uma pessoa morta deve estar enterrada em uma semana.

Em Frisel, ainda faltam cinco dias, embora a geração mais jovem esteja adotando costumes mais

escandinavos. Ou noruegueses e dinamarqueses, para ser mais preciso. Para eliminar o risco de degeneração ao nível sueco - onde pessoas mortas podem ficar no freezer por até dois meses - uma nova legislação foi recentemente introduzida. Se os entes queridos de uma pessoa não puderem organizar o enterro em cinco dias úteis e dois fins de semana, as autoridades agora são obrigadas a intervir e o enterro será realizado na ausência deles.

O funeral de Susanne provavelmente será no sábado. Karen sabe que terá que pedir a Karl para comparecer, se ela não puder ir sozinha. Embora, claro, não seja nada como na televisão, onde o assassino se esconde furtivamente nos arbustos do cemitério, pode ser importante ir. Alguém de interesse pode aparecer; algum velho amigo de Susanne que eles perderam.

46

Vinte para as quatro naquela tarde de sexta-feira, a equipe de investigação é revitalizada.

Eles têm pateado o chão como galgos na linha de partida por uma semana inteira de trabalho, enquanto o tempo continua passando implacavelmente. E, gradualmente, os latidos na caixa de partida diminuíram. Um a um, os pontos críticos foram surgindo e desaparecendo: as primeiras vinte e quatro horas durante as quais 90% dos perpetradores desajeitados e desesperados são, via de regra, identificados; os três dias durante os quais os perpetradores um pouco mais astutos geralmente conseguem ficar um passo à frente da polícia.

Agora, no sexto dia de investigação, a esperança de que o DNA ou outras evidências técnicas lançassem uma luz crucial sobre o caso também se extinguiu. Tudo o que eles têm está espalhado sobre a mesa. Ninguém mais espera por uma nova declaração de testemunho vital, por um presente dos deuses. Nada do pouco que sua investigação descobriu parece que pode levar a algum lugar. Exceto possivelmente Disa Brinckmann.

Eles fizeram contato inicial com a polícia espanhola, mas a julgar pela recepção morna, é provável que ela já tenha voltado para casa quando um de seus colegas continentais se der ao trabalho de localizá-la. A questão é como uma mulher de setenta anos pode estar ligada ao assassinato. Que ela não cometeu está fora de dúvida; a esperança é que ela possa ter algo a dizer a eles sobre Susanne. Algo que eles ainda não sabem.

É onde eles estão quando Cornelis Loots acena para Karen.

*

Um relato de roubo de uma casa de verão nos arredores de Thorsvik, no norte de Heimö, escapou da atenção de todos. Cornelis descobre isso por pura casualidade ao pesquisar no banco de dados interno todos os crimes relatados nas últimas três semanas. A casa, localizada a leste do porto da balsa, foi roubada no sábado, 21 de setembro, uma semana antes do assassinato de Susanne Smeed; a Polícia de Ravenby posteriormente reclassificou o incidente como roubo e tentativa de incêndio criminoso. É a reclassificação que o faz notar.

A tentativa do perpetrador de colocar fogo na casa foi interrompida por um vizinho que sentiu cheiro de fumaça e foi até os limites da propriedade para ver qual de seus vizinhos idiotas de cabana de verão estava acendendo fogo com aquele tempo. Mas em vez de um dono de casa queimando destroços em seu jardim, ele viu um jovem sair da casa de seu vizinho com uma mochila pendurada em um ombro, olhando por cima do outro, como se para ter certeza de que o fogo que ele tinha acabado de acender estava pegando.

O vizinho, um homem chamado Hadar Forrs, tinha, embora relutantemente, feito a coisa certa. Em vez de seguir o jovem com inclinações pirotécnicas, que de acordo com Forrs desapareceu em uma motocicleta amarela, ele chamou os serviços de emergência e conseguiu apagar o incêndio quebrando uma janela e inserindo a mangueira de jardim, antes que os bombeiros chegassem .

O dono da casa, David Sandler, que decidiu passar um último fim de semana em sua casa de verão para colher uma safra excepcionalmente rica de cogumelos, estava a caminho das lojas no centro da cidade de Thorsvik para comprar manteiga e creme quando o roubo ocorreu. Não tendo passado mais de trinta minutos, ele voltou e encontrou o chão da cozinha inundado e a casa cheia de uma fumaça acre das cortinas queimadas da cozinha que

levaria semanas para apagar. Seu laptop recém-comprado e o velho Rolex de seu pai, que estava na mesinha de cabeceira, haviam sumido, e ele agora estava em dívida com o vizinho rabugento, ainda por cima. David Sandler não ficou muito satisfeito, isso estava muito claro no relatório.

“Por outro lado, ele poderia ter a cabeça esmagada com um atiçador se estivesse em casa”, observa Karl Björken, falando em voz alta o que todos estão pensando.

Karen convocou uma reunião extra; a informação sobre o roubo parece ter feito toda a equipe perceber uma mudança em sua sorte. Agora estão todos sentados eretos, os olhos nela, prontos para fazer anotações.

'Não queremos ter esperanças, mas isso significa que vamos nos concentrar em encontrar mais conexões em potencial. Vamos todos trabalhar para revisar todos os detalhes de cada roubo relatado. Começaremos com os relatórios de hoje e voltaremos a partir daí. Vou reunir uma lista de termos de pesquisa para ajudar a orientar nosso trabalho. '

Normalmente, atribuir a eles esse tipo de trabalho pesado teria causado gemidos e suspiros, mas desta vez, Karen mal teve tempo de encerrar a reunião antes que todos corressem para suas mesas para fazer login no banco de dados.

*

Astrid acena para os outros depois de noventa minutos. No início, ninguém entende o que motivou sua reação. Mais um roubo, desta vez em Noorö, ao norte do porto da balsa, entre 17 e 20 de setembro; o proprietário estava ausente. Mas não houve nenhuma tentativa de colocar fogo na casa. Entre os itens roubados estavam, além de dois laptops e uma - provavelmente exagerada - uma quantidade de joias de ouro.

Há muitos roubos em Noorö e poucos são resolvidos. Também não há nada de notável neste relatório. Além de um pequeno detalhe.

Na lista de itens roubados está um Honda amarelo, modelo CRF 1000L Africa Twin.

Mais uma vez, Karl Björken é quem afirma o óbvio:

- O mesmo cara. Ele fugiu com a bicicleta em Noorö e a usou para o assalto em Thorsvik. Há câmeras na balsa?

Como um gás invisível, impossível de conter, uma noção começa a se espalhar pela equipe; talvez o assassinato de Susanne Smeed tenha sido simplesmente um roubo que deu errado. Talvez o cara que ateou fogo na casa em Thorsvik tenha feito a mesma coisa em Langevik na semana seguinte. Talvez ele avaliasse seus alvos e soubesse que Susanne geralmente estava fora da cidade durante a Oistra. Talvez ele a matou em puro desespero quando descobriu que ela estava em casa. Talvez agora eles saibam como e por que Susanne Smeed foi assassinada. Nesse caso, é apenas uma questão de tempo até que peguem o homem que o fez.

Uma pessoa que está definitivamente convencida de que a maré está mudando é Viggo Haugen. Isso fica claro para Karen quando ela sai do escritório meia hora depois.

"Notícia maravilhosa", ele repete, batendo na mesa.

A última coisa que ela ouve antes de fechar a porta atrás de si é o som dele pegando o fone para fazer uma ligação.

47

O ar condicionado da sala de conferências desliga às 20 horas; Karen sente seus ombros caírem enquanto o zumbido diminui. O copo de uísque de papel pardo que ela roubou do escritório de Jounas Smeed parece uma vingança pequena, mas notavelmente eficaz, em seu último dia como chefe interina do CID. Na segunda-feira, Smeed retomará suas funções após uma semana de licença de jardinagem.

A qualquer momento, ela vai se levantar e buscar as duas sacolas cheias de mexilhões que conseguiu enfiar na geladeira da cozinha. Mais uma vez, passou por sua mente que ela havia convidado pessoas quando recebeu uma mensagem de Eirik algumas horas antes, perguntando se ela queria que trouxessem alguma coisa amanhã. 'Nenhuma coisa. Apenas relaxe!' ela respondeu, antes de correr freneticamente para o porto antes que as lojas fechassem para o dia. Então ela voltou para o escritório.

Ela é a única que sobrou; ela colocou os pés em cima da mesa e está estudando à distância o grande quadro perto da parede. Na parte superior, há fotos de Susanne Smeed. À esquerda, um retrato relativamente recente fornecido por Eira Care Homes; todos os seus funcionários são obrigados a usar documento de identidade com foto; Gunilla Moen levou menos de quatro minutos para fornecer uma impressão. À direita de uma Susanne sombria olhando diretamente para a câmera, há uma seleção de fotos que a mostram espancada até a morte em sua cozinha, ao lado de fotos da própria cozinha de diferentes ângulos.

Embaixo das fotos bem alinhadas, Karl desenhou uma linha do tempo vertical listando os poucos fatos que eles puderam verificar.

Sexta-feira, 20 de setembro, 16h30 Susanne deixa seu local de trabalho, Solgården.

Segunda-feira, 23 de setembro, 7h45. Susanne liga dizendo que está doente para trabalhar.

Sexta-feira, 27 de setembro 7h15. Chamada de entrada para o telefone do trabalho de Susanne, de Copenhague.

Sábado, 28 de setembro. Sem dados.

Domingo, 29 de setembro, das 8h30 às 10h, possível janela para assassinato, de acordo com Kneought Brodal.

Domingo, 29 de setembro. Aprox. 9h45 Angela Novak chega à casa de Harald Steen.

Domingo, 29 de setembro. Aprox. 9h55 - 10h Harald e Angela ouvem um carro se afastando da casa de Susanne.

Domingo, 29 de setembro, 11h49 Harald Steen liga para os serviços de emergência.

Domingo, 29 de setembro 12h25 Sara Inguldsen e Björn Lange chegam em casa.

Para fazer as coisas de acordo com o livro, eles também listaram os nomes de qualquer pessoa que teve um relacionamento nada superficial com Susanne: Jounas Smeed, sua filha Sigrid e seu namorado Samuel Nesbö, Wenche e Magnus Hellevik, Gunilla Moen. Há um ponto de interrogação após o nome de Disa Brinckmann. Fora isso, o tabuleiro está vazio, provavelmente por isso que alguém o empurrou para longe da mesa.

E agora, eles podem riscar dois desses nomes da lista de suspeitos.

Novas informações trazidas por Karl Björken no início da noite revelaram que Sigrid Smeed não foi totalmente honesta em sua entrevista. Nesse caso, porém, dizer a verdade teria sido melhor para ela.

Depois de algumas batidas persistentes na porta do prédio de Sigrid Smeed em Gaarda, Karl finalmente conseguiu falar com um - ainda muito chateado - vizinho do lado, que havia sido acordado pouco antes das oito da manhã de domingo por uma comoção na escada. Segundo o vizinho, um homem na casa dos cinquenta, cujo hálito cheirava a álcool e peixe defumado, Samuel Nesbö havia voltado para casa naquele momento, apenas para descobrir que a corrente estava na porta.

O namorado de Sigrid - o vizinho o reconheceu pelo olho mágico - tocou a campainha com muita persistência antes de começar a ligar e gritar para Sigrid abrir a porta.

Por fim, ela aparentemente o deixou entrar, porque depois disso, segundo o vizinho, eles gritaram e gritaram um com o outro dentro do apartamento até que o namorado saiu furioso novamente cerca de uma hora depois.

'Parecia que eles estavam ficando físicos?' Karl perguntou, silenciosamente se perguntando por que ninguém havia chamado a polícia. Por outro lado, ele sabia exatamente por quê: os distúrbios domésticos eram uma ocorrência cotidiana na Gaarda e o chamado às autoridades deveria ser evitado a todo custo.

- Não sei, porra, mas sei que ela estava viva quando ele foi embora, porque berrava a plenos pulmões.

*

Karen certamente nunca considerou a filha de Susanne uma provável suspeita, mas agora ela e o namorado poderiam ser definitivamente

descartados. Havia duas palhinhas para agarrar: a identificação bem-sucedida do piloto do Honda amarelo e pegar Disa Brinckmann. Talvez um deles levasse a alguma coisa, mas nada aconteceria antes que Smeed voltasse ao trabalho. Uma semana sem progressos tangíveis; ele não vai me deixar esquecer isso, ela pensa severamente consigo mesma enquanto olha pela janela riscada de chuva. As pessoas já se cansaram de falar sobre a mudança repentina do tempo, desde o calor do fim do verão em Oistra até a chegada prematura de temperaturas gélidas e essa garoa sem fim. Os meteorologistas não têm palavras de conforto para dar: mais sistemas de baixa pressão estão impacientemente enfileirando-se sobre o Atlântico, esperando para varrer Doggerland e liberar sua fúria nas ilhas.

Karen estuda o caleidoscópio de tons de cinza na vidraça enquanto examina o arquivo do caso em sua mente.

Ela já sabe de cor, então não há razão para consultar as pastas pretas.

Em sua mente, ela passa para a seção sobre a vida pessoal de Susanne, onde a palavra 'conflito' é encontrada na descrição de praticamente todos os relacionamentos que ela teve: vários conflitos com Jounas, tanto durante quanto após o casamento, principalmente em relação a dinheiro e terras. Um conflito com a filha causado pelas brigas intermináveis de Susanne com seu pai e a decepção de Susanne com sua bailarina de tule se transformando em uma jovem com um piercing no nariz e braços tatuados. Um conflito com seu empregador em relação ao uso privado de telefones do trabalho e uma candidatura malsucedida de emprego.

Um conflito com a empresa de energia eólica Pegasus em relação aos direitos à terra e ao ruído perturbador do parque de turbinas construído perto de sua casa. Um conflito com Wenche Hellevik causado por Susanne se sentir desprezada e negligenciada.

Nenhum conflito conhecido com Samuel Nesbö havia sido descoberto, embora se pudesse presumir que o relacionamento gélido de Sigrid com sua mãe significava que seu namorado também não tinha sentimentos

afetuosos por Susanne. Ainda não se sabia se houve algum tipo de conflito entre Susanne Smeed e Disa Brinckmann.

Na margem havia notas de rodapé delineando uma série de conflitos menores com colegas de trabalho, empresas de ônibus e vários fornecedores de bens e serviços, todos com os quais Susanne não gostou por um motivo ou outro. Susanne Smeed parecia ter problemas com praticamente todas as pessoas com quem ela tinha contato.

Comigo também. Karen se lembra de seu encontro estranho nas caixas registradoras do viveiro de plantas.

Susanne definitivamente queria Karen Eiken Hornby, muito antes que houvesse qualquer razão para isso. E

agora ela nunca saberia o que havia acontecido no quarto 507 do Hotel Strand.

A questão é se isso é sério o suficiente para alguém querer Susanne morta. Ela tornara a vida tão miserável para alguém que ele ou ela perdera o controle? Ou ela sabia de algo que constituía uma ameaça para alguém?

Sem nenhuma evidência para apoiá-lo, Karen tem a nítida sensação de que Susanne era exatamente o tipo de pessoa que se rebaixava tanto. Susanne Smeed havia feito chantagem?

Por outro lado, ela pensa consigo mesma, tomando um gole de uísque, toda essa reflexão é patentemente inútil. A julgar pela voz excitada de Viggo Haugen algumas horas antes, o assassinato de Susanne Smeed foi resolvido.

“Nem mesmo você pode negar que isso coloca tudo sob uma nova luz”, ele disse. "Uma explicação altamente plausível para esse triste caso."

Bem, por que não? Karen toma mais um gole; seja como for, os arrombamentos Noorö e Thorsvik tinham com toda a probabilidade sido cometido pelo mesmo cara. Por alguma razão ele decidiu levantar a aposta por tentar definir a segunda casa em chamas. Não é de todo impossível imaginá-lo continuando a sua onda de crimes em Langevik. Talvez Susanne o surpreendeu ou talvez ele sentiu a necessidade de discar o nível de emoção ainda mais. De roubo, através de fogo posto ao assassinato. Um caso clássico de dessensibilização, particularmente comum entre criminosos com tendências psicopatas. Mas esse tipo de escalada geralmente leva muito mais tempo do que uma semana.

'Tudo bem, tenha um bom fim de semana.'

A voz da porta faz Karen pular tão alto que as últimas gotas de uísque escorregam pela borda do copo de papel.

'Você ainda esta aqui? Achei que fosse a última - ela murmura, enxugando a mão na calça jeans.

'Eu não queria te assustar', Astrid Nielsen responde e começa a fechar o zíper de sua parca.

Ela realmente parece cansada, Karen observa novamente com uma pontada de culpa. Acompanhar a nova pista de roubo envolve examinar as imagens do CCTV de todas as rotas de balsas e fazer uma busca ampliada por qualquer crime relacionado aos dois roubos. Dada a relutância da polícia local em usar o novo banco de dados interno PIR, que segundo a TI ainda sofre de 'problemas iniciais', quase onze meses após ter sido introduzido,

isso significa ligar para todas as estações locais para garantir que nada seja esquecido.

Astrid Nielsen foi encarregada de manter um registro contínuo dos resultados.

'Espero que não sejam minhas tendências escravistas que estão mantendo você longe de seu marido e filhos tão tarde em uma noite de sexta-feira', diz Karen com um sorriso.

Astrid hesita por um momento, então parece se preparar.

'Não, não é sua culpa. Os filhos estão com meus pais e Ingemar está. . . bem, eu poderia muito bem dizer a você, você vai descobrir de qualquer maneira. Ingemar e eu estamos nos divorciando. '

Karen tira os pés da mesa e se inclina para a frente.

“Entre”, ela diz. - Por que você não se senta?

Astrid parece hesitar de novo, mas então abre lentamente o zíper de sua parca. Ela afunda em uma cadeira sem dizer uma palavra; Karen pode ver seus lábios tremendo.

“Conte-me o que aconteceu”, ela diz.

*

E nos próximos trinta minutos, Karen descobre que Astrid Nielsen não é tão sufocantemente saudável, nem seu marido tão angelical quanto ela pensava.

Nem todos os lugares estão ocupados, mas Karen ainda está surpresa com quantas pessoas foram para a Igreja de Langevik nesta manhã de sábado para o funeral de Susanne Smeed.

Sigrid e Jounas estão no banco da frente com Wenche e Magnus Hellevik. Como que por respeito aos entes queridos, a fileira imediatamente atrás deles está vazia, mas em outro lugar Karen avista Gunilla Moen e outra mulher, provavelmente uma das colegas de trabalho de Susanne em Solgården. Vários habitantes da cidade estão presentes; até Harald Steen veio, assim como Odd Marklund, Jaap Kloes e Egil Jenssen e sua esposa. Quem veio prestar seus respeitos e quem é movido principalmente por uma curiosidade mórbida é uma incógnita. Karen sentou-se em um banco de trás; nem Sigrid nem Jounas parecem tê-la avistado.

Wenche Hellevik, por outro lado, deu a ela um aceno de reconhecimento e um pequeno sorriso.

Sigrid parecia pálida e determinada quando entrou na igreja antes de seu pai. Enquanto o padre fala, ela está sentada com a cabeça baixa; Karen percebe que Jounas tenta dizer algo para sua filha, mas ela vira a cabeça resolutamente.

São os hinos de sempre e o padre é breve, dizendo apenas o que é absolutamente necessário. Mas ao som de terra batendo na tampa do caixão, Karen ouve um soluço abafado na frente. Sigrid desapareceu de vista; leva alguns segundos para Karen perceber que a filha de Susanne se dobrou. Jounas Smeed está se mexendo desconfortavelmente em sua cadeira e Wenche Hellevik coloca a mão nas costas de Sigrid, mas a remove novamente com a mesma rapidez.

*

A coisa toda acaba em trinta minutos. Quando Karen, uma das últimas a deixar a igreja, sai pela porta da frente, ela percebe que Jounas e Sigrid já chegaram ao estacionamento, enquanto Wenche e seu marido permanecem na frente da igreja, conversando com o padre. Jounas e Sigrid estão claramente discutindo sobre algo. Ele abre a porta do carro e parece que está tentando persuadi-la a entrar, mas ela balança a cabeça. Ele gesticula em direção ao carro, irritado desta vez, mas ela teimosamente permanece onde está, os braços cruzados. Então ela se vira abruptamente e começa a caminhar em direção ao cemitério enquanto Jounas a chama.

Logo depois, Jounas está no carro, fechando a porta com um estrondo tão alto que todos se viram para olhar; Wenche Hellevik olha ansiosamente. Ela então rapidamente conclui sua conversa com o padre e corre para o estacionamento com o marido em seus calcanhares.

Mas antes que eles possam chegar lá, Jounas sai ruidosamente do estacionamento em uma chuva de cascalho.

Por alguns segundos, Wenche parece indecisa, olhando do carro de Jounas para sua sobrinha cortando o cemitério na direção oposta. Então ela balança a cabeça exasperada, diz algo ao marido e eles entram no carro. Calmamente, sem nenhuma encenação, Magnus Hellevik dá ré em seu Volvo azul metálico e se afasta da igreja.

A última coisa que Karen vê antes de entrar em seu próprio carro é a figura esguia de Sigrid desaparecendo atrás de um emaranhado de teixos.

O barulho dos mexilhões saindo do balde para a pia de metal faz Rufus bater em uma rápida retirada da cozinha para o sofá da sala, mas ele estará de volta. Lentamente, como um cirurgião antes de uma operação crucial, ela calça luvas de látex e examina as conchas pretas e brilhantes. Então ela pega a faca de descasque e começa a trabalhar. É necessário limpar a sujeira e a barba de onze quilos de mexilhões; vai demorar um pouco, mas seus convidados só chegarão daqui a algumas horas. Serão oito ou nove pessoas: Kore, Eirik e Marike, é claro; Aylin não tinha certeza se eles conseguiriam encontrar uma babá no início, mas então a avisou que ela e Bo estavam vindo. Que pena, Karen pensou consigo mesma. Bo definitivamente não ficará satisfeito quando perceber que está passando a noite com um bando de mulheres e dois gays. Por preocupação com Aylin e a atmosfera geral, ao invés da diversão de Bo, ela também convidou seu primo Torbjörn e sua esposa Veronica. Isso vai levantar o ânimo de Bo consideravelmente. Como um advogado proeminente com ambições políticas nascentes, ele já tem uma extensa rede social, mas ele e Veronica pertencem ao mesmo partido e Bo tem grandes planos. É por Aylin, ela diz a si mesma.

Se ela quiser ver o amigo, ela simplesmente precisa convidar o marido também, e certificar-se de que ele seja feliz. Desde que Marike fique de boca fechada, tudo vai ficar bem. Segundo ela, o marido de Aylin é um

'idiota' com uma 'necessidade patológica de controle'.

- Aposto qualquer coisa que ele bate nela. Por que ela está sempre de mangas compridas? ' ela disse no verão passado.

Karen realmente perguntou. Parou em sua casa quando ela teve certeza de que Bo não estaria lá. E depois de duas xícaras de café, ela finalmente expressou suas preocupações e foi recompensada com uma gargalhada.

Concedido, Bo tinha suas falhas, mas ele não bateu nela. Claro que não.

A memória ainda dói.

*

Seu telefone apita na mesa da cozinha; Karen seca as mãos. É uma mensagem de Astrid: *Cansado demais para vir esta noite. Tive uma noite sem dormir e tenho muito o que lidar. Mas obrigada por me convidar e feliz aniversário!*

Sua decisão espontânea de convidar o colega foi motivada em partes iguais por surpresa e simpatia. A pequena senhorita Goody-Goody e seu marido limpo e arrumado de TI estão se divorciando e o motivo é a infidelidade. Astrid descobriu por acaso, ela disse a ela. Um tropo clássico, a carta aberta acidentalmente endereçada a seu marido, um olhar para o extrato bancário que continha e a repentina compreensão de que fez o mundo parar e seu corpo virar gelo. Duas refeições no restaurante e uma noite no hotel. Em Paris.

Astrid recebeu provas incontestáveis de que Ingemar não tinha ido a Londres com os amigos para um jogo da Premier League naquele fim de semana.

Ele confessou imediatamente. A viagem anterior ao futebol também tinha sido uma mentira, mas as anteriores foram todas genuínas. Ele enfatizou esse último ponto com grave sinceridade, como se isso fosse absolvê-lo de alguma forma.

- Mas é sério entre ele e essa outra mulher? Karen perguntou, desejando imediatamente que ela não tivesse.

'Você acha que isso importa? Devo esperar até que ele termine de semear sua aveia selvagem e volte rastejando para casa e para a lareira?

Não, Karen não pensava assim, embora com o passar dos anos o conceito de fidelidade eterna tenha parecido cada vez mais insustentável para ela. É realmente tão impossível perdoar e esquecer? Um pequeno deslize dificilmente é a pior coisa que pode acontecer a uma família. Por outro lado, um caminhão que sai repentinamente de sua faixa de rodagem certamente pode ser.

Em voz alta, ela disse:

'Não, claro que não. Há quanto tempo você sabe? '

- Desde terça à noite. O plano era que a mãe de Ingemar levasse os filhos neste fim de semana para que pudéssemos conversar, mas não quero. Acabei de reservar um quarto no Rival. Eu só queria ter uma garrafa de bebida comigo para poder ficar no meu quarto, mas acho que vou ter que descer para o bar do hotel. Na verdade, acho que vou puxar alguém para se vingar. '

Por um momento, Karen considerou ir buscar a garrafa de uísque no escritório de Jounas e dá-la a Astrid, mas decidiu que não. Sentar-se sozinha em um quarto de hotel era provavelmente a última coisa de que ela precisava. Não que o bar do hotel em Rival fosse muito melhor, mas pelo menos era menos solitário; pegar alguém lá certamente não seria um grande desafio.

E então ele simplesmente escapou:

- Sabe, se você aguentar adiar o puxão, adoraria recebê-lo junto comigo.

Astrid não disse sim ou não ao convite. Ela poderia estar indo para a casa de sua irmã em Ravenby, embora fosse um saco; Karen havia dito a ela para ficar à vontade para vir se quisesse.

Ela provavelmente está certa em não vir, Karen pondera, batendo cuidadosamente em um mexilhão aberto com a faca. Ela provavelmente tem coisas mais importantes com que lidar hoje; pensando em como contar para as crianças, por exemplo. E os pais de Ingemar em Noorö, que segundo Astrid são muito religiosos.

Aparentemente, eu não estava totalmente enganado nisso, Karen pensara, embora suas visões ortodoxas da santidade do casamento tivessem claramente pulado uma geração na família Nielsen.

Ela se endireita e olha pela janela da cozinha. A garoa da manhã parou; um monte de asas-de-cera aproveitou a chance de invadir a sorveira-brava. Em cerca de uma hora, todas as frutas vermelhas terão acabado, mas a visão vale um inverno sem geleia de sorveira. Imóvel, ela estuda suas costas sedosas. Em seguida, a quietude é quebrada por uma tagarelice predatória vinda de Rufus, que pulou no balcão da cozinha e agora está olhando ansiosamente os pássaros.

'Oh não, querida. Coma um mexilhão em vez disso.

Juntos, eles assistem ao banquete dos Wings por um tempo, então Rufus fica entediado e pula e Karen volta a limpar os mexilhões. Embalada pelos sons rítmicos de batidas e raspagens, sua mente divaga mais uma vez.

Eles terão que comer na cozinha, embora colocar nove pessoas ao redor da mesa seja um desafio. Certo, a varanda é coberta e a temperatura subiu alguns graus, mas ainda está muito frio para comer fora. É por isso

que eu deveria ter convertido a casa de barcos, como todo mundo, Karen diz a si mesma. Talvez eu deva morder a bala, afinal. Comece na próxima primavera, para que esteja pronto no verão.

Seu devaneio é interrompido por três buzinas agudas.

Em seguida, as asas de cera levantam vôo e o carro de Marike salta pelo portão e para ao lado do seu na garagem. Karen abre a porta da frente sem tirar as luvas de látex e examina o amplo traseiro de Marike enquanto se estica no banco de trás para pegar sacolas e um buquê de flores. Então ela se vira com um grande sorriso e começa a entoar a canção dinamarquesa de aniversário.

Karen ouve pacientemente a apresentação meio surda, depois aceita as rosas amarelas e um abraço.

'Obrigado, isso é adorável. Apenas um versículo hoje? Não, não, isso é o bastante! ' ela adiciona rapidamente.

- Desgraçado ingrato. Oi amor!'

A última parte é dirigida ao gato, que seguiu Karen até a varanda e agora se esfrega nas galochas de Marike.

Em seguida, ela pega as sacolas pesadas que trouxe e empurra Karen para a cozinha.

- Direto do forno - ela anuncia e tira três grandes pães de fermento. - Ou pelo menos assado esta manhã, de acordo com o cara da Bakker. E olha só isso, direto do forno.

Marike colocou cuidadosamente a outra bolsa na mesa e agora extrai dela um grande prato de cerâmica em tons de azul e verde. As cores se misturam, aparentemente em várias camadas; o esmalte espesso cria uma profundidade tridimensional que dá a ilusão de olhar para uma enseada rasa do mar.

Karen está sem palavras. Sem dizer uma palavra, ela coloca os braços em volta de Marike e a abraça por um longo tempo.

- Tudo bem, agora chega. Você tem vinho?

Uma hora e meia depois, Karen Eiken Hornby está em sua casa de barcos, observando a transformação. Uma palavra de passagem sobre as casas de barcos convertidas em um espaço extra para morar foi o suficiente para levar Marike à ação. Um telefonema para Kore e Eirik, que estavam quase entrando no carro, mas não se importaram de ir ao estúdio. Uma busca rápida pela casa e pelo galpão de armazenamento, enquanto Karen fritava cebola, alho e cenoura, despejava vinho e creme e, por fim, deixava um grande pedaço de queijo de ovelha derreter na mistura. E enquanto ela estava ocupada cortando maçãs e salteando-as na manteiga e no açúcar, tirando a massa folhada da geladeira e cobrindo uma assadeira com papel manteiga, Marike, com a ajuda de Kore e Eirik que agora se juntaram a eles, arrastou descendo duas portas velhas, quatro cavaletes e duas chapas até a costa. Por meio de um aquecedor conectado a uma extensão que serpenteia desde a tomada aterrada da casa de hóspedes, atravessando a estrada de cascalho e entrando na casa de barcos, eles conseguiram elevar a temperatura em pelo menos dez graus.

A longa mesa que eles montaram ao longo de uma parede provavelmente não é estável o suficiente para dançar, e as pessoas sentadas de costas contra o barco a remo gigante terão que tomar cuidado para não cair na água. Mas o brilho quente de cada vela e lanterna que eles encontraram esconde as lanças de pesca, pás, forcados, redes quebradas, oleados amarelos e até mesmo a cama de ferro enferrujada em duas partes que seu pai uma vez arrastou para casa, mas que sua esposa se recusou a permitir a casa principal.

Cobertores foram colocados em cadeiras de jardim, algumas cadeiras da cozinha de Karen e um banco que eles desenterraram no galpão. Dois

lençóis brancos cobrem a mesa e alguém - Karen presume que Eirik - fez uma peça central de tela de arame, zimbro e qualquer sorveira que as asas de cera não conseguiram engolir, que percorre toda a mesa entre pratos e copos.

'Feliz aniversário,' Kore diz com um sorriso ao ver sua surpresa. - Ser amigo de dois gays engenhosos e de uma dinamarquesa maníaca não parece tão ruim agora, não é?

*

Um estado de espírito de contentamento permeia a casa dos barcos. Esta é uma noite I deve certificar-se de lembrar, RESOLVE Karen, estudando cada pessoa ao redor da mesa, por sua vez. Kore do caído ao lado dela, conversando com Marike; eles parecem ter sido fofocando sobre algo que os fez a ambos começaram a rir. Talvez Kore deixou escapar alguns detalhes picantes da sessão de gravação de ontem em KGB

Productions, que ele co-proprietária, juntamente com duas caras suecos, e ao qual artistas de toda a Europa fazem peregrinação para gravar sua música, por razões que sempre foram obscuras para Karen . Pelo menos não há nenhum perigo imediato de Marike escolher uma luta com Bo enquanto ela está falando com Kore.

Bo e Torbjörn têm, previsto, procurado a companhia incontestável um do outro; o primo dela está estudando algo que Bo parece estar desenhando com o garfo na toalha da mesa. Torbjörn acena com a cabeça atentamente e pega uma das garrafas de vinho para encher seus copos. Do outro lado da mesa, Eirik parece sério, em uma discussão profunda com Aylin, que parece perturbado e está separando distraidamente um pedaço de pão. Talvez a expressão solene em seu rosto seja causada pelo fato de ela ser a única que está sóbria - é claro que Aylin é a motorista designada. Ou talvez seja

porque ela é casada com um idiota. Pelo menos Bo parece ter deixado seu temperamento explosivo em casa esta noite, e até agora ele se absteve de fazer comentários humilhantes sobre sua esposa.

Daqui a pouco ela vai fazer café e reaquecer a torta de maçã.

'Esqueça, você não está levantando um dedo,' Kore diz e a puxa de volta para sua cadeira.

Em vez disso, Karen se vira para Verônica, que está observando os outros em silêncio. Ela também foi claramente incumbida do serviço de motorista e está bebendo seus vinhos lentamente. É improvável que sejam pegos; o caminho mais rápido para casa para Torbjörn e Veronica é a estrada estreita que cruza Langevik Ridge, na qual ninguém viu um carro da polícia nos últimos trinta anos, mas Veronica está no comitê parlamentar de saúde pública e não pode correr o risco. Agora ela encontra os olhos de Karen e levanta o copo.

'Saúde, Karen, só um ano até o grande dia! O tempo realmente voa. Já estou com medo e ainda tenho alguns anos pela frente.

- Bem, no ano que vem, tudo o que me resta fazer é me arrastar até o bebedouro para morrer - diz Karen com um sorriso irônico e toma dois goles de vinho. 'Como estão as coisas no parlamento, algum progresso na nova garantia de cuidados?'

Ela imediatamente se arrepende de perguntar. A promessa eleitoral do Partido do Progresso de fornecer atendimento a todos com mais de oitenta anos, atendimento odontológico gratuito para todos com menos de dezoito e reabilitação e acomodação garantida para qualquer um que desejasse assinar o chamado contrato sem drogas, deu a eles os votos de que precisam para entrar no poder - compartilhar acordo com os liberais, mas consertá-los tem

sido difícil. Dois anos após a eleição, os jornais ainda estão cheios de histórias de idosos que tiveram sua vaga recusada em uma casa de saúde e o número de viciados dispostos a se submeter às condições estipuladas para a reabilitação tem sido embaraçosamente baixo. Para piorar as coisas, o noticiário da manhã afirma que as coisas estão piorando em vez de melhorar.

Veronica Brenner responde como a política que é.

'Obrigado por perguntar, eu acho que os pais neste país apreciam sendo protegido de contas dentista exorbitantes para os seus adolescentes', diz ela com um sorriso.

Provavelmente, conclui Karen. Os jornais relataram que os dentistas estão cada vez mais propensos a recomendar aparelho ortodôntico desde que a lei mudou. Em breve, todos os dentes tortos terão sido erradicados em Doggerland. É uma pena, porém, que nenhuma das duas reformas mais valiosas tenha rendido muitos resultados.

Em voz alta, Karen diz:

- Claro, e suponho que essas coisas sempre levam tempo.

“Por falar em tempo”, responde Verônica, “como está indo a investigação do assassinato? Você está fazendo algum progresso? '

Sem esperar por uma resposta, ela continua.

- Ouvi dizer que Jounas Smeed vai voltar ao trabalho na segunda-feira. Isso deve ser um alívio para você?

'Onde você ouviu isso?'

Por um segundo, Veronica Brenner parece confusa.

'Nós vamos . . . ' ela diz devagar, como se considerando se alguma parte de sua resposta pode ser prejudicial.

“Acho que Annika Haugen deve ter mencionado isso”, diz ela, “a esposa de Viggo. Ela e eu somos amigas desde que fazíamos parte da organização juvenil do partido, como você sabe. Sim, devo ter ouvido dela que Jounas voltaria ao comando, por assim dizer.

- Sim, Jounas vai voltar na segunda-feira - Karen diz a ela. - Mas, naturalmente, ele não se envolverá na investigação do assassinato de sua ex-mulher. A equipe e eu vamos continuar como antes. '

Veronica ri.

- Bem, talvez não como antes, espero. Não é hora de você descobrir quem matou a pobre Susanne?

- Você a conheceu?

- Eu não diria isso, mas nos encontramos em várias situações enquanto ela era casada com Jounas.

- E nos últimos anos, você a viu depois que eles se divorciaram?

Verônica parece surpresa.

'Não . . . ' ela responde, como se fosse uma pergunta estranha de se fazer. - Não, acho que nunca. Eu a vi fora de casa, é claro, e talvez tenhamos trocado algumas palavras, pelo menos no início, logo após o divórcio, mas não nos últimos anos. Embora eu sempre diga oi ', acrescenta ela.

Que gentileza da sua parte, Karen ferve. Ela nunca foi próxima de seu único primo por parte de mãe, embora ela e Torbjörn sempre tenham vivido relativamente perto um do outro. Enquanto cresciam, eles se viam em reuniões de família, casamento e funerais e tal, mas não mais do que isso.

Como adulta, ela fez algumas tentativas esporádicas de reduzir a divisão; apareceu para tomar uma xícara de chá e convidou ele e Veronica algumas vezes. E ela realmente fez o possível para ignorar sua visão arrogante do mundo e seu desejo aparentemente insaciável de ganhar ainda mais dinheiro. Porque há algo sobre seu primo franco e direto de que ela gosta, apesar de tudo. Talvez seja porque ele nunca tenta agir como algo que não é. Torbjörn admite seus preconceitos e sua ganância. E, ao contrário de sua esposa, ele não está particularmente interessado em escalada social. Ele também não guarda rancor; seis meses se passaram depois que Karen ajudou o recém-chegado Marike a comprar seu lote de barro por um preço decente, mas, desde então, ele nunca mais tocou no assunto ou agiu de maneira rude.

Veronica é um tipo diferente. Ao contrário do marido, Verônica Brenner se esforça para disfarçar seus insultos e sempre os entrega com um pequeno sorriso. Ela nunca disse uma palavra sobre o fato de que eles poderiam ter ganhado o dobro com a venda do terreno de barro se não fosse por Karen, mas mesmo que eles tenham morado ao lado de Marike Estrup por quase sete anos, ela ainda chama a artista de renome internacional Marita Estrup, Marike Ernstrup ou, simplesmente - ao falar com Karen - de 'sua amiga dinamarquesa'.

Talvez haja algo na expressão facial de Karen que faça Veronica continuar.

- Obviamente, também teria cumprimentado Susanne no sábado passado, mas acho que ela não me viu. E

então . . . Nós vamos . . . '

'Perdão?' Karen diz e coloca sua taça de vinho na mesa. - Você viu Susanne?

'Sim, na verdade eu a vi um dia antes de ela ser assassinada', responde Verônica. “Pensei nisso quando soube o que aconteceu, que foi a última vez, quero dizer. Na verdade, é assustador que você nunca saiba quando vai ver alguém pela última vez.

- Exatamente quando e onde foi isso?

Uma ruga de desaprovação puxa as sobrancelhas de Verônica em uma carranca com o tom exigente de Karen, mas ela responde sem objeção.

'No estacionamento perto do terminal de balsas, no sábado de manhã. Alice tinha vindo na balsa matinal de Esbjerg e queria ser pega. Ela está estudando em Copenhagen, como você sabe, mas queria voltar para casa para Oistra. E mamãe atendeu, é claro, embora fossem sete da manhã e dormir fora seria uma delícia para quem trabalha sessenta horas por semana.

Verônica diz a última parte em voz alta e lança um olhar significativo para o marido, que continua falando com Bo, aparentemente alheio.

- Você sabe se ela estava se encontrando com alguém ou se voltaria na mesma balsa?

Ela pergunta, embora tenha quase certeza de que sabe a resposta. É verdade que Susanne ligou dizendo que estava doente para trabalhar e poderia muito bem ter usado isso como cobertura para viajar para algum lugar, mas seu nome não estava em nenhuma das listas de passageiros que eles checaram.

'Não, eu não pensei nisso', Verônica responde. - Só vi a cabeça dela acima do carro e percebi que ela devia estar estacionada a apenas algumas vagas. Mas ela não teria usado o estacionamento autônomo se tivesse ido para a Dinamarca. Como policial, você deve saber que as pessoas que cometem esse erro podem esperar perder algumas calotas quando voltarem.

Karen decide que ele provavelmente está certo. Como a garagem do terminal foi construída, o estacionamento gratuito no lado leste do píer é usado principalmente para embarques e desembarques e por trabalhadores do porto. Mas se Susanne não tinha chegado na balsa, ela devia estar lá para se encontrar com alguém. Provavelmente a mesma pessoa que ligou para ela às 7h15, para avisar que eles haviam chegado.

- E você não viu se havia alguém com ela?

Verônica hesita.

'Não tenho certeza. Quer dizer, não vi mais ninguém, mas me lembro de ter pensado que parecia que ela estava falando com alguém.

O som das garrafas vazias caindo no iglu verde da estação de reciclagem machuca seus ouvidos; Karen estremece quando a última garrafa de vinho bate na pilha de vidro. Ela pegou leve com a bebida ontem à noite, mas a festa continuou até de manhã. Na verdade, eles não estavam na cama até as três e meia, e Eirik, uma pessoa insuportável da manhã, tomava o café da manhã e o cheiro de café fresco conseguia fazer todo mundo levantar às nove e meia.

Ela rejeitou as ofertas dos outros para ajudar a limpar; Marike, Eirik e Kore tinham feito mais do que o suficiente na noite anterior, e nenhum deles parecia em forma para ser arrumado. Além disso, Karen estava ansiosa para ter sua casa só para ela e dormir mais algumas horas.

"Vá para casa", ela disse às amigas de ressaca, estudando-as do outro lado da mesa do café da manhã. 'Peça pizza e passe o dia no sofá; Vou lavar a louça esta noite. '

Mas quando a última porta do carro se fechou, ela voltou para a cozinha e começou a trabalhar, sentindo-se surpreendentemente enérgica. Ela terminou de lavar a louça em meia hora e arrumar a casa dos barcos demorou mais ou menos o mesmo. Ela deixou as mesas e cadeiras de jardim, mas arrastou as cadeiras da cozinha de volta para a casa. Depois de recolher os lençóis de Kore e Eirik na casa de hóspedes e jogá-los na máquina de lavar, ela juntou todas as garrafas vazias e jornais velhos de algumas semanas, enfiou tudo em seu carro e dirigiu até o ponto de reciclagem no fim da estrada. É assim que ainda se chamam na aldeia: fim da estrada. Para todos os outros, foi o início da Langevik Road.

Agora ela dobra a última sacola de papel, empurra-a no recipiente de reciclagem de papel e volta para o carro. O cansaço está subindo sobre ela

novamente e ela se sente quente e pegajosa depois de arrastar cadeiras e garrafas. E essa garoa maldita! Ela olha para o céu de chumbo. Depois de um breve adiamento ontem, a chuva havia aumentado novamente enquanto eles estavam na casa de barcos; eles tiveram que correr de um lado para o outro até a casa principal para buscar café e mais vinho e ir ao banheiro agachados sob uma lona.

Uma cerveja no Hare and Crow seria apenas o ingresso. Ela provavelmente pode conseguir um jornal vespertino no bar também; nesta época do ano, os velhos geralmente começam a chegar por volta do meio-dia com o *Kvellsposten* debaixo do braço. Por fora, as coisas estão desoladas e sombrias, mas por dentro, há duas coisas que estão no topo da lista de Karen no momento: luz e companhia. Arild Rasmussen não será o único publicano esfregando as mãos de alegria ao som de marcas e xelins farfalhando e tilintando em caixas registradoras ao longo dos próximos meses, enquanto os leitores de cartão buzinam e mais pedidos são gritados.

Karen checa o relógio - quase a metade. Ela gira a chave na ignição, olha no espelho e dá meia-volta com o carro.

Ela fica mais lento depois de um tempo, inclinando-se sobre o banco do passageiro para ver melhor. A súbita sensação de déjà vu vem sobre ela e, por um momento, ela está confusa com o que está vendo. Mas desta vez, a figura corcunda-over subir a encosta gramada não é Susanne Smeed. Há mais alguém em sua casa.

Alguém que é difícil no trabalho arrastando as coisas e despejá-los em uma pilha no jardim.

Karen encosta. Ela estava presente quando Karl ligou para a filha de Susanne para informá-la de que a investigação da cena do crime havia sido concluída e a polícia não precisava mais de acesso à casa. Mas, por algum

motivo, ela não tinha pensado que Sigrid viria aqui. Ela observa a garota esguia se sentar nos degraus da frente, aparentemente incapaz de continuar a puxar. Não parece haver ninguém com ela; Karen espera mais alguns minutos antes de colocar a mão na alavanca do câmbio. Então ela o remove novamente; algo sobre a figura desolada torna impossível afastá-lo. Amaldiçoando por dentro, ela puxa a chave da ignição e abre a porta do carro.

*

Sigrid está apoiando a cabeça nos braços e não percebe seu visitante até que Karen esteja a apenas alguns metros de distância. Ela olha para cima e faz menção de se levantar, mas imediatamente desaba novamente.

- Oi, Sigrid, sou só eu, Karen.

Sigrid acena com a cabeça, mas não diz nada. Seu rosto está pálido e seus olhos vidrados. Dor, pensa Karen.

É assim que parece. Ela rapidamente se aproxima e se senta ao lado da garota solitária. Sigrid se vira lentamente para encará-la, depois tosse e se afasta novamente. O som angustiante deixa claro para Karen que o estado dos olhos de Sigrid não é inteiramente causado pelo choro. Sigrid está com febre.

- Querida, você está bem?

Pelo menos ela teve o bom senso de colocar uma capa de chuva, observa Karen, estudando os longos cabelos molhados de Sigrid que grudam na testa e nas bochechas. Ela o empurra delicadamente e põe a mão na testa de Sigrid.

- Sigrid, você está doente. Você não pode sentar aqui. '

Com um braço firme em volta do torso magro de Sigrid, ela a puxa e a conduz pela porta aberta. Em vez de levá-la para a cozinha, ela segue para a sala de estar e coloca Sigrid no sofá. Vai haver manchas feias, ela percebe, vendo os fios de água escorrendo pela capa de chuva de Sigrid e sendo absorvidos pelo estofamento claro.

- Há quanto tempo você está com febre?

- Só hoje, acho.

Sua voz é fraca e não carrega nenhum traço do desafio que ela exibiu quando Karl e Karen a encontraram em seu apartamento em Gaarda.

- Você aceitou alguma coisa por isso?

Sigrid tosse e balança a cabeça.

'Espere aqui.'

Karen sobe as escadas até o primeiro andar em quatro passadas. Felizmente, Susanne tem algo além de pílulas para dormir no armário do banheiro.

Em alguns instantes, ela observa Sigrid colocando obedientemente um Tylenol na boca e aceitando o copo de água que Karen lhe oferece. Ela estremece ao engolir a pílula.

'Dor de garganta?'

Sigrid acena com a cabeça.

'À Quanto tempo você esteve aqui?'

'Desde ontem. Eu estava passando. . . Eu tenho que cuidar. . . '

Sua voz falha e ela não consegue terminar a frase. Em vez disso, ela se deita de lado com a cabeça no apoio de braço e os pés no chão, as galochas ainda

colocadas. Karen observa a umidade de seu cabelo mergulhar em uma almofada rosa.

Karen se senta em uma das poltronas em frente ao sofá e estuda a figura lamentável. Sigrid deve ter andado aqui a partir do serviço de funeral; este era o lugar onde ela ia quando saiu Jounas no parque de estacionamento e corte em todo o cemitério. Karen rapidamente corre para baixo sua lista de opções. Ela não pode simplesmente deixar Sigrid aqui, ela está muito doente demais para ficar sozinho. Mas ela absolutamente não quer ficar em casa de Susanne, cuidando dela problemático pirralho. Mesmo desconsiderando quão assustador seria a sensação, provavelmente seria um passo em falso ética para o investigador principal para passar a noite na casa da vítima, seja ou não a investigação técnica foi concluída.

Chamando Jounas e pedindo-lhe para vir cuidar de sua filha é desagradável para um par de razões: não Sigrid não parecem querer alguma coisa a ver com seu pai e Karen não pode suportar a idéia de ter que falar com ele. Ela não tem namorado, número de telefone de Samuel Nesbø, se eles estão mesmo ainda envolvidos, e ela não sabe quaisquer outros amigos de Sigrid de. Ela faz igualmente o trabalho de demitir qualquer desculpa possível que ela pode pensar: Sigrid provavelmente vai ficar bem sozinha enquanto eu ajudá-la a ir para a cama; Eu sempre pode pop até amanhã para olhar sobre ela; Sim, ela é doente, mas dificilmente morrendo; Se eu não tivesse que passava por perto, ela teria sido por conta própria de qualquer maneira.

Por que eu parei?

Então ela se levanta.

'Sigrid, você não pode ficar aqui, você vai ter que voltar para a minha.'

A resposta, seja ela qual for, é abafada por um acesso de tosse.

'Você pode se levantar e andar comigo até o meu carro? Está na estrada. '

Para sua surpresa, Sigrid lentamente se sentou e acenou com a cabeça.

'Eu vi sua bolsa no corredor, há mais alguma coisa que você gostaria de trazer?'

Sigrid balança a cabeça em silêncio.

As chaves da casa estão na mesa do corredor e, após uma verificação rápida para garantir que o fogão e a cafeteira estejam desligados, Karen apaga as luzes e tranca a porta da frente. Ela olha para o jardim da frente.

Uma pilha de roupas está jogada no gramado enlameado, ao lado de almofadas, cortinas e lençóis florais. Ao lado da pilha está uma grande caixa de mudança de papelão, encharcada de chuva. Karen reconhece alguns dos ornamentos de Susanne; uma base de lâmpada e um punhado de porta-retratos saem da caixa, que está

prestes a desabar. Ela pensa brevemente em procurar uma lona para cobrir tudo; vizinhos intrometidos podem ficar tentados a examinar a pilha, mas quando outro acesso de tosse faz Sigrid se dobrar, ela descarta a ideia. O mais importante agora é secar a garota e colocá-la na cama.

*

Karen está de pé na porta para o seu quarto, observando a menina dormindo. Seu cabelo ainda úmido é; suas tentativas de secar enquanto Sigrid relutantemente bebeu um pouco de sopa de rosa mosqueta quente foram apenas parcialmente bem sucedido. Não havia tempo para mudar os lençóis, Sigrid está dormindo em folhas de Marike, pelo menos por uma noite. O termômetro tinha lido 39,8, depois de nada, mas alguns bocados de sopa de rosa mosqueta, mas com paracetamol em seu sistema. Karen vai ter que verificar novamente em poucas horas, mas agora não há provavelmente

nada mais do que ela pode fazer. Ela fecha a porta do pequeno quarto tão silenciosamente como ela pode, em seguida, muda de idéia e abre uma fresta antes de descer.

O tempo tem alternado entre garoa e chuva torrencial há duas semanas. O solo está encharcado e as estradas menores estão começando a adquirir uma tonalidade cada vez mais marrom à medida que a lama se espalha lentamente pelas valas que inundam. As pessoas se envolveram em casulos à prova de vento de jaquetas e casacos fora de moda, mas práticos.

Uma batalha de meses de duração contra os elementos está começando sob os postes de luz oscilantes, em playgrounds desertos e em parques silenciosos e vazios. Ventos fortes e granizo açoitam a terra, desde os cumes das montanhas de Noorö até as vastas charnecas de Frisel. Tempestades aumentarão e diminuirão, destruindo cercas e paredes construídas laboriosamente que serão reparadas sem protesto por homens com mãos rígidas e congeladas. As árvores vão se romper, os navios serão forçados a entrar nos portos e os pescadores vão esperar pela próxima chance de partir com uma mistura de impaciência e pavor.

As mulheres ficarão divididas entre o alívio quando os navios são forçados a ficar fundeados e as preocupações financeiras quando nenhum peixe é pescado. Pesadas sacolas de compras serão carregadas contra o vento com maldições internas sobre o aumento dos preços e o pagamento de hipotecas e orações murmuradas para que o dinheiro dure até o próximo dia de pagamento.

Mas outra coisa vai emergir da escuridão, também. janelas negras nos blocos de apartamentos será iluminado por grinaldas elétricos, estrelas e meias-luas. grades de varanda será envolvido com ramos de pinheiro e luzes de fadas e detentores de chá-luz será cavada sótãos e retirado prateleiras das lojas, detectores de fumaça vai ter novas baterias, fogões a lenha vai ranger na madeira calor e vidoeiro vai estalar em as lareiras.

*

Karen definiu o despertador para as seis, mas acorda trinta minutos antes de tocar. O som de passos penetrou nas camadas profundas de seu sono, finalmente perfurando sua consciência com uma pontada de medo.

Momentos depois, ouve-se o som de uma tosse estrondosa na sala ao lado e sua memória começa a funcionar. Sigrid. Karen corre para o quarto de hóspedes, para na porta e olha para Sigrid, que está sentada na beira da cama.

'Bom Dia. Como você está se sentindo?'

'O que estou fazendo aqui? Esta é a sua casa? '

- Sim, você está na minha casa em Langevik, a cerca de um quilômetro e meio da sua mãe. Você não se lembra de eu te trazer aqui ontem?

Sigrid balança a cabeça e estremece de dor.

- Você estava muito doente. *Estão* muito doentes - acrescenta Karen, franzindo a testa quando outro acesso de tosse atinge o corpo franzino à sua frente.

- Tenho uma vaga lembrança de estar em um carro - grasna Sigrid assim que a tosse passa. - E sopa de rosa mosqueta; Eu odeio sopa de rosa mosqueta. '

- Tudo bem, chega de sopa de rosa mosqueta.

'Você tem algum analgésico? Minha cabeça dói como o inferno. '

'Provavelmente é a febre. Você verificou sua temperatura esta manhã?

Outro movimento de cabeça, mais gentil desta vez. Karen acena com a cabeça em direção à mesa de cabeceira, onde o termômetro está esperando.

'Vá em frente; Vou buscar algo para você beber. '

*

Karen deixa Sigrid enfiada em segurança na cama e entra no carro. Na última hora, a temperatura de Sigrid caiu para 39,2 e será reduzida ainda mais pelo Tylenol que ela tomou, junto com uma xícara de chá de ervas e um sanduíche que ela deixou intocada.

"Ligue quando quiser", Karen disse a ela, anotando o número do celular em um pedaço de papel que colocou ao lado da xícara de chá. - Sua mochila está aqui, ao lado da cama. Pegue o que quiser na cozinha, mas o mais importante é que você fique na cama e descanse.

Sigrid havia cochilado antes de terminar a frase.

Exatamente às 7h20, Karen sai do elevador no terceiro andar da delegacia de polícia de Dunker; consideravelmente mais cedo do que ela normalmente iria para o trabalho. Parece imperativo chegar cedo nesta manhã em particular. Ela quer ser capaz de olhar para seu chefe, que provavelmente - fiel à forma -

caminhará por volta das nove, com um ar de leve surpresa. Mesmo que ela geralmente chegue por volta das nove também. Jounas Smeed está voltando ao trabalho após uma semana de suspensão.

Dois minutos depois, ela solta uma maldição e joga a bolsa na mesa.

Ele já está em sua mesa. Pela porta de vidro, Karen pode ver que ele fez café e agora está estudando algo na tela do computador com um olhar profundamente concentrado. Ao que tudo indica, Jounas Smeed já está trabalhando há algum tempo e parece não ter notado sua chegada. Com mais palavrões internos, ela pendura o casaco no cabide atrás de sua mesa.

Apenas faça, ela diz a si mesma. Ele não vai embora, por mais que você deseje que ele vá. Com um suspiro, ela caminha até o escritório de seu chefe. Ela faz uma pausa de alguns segundos fora da porta. Três batidas rápidas no batente da porta, mais alguns segundos de espera antes que Jounas Smeed, com lentidão estudada, vire-se para ela e só então tire os olhos da tela.

Ele dá a ela o mesmo olhar ligeiramente surpreso que ela planejou dar a ele e, em seguida, balança a cabeça vagamente. Karen lê isso como um convite para abrir a porta e entrar.

- Bom dia, Eiken, sente-se.

Ela faz o que ela disse.

“Então, seja bem-vindo de volta”, ela diz.

Ele acena para a tela sem responder. Então ele diz:

- Você verificou o PIR?

- Você quer dizer esta manhã? Não, eu acabei de chegar aqui. '

- O sargento da estação me ligou por volta das cinco da manhã. Foi uma noite agitada. '

Embora Karen possa ouvir o quão pouco profissional ela soa, sua primeira reação é reclamar sobre o sargento da estação contatar Smeed em vez dela:

'Ligou para você? Por quê? Você não estava oficialmente de volta ao trabalho até esta manhã.

Smeed ri e abre as mãos.

- Tudo bem, calma, garota. Eu acho que ele soube que eu estava voltando e percebeu que fazia mais sentido entrar em contato comigo diretamente. Pense nisso como uma mentira. '

Deite-se, ela pensa amargamente. Estou acordado desde as cinco e meia, cuidando de sua filha doente; Eu gostaria de ver se ela deixaria você fazer o mesmo. Esse pensamento a anima um pouco.

'O que aconteceu?' ela pergunta.

"Duas jovens foram brutalmente agredidas e estupradas em Moerbeck: uma no sábado à noite em um matagal ao longo do caminho de pedestres do ponto de ônibus do centro da cidade e a outra em uma sala de bicicletas no porão de Karpvägen 122 ontem à noite."

'Puta merda. Mesmo assim, é um pouco estranho para o sargento da estação acordá-lo sobre dois casos de estupro.

Ao dizer isso, Karen percebe por que o chefe do CID foi contatado. Jounas Smeed lê seu rosto e acena com a cabeça em confirmação.

"Assassinato", ele a corrige. "A garota em Karpvägen morreu na ambulância devido aos ferimentos."

Ele se inclina para trás e pega uma caneca adornada com o logotipo do Thingwalla Football Club.

'Legal,' ele diz depois de tomar um gole. - Suponho que haja uma fatura a caminho que você gostaria que eu pagasse.

'Achei que era um bom investimento. Se você fizer uma avaliação diferente, sempre posso levar a máquina para casa e pagar eu mesmo. '

'Por falar em avaliações', diz Jounas, sem comentar sua oferta, 'vamos, como tenho certeza que você entende, ter que repensar a alocação de nossos recursos à luz do que aconteceu em Moerbeck. Já montei a equipe que quero neste caso e os chamei. Cornelis Loots e Astrid Nielsen se juntarão a mim; é sempre bom ter uma mulher detetive em casos como esse. De qualquer forma, tenho certeza de que você entende que isso terá um impacto significativo em sua investigação; vamos apenas ter que compartilhar os recursos. '

Então você não vai levar Karl, pensa Karen, escondendo sua surpresa. Depois dela e de Evald Johannisen, Karl é o detetive mais experiente. Suponho que você não queira que ninguém questione suas opiniões.

Principalmente agora que Johannisen não está aqui para lamber suas botas.

Em voz alta, ela diz:

- Estou feliz por ficar com Karl. E como você vê isso funcionando? Minha investigação apenas começou.

- Bem, você teve uma semana. Sem ofensa, mas seus resultados não foram exatamente excelentes até agora, apesar de todos os recursos disponíveis estarem à sua disposição. E, como eu disse, tenho certeza que você entende que temos que revisar nossas prioridades. Principalmente com a partida de Evald, embora eu tenha falado com ele e, fico feliz em dizer, ele voltará em breve, momento em que faremos uma reavaliação.

Se você me colocar com Johannisen, eu desisto.

“Tudo bem”, ela diz rapidamente. 'Mas o que Haugen diz sobre isso? Estou me reportando diretamente a ele e a Vegen, não a você.

- Acho que você vai ter que perguntar a ele. Ele ia ligar para você esta manhã, ou pelo menos foi o que disse quando falei com ele há pouco.

*

A ligação de Viggo Haugen chega onze minutos depois. O chefe de polícia não diz nada de inesperado, apenas o que Karen já percebeu e, se ela está sendo honesta, acha que é certo. Eles precisam realocar seus recursos e, desta vez, o promotor Dineke Vegen e Viggo Haugen estão totalmente de acordo. Eles precisam se concentrar em Moerbeck.

"Além disso, você mesmo disse que parece que esses roubos estão relacionados ao assassinato de Susanne Smeed", acrescenta Viggo Haugen, provavelmente sem perceber o alívio em sua voz.

As críticas da mídia à polícia e seu fracasso em fazer progresso no caso Susanne Smeed se intensificaram depois da conferência de imprensa confusa de Haugen. O fato de que todas as informações estão sendo canalizadas através do Chefe de Mídia não fez nada para acalmar os ânimos e Haugen foi pendurado para secar em vários meios de comunicação. Agora a atenção de todos será redirecionada e, desta vez, Jounas Smeed ficará encarregado da investigação. Viggo Haugen pode relaxar.

'Eu disse que *pode* haver uma conexão', diz Karen, 'mas certamente não é um dado adquirido. E mesmo que fosse o caso, isso não significa que o perpetrador foi identificado, muito menos preso. '

- É verdade, mas agora que sabemos o curso provável dos eventos, você terá que se concentrar nessa pista.

Tenho certeza que ele estará sob custódia em breve. Escusado será dizer que você ainda tem acesso a todos os recursos extras que você pode precisar uma vez que você está pronto para fazer uma prisão. Ou se você identificar

um agressor alternativa, eu acho. De qualquer forma, se houver uma pausa no caso, você pode solicitar assistência. Por agora, temos de redefinir as prioridades,' Haugen diz, enfatizando cada sílaba.

Karen entende isso. Eles têm poucos funcionários e priorizar os estupros é a decisão certa, especialmente porque é provável que o estuprador ataque novamente. Verdade seja dita, ela daria muito para ser capaz de largar qualquer coisa que tenha a ver com Smeeds, assaltos e motocicletas roubadas, e em vez disso, dedicaria todo seu tempo para prender o bastardo que aterroriza Moerbeck.

*

Ela e Karl comparecem às primeiras reuniões sobre os estupros. Todos no CID devem estar sempre a par de todas as investigações importantes. E mesmo que não haja nada que indique isso neste estágio inicial, as conexões entre os casos nunca podem ser descartadas, nem a possibilidade de que algumas das pessoas que serão entrevistadas em relação a um caso possam ter informações sobre outro. O fluxo interno de informações nos círculos criminosos é consideravelmente mais abrangente do que no PIR e mais rápido. A polícia conseguiu usar isso a seu favor mais de uma vez.

A notícia deixou todos abalados. A sala está em um silêncio mortal enquanto Kneought Brodal analisa os detalhes. Uma garrafa quebrada foi usada em ambos os casos; o rosto e o peito das vítimas foram cortados e, em seguida, o perpetrador inseriu os frascos quebrados em suas vaginas. Os restos ensangüentados de uma garrafa de 350 ml de Groth's Old Stone Selection foram encontrados no local onde um dono de um cachorro

que passava encontrou Sabrine Broe, vagando sem rumo às quatro da manhã, sangrando e apavorada. Ela foi então internada no Hospital Thysted, traumatizada, mas viva.

Loa Marklund não teve tanta sorte. Às sete e meia da manhã de domingo, um vizinho dela em Karpvägen 122 e seu filho de oito anos, ambos carregando varas de pescar, haviam descido de elevador até o porão. Eles iriam buscar suas bicicletas para uma última pescaria no Lago Svartsjön antes do final da temporada. Quando o pai chocado ligou para os serviços de emergência, já fazia mais de seis horas, de acordo com o legista, desde que alguém enfiou uma garrafa quebrada de Budweiser na vagina de Loa e a torceu para frente e para trás. A menina ainda estava viva quando a ambulância chegou, apesar da catastrófica perda de sangue.

Quando chegaram ao Hospital Thysted, ela já havia falecido.

'Sêmen?' alguém pergunta baixinho; Kneought Brodal balança a cabeça.

“A questão é se houve alguma relação sexual. Os sinais indicam que o perpetrador estava satisfeito em deixar as garrafas fazerem o trabalho por ele. Um filho da puta perturbado. Impotente também, se você me perguntar.

Karen estuda os membros de sua ex-equipe enquanto os detalhes horríveis dos ataques de Moerbeck são absorvidos. Assim como quando as fotos de Susanne foram mostradas pela primeira vez, um silêncio paralisante envolve a sala. Então o clima muda, como se algum espírito coletivo estivesse lentamente se levantando, sacudindo-se e soltando um rosnado profundo. Seu instinto de caça foi despertado novamente, mas desta vez é uma vítima diferente e sua atenção está focada em um jogo diferente. Esperançosamente, este caso será resolvido mais rápido do que o dela.

Karen pega o mouse e pausa a reprodução. Então ela se recosta na cadeira e fecha os olhos. Atrás de suas pálpebras, as fotos continuam passando; um fluxo aparentemente interminável de veículos saltando a bordo em um quadro e rolando no outro.

A balsa de carro de Noorö para Thorsvik passa a cada dez minutos entre 6h e 23h50 e a cada 20 minutos depois da meia-noite. O bufante barco amarelo se arrasta para frente e para trás através do som, esteja alguém nele ou não. Um número crescente de pessoas ansiosas por reduzir os impostos sugeriu repetidamente uma solução sob demanda, pelo menos à noite, mas enfrentou protestos estridentes e, até agora, os moradores de Noorö conseguiram evitar qualquer ameaça de cortes.

Embora o número de passageiros noturnos dificilmente justifica o calendário freqüente, o fluxo de carros durante outros momentos do dia é relativamente constante. carros grandes, carros pequenos, carros brancos, carros escuros; a filmagem é preto e branco e ofertas só tons de cinza sem fim. Volvo domina junto com BMW, Ford e SUVs de todas as marcas. O autocarro número 78 passeios da balsa a cada trinta minutos e há veículos particulares, vans comerciais, dois tratores, caminhões com o Ravenby matadouro logotipo, transporte de pessoal de NoorOyl do porto do norte, cheios de homens e mulheres exaustos saindo turnos de três semanas em um das plataformas de petróleo, bicicletas, ciclomotores, um ATV. Ea motocicleta ocasional. Infelizmente, nenhuma Honda CRF 1000L Africa Twin. Ela tem uma imagem impressa do modelo em sua mesa para referência.

*

Os olhos de Karen registram todos que entram na balsa no porto de Noorö e, após alguns segundos de avanço rápido, desembarca em Thorsvik. Há duas câmeras na balsa, apontadas em direções opostas. Ambos os ângulos são mostrados em paralelo na tela; ela muda sua atenção de um durante o carregamento para o outro durante o descarregamento. Mas depois de duas partidas e uma motocicleta perdida, ela percebe que terá que estudar cada uma separadamente. Uma motocicleta é facilmente obscurecida por carros, caminhões ou ônibus.

A invasão em Noorö ocorrera às vezes entre as sete e meia da manhã de terça-feira, 16 de setembro, e as quinze para as cinco da tarde de sexta-feira, 19 de setembro. Três dias e meio, centenas de partidas de balsas, quando um jovem em uma motocicleta roubada pode ter sido filmado por uma das câmeras de CFTV a bordo.

Ela abre os olhos e olha para a direita. Karl Björken, que está sentado ao lado da mesa dela, acaba de desligar o telefone e clica na ponta de uma caneta esferográfica e risca algo em um pedaço de papel com uma expressão de desânimo. Outra estação local sem nada a relatar, ao que parece.

'Quer trocar?' ela diz. - Não suporto mais olhar para isso.

- Sobre o que você está reclamando? Björken diz com um sorriso irônico. - Não pode ser muito mais do que cem partidas por dia?

"Cento e vinte e dois", ela responde estupidamente.

- A que distância você está?

- Acabei de verificar as 9h40 do dia 18 de setembro. Nenhum Africa Twin nesse também. Nem uma única maldita motocicleta desde que uma Kawasaki dirigiu a bordo às sete e vinte. Como você está indo?'

'O que você acha? Se por algum milagre eu descobrisse alguma coisa, não guardaria para mim. Mas, na verdade, estava pensando em voltar para casa logo; Arne e Frode estão com febre e Sara se recusa a dormir em sua própria cama. Ingrid está me ameaçando com o divórcio se eu não estiver em casa às seis. *E eu estou* não *levar as crianças* ,' Karl diz, imitando sua esposa.

- Bem, então é melhor você se apressar - Karen diz com um sorriso. - A propósito, você não deveria entrar em licença paternidade em breve?

“A partir de primeiro de novembro. E não, não tem nada a ver com a temporada de caça às martas.

Então, Karl vai sair de licença em menos de um mês. Certo, ela decide, outra razão pela qual Smeed não o queria em seu time.

"Acho que é melhor resolvermos isso antes disso", diz Karl e desliga o computador. - Caso contrário, você provavelmente ficará preso a Johannisen. O que, pelo lado bom, provavelmente o levaria a um ataque cardíaco de verdade.

'Ou eu. Eu só quero passar pelo resto das partidas de quarta-feira, então estou de folga também ', ela diz e se espreguiça.

*

Assim que Karl Björken abre a porta de sua casa geminada em Sande e é saudado pelo som de três crianças chorando, Karen congela em frente à tela e se endireita de sua posição curvada. Ela rapidamente retrocede o filme alguns segundos e assiste a sequência novamente.

'Então,' ela diz lentamente. - É assim que você se parece.

Sigrid está sentada à mesa da cozinha quando Karen chega em casa. Na mesa à sua frente, o gato está lambendo uma tigela que parece ter contido iogurte e muesli. Eu me pergunto em qual armário ela encontrou isso? Karen não come muesli há anos. Então, as imagens do desjejum interrompido de Susanne Smeed surgem diante de seu olho interior. Ela rapidamente se livra de seu mal-estar repentino.

“Então você está acordado”, ela diz. 'Como você está se sentindo?'

Sigrid ergue os olhos com algo que pode ser um sorriso. Karen fica surpresa com a transformação; é a primeira vez que ela vê Sigrid quando ela não está assobiando como um gato ou morrendo de febre. Ela ainda está pálida e seus olhos estão brilhantes, mas suas bochechas não estão mais rosadas da febre e ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo.

'Melhor, obrigado. Isso está bem? ' ela pergunta, acenando com a cabeça para o prato.

- Você quer dizer iogurte ou Rufus? Não se preocupe - acrescenta ela com um sorriso -, ele geralmente faz o que quer, esteja eu aqui ou não.

Ela coloca a sacola no balcão da cozinha e observa Sigrid com o canto do olho enquanto ela gentilmente coloca Rufus no chão.

- Trouxe comida indiana da cidade. Provavelmente está frio agora, mas eu ia reaquecê-lo no microondas.

Você está cheio ou tem espaço para alguma comida adequada? '

Karen pega um prato do escorredor e cuidadosamente retira dois recipientes de alumínio do saco de papel.

'Eu não acho que eu posso. Mas obrigada ', acrescenta Sigrid.

Ela fica sentada em silêncio por um tempo, observando Karen despejar uma porção de curry masala em um prato e colocá-lo no microondas.

“Acho que devo ir para casa”, ela diz e começa a se levantar. - Ou pelo menos volte para a casa da mamãe.

Karen faz uma pausa no meio do movimento, a mão no mostrador do cronômetro.

'Por quê? Você deve ficar até se sentir melhor. Por falar nisso, você verificou sua temperatura desde esta manhã?

'Meia hora atrás. Trinta e oito vírgula seis.

- Sigrid, não sei que merda é essa que você contraiu, mas claramente tem algum tipo de infecção respiratória.

Exatamente, viu? ' ela acrescenta e faz uma pausa enquanto outra tosse barulhenta vasculha o corpo magro

de Sigrid.

- O que estou dizendo é que você é muito bem-vindo para ficar aqui até melhorar. E o trabalho, você ligou para eles?

- Mandei uma mensagem para eles esta manhã.

- E seu namorado, Samuel?

- Meu ex - corrige Sigrid.

- Certo, então você ainda está separado. Tudo bem, mas não sei por que você está com tanta pressa de sair daqui.

Há um ding; Karen pega seu prato.

'Tem certeza?' ela diz, com um aceno de cabeça em direção ao prato.

'Tenho certeza.'

Ela abre a porta da despensa e tira uma garrafa.

- Bem, estou bebendo um copo, mas definitivamente não vou te dar um.

- Na verdade, tenho dezoito anos.

'Ótimo, então você pode tomar um copo quando estiver se sentindo melhor. Então você vai ficar?

Desta vez, o sorriso no rosto pálido de Sigrid é inconfundível.

*

Ela adormeceu no sofá com um cobertor sobre ela. Ela não queria ir para a cama lá em cima; ela parecia preferir ficar com Karen, que depois de jantar se acomodou em uma poltrona com um jogo de palavras cruzadas. Um leve barulho pode ser ouvido no sofá e, de vez em quando, Sigrid tosse durante o sono. Karen abaixa o papel e a estuda.

A mesma idade, ela pensa. Nasceu no mesmo ano, embora fosse alguns meses mais jovem. Ele teria feito dezoito em dezembro também. Andando em bares, conseguindo uma identidade falsa para comprar cerveja no pub. Ele provavelmente teria respondido às perguntas dela concisamente, também, tentando esconder os sorrisos que ele não queria compartilhar. O filho dela. Mathis.

Talvez ele tivesse topado com Sigrid em algum momento quando ela e John o levaram para Doggerland nas férias. Eles poderiam ter se encontrado em um dos lugares em Dunker em uma noite de verão; talvez ele tivesse ido ao bar onde ela trabalha. Ouvi sua banda tocando.

Pare com isso.

Ela volta para suas palavras cruzadas.

Mas ela não consegue impedir que os pensamentos venham. Talvez ela e John tivessem se mudado para cá em algum momento quando fossem mais velhos, como às vezes falavam. Embora ela duvide disso.

Ela amou Londres, teve sua vida lá e apenas raramente ansiava pela ilha, em suma, crises agudas de saudade.

Então, todo o seu corpo doeu com o que estava faltando. O mar. Estava tão longe.

"Temos uma vista do sangrento Tâmisa", John protestou.

Ele só disse isso uma vez.

“Vamos para o litoral”, ele sugeriu em outra ocasião, quando ela foi tomada pelo desejo. - Vamos empacotar tudo e ir para a casa da minha irmã em Margate. Esse é o oceano certo. '

“Margate. Vamos, John.

Ela nunca foi capaz de explicar. Mas sempre passou. Ela gostava de Londres, amava a cidade desde a primeira vez que dividiu um apartamento em Clapham com Scott, Elina e Ulrich. Mesmo que eles tivessem que selar as janelas com as meias dela e de Elina durante os meses frios de inverno. Amava os pubs, lojas de departamentos e parques. Amava o London Met, onde estudava os horrores que as pessoas infligiam umas às outras. Amava ouvir no tribunal. Amava John e depois Mathis. Sim, ela realmente amou a cidade que lhe deu um marido e um filho. A cidade que deu a ela uma vida.

E, no entanto, ela o deixou sem uma pausa de um segundo em um dia de dezembro, quase onze anos atrás.

Karen desiste e põe as palavras cruzadas de lado. É por isso que quero que ela fique? ela pondera, estudando Sigrid no sofá. Porque a linha dela

continua onde a de Mathis terminou? Porque ela me ajuda a imaginar um futuro para ele? Porque ela me ajuda a lembrar?

Um alerta foi emitido via PIR. Ela mesma o enviou por meio da plataforma interna de relatórios no momento em que encontrou a sequência de filme certa da balsa de Noorö. As imagens do jovem da partida das 11h20

no dia 18 de setembro eram razoavelmente claras e a placa da motocicleta correspondia à roubada. O

problema era que o capacete tinha uma viseira que escondia o rosto. Por algum motivo, o cara desceu da motocicleta, foi até a grade e se inclinou sobre ela. Mas o tiro foi parcialmente bloqueado por uma van; apesar de examinar cada quadro várias vezes, ela não foi capaz de confirmar se ele estava jogando algo ao mar ou simplesmente queria esticar as pernas e respirar um pouco de ar fresco. E ele manteve o capacete o tempo todo.

Comparando seu tamanho com os pontos fixos na balsa, Karen foi capaz de determinar que ele tinha cerca de um metro e meio e parecia esguio, quase magro, em seus jeans desbotados e jaqueta fina. Mas essa era uma descrição muito vaga. Consequentemente, a motocicleta foi o foco do alerta interno que ela enviou. Certo, havia outros do mesmo modelo, mas a cor era incomum. O problema era que a cor não aparecia nas capturas de tela em preto e branco do CCTV que ela postou. Mas talvez a foto de um Honda Africa Twin amarelo que ela encontrou online e postou no PIR ao lado do alerta fizesse um de seus colegas reagir. Ou não.

*

"Mais cedo ou mais tarde, o cara vai cometer um erro e vamos pegá-lo", disse Karl na manhã seguinte, soprando o café enquanto se abaixa para olhar a tela de Karen. - Caramba, ele parece jovem, quantos anos você acha que ele tem, dezesseis, dezessete?

- Sim, ele realmente parece muito jovem. Você realmente acha que foi ele quem matou Susanne? Se você está sendo realmente honesto, garoto Charlie?

Karl franze a testa, suas sobrancelhas escuras se curvando. Em parte por causa do apelido odiado, em parte porque, assim como Karen, ele duvida. Há algo na fúria com que Susanne foi assassinada que não condiz com a teoria do ladrão. A conexão pode parecer incontestável para Haugen e pelo menos perfeitamente plausível para o promotor. Mas ele está longe de estar convencido.

*

A ligação de um colega da estação de Grunder chega logo após o almoço, três minutos depois de Karen deixar uma mensagem irritada na secretária eletrônica da estação, dizendo que deseja ser contatada imediatamente. Eles enviaram mensagens para todas as estações locais e todos, exceto três, responderam a eles sobre possíveis crimes menores que podem estar ligados à investigação. Sua frustração por ninguém atender em Grunder, onde a estação funciona 24 horas por dia, provavelmente fez seu tom confirmar a visão dos policiais locais sobre os "valentões do quartel-general".

Quando recebe a ligação, Karen se inclina para trás e escuta com impaciência polidamente disfarçada as explicações do sargento Grant Hogan sobre falta de pessoal e intervalos para ir ao banheiro, sua reclamação inevitável sobre PIR e alguns relatos complicados de pequenos crimes cometidos no canto nordeste de Heimö durante o verão meses. Determinada a não aumentar o abismo entre a polícia central e a local, Karen joga um 'mm' nos lugares certos, enquanto pensa consigo mesma que deveria ligar para verificar Sigrid. Mas alguns minutos depois, Grant Hogan

diz algo que a faz erguer os ouvidos e tirar os pés da mesa. Ela acena para Karl e coloca o telefone na mesa entre eles.

- Vou colocar você no viva-voz agora, Grant. Karl Björken estará ouvindo. Você se importaria de repetir a última parte, por favor?

Eles ouvem sem interromper; Karen sinaliza para Karl não tentar apressar a recontagem tortuosa de Grant Hogan. E entre todas as tangentes irrelevantes, algo emerge que faz Karl se perguntar se Viggo Haugen não está certo pela primeira vez.

Uma casa parcialmente queimada em Ramsviken, no distrito policial de Grunder, a apenas três quilômetros ao norte de Langevik. Acontecera dois dias antes de Oistra; o casal dono da casa estava de férias em Londres. Grant Hogan fala sem parar sobre 'peças de teatro e compras', 'recém-aposentado', 'laptops e joias perdidos', 'localização remota com vistas maravilhosas', 'aumento do preço das casas', 'o incêndio parece ter se originado na cozinha cortinas ”,“ chocado quando voltaram ”,“ o seguro vai cobrir ”. . . e, finalmente, 'sem testemunhas'.

Karl olha para cima e encontra os olhos de Karen enquanto seu colega do outro lado da linha respira fundo antes de continuar.

- Na verdade, eu estava prestes a ligar para você. Não sobre o incêndio, mas estava conversando com o líder de uma das equipes de tiro. Yngve Lingvall é o nome dele; ele e eu voltamos. Na verdade, eu mesma caço um pouco, quando o trabalho permite, é claro. É por isso que ele me ligou no meio de uma caçada, caso contrário, acho que ele não teria se incomodado.

- Ligou sobre o quê? Karl tamborila os dedos impacientemente contra a mesa, mas para depois de um olhar de Karen.

'Bem, ontem, um dos caras da equipe de tiro descobriu uma motocicleta destruída em uma ravina três quilômetros ao sul daqui. Aparentemente, o cara está interessado em bicicletas, então ele queria pegá-las para seu próprio uso, mas Yngve achou que deveriam nos chamar primeiro. Ele é um bom homem, Yngve é.

Então, eu dirigi até lá e dei uma olhada e eles estavam certos. Fica na pedreira perto de Kalvmotet, a apenas dois ou três quilômetros a noroeste da estação aqui em Grunder, na verdade.

'Que cor é essa?' Karl pergunta. "Quero dizer, a motocicleta", acrescenta ele, para se certificar de que não precisa ouvir sobre a cor da delegacia de polícia de Grunder.

'Amarelo, eu acho, mas é um bom caminho para baixo e devidamente sujo. E, não que eu saiba como lidar com motocicletas, mas o cara que a encontrou afirma que é uma Honda, modelo Africa Twin. Acabei de ver o alerta no PIR e estava prestes a ligar para você, só tive que dar uma olhada no pântano primeiro. '

Karen imita que Karl vá tomar um café e deixa Grant Hogan tagarelar um pouco. Afinal, o colega demonstrou certo grau de alerta, mesmo que acabasse priorizando a ida ao banheiro pela manhã. E agora as antenas de Grant estão levantadas. Não houve um incêndio no caso Langevik também? Pelo menos foi o que ele ouviu de seu genro, que é bombeiro voluntário. Sinais de roubo, eles diziam também, embora os detalhes sejam aparentemente sigilosos. . . Não, ele obviamente entende por que eles não podem falar muito. No final do dia, a coisa mais importante é obviamente que eles façam tudo o que puderem para prender o bastardo que matou a esposa de Smeed. Mesmo que ela fosse sua ex-mulher. Eles frequentaram a academia de polícia ao mesmo tempo.

"Smeed e eu, quero dizer, não a esposa", esclarece Grant Hogan.

Karen encerra a ligação com um sentimento de resignação. Ela aceita silenciosamente o café que Karl lhe entrega. Até ela tem que aceitar que está começando a parecer mais uma conexão do que uma coincidência.

Roubos comuns ou de jardim, cometidos enquanto os donos da casa estavam fora. Acontecera a mesma coisa em Langevik? Algo que deveria ser uma invasão regular por algum motivo deu catastroficamente errado?

Um infrator solitário que se concentra em laptops e joias, coisas que são facilmente guardadas em uma mochila. Karen estava considerando a possibilidade antes mesmo de sua conversa com Grant Hogan e agora é obrigada a admitir com relutância que a teoria parece ter mérito. Ela não precisa consultar um mapa para ver o padrão; os tempos estão corretos e os locais dos roubos mostram o perpetrador movendo-se de Noorö para baixo ao longo da costa norte de Heimö, através do porto de balsas em Thorsvik, durante uma farra de uma semana. Não é difícil imaginá-lo continuando em Langevik depois de se livrar da motocicleta.

“Teremos que entrar em contato com a mídia e pedir informações de qualquer pessoa que possa ter pego uma carona na estrada para o sul de Grunder”, diz ela. - O cara não deve ter andado todo o caminho. Porque ainda não há nada sobre carros roubados na área, não é?

- Não, acabei de verificar.

- Mas por que ele escolheu a casa de Susanne Smeed?

'Bem, porque não?' Karl responde e sopra seu café. - A filha de Susanne disse que costumava viajar para o exterior durante o Oistra. Talvez o ladrão soubesse disso por algum motivo e tenha surtado quando descobri que ela

estava em casa, afinal. Não sei que método ele usou para detectar seus alvos, mas há um milhão de maneiras diferentes.

- Mas como ele pôde pensar que ela estava fora? Segundo Harald Steen, havia fumaça saindo da chaminé ”, rebate Karen.

- É verdade, mas quando Steen viu a fumaça, ela já estava morta. Pode ter sido o assassino quem acendeu o fogão, não Susanne.

'E por que ele faria algo tão estúpido? Se ele quisesse queimar a casa, dificilmente teria seguido o caminho indireto de acender um velho fogão a lenha. Se era isso que ele procurava, teria sido mais rápido e fácil queimar as cortinas, como fez em Thorsvik.

Karl encolhe os ombros.

“Além disso, o carro de Susanne estava na garagem. Isso, se alguma coisa, deveria tê-lo avisado sobre ela estar em casa, não?

"Não necessariamente", retruca Karl. “As pessoas costumam deixar o carro em casa quando vão de férias, se encontrarem alguém que lhes dê uma carona até o aeroporto ou balsa. Além disso, o carro pode ter sido a atração principal; ele claramente precisava de um novo meio de transporte. Ele pode ter invadido a casa só para encontrar as chaves do carro.

- Supondo que a pessoa que morou lá ainda esteja dormindo. Muito arriscado, se você me perguntar. Ele não deve ter ideia de quantas pessoas moravam lá.

- A menos que ele tenha feito o reconhecimento, como eu disse.

Ela ouve os argumentos, pondera-os um a um e juntos. Ela ainda está longe de estar convencida, mas aparentemente Karl decidiu defender a solução

simples à qual Viggo Haugen e outros estão se agarrando tão desesperadamente.

“Não se esqueça de que Susanne ainda estava na mesa da cozinha”, diz ela. - Você está me dizendo que o cara entrou tão silenciosamente que conseguiu surpreendê-la enquanto ela tomava seu café da manhã? Que ele cruzou o pátio sem que ela o visse pela janela?

- Ou talvez ele tenha subido por trás. Acho que ele estava tentando evitar olhares indiscretos; Afinal, as janelas de Harald Steen estão viradas para a garagem.

"Verdade", ela admite. 'Mas ainda. Acho que ninguém poderia deixar de ver um ladrão entrando enquanto estão tomando café na cozinha.

“O rádio estava ligado. E alto, de acordo com Sören Larsen.

Karen balança a cabeça em silêncio e toma um gole de café. Ela certamente notaria se alguém invadisse sua casa, mesmo que o rádio e a TV estivessem ligados.

Não é?

"Talvez ela o tenha deixado entrar de bom grado", disse Karl após uma longa pausa.

- Por que diabos ela faria isso?

'Não sei, talvez ele tenha inventado uma história convincente. Reparador de banda larga ou algo assim. . . '

- Na manhã seguinte a Oistra? Você pode fazer melhor do que isso . . . '

- Ou talvez ele tenha inventado uma emergência. Dificilmente seria a primeira vez que um ladrão usaria aquele velho truque para entrar na casa de alguém.

- Ah, deixa disso, Charlie-boy, estamos falando de Susanne Smeed. Se alguém fosse fechar a porta para uma pessoa necessitada, seria ela.

- Ou talvez ele apenas tenha ameaçado entrar com algum tipo de arma - Karl continua, ignorando o apelido e as objeções de Karen.

- E então ela apenas se sentou à mesa da cozinha?

"Bem, se valer a pena, é o que eu faria se alguém puxasse uma arma para mim", responde Karl. - Não é?

57

Não pode haver mais dúvida de que o outono tomou conta das Ilhas Dogger. O tempo turbulento anunciou que todo mundo vai se divertir muito. A garoa foi substituída por rajadas violentas que chegam do oeste, um presságio do inverno que se aproxima. Os meteorologistas emitiram um aviso; nas próximas vinte e quatro horas, ventos fortes são esperados ao longo das costas.

No momento em que Karen sai da rodovia em direção a Langevik, a tempestade atingiu sua força máxima. A chuva cobre o para-brisa e os limpadores não conseguem acompanhar a inundação. Ela dirige devagar, curvada, olhando para fora, aparando com o volante sempre que o vento sopra o carro. Se a temperatura cair abaixo de zero esta noite, amanhã vai ser um inferno. Ela sente os pneus escorregarem na lama descendo as encostas íngremes.

Ela realmente deveria ir direto para casa antes que as estradas se tornassem completamente intransitáveis.

Certo, Sigrid está muito melhor, mas está longe de estar bem. Por outro lado, passar pelo Harald Steen não demoraria mais do que trinta minutos. Ela vai ter que beber uma xícara de café, é claro, e passar algum tempo conversando educadamente antes de falar sobre o verdadeiro motivo da visita. A coisa toda é um tiro no escuro; quando ela viu Steen pela última vez, ele mostrou sinais claros de demência. Ele conseguiu transmitir informações precisas em sua última entrevista - Angela Novak verificou tudo o que ele disse a eles

- mas ele demorou muito para se lembrar dos acontecimentos daquela mesma manhã. E agora ela vai pedir a ele para pensar em mais de quarenta anos.

Ela começou a admitir a contragosto, para si mesma, que as teorias de Karl podem muito bem se provar corretas, embora ainda haja detalhes que parecem não se encaixar. Mas coisas mais estranhas têm acontecido inegavelmente do que uma série de arrombamentos, todos cometidos pelo mesmo criminoso, que por algum motivo escalou de roubo via tentativa de incêndio criminoso para homicídio. Ou pelo menos homicídio culposo.

A peça mais recente do quebra-cabeça, fornecida por Grant Hogan em Grunder, foi pelo menos suficiente para persuadir o chefe de polícia e o promotor de que todos os recursos precisam ser concentrados na localização do homem na motocicleta. Haugen, que está pressentindo a possibilidade de uma conclusão

rápida para a investigação, provavelmente a retiraria do caso imediatamente se soubesse para onde ela está indo agora e por quê.

Outra rajada de vento empurra o carro e ela sente os pneus girarem na lama. Eu realmente deveria ir direto para casa, ela pensa e entra na garagem de Harald Steen.

*

- Sirva-se, querida. Não são caseiros, infelizmente, mas é tudo o que tenho a oferecer.

Eles se sentaram na cozinha de Harald Steen e, com uma pontada de culpa, Karen deixou o velho servir café em uma garrafa térmica e um dos dois pãezinhos de canela que Angela Novak colocou em um prato e coberto com filme aderente como um deleite noturno para Harald.

- Ela realmente cuida bem de você, ao que parece - Karen diz, mordendo o pãozinho macio.

'Oh sério? Sim, suponho que você possa dizer isso. Mas é para isso que a pagam. Pague generosamente, em comparação com o que eu costumava ganhar na minha época. Quatrocentos e vinte marcos e quarenta xelins por mês deviam ser suficientes para eu e a esposa sobrevivermos.

- Ela está com você há muito tempo? Angela, quero dizer.

- Oh, não mais do que um ano. Ou talvez dois, no máximo. É o meu maldito coração, não bate como deveria, dizem, é por isso que fico tonto. Se não fosse por isso, eu ficaria bem sozinho, embora Harry tenha perdido toda a fé em mim. Foi ele quem insistiu para que eu trouxesse aquela mulher. Contatou o serviço social sem me perguntar primeiro.

Karen não consegue deixar de pensar que o filho de Harald Steen provavelmente foi repreendido por causa dessa intervenção mais de uma vez. Ela tenta uma abordagem diferente.

- Portanto, é como se você tivesse sua própria governanta, Harald. Bem, você certamente merece um. Eu não diria não a um pouco de serviço de solo. '

Ela acompanha a lisonja com seu sorriso mais doce. Ela tem que deixar o velho de bom humor.

'Isso está certo? Empregada . . . '

Harald Steen esconde um sorriso satisfeito por trás da borda de sua xícara de café e, pensativo, sorve enquanto essa nova perspectiva é absorvida. Aparentemente animado, ele finalmente coloca a xícara no pires com um barulho determinado.

- Então, pare com isso agora; com certeza uma oficial como você não passou aqui apenas para tomar um café?

- Senhora oficial. Estremecendo, Karen interrompe a frase e se abaixa para pegar a bolsa do chão. A coisa toda é um tiro no escuro e ela pode muito bem acabar com isso.

- Na verdade, queria te perguntar uma coisa. Achei que se alguém pudesse me ajudar, seria você. Aposto que você sabe tudo o que aconteceu em Langevik.

Karen rapidamente olha para a fotografia que tirou da bolsa. Mil novecentos e setenta, moças e homens sorridentes alinhados em um lance de degraus de pedra e três crianças no gramado abaixo. Então ela vira a foto e a coloca na frente de Harald Steen.

- Você tem ideia de quem são as pessoas nesta foto, Harald?

Ela observa pacientemente enquanto ele lentamente pega uma caixa sobre a mesa, desdobra os braços e coloca os óculos no nariz. Sem pegá-lo, ele estuda a fotografia com a testa franzida. Então ele ri. Uma risada seca e melancólica seguida por um suspiro profundo.

'Oh, querida,' ele diz. 'Onde você achou isso?'

“É do álbum de fotos de Susanne. Pelo que percebi, as pessoas na foto viviam na comunidade que seus pais começaram aqui. O problema é que não há nomes completos no álbum, apenas primeiros nomes. Eu os escrevi nas costas. '

Harald Steen continua a contemplar a fotografia, sem falar ou virar a imagem ou mesmo pegá-la da mesa.

Karen estuda seu rosto, que não mostra nenhum sinal de reconhecimento, com uma sensação de desânimo. Já faz quase cinquenta anos, ela pensa, e ele provavelmente nem consegue se lembrar do que comeu no café da manhã.

Harald Steen de repente afasta a foto, tira os óculos e se recosta na cadeira de madeira.

- E de que adiantaria os nomes deles para você, se posso ter a ousadia de perguntar?

'Provavelmente não é bom', ela responde com sinceridade. - Estou apenas tentando ter uma ideia da vida de Susanne e percebi que pode haver uma pequena chance de ela ter mantido contato com algumas das pessoas que viviam aqui naquela época. Talvez uma das crianças. '

Harald Steen bufa zombeteiramente.

'Acho isso difícil de acreditar; Acho que ela nem mesmo manteve contato com a própria filha. Ela mal se deu ao trabalho de dizer duas palavras para mim também, embora fôssemos vizinhos. Susanne era uma pessoa difícil, deixe-me dizer a você. Não é bem aqui, se quer saber.

Harald Steen bate na lateral da cabeça e Karen mascara um suspiro de decepção com outro sorriso.

- Bem, como eu disse, foi um tiro no escuro. Falei com Jaap Kloes, Egil Jensen e Odd Marklund no Hare and Crow outro dia, e nenhum deles conseguia se lembrar de nenhum nome, então você está em boa companhia.

Mas, na verdade, já se passou quase meio século atrás, então eu não esperava outra coisa.

Desta vez, o bufo que Harald Steen solta é ofendido e tão poderoso que uma gota de líquido voa de sua narina para a toalha de mesa de crochê.

'Kloes e Jensen! Quando eles conheceram algo de valor? Rondando o pub, se gabando, é isso que eles têm feito a vida toda. Se eles têm calos nas mãos, não são dos remos, marque minhas palavras. Marklund é uma pessoa

melhor, mas nunca saberei como ele aguenta ficar perto daqueles outros dois palhaços. *Boa companhia* , você deveria ter vergonha de si mesmo. '

Ele agarra a alça de sua xícara com força e Karen percebe que sua mão treme quando a leva aos lábios. Só não tenha um ataque cardíaco, ela pensa. Não tenho tempo nem energia. *O que* eu vim fazer aqui?

Então Harald Steen bate sua xícara.

“Então”, ele diz, “você perguntou a eles primeiro e depois veio ver o velho Steen quando eles não ajudaram em nada. De repente, sou bom o suficiente. '

Karen responde instintivamente, como uma criança de 12 anos castigada.

- Eles estavam lá quando entrei para tomar uma cerveja. Caso contrário, obviamente, eu teria vindo até você primeiro ', acrescenta ela, esperando que suas palavras joguem óleo sobre os sentimentos perturbados dele.

Harald Steen se inclina para a frente sem responder. Em seguida, ele pressiona uma unha amarelada contra o casal na borda do degrau superior da fotografia.

'Disa Brinckmann, Tomas e Ingela Ekman e Theo Rep', diz ele, movendo lentamente o dedo ao longo da fila de pessoas na foto.

Ele move o dedo indicador para a linha inferior e declara em voz alta:

'Janet e Brandon Connor, Per e Anne-Marie Lindgren.'

Depois do sobrenome, ele se recosta na cadeira novamente e empurra os óculos até a testa. Desta vez com os braços cruzados e um sorriso que expressa tanto aborrecimento quanto triunfo.

'Não me lembro dos nomes das crianças; você vai ter que me perdoar ', ele murmura. - E Susanne não era nada mais do que um brilho nos olhos do pai

naquele momento. Ela nasceu no ano seguinte, se não me falha a memória.

Karen encara em silêncio o velho do outro lado da mesa. O velho Steen pode não se lembrar do que comeu no café da manhã, mas não pode haver dúvida de que ele tem certeza disso. Como é possível lembrar o nome de pessoas que foram vizinhos distantes por pouco tempo há mais de quarenta anos? Ela não seria capaz. A esperança de Karen era que Harald Steen pudesse se lembrar de um dos muitos nomes, ou talvez alguma outra coisa que pudesse indiretamente levá-la às informações que ela procurava. Agora ele nomeou todos os oito adultos da foto sem nenhum sinal de hesitação.

'Como isso é possível?' ela diz novamente. Em voz alta, desta vez.

Harald Steen a olha nos olhos calmamente e pega sua xícara de café.

"Fui eu que estava segurando a câmera."

Normalmente, dirigir da casa de Harald Steen levaria dez minutos, no máximo. Esta noite, leva trinta e dois.

Enquanto o carro rasteja pela lama, os pensamentos de Karen estão ocupados com o que Steen acabou de lhe contar.

- Sei que as pessoas da aldeia olhavam de soslaio para os jovens em Lothorp, mas certamente não vi mal neles. E não fui o único que deu um desvio até lá para dar uma olhada nas belezas.

Nesse ponto, Harald piscou o olho conspiratoriamente, mas ainda levou um minuto para a moeda cair e Karen perceber que o empate fora um fascínio sem sutiã e fantasias provincianas sobre o pecado sueco.

- E eles gostaram de você espreitando nos arbustos?

- Oh, não, moça, ao contrário dos outros, entrei direto e me apresentei. Ofereceram chá, porque não tomavam café, ah não, então é verdade, eram meio esquisitos. Bem, então eles perguntaram se eu me importaria de tirar uma foto deles e uma coisa levou à outra. '

E então Harald Steen disse a ela que tinha dado alguns bons conselhos, compartilhando o que sabia sobre a fazenda de Gråå, o que o solo lá em cima aceitaria e o que cuspiria de volta. Ele passou pela fazenda uma vez por semana ou mais depois disso, para ajudá-los a começar seu canteiro de batatas e plantar alguns outros vegetais. Uma espécie de amizade se desenvolveu entre eles; É verdade que Steen era um pouco mais velho do que os outros, mas dificilmente era um homem velho no início dos anos 1970, Karen lembrou a si mesma.

O carro para por completo na ligeira inclinação ao norte do porto. Os pneus giram na lama e ela percebe que terá que encontrar algo para colocar sob

eles para atrito. Ela abre a porta com um suspiro e sai. A chuva açoita seu rosto enquanto ela desce a porta traseira e abre com os dedos rígidos a caixa de plástico verde que guarda na caçamba de carga do Ranger. Ela passa um segundo refletindo sobre qual ferramenta usar e, em seguida, puxa a serra. A lama congelante se infiltra pela ponta de suas botas quando ela pisa na vala para alcançar os arbustos de zimbro do outro lado.

As palavras de Harald Steen ecoam em sua mente enquanto ela corta a madeira dura, praguejando em voz alta.

- Não tenho ideia de para onde os outros foram, mas Anne-Marie morreu em 86 anos e Per morou sozinho aqui durante anos, até acabar no hospital também. Nós nos encontrávamos ocasionalmente para um jogo de cartas por alguns anos, mas tanto ele quanto eu achamos cada vez mais difícil nos movimentar. A garrafa o reivindicou, dizem eles, e isso faz sentido. Bem, e Brandon e Janet que moram em Joms, é claro.

'Você quer dizer Joms aqui em Heimö? Eles ainda moram na ilha?

Karen sabia muito bem como parecia ansiosa.

- Acalme-se, moça, você terá um ataque cardíaco. Bem, eles ainda estavam lá no verão passado, porque os encontrei no mercado em Dunker depois de uma visita ao dentista. Era terrivelmente caro, mas uma pessoa tem que ser capaz de mastigar seu mingau.

Quando Karen finalmente abre a porta da frente da última casa de pedra cinza ao norte de Langevik e cruza a soleira com as botas cobertas de lama cinza, sua mente está ocupada pensando em como chegar a Joms no dia seguinte se o dilúvio continuar durante a noite. Como sair de Langevik, na verdade.

É por isso que o cheiro que emana da cozinha passa despercebido a princípio. Só depois de desamarrar as botas e tirar as meias encharcadas é que ela percebe que não vai ter que vasculhar o freezer para colocar algo no microondas. Sigrid está parada junto ao balcão da cozinha com uma peneira na mão.

- É espaguete à bolonhesa, porque é realmente a única coisa que sei fazer. Coloquei o macarrão quando ouvi o carro, então deve estar pronto em dez minutos.

Karen sente o calor se espalhar por seu corpo, apesar das roupas encharcadas de chuva agarradas a ela.

- Você não tem ideia de como espaguete à bolonhesa parece ótimo para mim agora. Só vou tomar um banho rápido. Como você está se sentindo, afinal? Você parece muito melhor. '

- Estou um pouco cansado, mas quase sem febre, então acho que posso tomar um pouco de vinho. Você quer que eu abra uma garrafa? '

- Um copo, é tudo o que você recebe.

*

- Você decidiu o que fazer com a casa? Karen pergunta entre garfadas depois que eles se sentam à mesa um pouco mais tarde. - Agora é seu.

Sigrid encolhe os ombros. Karen está começando a se acostumar com isso.

- Venda, eu acho. Se eu conseguir encontrar um comprador. '

- Não acho que isso seja um problema. É uma bela casa e Langevik se tornou popular nos últimos anos.

Então você prefere ficar em Gaarda?

'Não, não posso ficar aí. Estamos sublocando do irmão de Sam, então é dele. Ele ligou hoje para me lembrar que tenho que tirar minhas coisas. Aparentemente, ele está dormindo no sofá de um amigo desde que saiu e imagina que deveria ser eu fazendo isso. Vou ligar amanhã e ver o que consigo resolver. '

- Então você não está pensando em se mudar para a casa da sua mãe? *Sua* casa - ela se corrige.

- Não funcionaria. Como eu iria e voltaria do trabalho sem um carro? E antes que você diga qualquer coisa, não, não vou pedir dinheiro ao meu pai.

- Você não tem licença?

- Sim, mas não tenho carro, como acabei de dizer.

'Bem, mas você, na verdade; eles encontraram o carro de sua mãe. Há algo de errado com o motor de arranque, aparentemente, mas podemos conseguir que fixa antes de voltar ao trabalho.'

'Você está falando sério?'

Sigrid se acende, mas depois parece em dúvida novamente. Mercurial, Karen decide.

'Não sei se quero morar lá. Eu meio que peguei uma vibração ruim da última vez que fiz. E agora não posso entrar na cozinha, embora eles tenham limpado tudo. Você viu, não viu?

Karen balança a cabeça em silêncio enquanto procura as palavras certas. Os olhos de Sigrid sinalizam um desejo de saber e um apelo para não ouvir. Por um momento, ela parece muito perdida. Então ela se levanta rapidamente e vai até o balcão da cozinha. Finge limpar algo, pigarreia e continua.

“Além disso, todas aquelas coisas que ela comprou me fazem vomitar”, ela continua. 'Almofadas por toda parte e pelo menos uma centena de pares de sapatos.'

Karen estuda a garota magra. Ouve seus esforços para colocar sua voz sob controle, para controlar o insondável.

'É OK para estar triste, Sigrid', diz ela.

'Coisas tem de Ela sangrenta em toda parte. Você sabia que ela tem um ginásio em casa em seu quarto? E

uma máquina a vapor seu rosto e outra para esfrega pé, pelo menos eu acho que é o que é para. . . Eu não posso suportar a viver no meio de toda essa porcaria.'

Karen balança a cabeça e pensa nas pilhas de enfeites que Sigrid jogou no gramado. Então foi por isso que ela foi para a casa de sua mãe, porque ela sabia que Samuel iria chutá-la para fora do apartamento. Ela provavelmente percebeu que teria que ficar em casa por um tempo, pelo menos. Karen estuda Sigrid, que tem levantou-se novamente para limpar a mesa. Ela é orgulhoso, se recusa a pedir seu pai para nada, mesmo que ele é rico e provavelmente voar em ação se ela tivesse acabado de deixá-lo. Eu me pergunto por que ela está tão irritada com ele. E por que ela estava tão zangado com sua mãe?

'Que tal agora? Você pode ficar aqui por algumas semanas enquanto trabalhamos para colocar a casa em ordem. Vamos jogar fora tudo que você não quiser manter, pintar novamente e torná-lo seu. Assim, você pode demorar para descobrir se quer morar lá ou se quer vendê-lo e comprar outra coisa. '

Sigrid parece considerar a oferta.

'Não terei dinheiro para alugar até a próxima semana, depois de voltar a trabalhar.'

"Este jantar valeu o aluguel de uma semana para mim."

olhos Sigrid Karen suspeita.

'Por que você está sendo tão legal? Mamãe sempre disse coisas terríveis sobre você. Ela disse que você morava na Inglaterra, mas que seu marido a expulsou e por isso você teve que se mudar de volta.

- Ela disse isso, não é?

Sigrid parece hesitante, então se prepara.

- Ela disse que você é o tipo de mulher que vai atrás dos maridos das outras pessoas, já que perdeu os seus.

Karen pega a garrafa e se enche com a mão trêmula.

'Ela estava meio certa', diz ela, notando que parece completamente imperturbável.

Sigrid não diz nada, ponderando a resposta de Karen. Quando ela finalmente fala, Karen recua como se ela tem sido golpeada.

- Você tem um filho, não é?

59

A chuva parou. A lua pálida, aparecendo por uma fenda nas nuvens, ilumina seu quarto e faz com que a grande tília do lado de fora da janela lance sombras nas paredes.

Karen percebe que o sono ainda está muito longe.

*

Tudo saiu dela esta noite. Tudo o que ela guardou cuidadosamente guardado dentro de si durante os longos anos de luto reprimido. Toda a verdade, que antes apenas sua mãe sabia, tudo que seus amigos mais próximos imaginam, mas aprenderam a não perguntar. Ela soltou uma torrente de palavras, sem se importar com o fato de que seu interlocutor era uma garota de dezoito anos, que ficou consternada com a reação à sua pergunta simples.

Tudo o que havia acontecido quando dois policiais e um médico lhe deram a notícia insondável e Karen Eiken Hornby havia deixado de viver. Tinha deixado de existir enquanto palavras como 'colisão em massa',

'M25', 'Abadia de Waltham' e 'um caminhão e cinco carros' a atravessavam.

Tanto Mathis quanto John morreram, disseram a ela. Eles não sofreram, eles disseram. Ela sabia que não era verdade.

A morte foi instantânea, os policiais sussurraram para as enfermeiras; o caminhão abriu o carro como uma lata de sardinhas. Quatro pessoas morreram e outras seis ficaram gravemente feridas.

O fato de a mulher no carro ter saído ilesa foi um milagre, dissera o médico, antes de se corrigir imediatamente. Fisicamente ileso; ela ainda não tinha dito uma palavra desde que a tiraram dos destroços.

Então o médico se voltou para Karen. Havia alguém para quem eles pudessem ligar? Ela não respondeu. Eles devem ter chamado seus velhos amigos, Allison e Keith, que tinha virado para cima, pálido, em estado de choque, seus olhos vermelhos.

Ela não tem memória clara das primeiras vinte e quatro horas, apenas fragmentos; vozes abafadas e choro.

Valium. Dorme. Olhos preocupados sempre que ela acordava.

E então outro dia. Uma manhã novíssimo tinha quebrado, como se nada tivesse acontecido. Como se o mundo não tinha conseguido perceber que tudo tinha acabado.

Um novo dia. E o necrotério.

Dois corpos, dois soldados caídos com os braços ao longo do corpo; um alto, um baixo, escondido sob os lençóis. Eles devem ter ligado para a mãe dela também. Mamãe, que estava parada ali quando Karen se virou e deixou John e Mathis no frio. Mamãe, que estava sentada em silêncio no banco de trás do carro da polícia que os levou do necrotério para a casa e apertou a mão de Karen com tanta força que ela podia sentir.

Mamãe, que encontrara as chaves na bolsa de Karen, abriu a porta e a fez entrar. Mamãe, que estivera ali a cada segundo da insuportável série de dias que se seguiram, um após o outro.

Mamãe, que deixava sua própria dor de lado durante o dia e a deixava sair à noite, quando pensava que Karen não conseguia ouvi-la descendo as escadas, da cozinha para a sala e vice-versa. Horas de choro por tudo que ela perdeu também. John, a quem ela aprendeu a amar. E Mathis, filho único de seu único filho.

A dor de sua mãe tinha sido dado nenhum espaço, nenhum destinatário. E, no entanto, ela continuou a existir quando Karen tinha sido incapaz. Com as mãos trêmulas, em Inglês quebrado, ela já tinha visto de tudo.

Igreja. Caixões. Vazio.

*

Cada minuto passado na casa tinha sido insuportável; era a casa deles, não a dela. Sem eles, não era nada além de uma prisão de memórias. Londres. Cada rua um lembrete, cada vizinho procurando algo apropriado para dizer, cada criança que ela via, cada música, cada programa de TV. Tudo era uma lembrança da vida que ela teve. A estrada à frente estava em ruínas; nada amanhã, nada na próxima semana, nem no próximo Natal, nem no próximo verão, nem em alguns anos, nunca quando Mathis for mais velho. Sem vida; não havia nada para esperar.

Somente olhando para seu passado ela encontrou um bloco de gelo para se agarrar. Ela precisava ir para casa.

De volta para casa.

*

Sigrid estava imóvel e pálida enquanto as palavras saíam de Karen; toda a verdade fedorenta sobre como sua vida havia terminado naquele dia. Todas as coisas que ela jurou que nunca falaria sobre ela depositou no colo de uma menina.

"Sinto muito", disse Sigrid. - Não queria me intrometer, mas vi a foto no seu quarto quando procurava mais Tylenol.

Karen prende a respiração e escuta os sons do quarto de Sigrid, mas só consegue ouvir seu próprio pulso. Ela vira a cabeça para a mesa de

cabeceira e olha a fotografia que suscitou a pergunta de Sigrid. *Você tem um filho, não é?*

John e Karen em uma praia na ilha de Creta, com um bronzeado, rindo Mathis com uma cabeça cheia de areia entre eles. John tinha teimosamente se recusou a pedir que alguém pegue a sua imagem; em vez disso, ele posicionou a câmera em uma cadeira de praia e usou o timer. Houve inúmeras tentativas fracassadas antes de ele conseguiu tanto obter todos os três deles em foco e torná-lo de volta para o tiro no tempo. Mathis tinha caído sobre si mesmo rindo de falta de jeito do pai e Karen tinha rido riso trinado de seu filho e John riram os dois.

No final, a imagem tinha ficado boa, eles decidiram, e então foram para o café da praia para comer lulas. Seu último verão. A última foto dos três juntos.

*

Seu corpo se sente pesado estranhamente; os braços e as pernas, como o chumbo contra o colchão, mas sua mente está correndo. Por que ela não tinha colocado a fotografia fora, como ela normalmente faz sempre que ela tem companhia? Sigrid vai contar ao pai? E é Jounas vai dizer a todos os outros? É a verdade vai se

espalhar como ondas de pena ao redor dela agora? Será que ela vai ter que sorrir de consolo a todos que agora sabe e se sente compelido a condoer com ela? Será que seus colegas falar sobre ela e se calam quando ela entra na sala? São outras pessoas indo para discutir a sua dor? Discutir John. Mathis.

Ela trabalhou muito para impedir que isso acontecesse. Porque era a única maneira que ela conhecia de continuar. Um passado que não existia mais. E um presente. Nada no meio. Ela se isolou na casa que fora de sua mãe e

agora era sua. Semanas de cortinas fechadas e tigelas de sopa intocadas. Em seguida, semanas de caminhada furiosa para cima e para baixo na costa; horas de vago olhando para o horizonte e o puxão constante da borda do penhasco.

No final, sua mãe interferiu.

- Falei com Wilhelm Kaste - disse ela. - Eles estão contratando um sargento detetive e ele prometeu se encontrar com você na quinta-feira às dez. Eu levo você. '

Por alguma razão, ela nem tentou protestar. E lá, no escritório de Wilhelm Kaste, o resto de sua vida havia começado.

- Sua mãe me contou o que aconteceu e quero aproveitar esta oportunidade para dizer o quanto lamento sua perda. Ninguém mais sabe e não vou mencionar isso de novo, a menos que você queira falar sobre isso. Se você quer o emprego, é seu; não porque sinto pena de você e não porque conheço sua mãe desde que éramos crianças, mas porque você é o candidato mais qualificado. Ou mais qualificado, devo dizer, mas sargento detetive é a única vaga que temos no momento. Você quer o emprego? '

Ela disse sim e no dia em que começou, Kaste a chamou em seu escritório.

- Como várias pessoas aqui terão acesso ao seu arquivo, tomei a liberdade de alterar alguns detalhes. Este é apenas o arquivo local, claro, mais gerentes seniores, é claro, ainda serão capazes de acessar as informações corretas se eles se empenharem, mas eu sinceramente duvido que alguém o faça. Pelo que as pessoas aqui sabem, você se divorciou após um breve casamento no Reino Unido. Sem filhos - acrescentou ele, pigarreando. - Sua mãe me disse que é assim que você quer, mas preciso ouvir de você.

"É assim que eu quero", ela disse a ele.

*

E assim foi. Uma verdade dolorosa demais para falar, uma culpa tão avassaladora que precisava ser reprimida para que ela pudesse continuar.

A luz está vazando por baixo da porta do quarto de hóspedes quando Karen bateu suavemente. Sigrid está deitada na cama com a mochila ao lado, totalmente vestida, os olhos inchados de tanto chorar. Ela rapidamente se senta quando Karen abre a porta.

“Vou sair daqui amanhã cedo”, ela diz.

Karen se senta na borda da cama e coloca a mão no Sigrid de.

'Não vá. Não é sua culpa, Sigrid.

'Eu não deveria ter perguntado. Se eu soubesse, nunca teria dito nada. '

- Não é sua culpa, Sigrid - Karen repete. - É que nunca contei isso a ninguém. Tem sido minha maneira de sobreviver. '

'Entendi. Você não tem que falar para mim.'

'Mas eu fiz. Eu acabei de despejar tudo em você. Eu sinto muito por isso. '

Eles ficam sentados em silêncio enquanto Karen acaricia a mão de Sigrid com o polegar.

- Mas há uma coisa que não te contei.

E então ela diz em voz alta.

'Foi minha culpa. Eu estava dirigindo.'

60

Embora já tenham passado quase oito horas desde que a chuva parou, as estradas secundárias ainda estão em mau estado. O tráfego está fluindo ao longo de Thorsbyleden novamente, mas a estrada sob o viaduto ferroviário em Västerport teve que fechar até que a água teve a chance de diminuir.

Karen dirige com os olhos fixos na estrada, ouvindo pelo viva-voz o que o inspetor-chefe de polícia tem a dizer sobre as condições do tráfego nesta manhã. De acordo com suas informações, chegar a Joms deve ser normal, desde que ela seja cuidadosa e não tente dirigir em seções inundadas da estrada.

'Eles tiveram que tow dezenove carros até agora, esta manhã,' Thorstein Klockare diz com uma voz cheia de um tipo macabro de resignação. 'Mas o interior e planícies são mais atingidos. Como está a situação na Langevik, pelo caminho?'

Karen ajusta seu fone de ouvido.

- Estava perfeitamente escorregadio ontem à noite, mas a maior parte estava bom esta manhã. Você sabe qual é a previsão? Eu não tinha tempo para verificar o tempo antes de eu sair.'

'Não mais chuva hoje, eles dizem, mas sistemas de baixa pressão são enfileirados ao longo do Mar do Norte.'

"Então, o de sempre."

"O mesmo de sempre", confirma Thorstein Klockare.

Eles encerram a ligação e Karen dá uma olhada no GPS. Supondo que o inspetor-chefe de polícia esteja certo, ela deve estar em Joms em meia hora.

*

Karen para no final da estrada pavimentada. Ela se inclina para a frente e espia pelo para-brisa a casa e a estreita estrada de cascalho que leva até ela. Então ela desliga o motor, abre a porta e sai. É verdade que a estrada parece transitável daqui, mas ela pode sentir como o chão está encharcado sob suas galochas.

Provavelmente, a camada superior de cascalho cederá se ela tentar dirigir até a colina. Não há necessidade de aumentar a carga de trabalho das torres esta manhã. Em vez disso, ela começa a subir a colina íngreme.

Janet Connor parecia sonolenta quando atendeu ao telefone meia hora antes. Ou como se ela tivesse acabado de acordar, na verdade, embora tivesse garantido a Karen que ela e Brandon estavam acordados. É claro que Karen poderia passar por aqui, embora Janet não tivesse ideia do que ela e Brandon poderiam fazer para ajudar.

Agora ela abre a porta antes que Karen chegue à varanda.

"Bem-vindo", ela grita em uma voz que agora está bem acordada, "você gostaria de um pouco de chá ou café?"

O corpo alto e esguio de Janet Connor está envolto em um longo quimono que a faz parecer majestosa. Seu cabelo grisalho está preso para trás por um fino lenço verde que ela artisticamente enrolou em volta da cabeça, mas em seus pés estão meias de pano cinza, que prejudicam um pouco seu ar majestoso. Ela parece ter cerca de setenta anos, mas apesar de seu cabelo grisalho, ela dá uma impressão jovem ao sorrir para Karen da porta.

Atrás de Janet, Karen pode ver um homem da mesma idade. Ele parece um pouco sem fôlego e parece que está ajustando sua braguilha. Karen tenta não pensar no que interrompeu ao subir os degraus da frente.

“Qualquer um, obrigada”, ela diz com um sorriso. “Karen Eiken Hornby”, ela acrescenta e estende a mão. -

Você é muito gentil em me convidar em tão pouco tempo. Espero não estar atrapalhando muito sua rotina matinal - acrescenta ela, lamentando instantaneamente ao notar que Brandon e Janet Connor trocaram um olhar rápido.

'De jeito nenhum! Entre!'

A cozinha é quente como uma incubadora e tem um cheiro forte de cominho, tinta a óleo de linhaça e pão recém-assado. Aposto que esta sala viu um ou dois ensopados de lentilha, pensa Karen e tira o casaco enquanto olha para Brandon. Se ela tivesse alguma ideia preconcebida sobre como deveria ser um antigo membro da comuna dos anos setenta, ele as confirma e mais algumas. Brandon Connor é, assim como sua esposa, notavelmente alto, provavelmente mais de um metro e noventa. Ele parece estar em boa forma, embora ela note que seus ombros ficam ligeiramente curvados quando tira leite e queijo da geladeira. Suas calças largas e finas podem ser calças de pijama, mas algo diz a ela que elas, como sua camiseta desbotada do Frank Zappa, podem facilmente ser as roupas normais de Brandon. Como Janet, ele está usando algum tipo de meia de trapo, mas enquanto as dela são tricotadas de lã cinza normal, provavelmente na ilha, as de Brandon parecem ter sido feitas por uma senhora peruana apaixonada por cores malucas. Seu cabelo ralo está preso em um rabo de cavalo fino e seu queixo adornado por uma barba longa e estreita.

“Tem nozes no pão”, diz ele. - Espero que você não seja alérgico.

"Não que eu saiba", responde Karen. - Parece incrível, vocês mesmos assaram?

Brandon levanta os olhos da faca de pão com uma expressão de genuína surpresa.

'Sim . . . ' ele diz devagar. “Não vamos desperdiçar nosso dinheiro com as porcarias que vendem em Kvik.

Você?'

"Às vezes", ela admite. “Ou compro pão em uma das padarias”, acrescenta ela na tentativa de se redimir um pouco.

Depois de uma pequena conversa sobre panificação e a qualidade das redes de supermercados da ilha, Karen direciona a conversa para o motivo de ela estar ali.

- Presumo que você tenha ouvido falar do assassinato em Langevik. E acredito que você deve estar ciente de sua ligação com Susanne Smeed? ela adiciona com um olhar questionador.

'Claro', diz Brandon, 'o assassinato foi praticamente impossível de perder. Mas não lemos os jornais da noite e os jornais da manhã não publicaram o nome até alguns dias depois do fato, então demorou um pouco para percebermos que era a garota deles. Per e Anne-Marie, quero dizer.

'Está certo. Susanne Smeed nasceu Lindgren. E essa é, como tenho certeza de que você já adivinhou, a razão de estar aqui. Estou certo em pensar que você viveu com Per e Anne-Marie Lindgren e alguns outros em uma comuna durante um período no início dos anos 70?

'Nós fizemos. De março de 1970 até o final de fevereiro de 1971, para ser mais preciso. Quase exatamente um ano. '

- Você morou na ilha desde então?

'Não o tempo todo. Nós nos mudamos para Copenhague no início - todo mundo mudou naquela época - mas ficamos apenas alguns meses antes de nos mudarmos para a Suécia. Moramos em outra comuna lá, em Huddinge, perto de Estocolmo, por alguns anos. Não voltamos aqui até. . . quando foi, você se lembra? '

Brandon consulta sua esposa com um olhar.

“Maio de setenta e seis”, diz ela. - Desde então, ficamos parados.

- Você manteve contato com Per e Anne-Marie depois que voltou para casa? Ou com qualquer outra pessoa do seu tempo na Lothorp Farm?

- Apenas com Theo Rep. Pelo menos se você quer dizer contato regular. Todo mundo espalhado e sem celular ou Facebook, não foi fácil. Nós encontramos Per e Anne-Marie em Dunker, é claro, depois que nos mudamos de volta.

- Mas você não se socializou?

'Foi a minha impressão de que não queria. Pelo menos ela não o fez ', diz Janet. 'Anne-Marie era um pouco. .

. como faço para colocá-lo? Frágil, talvez.'

'Não pussyfoot ao redor; ela era estranho,' breaks Brandon em bruscamente; Janet dá-lhe algo que se parece com um olhar de advertência.

- De que maneira ela era estranha?

“Desculpe-me”, diz Janet, “mas não entendo o que tudo isso tem a ver com o assassinato de Susanne. Anne-Marie e Per morreram há anos.

Karen hesita por um momento. Então, ela decide contar-lhes a verdade.

'Para ser honesto, eu mesmo não tenho certeza. A questão é que estamos tentando formar uma imagem da vida de Susanne e do tipo de pessoa que ela era. É uma espécie de quebra-cabeça, cuja primeira peça parece ter sido encontrada na Fazenda Lothorp. O que você pode me dizer sobre o seu tempo lá? Como você foi parar lá em primeiro lugar? '

O Sr. e a Sra. Connor trocam outro olhar, como se estivessem tentando chegar a algum tipo de acordo tácito.

- Bem, - Brandon disse por fim. - Suponho que tenha começado comigo decidindo que o Tio Sam poderia passar sem minha ajuda no 'Nam'.

"Brandon era um desertor", explica Janet.

- Ah, então você é americano? Karen diz, surpresa.

Por alguma razão, ela presumiu que ele e Janet são do Reino Unido. Ambos falam doggeriano fluentemente e é difícil distinguir um sotaque americano de um britânico.

'E você? Onde você cresceu?'

"Southampton", responde Janet. "Nós nos conhecemos na Ilha de Wight em 31 de agosto de 1969. Eu estive lá contra a vontade expressa de meus pais."

“Eu estava lá ilegalmente, vim de Amsterdã em um barco particular, com Theo e um bando de hippies. Como eu havia sentido saudades de Woodstock algumas semanas antes, por motivos óbvios, decidimos ir ao Festival da Ilha de Wight. Não tão épico, mas pude ver Dylan e conheci Janet, então não devo reclamar.

Brandon pega o bule de chá e levanta uma sobrancelha interrogativamente para Karen, que balança a cabeça.

Ela se sente dilacerada; por um lado, ela quer passar o dia inteiro aqui, comendo pão de nozes e ouvindo histórias de uma época passada, quando ela mesma usava fraldas. Por outro lado, ela deve permanecer racional e mover as coisas.

- E então você veio aqui no ano seguinte.

- Sim, Theo conheceu Disa em algum lugar de que não me lembro, e ela já conhecia Tomas e Ingela. Acho que se conheceram quando Disa estava estudando obstetrícia em Copenhague. Tomas era meio dinamarquês

por parte de mãe. E ele e Per eram amigos de infância. Bem, de qualquer forma, espalhou-se a notícia de que Anne-Marie herdou um lugar em Doggerland e que estavam pensando em abrir uma comuna.

- E estou certo em pensar que também havia crianças na foto? Desde o início, quero dizer?

- Sim, Ingela teve dois meninos com apenas alguns anos de diferença, Orian e Love. E Disa teve uma filha de cinco anos, eu acho. O nome dela era Mette.

'Você tem filhos?'

- Sim, um filho, mas o tivemos muito mais tarde. Dylan é um corretor de ações em Londres ', diz Brandon com um olhar de desânimo que revela que ele gostaria que seu filho tivesse seguido uma carreira diferente.

“Fizemos o que podíamos”, acrescenta ele com um sorriso torto.

- E Susanne só nasceu um ano depois?

- Sim, mas isso foi depois que nos mudamos, então não sabemos nada sobre tudo isso.

As sobrancelhas de Karen se erguem.

'Tudo isso?'

Janet põe a mão no braço do marido.

'O que Brandon quis dizer é que as coisas azedaram na fazenda e sentimos que era hora de seguir em frente.

Ouvimos muitas coisas interessantes acontecendo em Copenhagen, então decidimos ir para lá. '

Janet está falando rápido; Karen escuta pela metade enquanto explica que eles se juntaram aos invasores na antiga área militar de Christiania, mas que duraram apenas alguns meses antes de decidirem ir para a Suécia.

E ela sente um juramento interior da outra mulher quando ela percebe que Karen vai manter o foco na Fazenda Lothorp.

- Ficou azedo, você disse? Por que foi isso? '

Janet se levanta, parecendo irritada.

“Isso é privado”, ela diz. 'Eu realmente não vejo como isso poderia ser relevante.'

- Você provavelmente está certo, mas eu gostaria de julgar isso, se você não se importa - Karen responde calmamente. - Aconteceu há quase cinquenta anos e os Lindgren já morreram, então pelo menos o que quer que você me diga não fará mal a nenhum deles.

'Ele foi infiel,' Brandon diz laconicamente. - Per e Ingela tiveram um caso enquanto Tomas estava fora. Per ficou arrasado por ter traído sua esposa e seu melhor amigo e Anne-Marie enlouqueceu.

Janet Connor voltou para a mesa com um bule cheio e se sentou com um suspiro pesado.

- Ela não perdeu a cabeça, Brandon. Ela caiu no que hoje em dia provavelmente seria descrito como uma depressão profunda. Não é de admirar, realmente; Lothorp Farm pertencia a ela e ela provavelmente se sentiu usada e traída por todos nós.

'Quando isto aconteceu?'

- No final daquele verão, no mesmo ano em que nos mudamos. Foi maravilhoso até então, mas tudo mudou quando Anne-Marie adoeceu.

“Agosto, talvez setembro de 1970, deve ter sido enquanto Anne-Marie estava grávida de Susanne”, pensa Karen. - Descobrir que seu marido a traiu enquanto você esperava pode desequilibrar qualquer pessoa.

Especialmente se você tiver que dividir uma casa com outra mulher. A casa que você possui. '

- É como Brandon disse, as coisas azedaram e nenhum de nós sabia como lidar com a depressão de Anne-Marie ou as tentativas desesperadas de Per de torná-la melhor. Além disso, tenho certeza de que vários de nós sentimos que não era grande coisa no final do dia. Muitas pessoas viam a fidelidade como uma invenção burguesa.

'Como o Tomas e a Ingela reagiram?'

'Ingela sempre teve uma abordagem da vida bastante descomplicada. Bem, suponho que todos nós viemos para a fazenda com expectativas ingênuas de compartilhar tudo e nos libertar das convenções da burguesia, mas no final das contas, nenhum de nós foi capaz de lidar com isso. Nem mesmo Ingela. Ela se sentiu mal por Anne-Marie estar doente, mas acho que nunca pensou que ela e Per tivessem feito algo errado.

"Acho que Tomas lidou melhor com isso, embora Per fosse seu melhor amigo", diz Brandon. 'Ele era realmente a única pessoa ali que praticava o

que pregava. Viva e deixe viver, o que é meu é seu, sabe. Ele e Ingela eram os hippies mais radicais, se é que você me entende. Eles estavam todos dentro, enquanto o resto de nós. . . Nós vamos . . . '

Brandon trilhas off e pega a xícara de chá.

“Eles se agarraram a mais tempo do que o resto de nós, com certeza”, Janet assume. 'Acho que eles ficaram mais alguns meses antes de decidirem se mudar para a Suécia. Eles e Disa. Mas não tivemos nenhum contato

real com nenhum deles desde então.

- Nem com Per e Anne-Marie, embora todos vocês vivessem em Heimö?

- Como eu disse, às vezes nos encontrávamos em Dunker e tenho certeza de que conversamos sobre visitar Langevik em algum momento, mas nunca aconteceu. Mais uma vez, não eram memórias felizes. '

- Você sabe o que aconteceu com Ingela e Tomas depois que eles se mudaram?

'Eles se separaram. Ela continuou fazendo a coisa hippie, mas ele fez um cento e oitenta e vestiu um terno e gravata. Eventualmente, assumiu a empresa de seu pai. E, sem mais nem menos, Tomas Ekman, o hippie obstinado, havia se tornado um capitalista obstinado. Infelizmente, ele faleceu há apenas alguns meses. '

'Ele fez? Como você descobriu? Achei que você disse que não estava em contato.

- Nosso filho Dylan nos contou quando voltou para casa no verão passado. Ele tinha ouvido isso no trabalho.

Tomas era aparentemente bem conhecido no mundo dos negócios e Dylan obviamente sabia que nos conhecíamos quando éramos jovens. Ele achou

Tomas Ekman consideravelmente mais impressionante do que seu velho pai ', diz Brandon com um sorriso irônico. "Às vezes, a maçã cai muito longe da árvore."

- E quanto a Ingela, ela ainda está viva?

- Não faço ideia - Janet responde secamente. - Como eu disse, não estamos em contato.

- E Disa?

'Sinto muito, mas tudo isso é um capítulo fechado para nós.'

E como se sublinhar que eles não têm nada mais a dizer, Janet se levanta e começa a limpar a mesa.

*

Karen sabe que terá que desistir, ao entrar na autoestrada com seu curso definido para o quartel-general da polícia de Dunker. É hora de esquecer aquela velha comunidade hippie e começar a se concentrar na conexão do roubo.

Uma luz fraca e nebulosa do sol rompeu o céu nublado e a estrada já está seca em alguns pontos. Depois de dar uma olhada no relógio, Karen acelera e faz o possível para afastar a sensação de que Brandon e Janet Connor não lhe contaram toda a verdade.

Ela endireita a pilha de documentos, se inclina para a frente e liga o gravador de áudio.

'Entrevista com Linus Kvanne sobre suspeita de roubo, tentativa de incêndio criminoso e assassinato, alternativamente homicídio culposo. Também estão presentes, além de Linus Kvanne, o advogado Gary Brataas e os detetives inspetores Karl Björken e Karen Eiken Hornby.

- Não matei ninguém, porra. Não vou ser acusado de algo que não fiz. '

Sua voz é inesperadamente profunda, em total contraste com sua constituição esguia de menino. Karen pensa nas imagens da câmera CCTV da balsa; tanto ela quanto Karl achavam que tinha dezesseis, dezessete anos.

Mas Linus Kvanne já teve tempo para completar 24 anos e cumprir três sentenças na prisão de Kabare. O

primeiro por homicídio culposo.

O incidente em que Lars Hayden, um viciado em vinte e oito anos de idade, conhecido pela polícia, tinha perdido sua vida há seis anos tinha sido descrito como um ato de heroísmo pelo advogado de Linus Kvanne.

Festa de Fim de Um Ano Novo que tinha saído dos trilhos no início tinha chegado a um fim definitivo quando Kvanne descobriu sua então namorada em um dos quartos. Hayden estava deitado em cima dela com as calças para baixo e uma faca pressionada contra sua garganta. O tribunal considerou que a primeira vez Linus Kvanne esfaqueado Lars Hayden poderia ser considerado auto-defesa, como se ele estivesse tentando desarmar Hayden. Foram os seguintes quatro vezes que tinham sido consideradas 'força excessiva'. Mas a juventude de Kvanne e falta de infracções anteriores foram consideradas circunstâncias atenuantes. Depois de servir cinco dos

nove meses que ele tinha sido condenado a, Kvanne tinha sido liberado por bom comportamento; uma placa condicional unânimes tinham avaliado o risco de reincidência como baixo.

Desde então, Linus Kvanne tem trabalhado no refinamento de sua marca, fazendo algumas passagens breves no nick por posse e outra por roubo policial em grande escala. Sua estada mais recente em Kabare só terminou em julho.

Ele parece relaxado, relaxado em sua cadeira com um pé apoiado casualmente no joelho da outra perna.

Gary Brataas põe uma mão calmante no braço de seu cliente.

'Claro que não. Vamos apenas ouvir com calma o que a polícia tem a dizer. Estou ansioso por isso ', diz ele e sorri com o canto da boca.

- Tudo bem, Linus - diz Karen. - Você foi preso hoje às 10h45. estou em seu apartamento em Tallvägen em Lemdal. No momento da sua prisão, seu apartamento foi revistado e, além de uma quantidade substancial de narcóticos, a polícia também encontrou vários itens roubados em uma série de assaltos em Noorö e Heimö.

Você pode explicar isso? '

Linus Kvanne finge abafar um bocejo, estica e cruza as mãos atrás da cabeça.

'Explicação? Por que a penugem quebrou minha porta da frente e invadiu enquanto eu estava dormindo, você quer dizer? Não tenha um. '

Karen lança um olhar rápido para Karl. Ele estufou as bochechas, as sobrancelhas levantadas interrogativamente, e agora ele solta o ar em um

suspiro que ilustra claramente o que os dois estão pensando: eu vejo, você é um deles; isso vai demorar um pouco.

Karen repete a pergunta, ignorando as tentativas de Kvanne de irritá-la.

'Quero dizer, como você explica os itens roubados encontrados na sua sala e debaixo da sua cama?'

Linus Kvanne encolhe os ombros e sorri tão abertamente que mascar tabaco sob seu lábio superior ameaça cair em seu colo.

- Bem, acho que alguém deve ter plantado lá. Parece a explicação mais provável, não?

- E quem seria, você acha?

Desta vez, Linus Kvanne ri e abre as mãos.

'Eu não sei. Muitas pessoas vêm e vão. Minha casa está aberta a todos. '

'Você sabe oque eu penso?' Karen diz calmamente. - Acho que você roubou essas coisas em uma série de assaltos. Acho que em Noorö, você também roubou uma motocicleta modelo Africa Twin e a usou para ir para Thorsvik e de lá para Grunder.

- Isso está certo, querida?

- E depois da invasão em Grunder, você se livrou da motocicleta, provavelmente deliberadamente porque estava preocupado que pudesse haver um alerta para ela, ou talvez você realmente tenha apenas batido. Qual foi? '

Linus Kvanne balança a cabeça lentamente, tentando capturar os olhos de Karl Björken, esperando por alguma compreensão masculina.

- Não tenho ideia do que ela está falando. Você tem algo a dizer antes de eu sair daqui? '

- Desculpe, garoto - Karl responde uniformemente. 'Temos fotos suas e da bicicleta na balsa de Noorö.

Também sabemos que você estava se gabando disso na caverna ontem à noite.

Kvanne rapidamente abaixa os braços e se inclina sobre a mesa.

- Quem diabos te disse isso?

'Meu cliente não é obrigado. . . '

Gary Brataas é interrompido por Karen.

- Ficar se gabando de seus crimes não é um pouco idiota? ela diz. - Principalmente quando você está bêbado e em um lugar público lotado. Sempre há o risco de alguém delatá-lo. Mas ", ela acrescenta," talvez você seja um pouco idiota, Linus. O que você acha, não é? '

Ele rapidamente empurra o rosto para frente até que esteja a centímetros do de Karen.

- Porra, boceta.

Se ele tivesse escolhido uma palavra diferente, ela não teria que lidar com aquela pequena gota de cuspe.

Sem deixar transparecer o quanto está revoltada, Karen espera até que Linus Kvanne se retire e se incline para trás na cadeira mais uma vez antes de limpar a saliva que caiu em seu lábio inferior e no queixo.

Sua voz está completamente calma quando ela pressiona.

- Foi por isso que você decidiu queimar as casas? Ficou um pouco ansioso, percebendo que pode ter deixado pistas, apesar de usar luvas? Um cabelo ou uma lasca de pele que os técnicos poderiam usar para amarrá-lo ao local? Bem, isso é realmente um bom pensamento, não é?

Karen se vira para Karl, que está balançando a cabeça pensativamente.

'Muito inteligente, sim', ele concorda. - É uma pena que ele não tenha ficado para garantir que o fogo pegasse corretamente antes de fugir. Afinal, agora os técnicos têm todo o tempo do mundo para vasculhar as casas em busca de seu DNA. Já que sabemos o que procurar agora. '

Karen acena acordo enquanto estudava Linus Kvanne, que agora está tamborilando os dedos em seus braços.

Seu sorriso foi substituído por uma mandíbula apertada; sua língua se lança em menos de seu lábio superior para espremer algum nicotina extra.

- A questão é por que ele deu um passo adiante - Karen continua, sem tirar os olhos de Kvanne.

"Estúpido", acrescenta Karl. “Quer dizer, nunca teríamos recursos para mandar um bando de técnicos para fora se fosse uma invasão normal, mas agora que é um assassinato, a história é diferente. Disseram que as três casas estão repletas de técnicos agora.

Nesse ponto, Gary Brataas interrompe, recusando-se a ser silenciado por mais tempo.

- Se você tiver alguma evidência contra meu cliente com relação ao alegado assassinato ou homicídio culposo, sugiro que compartilhe e abandone esta apresentação teatral.

*

“Então foi uma entrevista de enorme sucesso”, disse Karl vinte minutos depois, no elevador de volta ao CID.

Ele parece cansado, Karen observa, observando-o vasculhar os bolsos da calça.

“Não me entenda mal, se não estivéssemos investigando nada além de um punhado de arrombamentos, a entrevista teria sido um sucesso estrondoso”, acrescenta ele e coloca um chiclete de nicotina na boca.

Contra o conselho de seu advogado, Linus Kvanne confessou quatro roubos: um em Noorö, um fora de Thorsvik, uma invasão não relatada em uma casa de verão em Haven e, finalmente, em Grunder. Mas ele negou veementemente qualquer envolvimento no assassinato de Susanne Smeed durante a entrevista.

“Eu nunca estive em Langevik”, ele disse a eles.

O problema é que eles acreditam nele.

- Quer sair para fumar?

Kore segura um maço de cigarros e balança a cabeça na direção da porta. Karen acena com a cabeça.

'Eirik iria me matar,' Kore diz em uma voz abafada, então exala com um gemido satisfeito. “Eu não ficaria surpreso se ele pudesse sentir o cheiro da fumaça vindo da Alemanha”, ele acrescenta e dá outra tragada.

Eles se sentaram a uma mesa na área de serviço ao ar livre do Repet Bar and Restaurant, onde um número surpreendente de almas intrépidas está desafiando o frio do outono com a ajuda de aquecedores e cobertores.

Kore não se importaria de ficar fora a noite toda; Eirik saiu para uma nova feira de floricultura em Frankfurt e seu namorado está aproveitando a oportunidade para se deliciar com cerveja e cigarros.

Eles são um casal estranho, observa Karen, estudando o anel de caveira de prata na mão tatuada de sua amiga. Ela sabia que seu antigo amigo de escola, Eirik, era gay muito antes daquela noite, vinte e dois anos atrás, quando ele finalmente confidenciou a ela, então a jurou que se calaria. Ninguém mais poderia saber, especialmente seu pai, seria a morte dele.

Então ela ficou calada, assistindo com desânimo enquanto Eirik lutava para corresponder às expectativas do mundo. Como fez mal a si mesmo ao fingir ser 'um dos rapazes', na escola, no campo de futebol, com a família. Enquanto passava cada vez mais fins de semana em Londres, Copenhague, Amsterdã e Estocolmo.

Qualquer lugar; contanto que ficasse longe de seus pais, companheiros de equipe e dos meninos no pub, Eirik ousara ser ele mesmo. Durante seu tempo na Inglaterra, Karen foi capaz de estudar de perto sua vida dupla.

John acabou ligando para o quarto de hóspedes atrás da cozinha do quarto de Eirik. Ele nunca tinha entendido a necessidade de Eirik de esconder quem ele era. Por que ele não podia simplesmente ser honesto, agora são os anos noventa, pelo amor de Deus, mesmo em Doggerland? Não é grande coisa hoje em dia, ele disse. Karen e Eirik trocaram olhares; um britânico nunca poderia entender.

E quando Eirik finalmente saiu do armário, que não tinha sido uma expressão de confiança tanto como de frustração e raiva. Naquele dia, em dezembro, quase 11 anos atrás, quando uma chamada da mãe de Karen havia quebrado todas as suas paredes. John estava morto. Mathis estava morto. Karen tinha parado de estar.

Naquele dia, Eirik tinha sido tomado por uma epifania repentina sobre a fragilidade da vida, que ele tinha sido incapaz de ignorar. Naquele dia, Eirik A partir tinha deixado cair e gritou para o pai e todo o mundo que eles poderiam ir para o inferno. E ele não deve contar com qualquer netos porra.

Ele estava lá quando Karen voltou para casa. Ela só percebeu isso muito mais tarde. Através de grossas camadas de tristeza, as vozes ansiosas de sua mãe e Eirik flutuaram da cozinha para seu quarto. Ela tinha ouvido suas tentativas desajeitadas de consolar a mãe, tinha ouvido ele desatar a chorar, se recompor e tentar novamente. E de novo. E ela pensou para si mesma que era uma coisa boa que sua mãe e Eirik pelo menos tivessem um ao outro. Agora que ela não existia mais.

Só depois de vários meses, ao sair do quarto, rígida de tristeza, ela notou algo diferente em sua amiga. Sua transformação havia começado.

Hoje em dia, Eirik vive de acordo com todo estereótipo gay que existe; ele está bem vestido, bem arrumado e ligeiramente afeminado em seus maneirismos e maneira de falar. O fato de ele também ser um florista

treinado e dono de uma rede nacional de lojas de flores só serve para cimentar a impressão. Eirik definitivamente saiu do armário.

Ao longo dos anos que se seguiram, ele iria apresentar seus namorados a ela, um após o outro; a maioria se parecia muito com Eirik, e raramente duravam o suficiente para ela guardar seus nomes na memória. Então Kore apareceu.

Talvez tenha sido o fato de ele ser o oposto de Eirik que fez Karen compreender instantaneamente, assim que o primeiro choque diminuiu, que valia a pena lembrar o nome de Kore. Dois homens dificilmente poderiam ser menos parecidos em aparência, temperamento, interesses, círculos sociais. Kore, um produtor musical que ostenta um moicano preto, braços tatuados e anéis de ouro em ambas as orelhas. E Eirik, um florista que preferia camisas sociais recém-passadas e sapatos brilhantes de couro envernizado. Se Eirik era a tese, Kore era sua antítese. Ou possivelmente o contrário. Seis anos depois, eles ainda estão juntos.

Agora, Kore passa a mão pelo cabelo sem perceber que a coluna de cinzas na ponta de seu cigarro se quebra, borrifando sua crina tingida de preto com flocos brancos.

'Eu me sinto como um frango assado', diz Karen, tocando sua bochecha em chamas. 'Como as pessoas podem ficar sentadas embaixo desses aquecedores?'

Ela aponta para a rua estreita, onde as áreas de serviço ao ar livre envidraçadas estão alinhadas ao longo dos velhos edifícios de tijolos. Prédios que antes abrigavam o teleférico, a antiga fábrica de lanolina, a fábrica de tecidos e uma série de outras indústrias que há muito fecharam ou mudaram para instalações modernas.

Agora, a antiga área industrial se transformou em um bairro repleto de restaurantes, lojas de grife, cafés e bares. Os donos de restaurantes inovadores têm feito o possível para encontrar soluções que mantenham os viciados em nicotina felizes e cumpram a nova legislação. Qualquer dono de bar que deseja permanecer no mercado sabe que é crucial fornecer um lugar para os fumantes desfrutarem de seu vício atrás de plexiglass e sob aquecedores.

"Último maço para mim", diz Kore, levantando o cigarro. - Vou buscar Eirik no aeroporto às oito e meia amanhã de manhã e ele é pior do que um cão de caça. Ei, o que. . . '

Karen pula quando Kore assobia penetrantemente. O som reverbera entre as paredes de vidro, mas não parece capaz de escapar da incubadora em que estão. Kore pula e balança seu braço sem cigarro violentamente.

'Friis, droga, venha aqui!'

Um momento depois, Kore se livrou da área de serviço, cruzou a rua e jogou os braços em volta de um homem. Karen observa enquanto eles trocam algumas palavras. Então Kore aponta para a mesa onde ela ainda está sentada e o homem se vira. Karen o reconhece assustado. É Leo Friis, que agora, visivelmente hesitante, se permite ser conduzido em direção a Repet por Kore. Desta vez, ele não tem carrinho de compras com ele e o cobertor cinza está longe de ser visto. Ele ainda parece sarnento, no entanto, e Karen pode ver a incerteza em seus olhos quando ele olha para o restaurante. O barulho lá dentro atingiu níveis ensurdecedores e está fluindo pelas portas abertas. O som faz Leo congelamento mid-passo.

'Está tudo bem, estamos do lado de fora,' Kore diz tranquilizador e consegue arrastá-lo para a área de serviço ao ar livre. 'Esta é Karen. Karen, este é o homem, o mito, a lenda, Leo Friis.

Por um momento congelado, seus olhos se encontram. Ela faz um cálculo de fração de segundo; ela deveria dizer a Kore que eles se conheceram ou fingir que são estranhos? Ela decide deixar a questão em aberto e estende a mão.

'Oi, Leo. Sente-se.'

Leo aperta a mão dela e acena brevemente com a cabeça.

'Oi karen.'

Nada na sua saudação sugere que eles já nos conhecemos antes, muito menos Leo tem sido objecto de uma entrevista de testemunha. Kore parece completamente imperturbável pela aparência irregular de seu amigo.

Karen é subitamente inseguro; Será que ele sabe de Leo desabrigados e passa suas noites sob as docas de carregamento para baixo no New Harbor? Ao mesmo tempo, Kore parece um pouco mais hiper do que o habitual.

'O que você gostaria? Por minha conta - diz ele e acena para uma garçonete. - O mesmo para você, Karen?

Depois de fazer o pedido, ele se volta para Leo.

- Puta merda, Leo, é bom ver você. Há quanto tempo você está de volta? '

“Só desde o início do verão. Desde meados de maio, eu acho.

- Que porra é essa, você ficou em casa o verão todo sem entrar em contato? O que você tem feito? Como vai?'

- Talvez funcione melhor se você fizer uma pergunta por vez? Karen diz calmamente e abre espaço na mesa para a bandeja pesada da garçonete.

Leo olha para ela.

'Desculpe, desculpe, eu pareço minha mãe', diz Kore. - Estou muito feliz em ver você - acrescenta ele e levanta o copo. ' *Gottjer* , pessoal, *saúde* !'

" *Gottjer* " , Karen e Leo dizem em uníssono.

Eles levantam seus copos até o nível dos olhos, abaixam-nos novamente e bebem como um só.

'Karen e eu realmente nos conhecemos', diz Leo depois de colocar o copo na mesa e limpar a espuma da barba com as costas da mão. - Tomamos café da manhã juntos.

Os olhos de Kore vão e voltam entre eles, sua conversa nervosa brevemente dando lugar à mudez.

'Vocês dois? O quê, vocês se *conhecem* ? ' ele exige em descrença.

'Nós nos encontramos uma vez. Eu entrevistei Leo como testemunha em conexão com um caso que estou trabalhando '.

Kore abre os olhos arregalados de uma forma que sugere a Karen que ele está longe de ser tão despreocupado com seu amigo como ele está fazendo para fora para ser.

- Mas você está trabalhando no assassinato de Langevik, não está? Inferno, você *viu* , Leo?

Karen levanta as mãos em um gesto de advertência quando a voz de Kore faz com que as pessoas no próximo turno mesa para olhar para eles. Ela responde por Leo.

'Se apenas. Não, mas Leo conseguiu dar a alguém um álibi para a hora do assassinato.

- Isso é muito emocionante. Who?'

A preocupação de Kore deu lugar a uma curiosidade não adulterada.

- Oh, pare com isso. Você realmente acha que vou responder isso? Mas foi uma informação valiosa e nos poupou muito trabalho. '

Ela sorri para Leo, que ergue o copo novamente e bebe. Ele não retribuiu o sorriso, mas um pouco da tensão em seus olhos e linguagem corporal parece ter diminuído. Kore parece mais calmo também, enquanto se volta para Leo, agora usando um tom normal, quase gentil.

- Ouvi dizer que você teve uma situação difícil depois que saiu. Você sabe como as pessoas falam. Mas não ouço uma palavra há um ano. Quase percebi que você tinha ficado maluco.

Pela primeira vez, há uma sugestão de sorriso por trás da barba de Leo.

“Foi exatamente o que eu fiz. Até que você me tirado do armário '.

'A sério?' Kore olha ao redor das mesas ao redor deles e se inclina para frente.

“Parece que ninguém reconhece você”, ele diz baixinho. - E, falando sério, com esse traje, não é de admirar.

Sem ofensa, mas você está uma merda.

Desta vez, Leo ri. Uma risada rápida, dura em torno das bordas. A risada que mostra que ele está ciente de sua deterioração e aceita.

Um nó cresce na boca do estômago de Karen quando começa a perceber quem Leo Friis realmente é.

Sigrid dirige de forma enlouquecedora, lenta e cuidadosamente. O que mais você pode esperar, Karen pensa consigo mesma e se recosta no banco do passageiro. Um motorista inexperiente com um policial sentado ao lado dela em um carro que já viu dias melhores. Pelo menos a garagem consertou o motor de arranque; quando Sigrid a pegou na Repslagar Square, dez minutos atrás, o carro não parecia pior do que qualquer outro Toyota de sua idade.

- Você conseguiu pegar tudo do apartamento? Karen pergunta, ajustando o cinto de segurança, que está cortando sua garganta.

'Tudo o que eu quero manter', Sigrid diz, sacudindo a cabeça para o banco de trás, onde os sacos de papel cheios de roupas disputam espaço com um par de sacos azuis de lona. 'Há mais na inicialização', ela acrescenta, verificando o espelho retrovisor antes de ligar o indicador. 'Você se divertiu? Cheira como você fez. Quanto você tem que beber?

Karen vira lentamente a cabeça e estuda Sigrid com um sorriso zombeteiro.

“Três litros, mamãe”, ela diz. - Sim, ver Kore é sempre adorável. E você é muito gentil em me pegar. O sofá do estúdio de Marike tem limitações no que diz respeito ao conforto. '

'Ele era muito bonito. O da jaqueta de couro, quero dizer.

Sigrid está tentando parecer casual. Ela não teve sucesso.

'Ele é. O namorado dele também, 'Karen responde secamente. 'E agradável.'

'Merda. Isso é uma vergonha.'

'Eirik e eu somos amigos da escola; Eu conheço Kore através dele. '

'E o outro cara? Já o conheço há cem anos, também?'

“Eu não o conheço de jeito nenhum. Mas, aparentemente, Kore e ele são velhos amigos.

- Ele parecia um pouco. . . esfarrapado. Manky, mais ou menos.

Karen não responde.

'Você sabe quem O Grampo são?' ela diz depois de um tempo.

Sigrid olha para ela surpresa.

'Claro que sei quem eles são. Ou foram, para ser mais preciso. Por que você pergunta?'

- Estávamos conversando sobre eles antes, só isso. Aparentemente, eles eram muito grandes.

- Claro, mas eles se separaram há vários anos. Trágico, segundo algumas pessoas, mas não sei. Você tem que parar enquanto está ganhando. '

Karen observa a visão sábia de Sigrid e lança um olhar divertido para ela.

- Então, como você sabe quando está ganhando?

'Você nunca faz isso até que seja tarde demais; que é quando você percebe que deveria ter parado mais cedo.

Quer dizer, eles estavam bem, mas não exatamente para mim.

'O que exatamente é o seu negócio? Hip-hop? Meninos vestidos como crianças em idade pré-escolar com joias enormes. . .? '

Sigrid lança um olhar para ela.

- Vamos, quanto você tem, cem? Você não gosta de rap? '

'Certo. Eu vi John Cooper Clarke em Londres em 84 anos. Eu e um amigo matamos aula por dois dias, pegamos a balsa; Mamãe ficou furiosa. '

- E quem diabos é John Cooper Clarke?

"Imagine Cuba, mas me custou menos para Maj *ooo* rca."

Sigrid lhe lança outro olhar incrédulo.

'O que você está falando?'

'Esqueça. Foi há muito tempo.'

- Desejo - Sigrid exclama de repente. “Uma espécie de mistura de rap, jazz e música africana, mas é muito mais do que isso. Arte e teatro e. . . bem, tudo. Não tem limites, mais ou menos.

'Ânsia? Como em . . . ânsia?'

'Sim. Como todo um conceito. Esse é o ponto, não se limitar ou esperar que algo venha até você. Tudo agora.

Pegue?'

Karen não.

Eles ficam sentados em silêncio enquanto quilômetro após quilômetro de asfalto passa sob o carro. Karen fecha os olhos e deixa sua mente vagar. É bom ter companhia, apenas sentar ao lado de alguém em silêncio.

Mesmo que Sigrid não saiba quem é John Cooper Clarke. Ela o amaria; Karen deveria desenterrar alguns álbuns antigos. É bom não ficar sozinho em casa também - pelo menos por um tempo. Ela prometeu a Sigrid que pode ficar no quarto de hóspedes enquanto reforma a casa que acabou de herdar.

Eles concordaram em não discutir a investigação. Sigrid não vai perguntar, Karen não vai dizer mais do que Sigrid pode ler por si mesma nos jornais.

É estranho, porém, que ela nunca pergunte nada, Karen pondera. Ela não se importa com quem matou sua mãe? Ou ela é simplesmente a filha de um detetive obediente, treinada para não fazer perguntas? E o que a deixou tão implacavelmente furiosa com seus pais? Ela não vai perguntar; se Sigrid quiser conversar, ela terá que tocar no assunto.

Seus pensamentos se voltam sonolentos para Kore. E Leo Friis. Ela os deixou no restaurante quando Sigrid buzinou do outro lado da rua. Eles concordaram que ela pegaria Karen por volta das nove, e ela buzinou com tanta pontualidade que Karen os observou do carro por um tempo antes de se dar a conhecer.

Ela não teve chance de falar com Kore sozinha. Karen tinha mil perguntas a fazer a ele sobre Leo Friis, mas ao contrário de Kore, ela não queria parecer muito curiosa. Ela percebeu que ele era o guitarrista do The Clamp. Ela se lembrava vagamente de algumas de suas canções, mas por alguma razão sempre presumiu que

fossem britânicas ou americanas. Eles foram populares durante um tempo em sua vida quando todas as suas forças foram necessárias apenas para sair da cama pela manhã.

Com o passar dos anos, ela entendeu que, por algum motivo, Doggerland, ou pelo menos Dunker, se tornou uma espécie de centro para a indústria da música, o lar de incontáveis compositores e produtores de sucesso, mas ela nunca acompanhou isso. Kore deu uma olhada em sua coleção de música seis anos atrás, então concluiu com um suspiro que não havia muito para interessar até mesmo os colecionadores de vinil.

Então ele a inundou com listas de reprodução. Os odiosos herdeiros das pretensiosas mix tapes com que os caras a bombardearam durante seus anos de namoro.

'Tem uma música que você precisa ouvir' é uma frase que ainda faz Karen tapar os ouvidos instintivamente.

As listas de reprodução de Kore continham canções gravadas em seu próprio estúdio na KGB Productions e outras coisas que ele achou que ela poderia gostar. E claro, ela os ouve às vezes, embora não tão frequentemente quanto Kore imagina. Pelo contrário, muitas vezes ela busca o silêncio. Jingles de propaganda, música em todas as cenas de cada filme, a constante música de fundo tocando nas lojas, nos restaurantes e nos bares a aborrece.

Mas as festas da KGB costumam ser divertidas; através de Kore, ela conheceu artistas que provavelmente fariam a maioria das pessoas se atrapalharem em busca de seu bloco de autógrafos. Leo Friis não é, até onde ela se lembra, um deles. Por outro lado, ele provavelmente parecia bem diferente alguns anos atrás. Pelo menos a julgar pelo fato de que ninguém parece reconhecer a estrela do rock escondida dentro do vagabundo barbudo. Os únicos olhares que ele recebeu dos outros clientes, tanto no café outro dia quanto hoje à noite no Repet, foram os de desaprovação.

Ele vai direto da área de serviço ao ar livre aquecida de Repet para uma das docas de carregamento esta noite? Karen se pergunta. Por quanto tempo ele consegue dormir na rua? A temperatura ainda está oscilando em torno de zero, mas é uma questão de dias até que a geada mate o que quer que ainda esteja vivo em seu jardim. E provavelmente alguns dos pobres coitados dormindo sob as estrelas, em vez de em um dos abrigos.

"Ele é reservado", Gro Aske disse a ela. 'Um pouco maluco quando se trata de espaços confinados.'

Eu me pergunto se ele está em alguma coisa ou se acabou de ter um colapso, Karen pondera, mas é arrancada de seu devaneio desconexo

quando Sigrid sai da estrada principal e o primeiro buraco em Langeviksvej sacode o carro.

'Você não vai contar pai sobre mim viver com você, você vai?'

Ela se endireita na cadeira e lança um rápido olhar para Sigrid.

- Não, se você não quiser. Você é um adulto. Mas acho que seria bom para você conversar com ele.

Especialmente agora que sua mãe ...

- Você quer falar com ele? Sigrid interrompe. - Meu pai é uma pessoa com quem você se sente bem em conversar?

Sua voz é áspera e desdenhosa, e Karen se lembra de sua primeira entrevista com Sigrid em Gaarda. O

relacionamento que eles construíram nos últimos dias ainda é frágil, essa parede provavelmente pode ser erguida muito rapidamente. Sigrid certamente parece preparada para retirar tijolos e colher de pedreiro.

- Não - Karen responde francamente. 'Ele não é.'

Mas preciso falar com ele. Amanhã. A ordem chegara pouco antes de ela sair do trabalho: o escritório do promotor na prefeitura às nove da manhã de amanhã. O chefe de polícia Viggo Haugen o havia enviado para Jounas Smeed e para ela.

Ela sabe exatamente sobre o que será a reunião.

- Eu vi você ontem à noite no Repet.

O encontro com Viggo Haugen acabou. As coisas esperadas foram ditas e nada mais. Jounas e Karen desceram de elevador e atravessaram o bueiro sob Redehusgate para evitar ter que correr pelo estacionamento na chuva. Agora eles estão parados na garagem da delegacia, esperando o elevador que os levará até o CID.

Quando ela não responde, Jounas Smeed continua:

- Eu estava passando e vi você na área de serviço ao ar livre, em companhia bastante duvidosa, se não se importa que eu diga.

Ainda sem responder, ela aperta o botão do elevador, que já está aceso, irritada.

- Bem, suponho que seus amigos gays estão bem, mas o outro parecia um inferno - continua ele, despreocupado. - Não brinca, ele me lembrou dos caras que andam atrás do mercado. Na verdade, quase pensei tê-lo reconhecido. '

'Você devia ter.'

Jounas Smeed parece perplexo e decide não contar a ele que Leo é o mendigo que lhe deu um álibi.

“Considerando que você tem um olho especial para as pessoas”, ela diz em vez disso, com uma voz cheia de mel. 'Você pode dizer o caráter de uma pessoa imediatamente.'

- Pare com isso, Eiken. Você é um oficial da lei; você realmente acha que é apropriado para você sair na cidade com pessoas como ele? '

'O que posso dizer, eu troquei. Desde Oistra, quero dizer.

Jounas Smeed fica quieto por um ou dois segundos, aparentemente prendendo a respiração. Então ele solta o ar em um suspiro pesado e estala a língua em reprovação.

“Karen, Karen. Sempre com tanta raiva. Sempre tão defensivo. Está começando a ser um problema, você sabe.

"Talvez eu tenha meus motivos."

Finalmente, o elevador apita. Karen entra e em silêncio observa as portas de aço brilhante se fechando.

- Eu entendo que você esteja desapontado com a suspensão da investigação, mas não pode me culpar por isso. No final das contas, é a decisão do promotor e ela e Haugen concordam; temos nosso cara, ele foi preso.

'

'Nós temos *um* cara, que confessou ter quatro assaltos e duas acusações de tentativa de incêndio. Ele não era o único que matou Susanne '.

- E como você pode ter tanta certeza?

- Bem, nunca saberemos agora, certo?

A mensagem era clara: o assassinato de Susanne Smeed está resolvido. Todas as tentativas de encontrar motivos e perpetradores alternativos devem cessar.

- Não, suponho que não vamos - responde Smeed. - Mas, por outro lado, você não apresentou uma única teoria concreta no tempo que tinha.

- Uma semana inteira, você quer dizer?

- Apesar de tudo, pelo menos finalmente capturamos Kvanne, e não graças a você, por falar nisso. Se não fosse por essa informação, ele provavelmente

teve tempo de invadir e atear fogo em mais algumas casas agora. Talvez tenha matado algum outro pobre coitado com o azar de estar em casa.

O elevador apita novamente e eles saem. Quando Karen estende a mão para abrir a porta de vidro fosco com o logotipo da polícia e letras gastas anunciando o domínio do CID, Jounas Smeed coloca a mão no batente da porta, impedindo-a de entrar.

"Você sabe qual é o problema, Eiken, diz ele. 'Björken junta-se o caso Moerbeck para as próximas semanas, antes que ele empurra fora o lar de fraldas mudança. Você vai descontinuar todo o trabalho ativo no caso Langevik e se concentrar em unir o relatório final sobre Kvanne. E você vai manter seus pensamentos para si mesmo lá. Nenhuma palavra.'

Karen Eiken Hornby realmente manteve seus pensamentos para si mesma. Por dois dias inteiros ela resistiu à tentação de falar o que pensa. Ela não disse uma palavra crítica sobre a decisão.

- O promotor realmente acha que ela pode fazer as acusações persistirem? Karl perguntou.

- Parece que sim.

Ou talvez ela não se importe, Karen pensou consigo mesma. Outros casos se acumulavam: agressões, drogas, prostituição. E Moerbeck. Apesar dos esforços conjuntos, nenhum suspeito foi preso. Muito pelo contrário, na verdade; o número de mulheres estupradas e agredidas passou de duas para três, tendo o ataque mais recente ocorrido na madrugada do dia anterior. Ainda apenas uma morte, mas a última vítima, uma mãe de dois filhos, de 27 anos, voltando do turno da noite para casa no Hospital Thysted, está na UTI, o mesmo departamento onde ela estivera trabalhando poucas horas antes.

Por causa da dor de garganta e do aumento da temperatura, Greta Hansen terminou seu turno cedo às quatro e meia da manhã e foi enviada para Atlasvägen em Odinswalla em um táxi pela enfermeira-chefe. Irritado por ter que dirigir um cliente visivelmente doente em seu último dia de trabalho antes de deixar aquele inferno chuvoso por três merecidas semanas na Tailândia, o taxista queimara borracha assim que Greta

descia e fechava a porta. Seu marido, Finn Hansen, editor do jornal *Nya Dagbladet* , dormia profundamente em seu apartamento recém-reformado e lindamente decorado no terceiro andar, sem saber que um homem estava

enfiando uma garrafa quebrada em sua esposa em um arbusto ao lado do construção.

A notícia de que o perpetrador se aventurou a sair de Moerbeck em desvantagem social, expandindo seus campos de caça para a classe média de Odinswalla, agitou a mídia em um frenesi.

A condenação da polícia na conferência de imprensa de ontem foi unânime; a polícia havia claramente colocado os prometidos policiais uniformizados e à paisana nos lugares errados. Eles não haviam considerado a possibilidade de o perpetrador mudar seus campos de caça? A polícia conseguiu garantir a segurança do público? O que eles disseram às mulheres assustadas da cidade? O próprio Haugen estava feliz com os esforços da polícia até agora? Ele havia considerado renunciar? O que disse o Ministro do Interior?

Colegas estão atacando uns aos outros; todos parecem pálidos e determinados, as horas extras registradas estão deixando o RH nervoso. O quartel-general da polícia de Dunker está fervendo de frustração por outra mulher ter sido atacada, por eles não terem recursos para manter uma presença policial em todas as malditas ruas, por o desgraçado ainda estar à solta. E, além de tudo isso, o medo constante de que possa acontecer novamente. Talvez à noite.

A notícia de que uma prisão foi finalmente feita no caso Langevik mal chega aos jornais, mas qualquer indício de que eles podem ter o cara errado iria desencadear uma tempestade na mídia. Linus Kvanne simplesmente precisa ser considerado culpado. Além disso, é uma realidade grosseira que nem a Autoridade Policial Dogger nem o Ministério Público tenham recursos para mais de um caso de destaque ao mesmo tempo.

A verdade é que Haugen provavelmente deu as boas-vindas ao caso Moerbeck como uma chance de se redimir. Exatamente o que eles precisavam; um caso bem definido, um investigador-chefe competente e algum trabalho policial antiquado. A ordem logo seria restaurada.

Karen decide que ele provavelmente não está mais tão confiante.

Mas ela não diz nada. Karen Eiken Hornby é versada na arte de manter seus pensamentos para si mesma.

*

Isso não a impede, no entanto, de olhar para o escritório de seu chefe duas horas depois, antes de pegar o telefone.

- Não, mamãe ainda não voltou - diz Mette Brinckmann-Grahn, agora com um toque de irritação na voz.

'Quantas vezes você vai perguntar?'

- E você ainda não ouviu falar dela?

Mette Brinckmann-Grahn dá um suspiro.

- Como eu disse, ela ligou de Bilbao anteontem e disse que voltaria assim que conseguisse um voo barato.

Mas, sério, eu já expliquei tudo isso para o seu colega. '

Karen amaldiçoa sua falta de sueco. Ela deve ter ouvido errado.

'O que você quer dizer? Para quem você explicou?

- O outro policial que ligou esta manhã. O celular de mamãe tocava sem parar e, no final, atendi; percebi que pode ser importante. Mas ela apenas fez as mesmas perguntas que você. Queria entrar em contato com mamãe e

saber quando ela estaria de volta. Vocês policiais não falam uns com os outros?

*

Por uma fração de segundo, o mundo está girando. Uma colega? Astrid Nielsen poderia ter tentado falar com Disa sem contar a ela? Não, ela foi transferida para o caso de Smeed agora e não terá tempo para mais nada.

E Astrid definitivamente teria informado Karen se por algum motivo desconhecido ela tivesse feito algo assim.

- Essa outra mulher com quem você falou, ela realmente disse que trabalhava para a polícia? Quer dizer, explicitamente? '

Mette fica quieta por um momento e então diz com um tom de surpresa genuína:

- Não, agora que você mencionou, talvez ela não tenha mencionado. Mas ela se apresentou e parecia muito formal. E ela parecia muito com você.

'Como eu? O que você quer dizer?'

'Bem, ela tinha aqueles espessura *l* s e *r* é que você tem. E as mesmas perguntas, como eu disse.

Provavelmente presumi que ela trabalhava para a polícia.

Mette Brinckmann-Grahn fica em silêncio novamente. Então ela diz:

- Pensando bem, ela poderia muito bem ser britânica. Ou talvez americano. O que também faz sentido com o nome dela. Anne Crosby, ela disse que sim.

«Anne Crosby. E você tem certeza disso? '

- Claro, tenho anotado aqui com o número dela e tudo. Prometi que ligaria para ela assim que tivesse notícias de mamãe.

Karen fecha os olhos antes de fazer a próxima pergunta.

'E você fez? Você ligou para Anne Crosby e disse que sua mãe está voltando para casa?

'Claro! Pensei em ligar para você também, mas achei que um telefonema para a polícia fosse o suficiente.

Achei que Anne Crosby poderia te informar. Eu disse que ela deveria.

Mette Brinckmann só agora parece perceber seu erro.

'Bem, eu pensei. . . Eu apenas presumi isso. . . De qualquer forma, não importa, 'ela acrescenta em um tom desafiador. - Mamãe ainda não voltou.

66

Quem diabos é Anne Crosby? Karen se pergunta enquanto desiste após oito toques e joga o telefone na mesa.

Mette Brinckmann-Grahn tinha, muito gentilmente e sem protesto, lido o número de telefone de Anne Crosby, dígito por dígito, em sueco e inglês para garantir que não houvesse falha de comunicação. Karen discou o número no momento em que desligou. Dez bipes, sem resposta, sem correio de voz. Depois de cinco minutos, ela faz outra tentativa e mais oito bipes sem resultado.

Agora ela pega o mouse e observa enquanto o movimento perpétuo do protetor de tela, que induz a ansiedade, é substituído pelo logotipo da polícia Dogger. São necessárias duas pesquisas rápidas para estabelecer que não há ninguém com o nome de Anne Crosby na República Dogger, mas que o número de mulheres chamadas Anne Crosby globalmente parece infinito. Uma terceira busca, desta vez pelo número de telefone. Sem acertos. Provavelmente um SIM pré-pago, ela conclui desanimada.

Ela se levanta para chamar Karl Björken, mas muda de ideia e afunda de volta na cadeira do escritório.

Rapidamente, e com uma sensação estranha que seu chefe está observando, ela abre o arquivo do caso de Susanne Smeed, encontra o resumo da investigação técnica de Cornelis Loots e rola para baixo até as conclusões do departamento de TI. Quarenta e cinco segundos depois, ela olhou da tela para o celular e vice-versa várias vezes.

Mais uma tentativa, mais oito sinais sem resultado. Irritada, ela disca o número de telefone dos Connors e é saudada pela voz de Brandon Connor após quatro toques:

“Janet e eu temos coisas melhores a fazer do que atender o telefone no momento. Deixe uma mensagem e nós ligaremos de volta. '

Ela faz o que ela disse.

Outro olhar para Smeed; ele está ao telefone com alguém; a julgar por sua expressão facial, não é uma boa notícia.

Smeed e Haugen podem ir se foder, ela pensa, pega sua jaqueta e vai até Karl Björken.

'Almoço? Por minha conta. '

*

Quinze minutos depois, Karl encosta a faca na batata que espetou no garfo e remove a casca fina com a ajuda do polegar. Eles foram a um dos melhores restaurantes de Dunker, em Parkvej, em Norrebro. Mais de um quilômetro de distância de segurança reconfortante da estação. Isso vai prejudicar sua carteira, Karen percebe.

"Última *kelpis* do ano", diz Karl, admirando reverentemente a raiz comum. - Caro, mas vale cada xelim, se quer saber.

- Os primeiros do ano são melhores - retruca Karen, tirando a jaqueta. - Mas, de qualquer forma, eles não têm o gosto de antes. Hoje em dia está tudo industrializado; caminhões gigantes cheios de uma papa de algas verdes que espalham nos campos. Eu gostaria que você pudesse ter saboreado aqueles que meu avô cresceu em Noorö. Nada além de bladderwrack, bem nas fendas do penhasco.

"Qualquer *kelpis* é melhor do que nada", diz Karl, pescando outra batata da tigela e colocando-a ao lado de um pedaço de pregado da espessura de um dedo. 'Não posso me culpar por aproveitar a oportunidade quando outra

pessoa está pagando. Posso perguntar por que essa generosidade repentina, aliás? Você teve sorte na pista ou algo assim? '

'Achei que era a maneira mais rápida para você sozinho', diz ela dourly. 'Você é dificilmente o tipo de fazer perguntas quando alguém ondas seu talão de cheques em todo, não é?'

Karl sorri presunçosamente e enfia na boca meia batata coberta com um pedaço considerável de pregado e manteiga derretida.

“Smeed não ficaria muito satisfeito se descobrisse que estou almoçando por muito tempo”, diz ele entre mordidas. - Eu deveria estar trabalhando no caso dele, não sentado aqui com você. Eu estava lendo sobre essa merda quando você veio trovejando. É uma leitura horrível, posso te dizer.

'Bom, então você precisa de uma pausa. Um almoço amigável, apenas dois colegas conversando. O que ele poderia ter contra isso? '

- Pare com isso, Eiken; você nunca me compraria um almoço a menos que estivesse atrás de alguma coisa.

Apenas me diga do que se trata. '

Karen rapidamente olha ao redor da sala cheia e se inclina para frente.

'Eu liguei para Mette Brinckmann-Grahn novamente', diz ela.

- Achei que você deveria se concentrar em Kvanne. Guarde seus pensamentos para si mesmo e não cause problemas. '

Karen continua sem comentários:

- Só queria saber se ela teve notícias da mãe. Disa disse que voltaria esta semana.

'Tudo bem. Ela também? Teve notícias da mãe dela, quero dizer?

- Sim, aparentemente ela está finalmente voltando para casa. Mas ela me disse que eu não era a única pessoa tentando falar com Disa Brinckmann.

"Eu certamente espero que a Autoridade Policial Dogger não seja o único ponto de contato da velha com o mundo."

Karen ignora seu tom sarcástico.

- Aparentemente, outra mulher ligou sobre a mesma coisa. Ela se apresentou como Anne Crosby e deixou seu número. A filha achava que trabalhava para a polícia Dogger. Ela não afirmou, mas aparentemente não corrigiu o equívoco da filha também. Mette Brinckmann-Grahn ficou bastante aborrecida por ter de explicar a mesma coisa a vários policiais, disse ela.

- Sua comida está esfriando - disse Karl, apontando para as costeletas de cordeiro intocadas no prato de Karen.

Ela obedientemente corta um pedaço e o coloca na boca. Mastiga e espera que Karl lance de volta a bola que ela serviu para ele.

“Tudo bem”, ele diz depois de um tempo. “Anne Crosby, você diz. E quem é esse?'

- Sim, estou me perguntando a mesma coisa. Tentei ligar, mas ninguém atende.

'Emocionante. Mesmo. Uma mulher que não conhecemos ligou para alguém que provavelmente não tem nada a ver com a investigação.

Karl Björken lança um olhar cético para ela por cima do copo enquanto bebe sua cerveja. Sem tirar os olhos dos dele, Karen se curva para o lado, remexe na bolsa no chão e tira um pedaço de papel. Sem dizer uma palavra, ela o desdobra e o coloca ao lado do prato de Karl.

'Bem', diz ele, depois de folhear as informações sobre ele. - Não fez diferença no caso Smeed, mas você tem que dar a ele, Cornelis Loots é meticuloso. Espero que ele seja tão completo com as informações de Moerbeck. Vamos precisar disso se quisermos alguma chance de pegar aquele bastardo.

Karl volta sua atenção para o prato.

Sem comentários, Karen coloca o telefone do outro lado do prato. A tela mostra o número discado mais recentemente.

Karl Björken parou de mastigar. Então ele se recosta na cadeira e encontra os olhos dela.

'Droga', diz ele. - Portanto, o mistério do desconhecido SIM pré-pago foi resolvido. O que você vai fazer agora?'

'Não sei. Mas eu tenho que acompanhar de alguma forma. Em primeiro lugar, este Anne Crosby chama Susanne duas vezes em junho e novamente em 27 de setembro. Apenas dois dias antes de ser morta. E agora ela está tentando alcançar Disa Brinckmann. Ela tentando entrar em contato com duas pessoas ligadas ao caso dificilmente pode ser uma coincidência.'

'Ou talvez isso é exatamente o que é,' Karl contadores calmamente. 'Pura coincidência, eu quero dizer.'

Karen lança um olhar duvidoso para ele.

“Ou, mais precisamente”, acrescenta, “Disa Brinckmann não está realmente ligada ao caso. Apenas um nome que surgiu. '

'Um nome que surgiu durante o mapeamento dos antecedentes da vítima.'

- É por isso que a mesma pessoa que estender a mão para Susanne e Disa é provavelmente irrelevante. Esta Anne Crosby provavelmente só conhece os

dois. Todos os casos estão cheios de coincidências que não têm qualquer relação com o caso em si. '

- Se isso for verdade, é uma coincidência muito estranha. Afinal, Disa e Susanne não se conheciam. Susanne mal tinha nascido quando Disa deixou a ilha.

- Tudo bem, mas Disa conhecia os pais dela. Esta Anne Crosby provavelmente está ligada à comuna de uma forma ou de outra; conheceu um dos membros ou talvez tenha vivido lá ela mesma por um tempo, o que eu sei? Muitas pessoas devem ter ido e vindo. Você perguntou a Brandon e Janet Connor?

- Ainda não, mas deixei uma mensagem na máquina deles. Agora estou pensando em enviar uma mensagem de texto para o celular de Anne Crosby. Pedindo-lhe para contactar-me.'

'Bem, porque não? Aparentemente, a filha de Disa já a informou que a polícia estava tentando entrar em contato com Disa de qualquer maneira. E devo admitir que é um pouco estranho que Anne Crosby não tenha esclarecido aquele pequeno mal-entendido de imediato. Por outro lado, talvez ela não tivesse ideia do que Mette estava falando; aquele dialeto sueco do sul é incrivelmente incompreensível.

- Então você acha que eu deveria mandar uma mensagem para ela? Mesmo tendo recebido ordens para me concentrar em Kvanne?

Karen coloca o polegar no botão enviar.

'O que você está me pedindo? Você já se decidiu.

Ouve-se um sinal sonoro quando a mensagem é enviada. Karen vira o telefone para permitir que Karl leia a mensagem curta dizendo que a polícia de Doggerland está tentando entrar em contato com Anne Crosby, pedindo

a ela que entre em contato com o Dunker CID imediatamente neste número. Ele balança a cabeça lentamente.

- Smeed ficará louco quando perceber que você ainda está trabalhando nisso.

- Mas ele não vai descobrir. Ele vai?'

'Não de mim, não. Fico perfeitamente feliz em permitir que você tenha o grande prazer de contar a ele você mesmo. Se Anne Crosby voltar a falar com você, você vai precisar, eu acho. Por outro lado, ela só vai ligar se *não* tiver nada a ver com o assassinato.

67

Langevik, 1971

'Não adianta; se não conseguirmos fazer a amamentação funcionar, ela não vai aguentar '.

Disa larga a mamadeira com a fórmula odiosa, enxuga a testa com o pulso e coloca o bebê em seu ombro.

Ficou claro para ela depois do primeiro dia que uma mistura de leite, farinha e um monte de manteiga não resolveria. Não neste caso. E ela viu os olhares que eles lhe deram, viu a centelha de dúvida quando disse a Per para ir à farmácia em Dunker para comprar fórmula. Nestlé. O próprio nome já era uma afronta, a exploração do terceiro mundo, a raquete sem vergonha. Era um símbolo primordial da predação capitalista.

Mas ele foi e ele comprou. E agora eles venderam suas almas ao diabo e eles não tinham nada para mostrar por isso.

*

Três dias agora. Os olhos e o estômago de Disa doem de preocupação e falta de sono. Três dias e Ingela ainda não sai da cama. Apenas fica deitada com os olhos fechados, mesmo quando está acordada. E os outros estão andando na ponta dos pés com sua estranheza, sua falta de experiência, seu desamparo total.

A raiva surge inesperadamente dentro de Disa. Eles são como crianças, todos eles. Crianças estúpidas em corpos adultos. Eles colocaram toda a fé nela, presumiram que ela vai cuidar de tudo, resolver todos os seus problemas. Disa, a calma, a segura. Aquele com o conhecimento antigo; os velhos remédios, os velhos tratamentos. Disa, mãe terra, parteira. E por que você precisaria de um hospital para algo tão natural quanto o parto?

Ela foi capaz de distinguir dois batimentos cardíacos na semana dezenove. Que Tomas não poderia ser o pai ficara claro para ela ainda antes. Talvez antes mesmo de a própria Ingela enfrentar a verdade. Disa tinha visto Ingela e Per, descobriu o que Tomas fingiu não saber. Ela sabe quando as crianças devem ter sido concebidas e que Tomas estava longe de Langevik.

"Você precisa contar a ele", ela disse. - Tanto Tomas quanto Per têm o direito de saber. E Anne-Marie -

acrescentou ela, percebendo que isso mudaria tudo.

E no final, Per tinha dito a sua esposa a verdade cruel. Que ele tinha sido infiel. Que as crianças Ingela estava esperando eram dele. Que ele ia ser pai, enquanto Anne-Marie provavelmente não ter filhos. Talvez eles todos sabido que, em seguida, quando ouviram sua comovente soluços do primeiro andar, sabido que este era o começo do fim. Percebi que muito antes de a gritar e gritar transformado em gelado silêncio. Ou será que ela só ocorreu-los nas semanas que se seguiram, quando sua preocupação com Anne-Marie havia lentamente se transformou em desespero?

Talvez tenha sido então que a desagradável percepção de que a ideia de compartilhar tudo era bela na teoria, mas horrível na prática, se apoderou deles. Quando todos eles secretamente acharam a reação de Anne-Marie mais fácil de relacionar do que a indiferença de Tomas. Quando sua admiração por sua capacidade de perdoar e esquecer aos poucos se transformou em desprezo. Por que ele não estava furioso? Será que ele realmente perdoar Ingela e Per? Não foi ele um homem de verdade - ele era - o pensamento era tão proibido quanto era impossível suprimir?

Um após o outro, eles abandonaram seu sonho compartilhado. Theo havia voltado para Amsterdã apenas algumas semanas depois que o idílio foi destruído. Brandon e Janet agüentaram mais um pouco. Suportou a dor de

Anne-Marie e as orgias de vinho tinto movidas a remorso de Per. Suportou a serenidade incompreensível de Tomas diante de tudo desmoronando ao seu redor. Suportou a visão da barriga crescendo de Ingela, como um lembrete constante de que nada iria melhorar. Desta vez, o problema não iria embora eventualmente.

No final, Brandon encontrou Janet perto do porto em uma manhã gelada de fevereiro, sentada sozinha em um poste de amarração.

- Vou embora amanhã - disse ela. 'Você está vindo comigo?'

'Para onde?' ele perguntou.

'Qualquer lugar.'

E então, eles desistiram também, e deixaram a comuna.

Mas Disa havia ficado. Sempre zelosa, ela agüentaria até depois que os filhos finalmente nascessem; ela tinha prometido a eles que faria. Então, ela prometeu a si mesma, ela iria deixar este pesadelo também.

*

Quando o trabalho de parto finalmente começou, a esperança voltou como uma espécie de reflexo inato.

Talvez as coisas melhorem quando as crianças chegarem. Quando a vida enche a casa mais uma vez. Ingela havia seguido suas instruções mecanicamente: respire, não empurre ainda, espere, espere. . . Agora!

E Tomas tinha sentado ao seu lado o tempo todo. Tomas, não Per. Talvez essa fosse a sua vingança, afinal. A única pequena demonstração de força permitiu-se; fechando por fora. Ele, Tomas, ia ser um para ver as crianças nascidas, mesmo que eles não eram dele.

E isso aconteceu com uma rapidez surpreendente; a primeira criança estava fora apenas um par de horas após a primeira contração. Saudável e forte, a menina chorou depois de uma massagem suave com uma toalha.

Então Disa tinha percebido que algo estava errado. Ingela de repente ficar sem força e entrou em um estado apáticos. Fazia quase uma hora antes de tudo finalmente acabou e a outra menina estava fora. Exausto e mole, metade do tamanho de sua irmã. Disa tinha ouvido falar de tais coisas durante a sua formação; que às vezes um gêmeo rouba muito da nutrição no útero o outro é atrofiado. E com certeza, ela tinha lido sobre as mães que eram incapazes de se relacionar com seus filhos, mulheres que em vez da alegria da maternidade experimentaram depressão profunda. Ela tinha ouvido e lido, mas nunca encontrou-lo.

*

Três dias agora. Três dias de preocupação. Da criança que não come, da Ingela que parece não ligar para nenhum dos filhos. E pela primeira vez desde que decidiu ser parteira, Disa Brinckmann gostaria de estar internada.

“Isso não vai dar certo”, ela diz novamente. 'Nós precisamos de ajuda.'

Ela ergue os olhos para os outros. Os olhos de Tomas estão desanimados. Per's estão ansiosamente indo e voltando. E Anne-Marie, que está segurando a outra menina nos braços. Disa a estuda e se pergunta por um momento se ela percebe que a criança não é dela. Anne-Marie pareceu reviver no momento em que Ingela caiu em apatia. Ela cuidou da menina saudável, embalou-a, alimentou-a, acalmou-a e cuidou dela como se fosse sua própria carne e sangue. Agora ela olha para Disa sem compreender antes de voltar sua atenção para

a criança, pressionando-a para mais perto enquanto observa sua boquinha chupar o bico de borracha da mamadeira.

'Ela come. Quando eu a alimentar ', ela diz.

- Melody tem, sim, mas Happy não está ganhando peso o suficiente. Não posso mais ser responsável por isso, precisamos levá-la ao médico. Ingela também precisa de ajuda. Todos vocês sabem que algo está errado, ela nem tem força para segurar os bebês. '

Per se levanta tão rápido que sua cadeira tomba para trás com estrondo.

“Eles são meus filhos”, diz ele. - Você não pode simplesmente pegá-los.

O silêncio engolfa a cozinha. segundos intermináveis, respiração ansiosa, pensamentos impossíveis. Então Disa se inclina sobre a mesa.

- Depende de você, Tomas: ou levo Ingela e Happy ao hospital em Dunker ou vamos pegar a balsa de volta para a Suécia esta noite.

Anne-Marie se levanta sem dizer palavra, coloca a garrafa na mesa e sai da sala com Melody nos braços.

Tomas a observa ir embora e então se vira para Disa.

“Vamos para casa”, ele diz baixinho.

68

Karen sai do Hare and Crow, com o rosto sério. Ela entra no carro e encosta a testa no volante. Ela está errada.

Tão incrivelmente errado.

As últimas vinte e quatro horas foram preenchidas com papelada, telefonemas para a promotoria e constantes olhares para o telefone. Anne Crosby não voltou para ela. Nem Disa Brinckmann.

Ela realizou outra entrevista infrutífera com Linus Kvanne, que também estava com suas afirmações. Sim, ele confessa a todas as quatro assaltos. Sim, ele tentou atearam fogo às casas em Thorsvik e Grunder, mas ele não recebe o que é o grande problema. Ninguém estava em casa; ele sabia que quando começou o fogo. Tudo bem, mas, em seguida, as leis precisam ser mudadas!

E não, ele não matou Susanne Smeed; ele nunca em sua vida sequer pôs os pés no maldito Langevik esquecido por Deus ou como quer que se chame.

*

A última parte só foi refutada trinta minutos depois que Karen saiu da sala de interrogatório. Sören Larsen ligou do laboratório às quatro para as quatro da tarde, desculpando-se vagamente pela quantidade de trabalho envolvida na investigação de Moerbeck, atrasando os resultados pelos quais Karen estava esperando.

Ela ouviu sem comentar quando ele continuou.

“O celular de Kvanne ficou conectado a um dos mastros em Langevik por quase onze horas, das 22h31 às 9h24”, Larsen disse a ela, sem se importar em esconder sua alegria. - Aquele pobre coitado deve ter passado toda

Oistra naquele buraco esquecido por Deus. Você mora em Langevik, o que diabos há para uma pessoa chegar lá?

"Não muito", respondeu Karen. "Não muito, infelizmente."

"Claro, ele estava aqui", Arild Rasmussen confirmou quando ela lhe mostrou a foto de Linus Kvanne algumas horas depois no Hare and Crow.

'Ele estava sentado no canto ali, falando ao telefone a noite toda. Fiquei dentro de casa, embora fosse uma noite quente e todos os outros estivessem do lado de fora. Bêbado como um gambá, ele também; Tive que expulsá-lo pessoalmente por volta das três. Não, quero dizer doze, obviamente. . . '

- Não me importa quanto tempo você ficou aberto, Arild. Mas os horários podem ser importantes. '

'Tudo bem, ele foi o último a sair, logo após três. Foi trimestre passado pelo tempo que eu tenho até o apartamento.'

- Você sabe para onde ele foi depois disso?

'Nenhuma idéia. Ele perguntou se eu tinha um quarto, mas como você sabe, não tenho mais. Presumo que ele dormiu no carro.

'Ele tinha um carro? Você está dizendo que viu?

Arild Rasmussen tem que refletir sobre isso por um segundo.

- Não, acho que não, mas ele deve ter tido um. Como em nome do céu ele teria chegado aqui de outra forma?

'

*

Sim, essa é a questão, ela pensa agora, com a cabeça apoiada no volante. Como Linus Kvanne conseguiu percorrer quase trinta quilômetros da

pedreira onde a motocicleta roubada foi encontrada, até a lebre e o corvo em Langevik? Ele provavelmente tinha um carro quando deixou Langevik: um Toyota com um motor de arranque briguento.

Nunca na minha vida sequer coloquei os pés em Langevik . O pequeno idiota mentiu na cara dela e ela acreditou nele. Karen geme alto.

Vou ter que verificar cada ligação que ele fez e falar com todos que estavam aqui naquela noite, ela resolve e levanta a cabeça de volta. Alguém deve ter visto para onde ele foi depois que o pub fechou.

Maldito Sören, se ele a deixasse saber um pouco mais cedo. Mas, ao pensar nisso, ela percebe que não há motivo para transferir a culpa para outra pessoa. Sua própria teimosia e recusa em aceitar fatos irrefutáveis levaram a essa situação. Trinta e seis preciosas horas, que ela poderia ter passado examinando Linus Kvanne em vez de farejar uma velha comuna hippie dos anos setenta.

Com outro suspiro pesado, ela afivela o cinto de segurança, gira a chave e liga o carro.

Mais uma vez, heavenly cheira cumprimentá-la como ela pisa pela porta da frente de sua antiga casa de pedra. Sigrid vem trote descendo as escadas com uma toalha enrolada seu cabelo.

'Deus, isso é bom', diz ela. - Espero não ter espalhado tinta no banheiro. Você sabia que eles vendem tintura de cabelo na loja de ferragens?

Ela se inclina, deixa a toalha se desenrolar e esfrega o cabelo negro e úmido.

Karen olha a toalha manchada com cansaço.

- Oh, meu Deus - exclama Sigrid. - Mas, em vez disso, posso dar a você um dos de mamãe; ela tem cerca de mil. '

'Não se preocupe com isso. O que tem para o jantar? Tem um cheiro incrível. '

'Coq Au Vin. Mais ou menos, pelo menos. Roubei uma garrafa da despensa. Será que você sabe que há um fazendeiro pela estrada para Grene que vende organicamente levantadas galinha?'

Karen solta um bufo divertido.

'Você está falando sobre Johar Iversen? Não acho que ele saiba soletrar não tóxico. vermes mesmo não vai chegar perto de sua couve.'

Sigrid parece desapontada.

'Apenas alimentação orgânica e galinhas caipiras, que é o que ele me disse. Eu comprei ovos, também.'

- Claro - diz Karen -, eles são caipiras, tudo bem. As galinhas do velho Johar correm soltas pelas estradas lá em cima. Provavelmente atropelei pelo

menos três. Não se aborreça, estou exagerando ', acrescenta ela ao notar a expressão de horror de Sigrid. - Tive um dia ruim no trabalho.

- Isso tem a ver com a mamãe? Sei que não devemos falar sobre isso, mas disse nos jornais que você prendeu um suspeito.

Karen hesita. O fato de Sigrid ficar com ela baseia-se na evitação mútua cuidadosa de dois assuntos: sua mãe. E seu pai.

- OK, sim, é verdade. E muitas coisas apontam para ele ser o cara certo, isso eu posso te dizer. Mas antes de termos 100 por cento de certeza, não vou discutir quem ele é ou por que está detido.

Só espero que você não o conheça, ela pensa de repente. Certo, Linus Kvanne é alguns anos mais velho que Sigrid e eles não parecem viajar nos mesmos círculos, mas ele mora em Gaarda, a apenas alguns quarteirões do apartamento de Samuel Nesbö.

*

A versão de coq au vin de Sigrid é simplificada, para dizer o mínimo. Frango e vinho. Em vez de se preocupar com coisas como bacon, cogumelos castanhos e chalotas, ela acrescentou uma lata de feijão e jogou alguns dentes de alho perto do fim para garantir. O gosto é surpreendentemente bom, uma vez que Karen polvilhou com um pouco de sal e pimenta. Mais importante ainda, outra pessoa cozinhou. Eu provavelmente ficaria feliz comendo feno, desde que outra pessoa o servisse. Ela enxuga o resto do molho com um pedaço de pão.

“Se você colocar o café, eu lavo a louça”, ela diz, pondo-se de pé.

Só então, seu telefone toca.

Karen enxuga os dedos na calça jeans, sai para o corredor e tira o telefone do bolso da jaqueta. Sem verificar o número, ela atende no tom seco de

quem espera um vendedor do outro lado da linha.

'Eiken.'

'Este é Brandon Connor. Acho que precisamos conversar. '

O cheiro de cominho é tão forte quanto da última vez, a cozinha tão caseira, a mesa tão convidativa.

Exteriormente, Janet e Brandon parecem tão relaxados quanto antes, mas desta vez, a cozinha está repleta de uma tensão palpável. Karen nota o casal trocando olhares nervosos enquanto colocam o bule e as xícaras.

Ela não deveria ter vindo aqui, deveria ter explicado ao telefone que a polícia não está mais interessada no que aconteceu em sua comuna há meio século. Desta vez, ela não perde tempo com conversa fiada.

- Você tem algo para me dizer?

Outro olhar trocado, como se estivessem se checando pela última vez. Então Janet acena para Brandon começar.

“Não fomos totalmente francos com você antes”, diz ele. - Mas decidimos quebrar nossa promessa e contar a você o que sabemos.

'Promessa, para quem?'

“Para Disa. Ela se manteve calada sobre tudo todos esses anos, até que Tomas morreu.

- Então, você manteve contato com Disa Brinckmann, afinal.

Brandon acena com a cabeça.

“Ligado e desligado, você pode dizer. Mas sim, mantivemos contato. Ela esteve aqui apenas no verão passado. Foi quando ela nos contou tudo. Não aguentava mais guardar isso para si mesma, disse ela.

Karen espera sem falar enquanto Brandon toma um gole de chá, parecendo estar pensando em como proceder. Então ele coloca sua xícara na mesa,

respira fundo e continua.

- Então, isso aconteceu depois que Janet e eu saímos da fazenda. Só estou contando o que Disa nos contou.

Não sabemos mais nada. '

Karen acena com a cabeça.

“Como você sabe, Disa era parteira e Ingela engravidou novamente durante nosso tempo na Fazenda Lothorp”, diz Brandon. 'Disa foi quem a ajudou a dar à luz. Ir para um hospital estava fora de questão, por vários motivos.

'Tal como?'

'Bem, em parte porque todos na comuna tinham fortes sentimentos sobre as mulheres que dão à luz em casa, sem drogas que podem prejudicar o bebê. Mas também porque não fazíamos parte da comunidade; nenhum de nós nasceu aqui, nenhum de nós tinha raízes na ilha. Bem, exceto Anne-Marie, mas como ela cresceu na Suécia e nunca conheceu seu avô, ela também era considerada uma estranha. Não tínhamos contato com as autoridades e, sinceramente, nem sei se teriam ajudado Ingela se ela tivesse ido para o hospital.

Eles teriam, Karen sabe. Ninguém teria rejeitado uma mulher em trabalho de parto, nem mesmo naquela época. Em voz alta, ela diz:

- Então ela também deve ter ajudado no nascimento de Anne-Marie, suponho? Susanne nasceu em abril de setenta e um; eles deviam estar grávidos mais ou menos na mesma época, certo?

'Anne-Marie nunca esteve grávida,' Brandon diz calmamente. "Susanne era filha de Ingela."

Ele se recosta na cadeira com um suspiro pesado e gesticula para Janet assumir. Ela acaricia a bochecha do marido, depois se inclina para a frente e põe os cotovelos na mesa.

“Todos nós sabíamos que Per e Anne-Marie não podiam ter filhos. Ela teve vários abortos espontâneos na Suécia; o último quase a matou. Foi um dos motivos pelos quais ela e Per se mudaram para cá, para começar do zero, para encontrar um tipo de comunidade que não foi construída em torno da família nuclear.

Janet pega o pote de mel e deixa uma colher cheia pingar em sua xícara. Karen recusou a oferta de chá, determinada a manter esta visita curta. Ela agora percebe que ela está errada. Novamente.

“No início funcionou”, continua Janet. "Anne-Marie poderia ser uma mãe suplementar tanto para a filha de Disa, Mette, quanto para os filhos de Tomas e Ingela, mas claramente doía saber que nenhum dos filhos era dela."

Janet faz uma pausa e bebe seu chá.

“A ironia disso tudo é que, entre nós, Anne-Marie era, talvez com exceção de Disa, a que mais amava as crianças. A verdade é que ela cuidava mais dos meninos do que Ingela; brincando, confortando, levantando no meio da noite. Ingela deu à luz e amamentou, mas aí acabou o envolvimento dela. O resto foi trabalho de Tomas, com a ajuda de Anne-Marie.

“E então Ingela engravidou de novo”, diz Karen. - Enquanto Anne-Marie ainda não tinha filhos. E foi isso que causou sua depressão.

"Não apenas isso, infelizmente", diz Janet, olhando rapidamente para o marido, como se procurasse apoio.

Mas os olhos de Brandon estão fixos no tampo da mesa. Janet suspira e abre as mãos em um gesto de resignação.

- Desta vez, Per era o pai.

Karen sente seu estômago se contrair e a náusea subir pela garganta. A dor combinada de não ser capaz de conceber, de crianças que vêm ao mundo indesejadas e de crianças pertencentes a outra pessoa. Sem falar na tristeza quando crianças morrem. Crianças que eram bem-vindas e amadas, mas que eram arrebatadas, entre uma respiração e outra. Essas pessoas que têm filho após filho, sem nenhum sentimento de admiração pelo milagre disso. E aqueles que ficam de fora.

Anne-Marie não apenas foi forçada a aceitar que seu marido havia sido infiel. Ele estava tendo um bebê com outra mulher. Enquanto ela lutava com sua própria dor por nunca ter se tornado mãe, seu marido seria pai. E

tudo tinha acontecido bem na frente dela, na casa que deveria ser seu porto seguro.

- Vá em frente - Karen diz categoricamente.

Janet lança um olhar rápido para ela, empurra o bule e uma xícara vazia na direção de seu convidado e continua.

- Como disse Brandon, tínhamos saído da fazenda quando Ingela deu à luz, então o que estamos contando agora é o que Disa nos contou quando nos visitou no verão passado. Antes, não sabíamos; ela nunca disse uma palavra até a morte de Tomas.

Karen acena com a cabeça.

- Então Ingela deixou Susanne com Per quando eles voltaram para a Suécia? Bem, ele era o pai dela, então talvez isso não seja totalmente

surpreendente ', diz ela.

Prefiro arrancar meu próprio braço do que deixar meu filho, ela pensa internamente.

'Eles deixaram um filho. Ingela e Tomas trouxeram o outro com eles de volta para a Suécia. '

A cozinha está mortalmente silenciosa. Dois filhos. Nenhum. E, no entanto, não é a revelação de que Susanne tinha uma irmã que abala Karen. Ela se atrapalha desesperadamente por qualquer tipo de lógica no que Janet acabou de dizer a ela. Para separar irmãos, mantendo um e desistindo do outro. Para escolher um e rejeitar o outro.

“Aparentemente, eles tiveram que sair rapidamente”, diz Janet. 'Uma das crianças estava fraca desde o início e precisava de mais cuidados do que Disa poderia fornecer. Ingela estava em mau estado e incapaz de se relacionar com nenhum dos filhos. Tentaram fazê-la amamentar, mas não deu certo e a menina mais fraca continuava perdendo peso, apesar das tentativas de dar fórmula. No final, eles decidiram deixar a fazenda e voltar para a Suécia. Acho que eles tomaram a decisão poucos dias após o nascimento.

- Sem Susanne?

Janet acena com a cabeça.

- Sem Susanne. Ou Melody, como a chamavam naquela época. Melodia e feliz. '

Com um olhar suplicante, Janet pede ao marido que assuma. Trair a confiança de Disa é claramente angustiante para os dois. O fato de ela ser uma policial obviamente está tornando as coisas ainda mais difíceis para esses velhos hippies, Karen percebe. Ela dá a Brandon um aceno encorajador e ele a pressiona, relutante, mas determinado.

'Eles não tinham o direito de permanecer aqui e não queriam envolver as autoridades, então sua melhor opção era voltar para a Suécia', diz ele. 'A

ideia provavelmente era voltar assim que a menina tivesse recebido os cuidados de que precisava e ficasse um pouco mais forte.'

- Mas eles nunca fizeram isso?

'Aparentemente, eles se juntaram a algum tipo de culto religioso depois de voltar para a Suécia. Algum tipo de merda quase hindu, eu acho. Tomas saiu bem rápido, mas Ingela ficou. O nascimento dos gêmeos desencadeou uma espécie de psicose, segundo Disa, mas não acho que seja essa a história toda.

'Drogas?'

Brandon ri.

“Quer dizer, todos nós fumamos maconha, mas Ingela era muito. . . como colocar isso. . . sobrenatural. Bem, todos nós éramos, de certa forma, ou pelo menos fingíamos ser. Para nós, foi uma luta deliberada para

quebrar as convenções, mas no caso dela. . . vamos apenas dizer que ela estava em uma liga própria. De qualquer forma, Ingela foi para a Índia com aquele culto e levou os meninos com ela. Segundo Disa, Tomas passou mais de um ano tentando encontrá-los, mas acabou desistindo. Fechou a porta para essa parte de sua vida. E formalmente ele não tinha direitos, é claro; os filhos não eram dele. '

- De quem eram eles?

'Nenhuma idéia. Tomas e Ingela eram um casal quando eles eram jovens, mas eles passaram alguns anos de diferença. Ingela teve Orian e amor enquanto eles estavam separados. Mas nós nunca realmente falou sobre quem era o pai. Tomas e Ingela acertou casado antes de nos mudarmos para o município, por isso mesmo que ele nunca adotou legalmente os rapazes, nós sinceramente nunca deu muita atenção.'

- E você está dizendo que ela levou os meninos? E quanto à garota? Feliz.'

- Ela a deixou com Tomas.

Karen sente suas bochechas ficarem vermelhas de raiva. Ingela abandonou primeiro uma garota depois a outra. E, no entanto, as duas garotas provavelmente estavam em melhor situação do que seus irmãos. Algum dos meninos havia sobrevivido à infância em um culto religioso na Índia com uma mãe que provavelmente se apedrejou até a psicose?

E as meninas, que foram acolhidas por outras pessoas, é verdade, mas nunca amadas por sua mãe. Melodia e feliz. Que ironia trágica.

"Por fim, Tomas mudou o nome de Happy Anne", disse Janet, como se tivesse lido a mente de Karen. “Ele era uma pessoa diferente depois que Ingela foi embora. Ele mudou completamente o curso e assumiu a empresa de seu pai. Formalmente, ele era o pai de Anne, já que ele e Ingela se casaram e ela foi concebida no casamento. Não sei se alguma vez ele teve o casamento anulado ou se Ingela ainda está viva, mas nunca mais soube dela.

Anne, Karen pensa consigo mesma. Deve ser ela. Ela resiste ao impulso de apressá-los, para pular para quando Happy, que cresceu como Anne Ekman, acabou assumindo o sobrenome Crosby.

- Então Tomas nunca se casou de novo?

- Não, aparentemente não. Ele e Disa mantiveram contato esporádico por alguns anos; ela tentava persuadi-lo a contar a Anne sobre seus meio-irmãos e sua irmã gêmea, mas ele recusou. Esse foi um capítulo encerrado, ele diria, e disse a Anne que sua mãe estava morta. E Disa cumpriu a promessa e não disse nada; esse é o tipo de pessoa que ela é. '

- E ela obviamente percebeu que poderia colocar Per e Anne-Marie em apuros também, se mexesse a panela

- acrescenta Janet.

Não mexer a panela, Karen pensa. Deixe o passado no passado. Não, empresário de sucesso Tomas Ekman dificilmente ficou a ganhar com o caso se tornar de conhecimento público. Ele teria arriscado perder Anne, também. Provavelmente não teria sido bom para Per e Anne-Marie Lindgren também. O povo de Langevik já olhavam de soslaio; se ele saiu que Susanne foi o resultado de um caso entre Per e uma das mulheres da comuna, eles teriam encontrado dificuldades para estadia.

- Então ela guardou tudo para si todos esses anos?

- Sim, até a morte de Tomas. Então ela decidiu contar a verdade às duas meninas. Anne se mudou para os Estados Unidos e se casou, mas voltou para o funeral, é claro, e Disa a procurou.

- E Susanne? Como ela entrou em contato com ela? '

'Por uma questão de fato, a ajudou a descobrir onde Susanne trabalhou, e depois o resto foi bastante simples.'

'Mas por que?' Karen pergunta. 'Por que era tão importante para Disa ter tudo para fora? Certamente teria sido muito mais fácil ficar quieto.

"Isso é exatamente o que queríamos saber", disse Brandon. - Mas Disa acreditava firmemente que um gêmeo roubado de seu irmão sempre terá uma sensação de perda. E, neste caso particular, as meninas foram separadas por recomendação dela. E Anne, que sempre acreditou que sua mãe estava morta. Acho que Disa andava por aí com um sentimento de culpa que queria aplacar antes de morrer.

- Antes de ela morrer? Karen diz em dúvida.

A velha senhora é aparentemente ágil o suficiente para perambular pelo interior da Espanha, ela observa.

- Disa foi diagnosticado com câncer de mama há seis meses. Uma forma agressiva, infelizmente.

Aparentemente, não há nada a ser feito. '

Karen liga o gravador de áudio e recita monotonamente a data e a hora, quem está presente na sala e em que posição. Ela sente o que está por vir; algum tipo de admissão, uma tentativa desesperada de demonstrar disposição para cooperar agora que uma negação ousada não é mais possível. Muito provavelmente Linus Kvanne vai admitir que esteve em Langevik por Oistra, mas reiterou que não teve nada a ver com o assassinato de Susanne Smeed. Ninguém vai acreditar nele. A questão é se até a própria Karen ainda tem? E

uma voz proibida dentro dela diz que ela está prestes a não dar a mínima.

Ela olha para seus papéis, então tenta chamar a atenção de Linus Kvanne, sem sucesso. Ele está sentado com a cabeça baixa e parece completamente absorto em cutucar a cutícula de seu dedo médio direito. Com um suspiro, ela se vira para o advogado de Kvanne, Gary Brataas.

“Certo, você solicitou essa entrevista”, ela diz. - Suponho que seu cliente tem algo que deseja compartilhar.

Gary Brataas lança um olhar rápido para Linus Kvanne e coloca a mão em seu ombro antes de se virar para Karen.

'Meu cliente se lembrou de certas circunstâncias que podem ser úteis para a investigação. Mas eu gostaria de aproveitar esta oportunidade para salientar que essas circunstâncias em nada mudam a posição do meu cliente em relação à sua inocência. Linus não teve absolutamente nada a ver com o assassinato de Susanne Smeed.

- Absolutamente nada? Karen diz, suas sobrancelhas levantadas. Que fantasia, ela acrescenta baixinho.

Mas, aparentemente, não silenciosamente o suficiente, ela percebe quando Gary Brataas abre a boca para protestar. Karen o adianta.

- Tudo bem, Linus, vamos ouvir então.

Sem tirar os olhos da cutícula, Linus Kvanne murmura algo inaudível.

- Acho que você vai ter que falar mais alto se quiser que ouçamos o que está dizendo.

“Eu estava em Langevik. Naquela noite, quero dizer.

'Você estava agora? Bem, isso dificilmente é novidade para nós. Como você sabe, já estabelecemos que seu telefone estava lá. E como você não relatou o roubo ou a perda, concluímos que você estava lá com ele. Que você negou anteriormente. Por que você negou, pensando bem?

'Por que você pensa?'

Kvanne finalmente ergue os olhos. Ele olha beligerantemente para Karen, que calmamente encontra seus olhos.

- Você está tentando me incriminar por assassinato. Eu não matei ninguém, porra.

'Sim, Linus, você tem. No dia de Ano Novo, seis anos atrás, para ser exato.

Kvanne rapidamente se retira e arregala os olhos.

“Sim, mas isso foi legítima defesa”, diz ele.

Seu tom é ressentido, como um colegial tentando explicar que na verdade foi o garoto alto da classe 5b que começou a briga no corredor.

'Então você reivindicado. Esfaqueou cinco vezes, se bem me lembro. Quatro vezes depois que ele já tinha deixado cair sua arma.'

Kvanne se lança sobre a mesa. O rosto dele fica tão perto do de Karen que ela pode sentir o cheiro azedo de seu tabaco de mascar.

'Foda-se, seu merda-'

- Acalme-se, Linus - interrompe Brataas e põe a mão no ombro de Kvanne. “Não há necessidade de provocar meu cliente quando ele está cooperando”, acrescenta, voltando-se para Karen.

Linus Kvanne parece ter se acalmado tão rápido quanto explodiu. Ele afunda de volta em sua cadeira, olhando para Karen.

'O idiota tentou me esfaquear quando eu estava salvando minha namorada de ser estuprada', ele murmura. -

Você não pode usar isso contra mim, pode? Isso é fodidamente inútil, você tem isso para mim, não importa o que aconteça. . . '

Ele abre os braços em um gesto de resignação e fica em silêncio. Karen espera sem fazer comentários e ouve Gary Brataas pigarrear.

"Como meu cliente indica, esse assunto não tem relação com o caso em questão."

- Então, o que você quer nos dizer, Linus? Vamos continuar perdendo tempo ou você vai nos contar o que realmente aconteceu em Langevik na manhã seguinte a Oistra?

73

'O que você acha?'

Dineke Vegen coloca sua xícara de café na mesa junto com a transcrição da entrevista.

- Não sei mais - responde Karen. 'Eu tenho que responder isso?'

A notícia de que Susanne Smeed tinha uma irmã gêmea foi recebida com desprezo por Viggo Haugen e pelo promotor. Nem mesmo Karl Björken mostrou muito interesse.

“Acho que isso explica por que ela e Susanne mantiveram contato”, ele disse. - Mas não há nada que sugira que Anne Crosby quisesse matar sua irmã. Muito pelo contrário, eu acho. Acho que você vai ter que deixar isso de lado e aceitar que foi Kvanne.

Talvez eles estejam certos, pondera Karen. Por que Anne Crosby matar sua irmã? motivos financeiros estão fora de questão e enquanto vingança e inveja pode ser um fator, eles se sentem nitidamente frágil ao lado hábito comprovada da Kvanne de invasão de domicílio. A única coisa que resta é chantagem; Susanne não era o tipo de renunciar a chance de virar um lucro quando apresentado com uma oportunidade. Mas no pouco tempo que tinham conhecido sobre existência uns dos outros, o que poderia Susanne possivelmente ter descoberto sobre sua irmã que teria tornado necessária para Anne Crosby para fora dela? Não, Karl provavelmente está certo; é hora de deixá-lo cair.

*

A promotora se recosta na cadeira com um sorriso.

“Não, na verdade não”, ela responde. 'Muito provavelmente iremos apresentar queixa contra Kvanne; temos o suficiente para seguir em frente. Ele estava em Langevik na hora do assassinato, o que quer dizer que tinha motivo e oportunidade. E ele foi pego mentindo sobre as coisas. Além disso, ele já provou que está preparado para usar a violência se isso o beneficiar no momento. '

- Você quer dizer o homicídio culposo? Certamente não era para seu próprio benefício, era mais como vingança. Ou para defender a namorada, se quiser ter uma visão generosa.

“É verdade, mas também demonstra falta de limites. De acordo com Arild Rasmussen, Linus Kvanne estava bêbado e desordenado quando o expulsou do pub; provavelmente alto também, se você me perguntar. Ele invadiu a casa de Susanne Smeed, seja para roubar objetos de valor ou apenas para ter um lugar para dormir.

- Ele deveria ter percebido que alguém poderia estar em casa. O carro estava estacionado na garagem.

Dineke Vegen encolhe os ombros.

“Não é incomum os proprietários estarem em casa quando ocorre um roubo. Temos vários exemplos de pessoas que acordaram e encontraram um ladrão em seu quarto. '

- Claro, mas nesses casos geralmente há mais de um criminoso.

- Talvez Kvanne não estivesse tomando decisões inteiramente racionais. E não se esqueça que ele ateou fogo à casa que arrombou pelo menos duas vezes.

"E você não acha que ele teria tomado a prata?

Dineke encolhe os ombros.

- Talvez ele tenha sido interrompido ou apenas tenha esquecido. Não, não acho que seja uma coincidência que a boa e velha Kvanne estivesse em Langevik naquela manhã em particular. O único problema real é o carro. '

Karen acena com a cabeça. Nenhum outro DNA além do de Susanne foi encontrado no Toyota e apenas as impressões digitais de Susanne foram identificadas. Havia outro conjunto de impressões digitais na maçaneta da porta do passageiro, as mesmas impressões não identificadas que foram encontradas na casa.

Infelizmente, eles não pertencem a Kvanne.

- Ele afirma que pegou carona. Isso pode ser verdade ', diz Karen sem convicção.

Ela pensa em como as estradas estavam vazias na manhã seguinte a Oistra. Mesmo que um carro passasse -

em si mesmo de forma alguma um dado - Kvanne teria tido uma sorte extraordinária se ele parasse para buscá-lo.

Dineke Vegen folheia rapidamente a transcrição e lê em voz alta: ' *Esperei cerca de trinta minutos e um velhote parou. Um Volvo, eu acho. Preto ou talvez azul escuro* .

“Que conveniente”, diz Karen. “Depois de apenas meia hora. E um Volvo, é claro, o que mais?

O promotor encolhe os ombros novamente.

'Sim, eu suponho que é a parte que eu estou em dúvida sobre, também. O cenário mais provável é que ele foi embora no carro de Susanne ', diz ela.

'Eu acho que ele simplesmente fez questão de não deixar qualquer impressões.'

Karen olha para ela, mas não diz nada sobre o fato de Linus Kvanne dificilmente parecer o tipo que evita habilmente deixar rastros para os técnicos encontrarem.

“Encontramos a bicicleta que ele afirma ter usado para chegar ao vilarejo”, ela diz. - Ele o roubou de uma das fazendas ao sul de Grunder depois de bater com a motocicleta amarela. Além disso, o médico me disse que ele tem uma clavícula direita fraturada e alguns arranhões e hematomas no quadril, o que confirma essa parte da história.

O promotor solta um bufo de risada.

'Pobre bebê. Lá estava ele, ferido e com uma mochila cheia de bens roubados. E ele teve que seguir as estradas secundárias até Langevik para evitar a polícia depois de seus roubos. Uma imagem verdadeiramente comovente.'

Karen sorri contra sua vontade.

- Quando tiver tempo de ler todo o relatório, você notará que pudemos verificar se Kvanne fez as ligações que afirma ter feito. Jörgen Bäckström, um velho viciado - na verdade, você provavelmente sabe quem ele é

- confirmou que tinha quatro ligações perdidas quando acordou naquela tarde, um dia depois de Oistra. Um de sua mãe e três de Linus Kvanne, todos enviados para o correio de voz. O que não é surpreendente; Não consigo imaginar que Jörgen estivesse em condições de falar naquela noite. Muito menos em estado de dirigir até Langevik para pegar seu companheiro preso.

- E então, em vez disso, Kvanne invadiu a casa de Susanne, matou-a e levou o carro dela. Nós apenas teremos que fazer o nosso melhor para explicar a coisa sobre ele não deixar rastros no carro. Eu sei que os meninos são meticulosos, mas eles não podem repassar isso? '

'Infelizmente não. O carro foi lançado. Mas, para ser justo, Larsen nunca o lançaria a menos que tivesse 100

por cento de certeza. Se Kvanne dirigia aquele carro, ele devia estar usando luvas e rede para o cabelo. Ou talvez ele seja apenas incrivelmente sortudo.

Karen se levanta. Ela não deixa transparecer o que está pensando: que Kvanne pode nem mesmo ter invadido a casa de Susanne Smeed; que ele poderia apenas estar nas proximidades, como ele afirma. Que Linus Kvanne pode, na verdade, ser incrivelmente azarado. E ela não diz nada sobre sua suspeita de que quem matou Susanne Smeed ainda está lá fora. Talvez se ela tivesse um nome, ou pelo menos um motivo plausível, mas um palpite vago. . . Não, desta vez, Karen mantém a boca fechada.

'Bem, eu fiz o que eu puder', diz ela. 'Estou entregando o caso para vocês. Você vai ter o relatório completo em sua caixa de entrada antes do final do dia. E então eu finalmente começa a ter algum tempo fora. Ambos Haugen e Smeed são muito feliz que eu estou indo embora ', ela acrescenta com um sorriso irônico.

Dineke vegen resistiu bem e estende-lhe a mão com um sorriso.

'Sim, eu ouvi você é devido um período de férias. E eu quero te agradecer. Se acontecer alguma coisa enquanto você estiver fora, eu vou levá-lo para Jounas. Onde você está indo?'

'Nordeste da França. Tenho uma parte de um vinhedo lá e planejava ajudar com as tarefas da colheita que ainda precisarem ser feitas. '

'Não é na Alsácia, não é?'

- É, na verdade. O que você diria sobre uma aposta? '

'Certo. Quais são os termos? '

- Se suas acusações contra Kvanne se mantiverem, vou lhe dar um caixote branco.

"E se não o fizerem?

'Então eu estava certo. Isso é o suficiente para mim. '

'Então, agora que você não pode mais bancar o capitão, você está pulando do barco.'

Sem se virar, Karen relógios como o café lentamente escorre na caneca ela lavado apenas sobre adequadamente na pia. Ela lentamente se vira e golpes na bebida quente antes de levantar a caneca aos lábios. Em seguida, ela se inclina seu traseiro contra o balcão e estuda Evald Johannisen, que está de pé na porta de entrada para a pequena cozinha.

Ela não deixa transparecer que acabou de perceber que se esqueceu de adicionar açúcar e que o amargor está fazendo sua boca se contrair.

“É bom ver você também, Evald”, ela diz. - Ouvi dizer que você voltou. Você gostaria de uma xícara? '

Ele faz uma cara de revolta.

- Café bicha? Não, obrigado, prefiro uma boa chávena à moda antiga.

'Por que não estou surpreso? Mas você realmente deveria tentar. Isso é bom. '

Ela passa a mão no aço escovado. Em seguida, ela sacode a varinha de vapor com o dedo indicador e sorri para o colega. Ele a encara, balançando a cabeça.

“Suponho que os contribuintes estão pagando a conta”, diz ele, irritado. 'Mas aparentemente essa é apenas uma das muitas bagunças que Jounas terá que limpar.'

'Isso está certo?' ela diz calmamente. - Que fofoca emocionante você ouviu desta vez?

Evald Johannisen entra na sala, abre a geladeira e tira uma lata de Coca-Cola. Em seguida, ele abre a guia, levanta a lata como se estivesse fazendo um brinde e toma alguns goles.

Então você *fez* falta cafeína depois de tudo. Karen levanta sua própria caneca em resposta.

- Talvez você deva ter cuidado, isso é uma coisa forte - sugere ela suavemente, acenando com a cabeça para o refrigerante. 'Não pode ser bom para o velho relógio.'

'Vá para o inferno.'

'Não, na verdade, estou indo para a França. Estou de folga no sábado à noite. Eu estarei sentado na minha fazenda, bebendo vinho, enquanto você mantém seus narizes na pedra de amolar aqui no frio congelante. '

Johannisen toma outro gole e limpa a boca com as costas da mão.

'Acho que você teve que desistir no final', diz ele. 'Não consegui ficar perdendo tempo e recursos em algo que deveria ter sido resolvido em menos de uma semana. Isso deve ter doído.

Ele puxa uma cadeira e se senta. Então ele se inclina para trás e cruza as pernas esticadas, levando a lata de Coca aos lábios pela terceira vez.

'Você anda por aí fazendo perguntas sobre o que aconteceu cinquenta anos atrás, em vez de se importar com o que está bem na sua frente', diz ele antes de tomar outro gole e soltar um arroto de boca aberta.

Ela reprime um estremecimento e, em vez disso, inclina a cabeça e sorri.

- Oh, entendo, você e Smeed tiveram uma de suas abelhas costureiras. O que mais ele disse a você?

- Você quer dizer sobre o tempo que passou estudando velhos álbuns de fotos, correndo para o pub local e conversando com velhos hippies? Não, eu descobri sozinho. Jounas me pediu para revisar suas anotações e deixe-me dizer, elas não foram uma leitura edificante. '

- E, no entanto, você conseguiu superar todos eles. Estou tocado. '

'Não vejo que eu tinha muita escolha; Vou assumir o cargo de contato do promotor, já que você decidiu fugir com o rabo entre as pernas.

- Ótimo, então você também leu as transcrições das entrevistas com Linus Kvanne. Tenho certeza de que foram suficientes para colocá-lo a bordo. Eles certamente convenceram Vegen, Haugen e Smeed. Estou tão feliz que todos estejam de acordo.

- O que diabos isso quer dizer?

- Exatamente o que eu disse. Eu dei a você tudo que você acha que vai precisar. Têm-no!'

- Então você ainda acha que Kvanne não fez isso? É isso que você está me dizendo?

Evald Johannisen bufa e limpa um respingo de espuma do queixo. Karen o estuda sem responder, esperando o que vem a seguir.

- Li até a última maldita migalha de informação que você arrancou daqueles antigos vagabundos ou conseguiu pegar enquanto fofocava no pub. Hippies, parteiras dinamarquesas e pirralhos abandonados; completamente inútil, tudo isso. E, sim, li as entrevistas com Kvanne. Parece um caso aberto e encerrado para mim. Se você não consegue ver isso, por que está aqui? '

Karen vai até a pia, enxágua a caneca e a coloca de cabeça para baixo no pano de prato. Então ela se vira.

- Sabe de uma coisa, Evald? Tenho me perguntado exatamente isso. '

A última coisa que ela ouve ao passar por cima das pernas estendidas dele e sai da sala é o som de outro arroto enquanto a efervescência abre caminho para fora da garganta de Evald Johannisen.

75

No momento em que Karen tira a chave da ignição, seu telefone vibra. Mas a sensação de alegria que ainda ontem teria acompanhado ao ver o nome de Anne Crosby em sua tela não aparece; por alguns segundos, ela considera simplesmente não atender.

Sua conversa com Brandon e Janet já esclareceu todas as dúvidas restantes que ela tinha. O que aconteceu em Langevik quase cinquenta anos atrás foi uma tragédia. Que Anne Crosby é a garotinha que voltou para a Suécia com Tomas e Ingela está fora de dúvida. Com a ajuda de Cornelis Loots - discretamente fornecida no entendimento de que Jounas não deve descobrir - ela confirmou que Happy foi eventualmente batizada de

Anne e cresceu em Malmö com Tomas Ekman, que ela provavelmente presumiu ser seu pai biológico. No final dos anos 80, Anne mudou-se para os Estados Unidos para estudar marketing e acabou se casando com Gregory Crosby, de quem está divorciada há seis anos. O casal não tem filhos; Anne Crosby está registrada como solteira em um endereço de Los Angeles.

O fato de as duas irmãs, Anne e Susanne, terem se conhecido apenas alguns meses antes da morte de Susanne, é uma coincidência trágica. Mas explica os telefonemas para Susanne Smeed, tanto de Disa Brinckmann quanto da própria Anne Crosby. Mais importante ainda, é muito menos provável que Anne tenha matado Susanne do que Linus Kvanne. Uma mulher de quase cinquenta anos e, de acordo com Cornelis Loots, considerável riqueza, provavelmente não tem interesse em espancar sua irmã recém-descoberta até a morte em um vilarejo remoto em Heimö. Até Karen passou a aceitar isso.

Seu celular toca pela terceira vez e Karen percebe que precisa atender. Depois da mensagem urgente que ela enviou a Anne Crosby, seria nada menos que rude não falar com ela, agora que ela finalmente está ligando de volta. Ela relutantemente aperta o botão verde do receptor.

“Sim, esta é Karen Eiken Hornby”, ela diz.

“Meu nome é Anne Crosby. Você está tentando me encontrar? '

A voz é educada, mas parece cansada, quase sem fôlego, como se Anne Crosby estivesse ansiosa para encerrar a ligação. Combina comigo, Karen pensa consigo mesma.

'Sim esta correto. Tenho tentado entrar em contato com você a respeito de uma morte aqui em Heimö. '

Karen se interrompe e há um breve silêncio. Anne Crosby sabe que sua irmã está morta? Ela colheu tanto do telefonema para Mette?

“É sobre Susanne Smeed”, ela diz gentilmente. - Não sei se você sabe disso. . . '

- Sim, sei que Susanne está morta. É horrível.'

Anne Crosby fala bruscamente e, apesar de seus anos nos Estados Unidos, seu sueco é virtualmente perfeito, pelo menos aos ouvidos de Karen.

“Acontece que examinamos o registro de chamadas de Susanne e seu número apareceu nele, junto com o de Disa Brinckmann. Foi a filha dela quem me deu o seu nome, o que permitiu associá-lo a este número. Como é um SIM pré-pago, de outra forma não saberíamos que era seu.

- Sim, sempre uso o pré-pagamento quando estou no exterior.

“Claro, acho que é uma boa ideia; aparentemente, é fácil acumular uma conta pesada muito rapidamente se você usar o seu contrato regular.

Karen acha que pode ouvir algo que pode ser um canteiro de obras ao fundo, mas Anne Crosby não diz nada.

- De qualquer maneira - continua Karen -, acho que já tenho as respostas de que preciso. O caso está praticamente encerrado neste ponto. Temos um suspeito detido e. . . '

'Quase fechado? Você não tem certeza? '

'Bem, o caso é considerado resolvido pelo que a polícia está preocupada. Agora, é uma questão de acusações no tribunal.

Ouve-se um ruído de raspagem do outro lado da linha e a linha fica em silêncio absoluto. Por um segundo, Karen acha que Anne Crosby deve ter desligado.

“Bem, isso é um alívio”, ela diz.

- Eu mesmo vou sair de licença por algumas semanas, mas se você quiser, posso pedir ao responsável pelo caso que o mantenha informado sobre qualquer evolução. Se você me der suas informações de contato, posso garantir que cheguem ao escritório do promotor.

- Eles podem me ligar neste número.

'Então você vai ficar na Suécia por um tempo?'

Desta vez, a raspagem é tão alta que Karen instintivamente puxa o telefone da orelha.

“Sinto muito”, diz Anne Crosby. "Estou em uma situação estranha."

“Vou, é claro, tentar falar com Disa também antes de ir”, diz Karen, “mas, como você sabe, não é tão fácil quanto parece. A filha dela me disse que finalmente está voltando para casa. A propósito, você conseguiu alcançá-la? Mette disse que você também está tentando entrar em contato com ela.

'O que? Não. Quero dizer, ainda não.

- Bem, vou ligar para ela antes de sair. Se eu não conseguir alcançá-la, posso passar por Malmö no caminho de volta. Ouvi dizer que é uma cidade adorável e não é muito mais um desvio agora que há uma ponte.

Estou tagarelando, ela pensa. Ela não está interessada em meus planos de férias e uma conversa fiada não mudará o fato de que sua irmã está morta. Mais alguns segundos de silêncio e Karen está pronta para

encerrar a ligação.

- Então você está de férias na Dinamarca?

- Vou até a França, na verdade. Vou pegar a balsa da noite para Esbjerg no sábado e dirigir de lá.

- Então, desejo uma boa viagem.

'Obrigada. E também ”, acrescenta Karen,“ sinto muito por sua irmã ”.

- Você nem vai saber que estou aí. Promessa.'

- E como isso vai funcionar exatamente? Você vai sentar ao meu lado no carro, não? Ou você ia subir no porta-malas?

Há um lampejo de esperança nos olhos de Sigrid.

'Então, você está dizendo que está tudo bem? Eu posso vir?'

Karen solta um suspiro. Dois dias de irritante incessante começou a vestir-la. A campanha de persuasão tinha começado no momento em que disse Sigrid ela estava finalmente livre para se despedir e estaria dirigindo para baixo para ver velhos amigos na Alsácia. Em uma voz angelical implorando, Sigrid havia se comprometido a pagar metade dos custos de gasolina e ajudando com a colheita da uva, dizendo França sempre tinha sido seu número um destino de sonho.

Quando isso não levou a lugar nenhum, ela tentou uma nova estratégia: Ela poderia realmente precisar de uma pausa 'deste maldito país' depois de tudo o que aconteceu, e também, Sam continua aparecendo no clube, que é uma 'merda de merda', e ela nunca mais quer vê-lo de novo, então ela vai desistir de qualquer maneira e começar a estudar depois do Ano Novo (mas não porque o pai dela a esteja importunando; aquele 'idiota hipócrita' pode ir para o inferno). E, além disso, aparentemente, Karen nem vai saber que ela está lá.

Jounas provavelmente teria um ataque se descobrisse que saí de férias com sua filha, Karen ri por dentro.

“Tudo bem”, ela diz.

*

Depois de falar com Kore e Eirik e Marike, no entanto, ela percebe que ainda há um problema para resolver.

Nenhum deles pode morar e cuidar de Rufus por três semanas. Ela está desconfortável com a estadia do gato na casa de Marike; quando o desgraçado emaciado apareceu do nada há menos de um ano, ele deu sinais de ter vagado. Não é improvável que ele fugisse da casa de Marike e tentasse voltar para casa. Ele pode ser pego por uma raposa ou, ainda mais provável, atropelado.

É verdade que ela poderia pedir a um vizinho que o alimentasse, mas, dada a persistência com que ele busca a companhia dela - e agora de Sigrid -, é cruel deixá-lo sozinho em casa por semanas a fio. Por que ela deixou o maldito gato entrar em primeiro lugar? Não havia passado por sua cabeça que ele comprometeria sua liberdade.

A solução sugerida por Kore parecia igualmente desagradável. E, no entanto, aqui está ela, em seu carro, entre duas docas de carregamento em New Harbor, depois de circundar os prédios escuros, espiando em cantos e fendas, por vinte minutos. Assim que ela decide desistir e ir embora, Leo Friis aparece sem aviso em seus faróis. Ele está parado no meio de uma rua que ela já dirigiu pelo menos duas vezes. Vê-lo desperta em partes iguais um alívio e um desejo instintivo de ir embora enquanto ela ainda pode. Então ela se lembra que a balsa para Esbjerg partirá em menos de 24 horas. Depois de amanhã, ela poderia estar sentada com os outros, bebericando um copo da safra do ano anterior, olhando para o vinhedo.

Ela muda para ponto morto, abre a porta e sai do carro.

- Tudo bem, e qual é o truque? Leo Friis diz depois de ouvi-la. - Você dificilmente me perguntaria se não houvesse um problema. Não nos conhecemos. '

Ele está olhando para ela com cautela e aceita outro cigarro sem uma palavra de agradecimento.

'Kore está garantindo para você. E dificilmente você é aquele que está metendo o pescoço aqui, não é? Você simplesmente vai abrigá-lo para mim enquanto eu estiver na França. Preciso de alguém para garantir que ninguém invada, para ficar de olho nas coisas.

'Coisas . . .? '

'Meu gato. Certifique-se de que ele é alimentado e regado e. . . bem, acariciado e acariciado. '

'Aha. Então o gato é o problema. O que há de errado com isso?'

Karen pode sentir que sua paciência está se esgotando. A sugestão de Kore de deixar Leo Friis morá-la soou como um remédio desesperado desde o início. Um mendigo imundo, provavelmente com uma lista muito

longa de problemas pessoais.

'Ele é um cara bom, por baixo de tudo,' Kore disse a ela. 'Teve todo tipo de problema quando a banda se separou: drogas e dívidas e tudo o mais, mas ele é do tipo decente. Além disso, fico feliz em aparecer de vez em quando e ficar de olho nele, se isso te faz sentir melhor. Mantivemos contato desde aquela noite no Repet. Bem, você estava lá, então poderia dizer que o conhece também.

- Depois de dois litros? E como você tem mantido contato? Duvido que ele tenha um telefone. '

- Ele não quer, mas eu o deixei dormir no estúdio naquela noite e mais algumas vezes desde então. E eu o convidei para jantar.

'Em sua casa? Eirik deixou você?

“Causou um certo atrito, mas ele acabou concordando. Embora eu juro que ele estava suando de raiva quando Leo se jogou naquele sofá branco que compramos na primavera passada.

"Sim, posso imaginar", Karen disse a ele. 'Tudo bem, você sabe onde posso encontrá-lo? Ele ainda está dormindo no estúdio ou está de volta embaixo de uma doca de carregamento em New Harbor?

- O último, receio. O estúdio está muito ocupado no momento; temos pessoas lá o tempo todo, então ele tem que ficar longe por um tempo. Os outros não gostariam que soubessem que deixei ele pegar minhas chaves emprestadas. O equipamento sozinho vale milhões. '

'Claro, grande, melhor ele rouba o pouco que tenho. . . '

'Pare com isso. Leo não é um ladrão; além disso, você tem uma solução melhor? '

*

Agora ela está estudando o homem à sua frente com uma mistura de fascinação e repulsa. Seu casaco provavelmente era bonito uma vez - pode até ter sido dele - e suas botas parecem suspeitamente novas. Mas os faróis revelam que o suéter vermelho por baixo do casaco está cheio de manchas - ela não quer saber de onde vieram - e as mangas que saltam para fora são cinza de sujeira enraizada. O fio da parte inferior de uma das mangas está desfiando; um alfinete de segurança foi inserido desajeitadamente nos pontos para evitar que corram. A boa notícia é que o cobertor cinza que Leo Friis usava enrolado em volta dos ombros na primeira vez que se encontraram não está em lugar nenhum, mas seu chapéu e as meias saindo de suas botas provavelmente estão cheios de vermes. Provavelmente não há nenhuma parte dele que não esteja repleta de vermes, ela reflete tristemente.

Ele deveria ser grato. Deve ter a chance de conseguir comida e abrigo por três semanas sem ter que fazer muito em troca. Em vez disso, estou parada aqui como uma espécie de vendedor de porta em porta sangrando, tentando persuadi-lo. Quem diabos ele pensa que é?

Ao mesmo tempo, Karen percebe que provavelmente está mais desesperada pela ajuda dele do que ele pela dela.

“Não há nada de errado com o gato”, ela diz. - Ele só precisa de um pouco de manutenção.

- Tem certeza de que não é uma mulher?

Leo coça as sobrancelhas, empurrando o chapéu para cima da testa no processo.

- Ah, um morador de rua com senso de humor - dispara Karen. 'Você tem pulgas ou algo assim? Esse chapéu parece que pode rastejar para longe por sua própria vontade.

'Como diabos eu vou saber? Você tem uma banheira? '

'Claro.'

'Tudo bem.'

- Tudo bem o quê?

'Tudo bem, eu vou abrigá-lo para você, cuidar do seu gato e não deixar ninguém invadir, enquanto você desce para a Costa del Sol para beber sangria.'

“Para um vinhedo na França. Na verdade, eu possuo uma parte dele. '

'Intimidador para você.'

Leo pigarreia, preparando-se para cuspir. Karen observa com nojo quando ele vira a cabeça e apregoa um loogy na beira do cais.

'Eu tenho uma condição', diz ela. - Você não vai trazer nenhum amigo duvidoso para casa e não vai usar drogas enquanto estiver morando sob meu teto. Nem mesmo maconha. Você pode beber se quiser, mas nada mais.

'Eu sabia. Sempre há um problema. . . '

“Sou um detetive da polícia; Não posso arriscar que você faça essa merda na minha casa. Quero dizer. Isso soa factível? '

- Olha, eu me viro com cerveja e vinho tinto de baixa qualidade há quase dois anos. A propósito, você tem bebida em casa?

- Provavelmente nada que você gostaria. Apenas vinho decente e um bom uísque. E um freezer cheio de comida, uma TV e um quarto de hóspedes com lençóis limpos ', acrescenta ela, para amenizar o problema.

- E onde fica esse paraíso?

"Langevik, nordeste da cidade."

'Eu sei onde é. Mas como faço para chegar lá? Como você deve ter percebido, não tenho carro.

Karen fica em silêncio por alguns momentos, fazendo alguns cálculos mentais rápidos. Vinte e três horas até a partida da balsa. Ela dificilmente terá tempo de dirigir pela cidade procurando por Leo Friis amanhã e não confia nele para chegar sozinho a Langevik, mesmo que lhe desse dinheiro para um táxi.

“De carro”, ela diz. - Estamos saindo agora. A menos que você tenha algo mais acontecendo ', ela acrescenta.

O barulho do andar de cima diminuiu. Depois de mais de uma hora, o barulho alternado da torneira e do gorgolejo do ralo à medida que água suja foi repetidamente vazada e substituída por água limpa finalmente parou.

- Você acha que ele foi para a cama? Sigrid pergunta, distraidamente tilintando sua colher contra sua xícara de chá enquanto ela rola para cima e para baixo em seu telefone com o polegar da outra mão. - Talvez ele esteja se afogando na banheira? Ouvi dizer que isso acontece - ela continua, desviando os olhos do telefone por um breve momento. - Talvez devêssemos ver como ele está.

- Acho que Leo pode cuidar de si mesmo - Karen diz amargamente e empurra Rufus, que pulou em uma cadeira da cozinha e colocou as patas dianteiras sobre a mesa, para o chão. - Se acabar com o queijo, coloco de volta na geladeira.

Ela se levanta para limpar a mesa. Está coberto de migalhas do pão de nogueira, do qual nada mais resta senão um triste salto. Leo deve ter engolido pelo menos oito fatias; ela abre o freezer para tirar um novo pão.

Se ele continuar nesse ritmo, não terei um pedaço de comida sobrando em casa quando voltar.

- Ele provavelmente é muito bonito por baixo dessa barba. Ele parece bem em fotos antigas online. Confira!'

Karen se vira e olha para Sigrid, que empurra o telefone com entusiasmo. Sem olhar para ele, Karen balança a cabeça.

“Ele é pelo menos vinte anos mais velho que você”, ela diz em desaprovação.

Sigrid suspira e se levanta.

'Deus, você honestamente acha que eu estaria interessado em algum fóssil antigo? Eu estava pensando em você.'

'Obrigado. Mas esse velho fóssil é provavelmente dez anos mais novo do que eu.

- Oito, na verdade. Eu chequei.'

Karen deixa passar sem comentários.

- Você fez as malas? ela pergunta ao invés.

'Eu irei. Em breve. Calma, por que você está tão nervoso? '

Porque por algum motivo, em vez de ficar sozinha, desfrutando de um pouco de paz e sossego, tenho uma garota com piercings e tatuagens em todos os braços na mesa da cozinha e um sem-teto no banheiro do andar de cima, retruca Karen interiormente. Em voz alta, ela diz:

- Você se importaria de pegar lençóis limpos e colocá-los na casa de hóspedes? Ligue o radiador também, se estiver desligado; Eu esqueci de verificar. '

- Então, estou fora agora? Você quer ficar sozinho com o Sr. Beard?

Sigrid sorri amplamente e consegue erguer apenas uma sobrancelha; por uma fração de segundo, Karen pode ver claramente seu pai nela.

- Não seja bobo - ela rebate. 'Leo vai dormir lá esta noite; depois de sairmos, ele pode se mudar para cá, se quiser. Eu o quero em quarentena até que saibamos que ele está livre da raiva. '

O borbulhar começa novamente no andar de cima, mas desta vez não é seguido pelo som da torneira. Em vez disso, eles ouvem passos cruzando o

chão do banheiro, uma porta se abrindo e um rangido alto. Em seguida, Leo Friis aparece na porta da cozinha, vestindo nada além de uma toalha enrolada em seus quadris. Karen desvia o olhar. Sigrid não.

- Você se barbeou com um liquidificador? ela diz.

'Eu encontrei uma tesoura de unha. Você tem alguma roupa para me emprestar? Acho que a minha precisa ser lavada. '

Está mais para queimado, observa Karen.

- Sigrid, você pode mostrar a máquina de lavar para Leo e dar uma olhada no guarda-roupa por algo que possa caber nele? Eu tenho que fazer um telefonema. '

Karl Björken atende imediatamente.

- Oi, Eiken, o que você está fazendo agora?

- Nada, na verdade. Estou em modo de férias. Vou pegar a balsa noturna para fora daqui amanhã e só voltarei dentro de três semanas. A propósito, quando você vai embora? Para sua licença parental, quero dizer.

- Provavelmente não antes de primeiro de dezembro, então você estará de volta antes de eu ir.

Se eu voltar, ela pensa. No momento, voltar a trabalhar com Jounas Smeed e Evald Johannisen parece menos tentador do que nunca.

- Só queria que você soubesse que conversei com Anne Crosby ontem.

- Oh, então ela finalmente ligou de volta. O que ela tem a dizer sobre si mesma? '

'Não muito. Ela parecia muito abatida.

“E quanto a Disa Brinckmann; você a alcançou? '

'Ainda não. Mas ela já deve estar de volta, então vou tentar ligar para ela. Não me sinto bem em deixar pontas soltas, sabe. Sobre não explicar por que estou tentando falar com eles, quero dizer, mesmo que seja redundante agora.

- Achei que você estava de licença. No modo de férias, não foi isso que você acabou de me dizer?

- Estou, mas prometi a Anne Crosby que a manteríamos informada sobre o caso contra Kvanne. Afinal, é a irmã dela, mesmo que não tenhamos a confirmação oficial de seus laços de sangue. Então, eu realmente queria pedir que você me ligasse se alguma coisa acontecer.

Mesmo que seja patentemente impossível, ela pode ouvir claramente Karl Björken sorrindo do outro lado da linha.

- Então não é que você queira se conhecer?

Karen suspira resignada.

'Tudo bem', ela admite. 'Eu me sinto muito estranho por largar tudo.'

- Você sabe o que dizem sobre gatos e curiosidade. . . '

'Você vai me ligar ou não? Se ele confessar, quero dizer.

'Certo. Mas tente entrar no modo de férias de verdade agora. '

'Eu prometo. Provavelmente não vou pensar em nada disso quando estiver lá embaixo, cercado por montanhas de uvas.

Quando Karen força a mala para fechar e fecha o zíper, ela se pega cantarolando uma velha canção de ninar.

' *Não vá farejar tudo*

Disse o velho que salvou o gato

Na próxima vez, você terá que se salvar

Ou se afogar em águas profundas.

Certo, acho que estou sozinha então, Karen pensa consigo mesma enquanto observa Sigrid desaparecer na direção do bar do convés inferior.

Sigrid avistou alguns amigos dela em um dos carros à frente deles antes mesmo de entrarem na balsa. Depois de se certificar de que Karen não ficaria ofendida, ela saltou e correu para o outro carro, bateu na janela e foi deixada entrar imediatamente.

“Vejo você a bordo em breve”, ela disse. - Em que cabine estamos, de novo?

Karen entregou a ela um dos cartões de plástico branco carimbado com o número 121.

'Acho que vou pegar o feno mais cedo. Não me acorde quando entrar cambaleando, por favor. Preciso dormir para poder dirigir até Estrasburgo amanhã.

- Você nem vai saber que estou aí - Sigrid garantiu a ela. Parece que ela estava certa. Karen fica repentinamente preocupada. Esta é apenas a primeira de muitas vezes que Sigrid estará fora de sua vista nesta viagem? E se algo acontecer com ela? Ou ela decide ficar com um dos caras que viajam pelas várias fazendas para ajudar na colheita? Eles são conhecidos por serem gratuitamente bonitos. Como ela explicaria

algo assim para Jounas Smeed? É verdade que Sigrid é adulta, mas levá-la junto ainda é uma responsabilidade imensa.

E enquanto ela está preocupada com isso de qualquer maneira, ela aproveita a oportunidade para se preocupar com a situação em casa também. Leo Friis, cercado por garrafas vazias e filas de cocaína, Rufus remexendo desesperadamente sua tigela de comida. *O* que ela estava pensando?

Sua agonia é interrompida por uma buzina de carro. Os veículos à sua frente começaram a se mover, desaparecendo sob a viseira de arco aberto do MS *Skandia* , um após o outro.

*

Karen se sentou em uma das poltronas de couro no pequeno bar do andar superior. Ela nota com decepção que não há mais cinzeiros nas mesas. Certamente este bar em particular costumava ser isento da proibição de fumar?

- Existe algum lugar onde eu possa fumar a bordo? ela pergunta ao garçom, que está colocando um minúsculo guardanapo em sua mesa e colocando um gim com tônica em cima dele.

'Receio que não. Não nos últimos cinco anos. Bem, é permitido fora, obviamente ', ele responde, pegando o cartão que ela estende.

Karen olha para a janela. Eles partiram na hora certa e já deixaram todas as luzes para trás. Algumas gotas de chuva no vidro suprimem sua vontade de fumar. Além disso, ela já sentiu aquela ondulação familiar que indica um Mar do Norte agitado. O garçom, sentindo sua apreensão, confirma suas suspeitas com um sorriso experiente que visa acalmar passageiros ansiosos.

“Não se preocupe”, ele diz. - Estamos vendo um mar ligeiramente agitado esta noite, mas não há absolutamente nenhuma necessidade de preocupação. Não teríamos saído do porto se houvesse algum perigo.

Karen lança um olhar divertido para ele. Suas respectivas definições de 'ligeiramente áspero' provavelmente diferem consideravelmente.

“Então está chegando uma tempestade”, ela diz calmamente.

- Eles estão dizendo que Doggerland será duramente atingido, mas devemos fazer isso antes que alcance a costa dinamarquesa. Dito isso '- ele avisa com

um olhar para o vidro à sua frente -' se você tem tendência a enjoar, você pode querer ir com calma. '

Karen sorri e balança a cabeça.

- Não, felizmente nunca fiquei enjoado. Disseram que é uma agonia.

O garçom pega o leitor de cartão de volta, imprime o recibo e amassa-o na palma da mão quando ela o recusa com um aceno de mão.

“Sim”, ele diz. “Já ouvi pessoas dizerem que querem morrer quando as coisas ficam muito ruins. Mas eu não acho que necessariamente vai ficar tão ruim hoje à noite ', ele acrescenta e a deixa com um sorriso.

O som distante de uma música de Lady Gaga se infiltra no pacífico bar do andar superior, vindo do andar inferior, quando a porta de vidro da escada se abre para permitir a entrada de um casal mais velho. Assim que eles cruzam a soleira, o barco balança. A mulher perde o passo e parece mortificada. Com uma das mãos segurando firmemente a alça da corrente de ouro de sua bolsa e a outra no braço do marido, ela se move mais para dentro da sala. Karen vira a cabeça para ver os dois se sentarem em uma das mesinhas.

O bar principal provavelmente está lotado agora, mas aqui, os preços mais altos assustaram quase todos, exceto vinte convidados. O garçom acaba de servir a outro casal de meia-idade bem vestido, um dry martini e um uísque duplo. Três mulheres mais velhas parecem estar compartilhando uma garrafa de vinho branco.

Atrás deles, Karen pode ver dois homens de terno amamentando conhaques e, por cima das costas de uma poltrona chesterfield verde, ela pode ver a cabeça e os ombros de uma mulher que parece estar procurando alguma coisa em sua bolsa. Apesar de sua falta de conhecimento de moda, Karen

pode dizer que sua bolsa deve ser cara. Algo pisca na mão da mulher; Karen percebe que estava procurando por um pequeno espelho, que agora está segurando contra o rosto. Ela provavelmente está atualizando seu batom.

Bem, é improvável que ela seja escolhida neste bar, Karen considera e toma um gole de seu G&T. Este é um refúgio para pessoas que escolheram a balsa em vez de viagens aéreas, mas que não agüentam o barulho do bar principal. Para pessoas que têm medo de voar ou trazem seus carros. Ou para aqueles de nós que estão simplesmente ficando velhos demais. O andar de baixo é para as pessoas que consideram as balsas de Dunker e Ravenby um destino por si só, e que não se importam se estão indo para Esbjerg ou Harwich. Para pessoas que são atraídas por preços livres de impostos, máquinas de jogo e uma chance de transar. E para os jovens que são compelidos pelas imposições frouxas das restrições de idade do governo nos bares a bordo.

Foi há muito tempo, mas Karen se lembra de como era.

Talvez eu deva dar um anel para Sigrid, afinal, ela pondera. Apenas uma ligação rápida para ter certeza de que ela não está enjoada. Ou muito bêbado.

Karen olha para o relógio: apenas 23h36. Certamente Sigrid teria ligado se algo tivesse acontecido. A menos que ela esteja drogada em alguma cabana e. . .

'Pare com isso', ela diz a si mesma.

Uma das mulheres de meia-idade se vira para olhar para Karen, que percebe que deve ter falado em voz alta.

Ela percebeu que começou a falar sozinha um pouco recentemente. Rufus normalmente oferece uma boa cobertura, mas aqui, sentar-se sozinho em

uma balsa do Mar do Norte, sem falar com ninguém, pode ter um efeito perturbador nas pessoas ao seu redor.

Hora de dormir, ela decide. Devo dormir pelo menos algumas horas antes da hora de voltar ao volante. Ela bate de volta o que sobrou em seu copo e se levanta. Dá um passo rápido para o lado enquanto o navio dá uma guinada e sorri, envergonhado, para os outros clientes. Ninguém parece ter notado. A mulher que estava remexendo em sua bolsa mais cedo vira a cabeça na direção de Karen, mas imediatamente se afasta novamente.

Evald Johannisen lança um olhar interrogativo para a esposa. Ela acendeu a lâmpada de cabeceira e afundou-se nos travesseiros com uma expressão desanimada no rosto e o telefone pressionado contra o ouvido. Agora ela murmura algo para o marido enquanto mostra com a mão livre que a pessoa do outro lado está falando sem parar.

Evald olha para o rádio-relógio, onde os dígitos vermelhos brilham como um lembrete zombeteiro de sua juventude e vigor há muito desaparecidos: 22h47.

É sábado à noite e nem mesmo onze, mas ele e Ragna estavam dormindo.

Por outro lado, ele pensa, irritado, quem diabos liga a essa hora?

Então, de repente, ele consegue decifrar a boca de Ragna: " *Primo Hasse* ".

“Não, não seja boba, é claro que não vamos para a cama tão cedo”, ela diz, olhando para o marido. 'Oh não, muito melhor. Sim, ele está sentado ao meu lado, então você mesmo pode falar com ele. Claro que está bem.

Meu amor para Eva. Sim, realmente deveríamos. Você também. Aqui está Evald agora.

Com um olhar desanimado para sua esposa, Evald Johannisen aceita o fone dela e empurra-se para uma versão curvada de sentar. Suas conversas com seu primo sueco tendem não apenas a ser tediosas, mas também a fazê-lo se sentir inferior. Talvez porque Hasse - que trabalha para a Autoridade Policial Sueca -

tenha o hábito de trabalhar em alguma referência ao fato de que ele conseguiu avançar mais do que Evald, embora haja consideravelmente menos competição em Doggerland. Ou talvez seja simplesmente o

complexo do irmão mais novo que todos os ilhéus sentem em relação ao seu vizinho oriental, muito maior.

Mas, desta vez, seu primo Hans Kollind, Subchefe Regional de Polícia da Região Sul, se mostrou atipicamente sucinto. Depois de apenas algumas breves cortesias sobre a saúde de Eva e uma garantia forçada de Evald de que ele vai pegar leve, Hasse parece pronto para passar para o verdadeiro motivo pelo qual ligou.

'Acontece', diz ele, 'que temos um caso estranho aqui em Malmö. E eu queria saber se você poderia nos ajudar. Não queria ligar para ninguém a esta hora. '

Certo, mas me incomodar está bem, Evald pensa consigo mesmo, embora já possa sentir sua irritação reflexiva se transformando em curiosidade.

“Estou ouvindo”, diz ele.

'Bem, nós temos uma mulher mais velha, assassinada em sua casa, sem quaisquer sinais de entrada forçada ou violência sexual. Alguém parece ter entrado, matado e ido embora. De acordo com o legista, aconteceu anteontem à noite e não conseguimos estabelecer o motivo nem encontrar testemunhas.

- E o que te faz pensar que posso ajudar?

A surpresa de Evald Johannisen é genuína. O primo ligar e falar sobre si mesmo e se gabar de tudo, do trabalho aos filhos, seria perfeitamente normal, mas não é. Na verdade, parece que Hasse está pedindo ajuda a ele.

- Bem, o fato é que a filha, que está naturalmente chocada e chateada, nos contou que a polícia de Doggerland entrou em contato com ela, tentando falar com sua mãe. A mulher aparentemente esteve em

algum tipo de caminhada na Espanha e alguém do seu lado está tentando contatá-la várias vezes, segundo a filha.

'Nosso fim? Por que nós. . . '

Antes que ele possa terminar, Evald Johannisen percebe quem está tentando ligar e quem é a mulher assassinada. Mesmo assim, ele faz a pergunta.

'Qual é o nome dela?'

- A vítima, você quer dizer? Disa Brinckmann. '

80

As luzes fluorescentes no corredor leste do terceiro andar do quartel-general da polícia de Dunker piscam antes de acender, espalhando sua luz fria sobre o escritório vazio. Evald Johannisen vai direto para sua mesa e liga o computador antes de ir para a cozinha, pegar uma caneca do escorredor e apertar o botão chamado cappuccino duplo. Ele olha para o relógio e suspira.

Disa Brinckmann.

Evald fizera a ligação antes mesmo que o primo Hasse dissesse o nome. Afinal, ele havia lido o relatório de Karen duas vezes. Completamente. Concedido, principalmente para encontrar erros e material para comentários desdenhosos, mas mesmo assim, o suficiente tinha pegado, apesar do fato de que ele considerou isso uma loucura total. Mas então Hasse disse o que fez Evald Johannisen jogar o edredom de lado e sair da cama.

Quantos velhos realmente fizeram caminhadas na Espanha?

E por mais que Johannisen desejasse que fosse o contrário, simplesmente não poderia ser uma coincidência que duas pessoas ligadas ao caso tivessem sido assassinadas. E agora ele teria que entrar em contato com Eiken. Merda.

Sua esposa não fez nenhum comentário quando o marido, que apenas uma hora antes estava cansado demais para fazer amor com ela pela primeira vez desde que desmaiou no trabalho, de repente e sem explicação saiu da cama, se vestiu e saiu de casa. Em vez de importuná-lo com perguntas e advertências, ela calmamente desligou a lâmpada de cabeceira, virou-se de lado e voltou a dormir. Ragna Johannisen é casada com Evald há quase quarenta anos. Ela sabe que não adianta.

*

Agora ele está recostado na cadeira do escritório, os olhos fechados. Ele leu o relatório uma terceira vez e encontrou o que estava procurando. Não, não pode ser coincidência, ele tem certeza. O que exatamente está acontecendo é menos claro, mas Evald Johannisen está convencido de que há uma conexão. Apesar de doenças, angina e aparentemente agora também impotência, ele ainda é detetive o suficiente para saber quando as coisas estão ligadas. Não é por acaso que a mulher que Karen estava tentando alcançar agora foi assassinada. Por mais que ele não queira admitir, parece que Eiken estava no caminho certo. A questão é o quê? Não, ele se corrige, a primeira pergunta é onde está aquela maldita mulher, já que ela não atende o telefone.

Ele disca o número dela pela terceira vez e é mais uma vez encaminhado para a caixa postal. Evald Johannisen bate o fone com tanta força que, por uma fração de segundo, teme que possa ter quebrado o telefone. Só porque ela está de licença não significa que pode sair da rede. Certamente mesmo aquela mulher tem algum senso de responsabilidade?

Ele rapidamente pega o receptor de volta e nota que o telefone ainda parece estar funcionando. Em seguida, ele respira fundo e disca o número de Karl Björken.

Porra, ele pensa enquanto toca. Se Eiken estiver certa, ela vai me fazer engolir até eu me aposentar.

- Ei, Evald - responde Karl, fiel à forma.

- Quando você pode estar aqui?

"Sim, estamos tendo uma noite adorável, obrigado por perguntar", Karl responde sarcasticamente. 'As crianças estão dormindo e. . . '

'Estou falando sério. Quanto tempo você vai demorar para chegar aqui? '

Um breve silêncio do outro lado.

- Dê-me meia hora.

'OK. Só uma coisa: você sabe se Eiken já saiu? Ela disse algo sobre a França, eu acho?

'Karen? Por que você quer . . .? '

- Não importa, porra. Você sabe ou não? '

- Sim, acho que ela pegaria a balsa das 10h30 para Esbjerg hoje à noite e dirija de lá. Isso é sobre o quê?'

Mas Evald Johannisen não ouve a última parte. Ele já encerrou a ligação.

Ele olha vagamente para a tela, sua mente correndo. Por exatamente quatro minutos ele fica imóvel, sem ver.

Em seguida, ele se inclina para frente e rapidamente e digita 'doggerlines.com' na barra de pesquisa. Depois de alguns cliques, ele encontra as informações de que precisa e pega o telefone.

Falar com Eiken provavelmente pode esperar até amanhã, ele pondera enquanto o telefone toca. Afinal, não há muito que eles possam fazer agora para descobrir a conexão entre os assassinatos de Disa Brinckmann e Susanne Smeed. Naturalmente, a melhor coisa seria se ele pudesse resolver tudo sem a ajuda dela. Ela ficaria furiosa.

Mas uma sensação inexplicável de mal-estar começou a se espalhar dentro de Evald Johannisen. Ele pode sentir na boca do estômago enquanto ouve, com crescente exasperação, uma voz pré-gravada do outro lado da linha, garantindo que ele está na linha e que logo será sua vez. Deve haver alguma outra maneira sangrenta de entrar em contato com a companhia de balsas do

que ligar para o serviço de atendimento ao cliente. O problema é que no meio da noite, sem nenhum gerente sênior por perto, ele não sabe para onde olhar. Por outro lado, obter as informações de que precisa não deve exigir intervenção de alto escalão. É

trivial, realmente, e provavelmente poderia facilmente esperar até amanhã.

Se não fosse por aquela sensação incômoda de que o tempo é, de fato, essencial.

81

Cinco minutos depois, Karen caminhou por um corredor repleto de máquinas de frutas piscando e agora está rodeada por música de dança alta, risos e pessoas que contribuem para o nível de ruído insuportável gritando para se fazerem ouvir. A linha de base bate em seu peito enquanto ela empurra a sala lotada o mais rápido que consegue.

Não está realmente fora do meu caminho, ela disse a si mesma. Vou passar por aqui e ver se consigo localizá-la. Certifique-se de que ela está bem. Agora, ela percebe que sua missão está fadada ao fracasso. Além dos empurrões e do barulho, a empresa de transporte também decidiu que a iluminação apropriada consiste em acender as luzes do bar e algum tipo de luz estroboscópica da pista de dança que está fazendo seu pulso disparar. Encontrar alguém aqui é claramente impossível. Um empurrão a faz tropeçar em um jovem que pragueja alto quando sua cerveja derrama.

- Preste atenção para onde está indo, porra - ele ruge.

'Desculpe, alguém me empurrou', ela tenta explicar, mas então percebe que ele já se virou e está gritando algo no ouvido de uma garota cujo rosto está iluminado pelo telefone que ela está mexendo. Sem perceber o cara, ela de repente grita e segura o telefone para outra garota parada ao lado dela.

'Oh meu Deus, ele é louco, olha!'

- Sério, tipo, ele deveria foder. . . '

Karen não ouve o resto. Em vez disso, ela segue em frente pela sala em forma de ferradura, gemendo alto de alívio quando chega ao outro lado.

A mulher bem vestida com a bolsa cara aparentemente se cansou da serenidade do bar do andar superior e agora está parada na frente de uma das máquinas de frutas à frente.

O que você sabe, Karen muses, dificilmente parece que você precisa complementar sua renda. Dito isso, ela sabe que uma porcentagem dos clientes regulares da transportadora são viciados em jogos de azar.

A mulher bem vestida não parece viciada em jogos de azar; ela não inseriu nem um xelim na máquina, mas parece que está apenas estudando as fileiras imóveis de cerejas, relógios e setes. Suas calças pretas e paletó sinalizam dinheiro e bom gosto. Não é o gosto de Karen, claro, mas todo o conjunto grita que essa é uma mulher que se preocupa com sua aparência. Seu cabelo completa a imagem. O penteado da própria Karen não exige visitas frequentes ao cabeleireiro e ela costuma cuidar sozinha dos muitos fios de cabelo grisalhos, em casa, no banheiro. No entanto, mesmo assim, ou talvez precisamente por causa disso, ela pode ver claramente que nem o cabelo curto da mulher nem seus reflexos cor de mel são resultado de tingimento caseiro. Karen experimenta uma vaga sensação de mal-estar, estudando as costas da mulher. Há algo de triste, quase ansioso sobre a figura solitária parada, imóvel, olhando para um bandido de um braço só.

*

Preciso fumar depois de viver aquele pesadelo. Karen dá uma olhada para trás na pista de dança iluminada por estroboscópio. Um cigarro e depois para a cama. Ela enfia a mão na bolsa e remexe, mas não consegue encontrar o maço de cigarros. Quando ela se agacha com as costas contra a parede e abre sua bolsa, ela

percebe o brilho frio da tela do telefone e sente seu coração pular uma batida. Alguém está tentando entrar em contato com ela.

Mas não é Sigrid ligando para ela. Karen encara incrédula a tela e o número brilhando para ela. Três chamadas perdidas de um número que ela conhece muito bem; a mesa telefônica da delegacia de polícia. E

um de sua mãe.

'Boa noite, bem-vindo ao Dogger Lines, meu nome é Pie, em que posso ajudá-lo?'

Por que as pessoas insistem em ler uma redação inteira quando atendem ao telefone atualmente? Evald pensa consigo mesmo, tamborilando os dedos na mesa.

Em voz alta, ele diz:

- Este é o detetive Evald Johannisen, da Polícia Dogger. Preciso de informações sobre sua partida de Dunker para Esbjerg, rapidamente.

- Tudo bem, e em que data?

'Hoje. Agora.'

Um momento de silêncio.

- Você quer dizer o navio que está a caminho de Esbjerg agora?

'Está certo. Preciso saber se um passageiro, Karen Eiken Hornby, está a bordo. Se ela estiver, preciso mandar uma mensagem para ela com urgência.

'Sinto muito, mas na verdade não temos permissão para dar informações sobre indivíduos-'

Evald Johannisen sabe qual será o resultado dessa discussão se ele não cortá-la pela raiz.

- Agora me escute, querida. Tenho certeza de que você está ciente de que a polícia tem o direito de acessar todas as listas de passageiros que você tiver.

- Sim - Pie diz timidamente. - Mas nos disseram para não distribuir ninguém ...

"As listas são digitais, não são?"

- Claro - diz ela em uma voz que elimina qualquer dúvida de que a Dogger Lines não está com a papelada em ordem.

- Então me envie a maldita lista inteira e eu mesmo verificarei. E faça isso agora! Você tem caneta e papel? '

Pie parece ter anotado o endereço de Johannisen corretamente e também parece ter acesso instantâneo às informações solicitadas, porque seis minutos depois, um e-mail com uma planilha do Excel anexada caiu em sua caixa de entrada.

A lista é classificada em ordem alfabética; leva quatro segundos para encontrar o nome de Karen. Ele pega o telefone novamente. Desta vez, ele consegue falar imediatamente.

'Boa noite, bem-vindo ao Dogger Lines, meu nome é Pie, em que posso ajudá-lo?'

'Johannisen novamente. Obrigado pela lista, mas já perdemos dez minutos, então agora você vai ouvir com atenção e fazer o que eu digo, ok? '

'OK . . . ' vem a resposta hesitante, como se Pie tivesse tanto medo de prometer coisas cegamente quanto de negar à voz autoritária do outro lado tudo o que ela quisesse.

- Como eu disse, preciso entrar em contato imediatamente com um passageiro da balsa da qual falamos.

Tenho tentado ligar para ela, mas ela não atende.

'Não, a recepção a bordo tende a ir e vir.'

'Então, o que eu quero é que a tripulação chame por ela nos alto-falantes, ou vá para a cabine dela ou o que eles precisarem fazer para encontrá-la e

garantir que ela me ligue.'

- Sem problemas - Pie diz alegremente.

O queixo de Johannisen cai de surpresa. Primeiro, o pequeno bint ameaça negar-lhe as informações que ele poderia ter conseguido de qualquer maneira pulando os aros burocráticos exigidos. E agora ela está repentinamente dizendo que não há problema.

- Vou garantir que eles enviem um anúncio sobre o passageiro. Qual é o nome do seu amigo?'

Evald Johannisen quase explode de indignação.

- O nome dela é *detetive de polícia* Karen Eiken Hornby. E ela não é minha *amiga* ! Entendido?'

'Sinto muito, isso foi reflexo. Temos tantas pessoas tentando- '

- Claro, tanto faz, apenas certifique-se de que ela receba a mensagem de que precisa ligar para Evald Johannisen com a máxima urgência. Ela tem meu número. E você também, agora ', ele acrescenta enquanto

digita os dígitos e os envia de volta para o Pie por e-mail. - Se eu não tiver notícias dela em trinta minutos, entrarei em contato novamente.

E com essa ameaça, ele encerra a ligação.

Karen fica agachada, murmurando maldições. Ela mal percebe os olhares que está recebendo dos transeuntes e, de qualquer forma, não se importa com o que eles pensam dela. Como isso aconteceu? ela pensa. Eu mantive meu telefone comigo o tempo todo. Então ela vê o pequeno símbolo de sino riscado e percebe que desligou o som. Para evitar ligações do inspetor-chefe de polícia e de qualquer outra pessoa que não tenha registrado que está de licença, ela silenciou o telefone na noite anterior, antes de ir para a cama. Ela não deseja ser acordada no meio da noite durante as férias. E, aparentemente, foi uma decisão sábia; três ligações apenas na última hora. Vou ter que ligar para o inspetor-chefe de polícia e dizer a ele para atualizar sua lista de ligações.

O que a preocupa é a ligação perdida de sua mãe. Karen verifica a hora da ligação e percebe que sua mãe ligou pouco depois das oito e meia. E deixou uma mensagem de voz também. Por que ela me ligaria de repente em um sábado à noite? Karen pergunta e digita seu alfinete de correio de voz; sempre conversamos aos domingos. Ela escuta impacientemente a voz monótona.

' *Você tem duas mensagens. Mensagem um, gravada hoje às 9h34* '

' *Oi, querida, adivinha onde estou! Não, você nunca será capaz. Harry e eu estamos em Londres, de todos os lugares, visitando a irmã dele, então agora estamos pensando em visitar você também. Harry adoraria ver Langevik, diz ele. Apenas por alguns dias e não seremos um incômodo; podemos ficar na casa de hóspedes.*

Há uma balsa de Harwich amanhã por volta do meio-dia. Ligue e diga se quiser que levemos alguma coisa, caso contrário, vejo você amanhã! Vos amo!'

Karen deixa o telefone cair em seu colo e olha fixamente para a frente, distraída. Então ela pisca e olha para o relógio: 12h14. Ela deveria ligar agora e abortar este plano ou seria melhor esperar até amanhã de manhã?

Sua mãe e Harry provavelmente estão dormindo agora. Ela ainda não conheceu o milagre que é Harry Lampard, mas não há dúvida de que sua mãe caiu de pernas para o ar em sua velhice. E agora eles deixaram a Costa del Sol sem avisar para fazer uma espécie de tour pela Europa, visitando pessoas.

Ela decide enviar uma mensagem e dar seguimento com um telefonema matinal. Porque o plano definitivamente precisa ser abortado. O simples pensamento da reação de Eleanor Eiken se ela fosse para a casa em Langevik e encontrasse Leo Friis enche Karen de horror. Leo, com sua barba mal aparada, vestindo calça de moletom de Karen, que termina nos tornozelos, e uma camiseta justa demais com o logotipo da Polícia de Doggerland. Pelo menos era assim que ele parecia quando ela o deixou algumas horas atrás. Ele estava limpo, mas isso é tudo o que poderia ser dito sobre ele.

Oi! Teria sido ótimo, mas estou a caminho da França, então terei que fazer uma checagem. Eu te ligo amanhã. Amo K

No momento em que envia a mensagem, ela é atingida por outro pensamento terrível: talvez sua mãe decida ir para sua antiga terra natal, apesar de sua filha não estar lá. Fique em casa por alguns dias e mostre a Harry Langevik sozinha. Afinal, Eleanor Eiken morou lá por quarenta anos e a área significa muito para ela, mesmo que Estepona tenha sido sua casa nos últimos oito anos. Preciso impedi-la, pensa Karen, terei de ligar para ela assim que acordar. Por que diabos isso tem que acontecer agora?

A vontade de fumar tornou-se insuportável; ela precisa de um ou dois cigarros para acalmar os nervos antes de descer para a cabana. Ela remexe freneticamente na bolsa em busca do cigarro e do isqueiro, finalmente encontra os dois e se levanta de seu agachamento. Suas pernas estão praticamente dormentes; ela os sacode para manter a circulação enquanto caminha em direção à porta que dá para o convés.

84

Quando Karl Björken empurra a porta de vidro para o corredor leste no terceiro andar do quartel-general da polícia de Dunker, exatamente 26 minutos se passaram desde que Johannisen ligou. Agora são 12h16 quando ele se aproxima da mesa de Evald Johannisen com uma expressão sombria no rosto.

- O que diabos está acontecendo? ele diz, embora possa ver claramente que seu colega tem um receptor pressionado em sua orelha.

Johannisen se vira para ele e desliga com um aceno de cabeça.

- Essa velha bruxa não está atendendo.

'Bruxa velha?'

'Eiken. Estou tentando há uma hora.

Karl Björken não comenta como é bastante contraditório da parte de Johannisen usar essa expressão para alguém quinze anos mais novo que ele.

- Acho que ela está dormindo. Você percebe que horas são? Isso é sobre o quê?'

- Disa Brinckmann - Johannisen diz sombriamente. - Ela foi assassinada.

Por alguns segundos, Karl Björken encara seu colega sem expressão. Então a moeda parece cair lentamente: primeiro a conexão provisória, depois o insight definitivo indesejável.

“Anne Crosby”, ele diz e se senta.

- A irmã - suspira Johannisen, lembrando-se de como ele riu daquela seção do relatório de Karen. “Embora obviamente não possamos ter certeza de que é ela”, diz ele, sem convicção.

'De qualquer maneira, ela é o elo entre as vítimas. Karen queria dar uma olhada nela, mas Haugen e o promotor disseram que não. Eu também não escutei; Eu tinha certeza absoluta de que era Kvanne. Temos sido idiotas! '

- Bem, não sei disso - resmunga Johannisen -, mas alguém invadiu o apartamento de Disa Brinckmann e a matou.

'Como você descobriu?'

- Hasse ligou da Suécia. Aparentemente, ela foi jogada de cabeça em uma porta e depois sufocada enquanto estava inconsciente, para completar. Mas a polícia sueca não tem motivo nem testemunhas.

Karl sabe que o primo de Johannisen, Hasse Kollind, ocupa um cargo bastante importante na polícia sueca, mas também sabe que eles normalmente não ligam um para o outro para falar sobre negócios. Pelo menos não se Johannisen tiver algo a dizer sobre isso. E como se pudesse ler a mente de seu colega, Johannisen continua.

“Mas a filha de Disa Brinckmann aparentemente disse aos suecos que alguém da polícia de Doggerland está tentando entrar em contato com sua mãe. E não é preciso ser um cientista espacial para descobrir quem é.

Maldição, Eiken estava absolutamente certo.

Karl percebe o que deve custar a seu colega admitir que Karen estava certa de que todos os outros haviam descartado imediatamente. E, no entanto, aqui está ele, no trabalho, no meio da noite.

- E você está me dizendo que Karen não atende ao telefone. Nós ao menos sabemos se ela está na balsa?

Talvez ela tenha tirado um mais cedo e já esteja na França.

Johannisen vira a tela do computador e empurra a cadeira para trás.

- Ela está na lista de passageiros.

Karl olha para a planilha do Excel em ordem alfabética.

Edmund, Timothy

Edgerman, Jan

Egerman, Charlotte

Eiken Hornby, Karen

Ele franze a testa. E antes que o pressentimento tenha a chance de se transformar em pensamento consciente, ele instintivamente pega o mouse e rola a lista para cima. Ele prende a respiração enquanto seus olhos examinam os nomes dos passageiros.

Cedervall, Marie

Cedervall, Gunnar

Clasie, Jaan

Crawford, David

Davidsen, William

Então ele solta o ar com um suspiro de alívio.

“Pelo menos não há Anne Crosby a bordo”, diz ele.

Johannisen está certo; tem que haver uma conexão, assim como Karen suspeitou, mas eles não precisam entrar em contato com ela esta noite. Ela provavelmente está dormindo de qualquer maneira, ele pensa consigo mesmo. Ela desligou o som agora que finalmente saiu do trabalho.

Karl Björken sente a adrenalina baixando e seus batimentos cardíacos diminuem e começa a aumentar.

Assim que se levanta, ele ouve a voz de Evald Johannisen atrás dele.

- Puta merda.

85

Karen luta um pouco com a porta do convés de popa. O vento aumentou e o ar está áspero com a chuva iminente. Provavelmente vai começar a derramar a qualquer segundo, mas ela deve ter tempo suficiente para fumar um cigarro antes que o céu se abra. Duas cadeiras de plástico estão caídas de lado ao lado de uma mesa redonda e um punhado de copos de plástico balança para a frente e para trás no deque, mas não há vivalma à vista. Aparentemente, ela é a única desesperada o suficiente para enfrentar o frio, ou talvez todos os outros fumantes estejam amontoados em outro lugar. Deve haver um lugar melhor do que este.

Ela se dirige para alguns depósitos de coletes salva-vidas brancos amontoados sob um telhado protuberante em algum ponto abaixo do convés de sotavento. Só meio cigarro, ela diz a si mesma, depois vou para a cama. Ela mantém uma distância segura entre ela e o corrimão enquanto se move em direção às caixas de armazenamento; uma súbita rajada de vento a golpeia. De frente para a parede, ela tira cigarros e isqueiros com dedos que já parecem desajeitados de frio. Seu polegar continua escorregando; são necessárias quatro tentativas para acender o cigarro. Ela fecha os olhos e dá uma tragada profunda.

Tenho que impedi-la, pensa ela, mais uma vez imaginando o rosto da mãe se ela fosse entrar em casa e descobrir Leo Friis. Potencialmente, na pior das hipóteses, cercado por garrafas vazias e baseados.

*

Karen ainda não tem certeza se o desejo de sua mãe de emigrar foi causado por seu próprio retorno à ilha, ou se ela voltar para a casa de sua infância simplesmente deu a Eleanor Eiken um motivo para deixar a velha casa de pedra. Ela esperou um ano depois que Karen voltou antes de julgar que sua

filha era capaz de sobreviver sozinha. Um ano surpreendentemente livre de conflitos, possivelmente porque Karen se mudou rapidamente para a casa de hóspedes. Afinal, duas viúvas em uma casa era demais.

Eleanor, por sua vez, afirmou que ela e o pai de Karen sempre sonharam em se mudar para climas mais quentes no momento em que se aposentassem. Agora ela teria que fazer isso sozinha.

“E eu sei que a casa está em boas mãos”, ela disse.

Ela provavelmente vai mudar de ideia sobre isso, a menos que eu consiga falar com ela amanhã de manhã, Karen pondera. Terei sorte se conseguir dormir algumas horas nesse ritmo, ela lamenta interiormente e sente um bocejo fazer cócegas em sua mandíbula. De repente, ela percebe que o estresse da mensagem de sua mãe a fez esquecer algo. Havia outra mensagem de voz em seu telefone. Provavelmente apenas um pedido de desculpas do inspetor-chefe de polícia por ter ligado para ela por engano, mas ela tem que verificar mesmo assim. Ela pensa brevemente em ouvi-lo imediatamente, mas então decide terminar o cigarro e esperar até que ela volte para dentro. Karen vira a cabeça e observa a luz fluindo pelas janelas mais abaixo no convés e de repente é tomada por um cansaço quase insuportável. Ela dá uma última tragada profunda e joga fora o cigarro. Observa o brilho se extinguir no momento em que atinge o convés.

Só então, ela é empurrada com força por trás. A força disso joga sua cabeça contra o corrimão.

Karl Björken percebe no momento em que Evald Johannisen solta sua maldição. É verdade que não há Anne Crosby na lista de passageiros. Mas no topo da folha de Excel agora eles estão encarando são os últimos nomes sob a letra *B* .

Bok, Anders

Bosscha, Ruud

Besscha, Marianne

Brinckmann, Disa

Por alguns momentos, o silêncio é total.

'Como diabos. . . ' Evald Johannisen diz, mas Karl Björken já está de pé em sua própria mesa com a mão no telefone. Eles trocam um olhar e um aceno de cabeça. Então eles começam a trabalhar.

*

Karl Björken tem que admitir que nunca se sentiu tão desamparado em sua vida. Pelo menos não desde que Ingrid deu à luz os filhos.

Até agora, ele e Johannisen fizeram tudo o que podiam. Sem a necessidade de coordenação, eles fizeram as ligações que precisam ser feitas, observando o que o outro já cuidou antes de prosseguir para a próxima etapa. Juntos, eles executaram a lista de intervenções possíveis e impossíveis. Eles entraram em contato com o inspetor-chefe da polícia, que enviou um alerta importante. Eles falaram com o chefe da frota de helicópteros da Guarda Costeira em Framnes, que os informou que o tempo está muito ruim para sair. O

esquadrão de helicópteros da polícia deu a eles a mesma resposta. Há ventos fortes onde está a balsa, mas

esse não é o problema. O vento ao longo da costa leste de Doggerland atingiu a força de vendaval e a visibilidade é muito ruim para um helicóptero decolar.

Eles falaram com o chefe de segurança da empresa de navegação, que prometeu informar o capitão imediatamente e chamá-los de volta. Foi confirmado que uma mulher que segundo seu passaporte se chama Disa Brinckmann tem uma passagem de ida e volta de Esbjerg para Dunker e que a balsa fica bem na fronteira entre as águas territoriais Doggerian e dinamarquesas.

Eles acordaram Viggo Haugen, que pela primeira vez ouviu sem objeções e prometeu entrar em contato com a polícia dinamarquesa imediatamente. Eles informaram Jounas Smeed, que está a caminho. Agora, a única esperança é que a guarda costeira dinamarquesa consiga enviar alguém. Ou que a tripulação a bordo da balsa possa localizar Karen.

É um grande navio, pensa Karl sombriamente.

Ele coloca a cabeça entre as mãos e tenta pensar. Não há realmente nada mais que eles possam fazer? Só então, Johannisen amaldiçoa novamente.

- Karl, venha até aqui.

Sem sair da cadeira, Karl Björken rola até a mesa do colega e o observa apontar o dedo gordinho para a lista de passageiros na tela.

“Olha”, ele diz. - Aparentemente, todo mundo está naquela maldita balsa. Eu me pergunto como Jounas vai reagir quando descobrir que sua filha está a bordo? '

87

Sua primeira sensação é de frio. Um frio congelante que a faz perceber que está viva. Em seguida, um raio de luz que corta a escuridão, produzindo uma dor lancinante em sua cabeça.

Karen não entende por que está caída em um chão duro no escuro e no frio, com a cabeça e os ombros encostados em uma parede gelada. Devo estar lá fora, ela pensa, notando com surpresa a chuva tamborilando em seu rosto. O vento está rugindo ao seu redor e ela pode ouvir um som rítmico e batendo. Então ela se lembra.

Instintivamente, ela tenta se levantar e ouve um grito. Ainda meio inconsciente, ela fica surpresa ao perceber que o som está vindo dela, que está saindo dela apenas para ser arrebatado pelo vento. Seus olhos se movem indefesamente para frente e para trás sob a luz fraca das lanternas e janelas, então param para focar em um ponto um metro à sua frente. Só agora ela percebe; sua perna esquerda está em um ângulo horrível entre ela e o corrimão. Ela não pode se mover.

É quando ela percebe a mulher.

'Por favor me ajude . . . '

Karen interrompe abruptamente. Desta vez, o insight repentino é tão poderoso que ela imediatamente acorda.

A mulher parada junto à parede do navio, curvada, ofegante de tanto esforço, observando Karen, não tem intenção de ajudá-la. Ela está recuperando o fôlego antes de terminar o que começou.

E através da chuva, sob a luz fraca da lanterna acima das lixeiras dos coletes salva-vidas, Karen a reconhece.

É a mulher com a bolsa cara, que vasculhou em busca de um espelho para encher o batom, a mulher que ficou sozinha, olhando para as máquinas de jogo. Agora ela se endireita e seus olhos estão tão cheios de ódio que Karen solta um suspiro involuntário.

*

Há algo familiar em suas feições e no penteado caro que agora está úmido grudando em seu rosto pálido.

Algo que não está certo, isso não pode ser verdade. Um pensamento lentamente penetra na consciência de Karen, em busca de um ponto de apoio. E ela não sabe se diz isso em voz alta ou se apenas pensa.

- Você é exatamente igual. . . '

Ela grita quando a mulher dá o primeiro passo em sua direção.

O som é engolido pelo barulho monótono dos motores do navio e o rugido ameaçador do vento em torno de escadas e botes salva-vidas. Aterrorizada, Karen agita os braços para se proteger, golpeando cegamente, fracamente, contra o corpo inclinado sobre ela. Ela luta para continuar gritando quando a mulher agarra seus braços e tenta puxá-la para cima. Desta vez, a dor é tão intensa que ela vomita. A ânsia de vômito envia choques de dor por seu peito e algo dentro dela desiste. Lentamente, como se não tivesse nada a ver com ela, ela nota que pelo menos algumas costelas de seu lado direito estão quebradas.

A mulher instintivamente o solta e dá um passo para trás. Ela encara o vômito escorregando lentamente pelas lapelas do paletó com uma surpresa que rapidamente se transforma em repulsa.

Ao longe, Karen ouve uma porta se abrindo; o barulho e a música de dentro ficam mais altos por um segundo antes que a porta se feche novamente.

Ninguém vai enfrentar este tempo, ninguém vai correr o risco de ficar encharcado e resfriado até os ossos por causa de um cigarro. Ninguém vai vê-la ou ouvi-la, embora não haja nada além de uma parede fina entre ela e as centenas de pessoas dançando e rindo lá dentro. Ninguém tem ideia do que está acontecendo.

Com ânsia de vômito de novo, Karen tenta virar a cabeça para o lado para evitar engasgar com o próprio vômito. A música fica mais alta novamente quando outra porta se abre. Atrás dela desta vez, mais abaixo no convés. Ela tenta gritar, mas não consegue fazer nada antes que o som de dentro desapareça novamente quando a porta se fecha. Não vou conseguir, pensa ela, olhando para a mulher à sua frente.

Anne Crosby também vai me matar.

Em seguida, ela ouve passos se aproximando e a mulher na frente de suas costas contra a parede novamente.

Eles não estão mais sozinhos.

Uma onda de gratidão invade Karen; alguém saiu, alguém vai ajudá-la.

E então uma voz, tão familiar, Karen é dominada por um medo tão intenso que faz o sangue correr para sua cabeça. O som da voz de Sigrid atrás dela.

'Karen, é você? Você não os ouviu chamar. . . '

Ela se interrompe repentinamente e Karen sabe que Sigrid agora deve estar perto o suficiente para perceber que algo não está certo.

“Sigrid, não venha aqui”, ela tenta gritar, mas está fraca demais; sua voz fraca é abafada pelo vento.

Ela tenta novamente. Pressiona desesperadamente a mão contra as costelas quebradas e grita.

- Vá para dentro e peça ajuda. Saia daqui, Sigrid! '

Mas Sigrid não entra. Em vez disso, ela continua avançando, entrando no campo de visão de Karen.

- Meu Deus, Karen, o que aconteceu?

'Por favor, Sigrid, saia daqui, você tem que ir buscar ajuda. Ela é perigosa. '

Ela murmura a última parte, tentando freneticamente apontar com os olhos para a mulher, que agora se escondeu nas sombras. A mulher que Sigrid ainda não viu.

Sigrid segue seu olhar em direção à parede do navio. Karen a vê se assustar e se agarra ao corrimão para se manter em pé. E então ela observa, impotente, enquanto Sigrid, em vez de se virar para buscar ajuda, dá alguns passos lentos em direção à mulher.

Anne Crosby está imóvel, congelada, os braços pendurados frouxamente ao lado do corpo.

O cabelo longo e preto de Sigrid chicoteia com o vento, cobrindo seu rosto como um véu. Ela o empurra de lado com as duas mãos e para a poucos metros de Anne Crosby. Por alguns segundos, eles ficam imóveis, olhando um para o outro. E só agora Karen percebe o que Sigrid deve estar pensando. Agora, quando o cabelo bem penteado da mulher antes elegante está molhado e esguio, quando a penumbra das lanternas torna impossível distingui-la de Susanne Smeed.

Não é ela! ela quer gritar. Ela apenas se parece com ela. Saia daqui; esta é a mulher que matou sua mãe. O

nome dela é Anne Crosby, ela é sua tia.

Mas ela não consegue dizer uma palavra.

Ela pretendia contar a Sigrid sobre sua tia. Uma vez na França, quando fosse a hora certa. Ela achava que Sigrid ficaria feliz. Que isso poderia ajudar tanto ela quanto Anne a lidar com a partida de Susanne. Agora, tudo o que ela quer é gritar com Sigrid para sair de lá. Mas seu corpo está falhando, não há ar suficiente. A dor é insuportável.

E por um momento que se estende por uma eternidade, Karen observa o rosto de Sigrid mudar. Observa enquanto as emoções passam impiedosamente por ela. Observa que a dúvida se transforma em uma fração de segundo de felicidade antes que a realidade o pegue novamente. Uma realidade insondável.

Karen não consegue ouvir, apenas vê os lábios de Sigrid se moverem, formando uma única palavra.

'Mamãe?'

*

Algo dentro dela se quebra. Ela quer pular, envolver Sigrid em seus braços e protegê-la dessa experiência.

Diga a ela que é apenas um sonho ruim. Mas tudo que ela pode fazer é reunir suas últimas forças, desafiar a dor e gritar o mais alto que puder.

- Não é ela, Sigrid - ruge ela. - Não é sua mãe.

Talvez Sigrid a ouça, talvez não. Talvez ela não se importe com o que Karen está tentando dizer, talvez ela não acredite nela. E agora os olhos da mulher começam a se mover rapidamente entre ela e Sigrid, como se

ela também estivesse tentando entender as coisas, e lentamente, ao olhar para Karen, a raiva que momentaneamente diminuiu volta a despertar. Ela rapidamente caminha até Sigrid e abraça a garota rígida.

Segura-a com força com seus olhos cheios de ódio ainda fixos em Karen.

E, no entanto, é apenas quando a mulher abre a boca que Karen percebe o quão errada ela está.

'Sim, Karen', diz a mulher, 'eu sou a mãe dela. Nada que você faça pode mudar isso. '

*

A mente de Karen está girando e não consegue encontrar nada em que se apoiar. Fotos do cadáver de Susanne Smeed no chão da cozinha. As características ainda tão familiares por trás do rosto grotescamente esmagado. O roupão aberto, o seio de silicone aparecendo, as mãos bem cuidadas, o brilho do cabelo onde não estava coberto de sangue. Karen tinha visto e notado todas essas coisas. Achou alguns deles surpreendentes, mas aceitou o que viu sem questionar. A memória da angústia de Kneought Brodal por ter que examinar o corpo de uma mulher que ele conheceu e se socializou uma vez. Os resultados do DNA que confirmaram o que ele e todos os outros já sabiam. Que a mulher morta era Susanne Smeed.

Todos os seus esforços se concentraram em encontrar o assassino. Ninguém questionou quem era a vítima.

E enquanto a verdade lentamente afunda, Karen ouve a mulher que não é Anne Crosby dizer:

- Sinto muito, Sigrid. Eu não queria que você descobrisse. Você deveria pensar que eu estava morto.

Sigrid emite um som que fica entre um soluço e um uivo. Ela se solta e dá alguns passos cambaleantes para trás. Escorrega, mas recupera o equilíbrio.

- Que porra você fez? ela grita. - Então quem foi assassinado?

E Susanne Smeed parece genuinamente surpresa, inclinando a cabeça e estudando a filha com uma expressão preocupada, como se ela não entendesse muito bem a pergunta.

- Minha irmã, é claro.

Os olhos de Sigrid estão arregalados de terror. A mãe dela não tem irmã. Ela faz?

- Eu também não sabia sobre ela. No começo, fiquei feliz. Antes que eu percebesse como tudo estava bagunçado. Eu tive que matá-la. Você não deveria descobrir até anos a partir de agora, quando eu estiver morto. Por quê você está aqui? O que você está fazendo aqui com ela? '

Seus olhos vagam entre Sigrid e Karen com uma mistura de ódio e confusão; Sigrid frustrou seus planos ao aparecer. Horrorizada, Karen percebe que o desespero de Susanne pode levá-la a fazer quase qualquer coisa agora; matá-la não será mais suficiente. Mas Susanne é louca o suficiente para matar sua própria filha?

Sigrid encara a mulher à sua frente. O rosto que está gravado em seu ser. Sua mãe, a quem ela amou e odiou.

Vê a loucura que ela pode ter sentido espreitando sob a superfície o tempo todo, a loucura que a assustou mais do que ela ousou admitir, até para si mesma.

'Por que?'

Ela diz isso tão baixinho que a pergunta é engolida pelo vento. Mas Susanne pode ler em seus olhos.

'Você não vê? Ela tinha tudo o que era meu. Ela roubou minha vida inteira. Expliquei tudo em uma carta, Sigrid. Está na casa de Anne na Suécia; Estou

hospedado lá desde que ela morreu. É *minha* vida agora. '

Então Susanne corre até Karen. Curve-se e fole:

- E não vou deixar você pegar o que é meu, sua puta de merda. Sigrid é minha filha, não sua. Não se esqueça disso. '

Seus olhos brilham de ódio quando ela levanta a mão e dá um tapa forte em Karen.

O golpe bate a cabeça de Karen na parede de metal; Susanne se volta para Sigrid.

'Eu sempre vou ser sua mãe. Ninguém pode tirar isso de mim! '

*

Karen mal percebe o feixe de luz nítido passando de repente por eles. Quase não se ouve o som da sirene do navio e de passos correndo. Seu campo de visão se estreita e todos os sons tornam-se subitamente remotos.

Como se estivesse dentro de uma redoma, ela vê Susanne proteger os olhos com a mão ao erguer os olhos para o holofote do helicóptero, vê-la se virar para Sigrid e balançar a cabeça lentamente. Seu rosto parece completamente em branco. Esvaziado de esperança de uma vida melhor. Esgotado de vida. É isso, pensa Karen. É quando ela toma sua decisão final.

Então Susanne agarra o corrimão com as duas mãos e se joga nele; Karen vê Sigrid correndo para impedi-la.

Vê seu próprio braço erguido em uma tentativa desesperada de agarrar a garota. Sente uma onda de pânico pensando que Susanne puxará Sigrid com ela.

A mão de Karen se agarra ao suéter de Sigrid; a dor a atravessa enquanto seu corpo é puxado para frente.

Com uma força que ela não sente que tem, mas que deve existir em algum lugar bem no fundo dela,

escondida sob camadas de desespero e anos de tristeza, ela força sua mão a segurar. Saber que ela está segurando a própria vida. Seus dedos estão agarrados à esperança, esperança de cura e redenção. Esperança para Sigrid. Para John. Para Mathis.

Para uma criança que não deve ser perdida.

*

O vento rasga a mulher que agora passou uma perna por cima da grade. Seu corpo balança; ela ainda está segurando a barra de ferro branca.

- Leia a carta, Sigrid! Ela grita. "Você vai entender."

Então ela abre as mãos e a solta.

E em algum lugar, muito além de si mesma, Karen ouve Sigrid rugir em desespero enquanto sua mãe cai e desaparece na escuridão abaixo.

É como se alguém estivesse brincando com um interruptor, acendendo e apagando as luzes ao seu redor.

Flashes implacáveis de luz que a forçam de volta à realidade, alternando com uma escuridão suave que a deixa escapar de tudo.

A luz forte quando os paramédicos a colocam em uma maca, depois a picada de uma agulha que faz a onda de dor diminuir lentamente. O rugido sibilante das lâminas do rotor e correias sendo apertadas antes que a escuridão a envolva novamente. Vibrações fracas, vozes calmantes falando uma língua diferente da dela, vozes desconhecidas dizendo a ela para não adormecer.

- Não adormeça, querida.

Parece Marike, observa Karen. Mas com certeza ela não está aqui?

*

Ela não sabe nada sobre sua jornada até o principal hospital de Copenhagen, mas no clarão forte quando as luzes são acesas novamente, ela vê tubos, jalecos brancos e olhos focados. Por um momento, ela não entende por que está em um hospital. O alarme dela provavelmente está prestes a tocar e ela terá que se levantar e ir trabalhar. Seu próximo pensamento consciente é que há um zumbido alto ao seu redor. Agora, parece que ela está entrando em um túnel e pensa consigo mesma que provavelmente está morrendo. Que deve ser assim que parece. Que deve ter sido assim para John e Mathis também.

E ela acha que há um sorriso em seus lábios quando percebe que não é tão ruim, afinal.

Mas então as luzes são acesas novamente e ela é forçada a voltar. Aparentemente, ela não está morrendo hoje. O zumbido parou, substituído por vozes. Murmurando vozes, falando palavras que ela pode entender no início, mas depois palavras que ela não reconhece e ela entra em pânico. Mais picadas de agulha e mãos calmantes. E agora, ela pode ver olhos bondosos entre crânios verdes e máscaras brancas. Então finalmente escurece novamente.

*

Ela não tem certeza de como o tempo passa, se é rápido ou lento. Mais tarde, ela será informada de que passou quase três dias inteiros após sua cirurgia no hospital em Copenhagen, antes de ser levada de volta para Doggerland. Que vai demorar algum tempo antes que ela possa ir para casa. Dias insuportavelmente longos, ela tem que passar imóvel em uma cama no Hospital Thysted em Dunker. Ela escapou do golpe na cabeça com nada pior do que lacerações, uma concussão severa e uma fratura no crânio. Quatorze pontos, antibióticos e muito descanso vão cuidar dessas coisas, seus médicos garantiram a ela. Sua caixa torácica se estabilizou e está mantendo as costelas quebradas no lugar. Sua perna esquerda, no entanto, que quebrou logo acima do tornozelo, e seu joelho, onde dois tendões foram cortados, são uma história diferente. Pelo menos duas semanas em Thysted antes que eles possam até mesmo discutir sobre dar alta a ela. Depois disso, ela vai convalescer em casa e fazer visitas frequentes ao fisioterapeuta.

- Mas você terá uma recuperação completa.

*

Eles encontram a carta de Susanne em uma casa em Limhamn que Anne Crosby herdou de seu pai. A casa em que Susanne morou como irmã por algumas semanas. Ela não fez nenhum esforço para esconder o envelope

com o nome de Sigrid. Por ser tecnicamente relevante para a investigação, cinco pessoas o leram: Karl Björken, Evald Johannisen, Dineke Vegen, Viggo Haugen e Jounas Smeed.

Karen também recebe uma cópia, embora esteja de licença médica e não mais no caso. Ela ainda está tonta com os analgésicos quando Karl pergunta se ela se sente forte o suficiente para ler o que Susanne Smeed

escreveu para sua filha.

"É muito doente", ele a avisa.

Karen balança a cabeça lentamente e pega a carta. Com uma crescente sensação de desconforto, ela olha para as linhas lotadas, as furiosas letras maiúsculas, o sublinhado, as palavras com erros ortográficos. Então ela começa a ler.

PARA SIGRID,

SE VOCÊ ESTÁ LENDO ISSO, SIGNIFICA QUE ESTOU MORTO. VOCÊ MESMO PODE SER ANTIGA, TALVEZ TENHA FILHOS. TALVEZ VOCÊ SUSPEITO QUE NÃO FUI EU QUE MORREI NA CASA EM

LANGEVIK. ACREDITO QUE UMA PESSOA PODE SENTIR SE SUA MÃE ESTÁ VIVA OU NÃO.

MAS EU MATOI E QUERO QUE SAIBAS PORQUE. NÃO ASSIM VOCÊ PODE ME PERDOAR PORQUE

EU NEM QUERO SER PERDOADO. MAS VOCÊ TEM QUE ENTENDER.

SEU PAI É UM VERDADEIRO ASSHOLE (Lamento, MAS É A VERDADE) NASCIDO COM UMA COLHER DE PRATA NA BOCA, TUDO DE GRAÇA ENQUANTO EU TIVE QUE LUTAR. SEMPRE TIVE

QUE LUTAR !!!

E ELE NÃO ERA GRATO. MESMO QUE ELE ERA UM 'REAL SMEED' E EU FOSSE 'O TIPO ERRADO', TODA A FAMÍLIA ACHAVA ASSIM. SEU AVÓ FOI O PIOR DO MUNDO !!! A AXEL SMEED EXIGIU UM

PRENUP PARA NOS AJUDAR A ENCONTRAR UM APARTAMENTO MESMO QUE VOCÊ ERA APENAS

UM BEBÊ. ELE MESMO AMEAÇOU DESERRITAR SEU PAI SE NÃO ASSASSINássemos.

NÃO CONSEGUI MANTER NADA NO DIVÓRCIO !!!

E AXEL ROUBOU MINHA HERANÇA DA MINHA MÃE TAMBÉM. VOCÊ DEVE SABER ISSO SOBRE

ELE. ELE COMPROU TODAS AS TERRAS DE MEU PAI, PEÇA A PEÇA, PARA UMA COMPROMISSO, ATÉ QUE NADA ME RISCOU PARA HERDAR.

ATRÁS DAS MINHAS COSTAS !!!

NÃO SABIA NADA SOBRE ISSO ATÉ APÓS O DIVÓRCIO. TODO SEU PAI ME DARIA ERA 'UM POUCO

ALGO' TODOS OS MESES, PARA VOCÊ TER UMA 'QUALIDADE DE VIDA TOLERÁVEL' QUANDO

ESTAVA COMIGO.

PORRA DE PRICK !!!

SEU PAI QUERIA MANTER TUDO ENQUANTO EU TINHA QUE LUTAR.

QUANDO VOCÊ SE MUDOU TAMBÉM, EU ESTAVA SOZINHO. NENHUM AMIGO E O TRABALHO

ESTAVA INFERNO. APÓS ALGUNS ANOS, NÃO PODERIA TOMAR MAIS. SÓ QUERIA MORRER E

PENSEI EM ME MATAR QUASE TODOS OS DIAS .

Karen deixa a carta afundar em seu peito e fecha os olhos. Sigrid vai ter que ler isso? Ou ela já fez isso?

Como se ele pudesse dizer o que ela está pensando, ela ouve a voz de Karl da cadeira de visitantes.

'Nós tivemos que. Ela tem mais de dezoito anos e foi endereçado a ela. Ela recebeu ontem.

Ela nunca mais será a mesma, conclui Karen. Nunca. Então ela pega a carta de volta e se força a continuar lendo.

FOI QUANDO UMA MULHER COM O NOME DE DISA BRINCKMANN SE CHAMOU.

ELA MORRIA EM COMUNIDADE COM MEUS PAIS E ESTAVA LÁ QUANDO EU NASCI. ELA ME DISSE

QUE NEM MINHA PRÓPRIA MÃE ERA MINHA. MEU PAI ME CONCEITOU COM OUTRA MULHER.

MAS ENTÃO ELA DISSE QUE EU TINHA UMA IRMÃ GÊMEA.

ELES TINHAM NOS DIVIDIDO ENTRE ELES MESMOS COMO GATINHOS !!! MINHA IRMÃ TEM QUE

IR PARA A SUÉCIA E EU FUI DEIXADA PARA TRÁS.

ENCONTREI DISA BRINCKMANN E MINHA IRMÃ EM MALMÖ.

A princípio, não vi, porque ela parecia muito melhor do que eu, na superfície. MAS ENTÃO VIMOS. NÓS

PARECEMOS EXATAMENTE PARECIDOS !!!

NINGUÉM PERCEBEU QUE ÉRAMOS GÊMEOS IDÊNTICOS QUANDO NASCEMOS. NEM MESMO

DISA BRINCKMANN SABIA ATÉ ESSE MOMENTO. NÓS TIVEMOS A MESMA VOZ E FALAMOS DA MESMA FORMA PORQUE AMBOS CRESCEMOS FALANDO SUECO EM CASA. Era como se fôssemos a mesma pessoa !!!

FUI A MALMÖ MAIS DUAS VEZES PARA VER ANNE E FALAMOS AO TELEFONE. ELA MORAVIA NOS

ESTADOS UNIDOS, MAS DISSE QUE ESTAVA VENDENDO TUDO LÁ E VOLTOU PARA CASA.

FOI QUANDO EU PERCEBI O QUANTO RICA ELA ERA.

Ela tinha tudo e eu não tinha nada.

MAS TUDO QUE ELA TINHA PODERIA ASSIM COMO FACILMENTE FOI MEU !!! SE EU TINHA SIDO

AQUELA QUE FOI PARA A SUÉCIA E ELA FOI AQUELA QUE FICOU EM LANGEVIK. FOI CHANCE

QUE DEU TUDO PARA ELA E NADA PARA MIM !!!

FOI QUANDO DECIDI MUDAR TUDO. Ela estava vindo para uma visita e ia ficar na minha casa. Ela veio em um navio de cruzeiro que estava parando por um dia e eu a peguei do barco.

NAQUELA MANHÃ FIZ O QUE TINHA QUE FAZER. VOCÊ NÃO PRECISA SABER COMO EU FIZ.

ENTÃO EU LEVEI SEU LUGAR NO NAVIO DE CRUZEIROS. APENAS LEVOU SUA VIDA.

FOI REALMENTE MAIS FÁCIL DO QUE EU ACHEI, POIS NINGUÉM OLHA DUAS VEZES PARA UMA MULHER DA MINHA IDADE.

A ÚNICA PESSOA QUE SABIA QUE ÉRAMOS GÊMEOS ERA A DISA, ASSIM TIVE QUE ME LIVRAR

DELA ANTES DE ME SENTIR SEGURO. E AGORA TENHO QUE ME LIVRAR DE MAIS UMA PESSOA QUE ESTÁ FAZENDO PERGUNTAS. ELA TRABALHA COM SEU PAI, MAS MORA NA ALDEIA. VOCÊ

SABE QUEM ELA É. ELA SEMPRE FOI UMA PRATA DE VERDADE QUE DORME PELO MENOS NÃO

HÁ GRANDE PERDA.

Karen lança um olhar rápido para Karl, mas ele está olhando pela janela. Então ela lê as linhas finais.

SÓ QUERIA VIVER A VIDA QUE DEVERIA TER SIDO MINHA DESDE O INÍCIO.

ANNE COMEÇOU A PRIMEIRA METADE E EU PEGUEI O QUE RISTOU.

EU ESPERO QUE VOCÊ POSSA ENTENDER. EU SEMPRE TE AMEI.

MÃE

A sala fica completamente silenciosa por vários minutos.

“Ela deve ter ficado psicótica quando escreveu isso”, diz Karl.

Karen não responde.

Então ele se levanta para sair. A última coisa que ele diz dá voz à única coisa que ela pode pensar agora.

"Pobre Sigrid."

Todo mundo vem visitar. Multidões ao redor de sua cama de hospital com rostos preocupados até que se sentissem seguros de que Karen provavelmente não sofreria quaisquer consequências remanescentes.

Marike, Aylin, Kore e Eirik. E mamãe.

Eleanor Eiken - que deixou claro que não será convencida a voltar para a Espanha até que Karen tenha alta -

mudou resolutamente de volta para a casa em Langevik e mandou Harry para seu apartamento em Estepona.

Aparentemente, Leo Friis ainda está lá. Como Rufus, ele parece ter decidido ficar. Karen não tem ideia se ele voltou para a casa de hóspedes ou se ele e Eleanor estão compartilhando a casa principal. Ela não tem energia para perguntar ou para responder a quaisquer perguntas ela mesma. Ela não está surpresa que Leo não tenha passado pelo hospital, e como ela vai se livrar dele é uma questão que parece completamente irrelevante no momento.

Tudo em que Karen consegue pensar é em Sigrid.

'Ela não está indo muito bem', diz Eleanor.

'Não admira. Onde ela está morando agora? Ela não está sozinha, está?

'Não se preocupe. Estamos de olho nela.

- É possível que ela me culpe pelo suicídio da mãe. Você acha que ela quer? É por isso que ela não atende minhas ligações?

- Acho que ela está se culpando, Karen. Eu sei que ela gosta. '

'Por que? Nada disso é culpa dela. '

- Não se faça de boba, Karen. Você, mais do que ninguém, deveria entender. '

- Talvez eu possa falar com ela. . . '

'Sigrid está com medo de tudo agora. Ver você assim, maltratada, enfaixada, engessada, só a deixaria mais ansiosa.

Karen percebe que só pode imaginar uma fração do que Sigrid está passando. Mas essa fração por si só é demais para uma garota de dezoito anos de idade lidar. O choque de descobrir que sua mãe era uma assassina. Perdê-la primeiro uma vez e depois novamente. A angústia de estar dividida entre a repulsa pelo que sua mãe fez e a tristeza pela amargura que se transformou em loucura. Luto por uma vida perdida. E o

papel que seu avô desempenhou, o papel que seu próprio pai desempenhou. Se o relacionamento de Sigrid com seu pai era ruim antes, deve estar completamente arruinado agora.

E pela primeira vez, Karen entende como Sigrid deve ter sido moldada pela necessidade constante de navegar em um curso entre a arrogância gélida de seu pai e a psique instável de sua mãe. E por saber que ela é inevitavelmente parte de ambos.

Karen percebe que ela só consegue entender isso ligeiramente. E, no entanto, ela gostaria de poder falar com Sigrid: diga a ela que nada é culpa dela, que ela não é responsável pelos pecados de seus pais. Que ela não está sozinha.

Mas tudo que ela pode fazer é ficar aqui e esperar que seu corpo se cure o suficiente para receber alta.

- Estamos de olho nela - Eleanor diz novamente. - Leo e eu. Ah, e a propósito, ele instalou a aba do gato.

Em seguida, seus colegas param. Um após o outro, eles aparecem com uvas, jornais e flores que sua mãe aceita com um sorriso paciente antes de sair para os corredores para encontrar outro vaso. Cornelis Loots, Astrid Nielsen, Sören Larsen e um extremamente envergonhado Viggo Haugen substituem-se com tanta precisão que Karen tem a sensação de que alguém no departamento de fato traçou um cronograma. Visitas curtas e atenciosas, olhares preocupados quando a dor na cabeça e no joelho faz Karen chamar a enfermeira para pedir mais analgésicos. Em seguida, murmurou algumas palavras para a mãe antes de deixar Karen com a promessa de estar de volta em breve.

No terceiro dia, Evald Johannisen aparece na porta.

- Então, Eiken - diz ele, colocando as uvas que trouxe em cima das outras na tigela da mesinha de cabeceira dela antes de se sentar em uma das cadeiras.

"Então, Johannisen", responde Karen.

- Acho que você descobriu alguma coisa, afinal. Bem, suponho que até um porco cego pode encontrar uma bolota de vez em quando.

Mas algo está diferente; Karen não sente necessidade de apontar que ela estava simplesmente certa. Que ela queria continuar procurando em algo que todos os outros haviam descartado imediatamente em sua ânsia de embrulhar as coisas. Que havia de fato uma conexão entre o assassinato de Susanne Smeed e o que aconteceu em uma comuna em Langevik, há mais de quarenta anos. Que eles estavam errados. Ela estava certa. Ela não menciona nenhuma dessas coisas. Porque a verdade é que ela estava apenas parcialmente certa.

Em vez disso, ela diz:

- Queria agradecer a você, Evald. Por entrar em ação quando você descobriu que Disa Brinckmann havia sido assassinada.

Johannisen encolhe os ombros.

- Só sinto não ter descoberto algumas horas antes.

Ele acena vagamente na direção de sua perna, que está engessada e presa dentro de uma gaiola de metal para imobilizar seu joelho.

Mas a nova trégua parece estranha e o silêncio entre eles ecoa na sala. Eles interagiram exclusivamente por meio de sarcasmo, alfinetadas e carrancas por tanto tempo, nenhum deles sabe o que dizer agora. Com não mais de cinco minutos de visita, Evald Johannisen se levanta, pigarreia e abre a boca para falar. Karen o adianta.

- Você ainda é um idiota, Evald - diz ela com um sorriso.

Sem responder, ele pega uma uva da pilha na tigela, coloca na boca e sai. Mas Karen percebe que seus ombros relaxam um pouco e pouco antes de ele fechar a porta atrás de si, ela vê um sorriso brincando no canto de sua boca.

*

Karl Björken não sorri. Pelo menos não até sua terceira visita, quando a bandagem ao redor da cabeça de Karen foi substituída por uma compressa simples para cobrir os pontos e os hematomas em seu rosto assumiram um tom de verde mais pálido e amarelado.

'Você assustou a merda fora de nós', diz ele enquanto se senta perto da janela.

As cortinas foram abertas após a escuridão dos primeiros dias; Karen observa um bando de pássaros em migração voando para o sul. Pelo menos você vai chegar mais longe do que eu, ela pondera. Não haverá viagem para a França para ela, pelo menos não neste lado do Natal e Ano Novo.

"Brodal está um desastre", diz Karl.

- Não foi culpa dele. Nem mesmo o DNA conseguiu revelar que não era Susanne naquela cozinha.

'É por isso. Ele foi abalado até o âmago. '

- Bem, é improvável que ele experimente de novo - diz Karen, desviando o olhar da janela. “Apesar disso, entre 2 e 3 por cento de todos os bebês nascidos são gêmeos”, diz ela. - E, desses, cerca de um terço compartilhou um ovo. Só neste país, existem cerca de 10.000 pares de gêmeos, 3.000 dos quais são idênticos.

Mas a probabilidade de qualquer um deles ser vítima ou perpetrador de crimes graves é insignificante.

Cornelis veio visitá-lo ontem - acrescenta ela, sorrindo ao ver a expressão de queixo caído de Karl.

- Oh, entendo, o bom e velho Loots ataca novamente. Ele tinha outros fatos para entretê-lo?

- Provavelmente, mas esqueci o que eram. Não, isso mesmo. Gêmeos idênticos aparentemente têm o mesmo DNA. '

"Eu poderia ter te contado isso", diz Karl. "É por isso que o único DNA que encontramos foi o próprio de Susanne."

Ele se inclina para frente.

- Sério, Eiken, quanto disso você suspeitou?

"Não muito", ela admite. - Eu tinha quase certeza de que Kvanne não era nosso cara, embora fosse difícil ignorar o fato de que ele mentiu sobre estar em Langevik. Ele dificilmente teria sido capaz de entrar em casa e roubar o carro sem deixar o menor vestígio. E eu senti que deveria haver uma conexão pessoal de algum tipo, mas o que essa conexão poderia ser, eu não tinha ideia. Ou pelo menos não o suficiente para persuadir Haugen a me deixar continuar. Por outro lado, já causei danos suficientes.

- Você está se referindo a Disa Brinckmann?

Karen acena em silêncio.

- Dificilmente você poderia prever que ela seria morta.

'Não, eu sei disso. Mas você sabe . . . '

Ela abre as mãos em um gesto que pretende abranger tudo o que ela sabe que Karl já conhece.

Arrependimentos persistentes sobre aqueles que você poderia ter salvado. Se você tivesse feito as coisas de forma diferente.

“Você tem muito tempo para pensar nas coisas”, diz ele. - Falando nisso, por quanto tempo eles vão mantê-lo aqui?

- Pelo menos mais duas semanas, eles estão me dizendo.

“Bem, pelo menos você tem muitos visitantes”, observa Karl, com um aceno de cabeça para a pilha de uvas.

Karen sorri fracamente.

- Sim, até Johannisen passou por aqui outro dia.

- Então, trégua?

“Pelo menos por enquanto”, ela diz. - Ele é um bom detetive, apesar de ser um idiota. Se ele não tivesse somado dois e dois, provavelmente eu não estaria aqui. '

- Foi Sigrid quem encontrou você - aponta Karl.

- Sim, mas ela provavelmente nunca teria vindo me procurar se não os tivesse ouvido chamar por mim nos alto-falantes.

- O que ela diz sobre tudo isso?

- Não falei com ela.

Karen estremece de uma maneira que ela sabe que Karl vai interpretar como ela estando com dor. Aquele estremecimento se tornou sua maneira de fazer os visitantes se levantarem e deixá-la em paz.

Poucos minutos depois, quando a porta se fechou atrás de Karl Björken com uma leve lufada de ar, Karen se voltou para a janela enquanto a dor queimava sua garganta. Ela não tem o direito de se sentir assim. Não tinha o direito de pensar que Sigrid gostaria de ter algo a ver com ela. Não está certo. A dor de uma criança perdida não pode ser diminuída por outra.

Ela se lembra das palavras de Susanne Smeed.

- Ela não é sua filha. Não se esqueça disso. '

91

No oitavo dia, Jounas Smeed aparece na soleira de seu quarto. Karen cochilou depois do almoço e é despertada por sua voz vinda da porta.

- Então é aqui que você se escondeu?

Sem responder, ela pega seu copo d'água e percebe que provavelmente está roncando alto. A gaiola em torno de sua perna a força a se deitar de costas e sua boca parece seca como areia. Ela bebe silenciosamente e avidamente enquanto espera por um comentário, mas algo sobre Jounas indica que ele não está com humor para humilhações.

Seu rosto está pálido e os círculos escuros sob os olhos proeminentes na luz forte que entra pelas janelas. Por um momento, Karen imagina que pode ver todos os sentimentos contraditórios dentro dele: alívio, irritação, preocupação, raiva. E algo que ela nunca viu em seu chefe antes. Incerteza. Uma espécie de constrangimento estranho que se move ansiosamente entre os eventos que o levaram a estar aqui agora.

Pela primeira vez, Karen sente que está em vantagem, apesar do ronco e de seu estado de acamada. Ela sabe e ele sabe. Sua avaliação do caso e suas decisões são parcialmente culpadas por ela ter mentido aqui. Apenas parcialmente, mas isso é o suficiente para encher a sala com uma culpa implícita. Ela silenciosamente observa enquanto ele se afasta da porta e caminha ao redor do pé da cama.

Ele não trouxe uvas - ele nunca iria tão longe - mas coloca um jornal vespertino na mesa de cabeceira dela antes de se sentar na cadeira de visitantes e cruzar as longas pernas com uma naturalidade treinada. Uma sombra de desconforto passa por seu rosto quando ele estuda seus hematomas e o andaime de metal ao redor de sua perna.

'Como você está se sentindo?' ele pergunta, estremecendo.

- Já estive melhor - ela responde e o observa acenar com a cabeça. Agora com o olhar apropriadamente preocupado de um gerente.

- Já estive pior também - acrescenta ela com um sorriso irônico.

Ele retribui o sorriso brevemente, quase distraidamente.

- Então, por quanto tempo eles vão mantê-lo aqui, sabe?

Ela relata o que seus médicos disseram a ela sobre as próximas semanas e a licença médica e a reabilitação que se seguirão.

“Acho que você não vai voltar deste lado do Ano Novo, então”, ele diz.

Ela ouve a pergunta subjacente e responde com silêncio. Em um esforço para atrasar, ela pega o copo de água novamente e sente os olhos dele nela. Então Jounas respira fundo e pergunta diretamente.

- Porque você está voltando, não é, Eiken?

Seria fácil adiar a decisão, levar as próximas semanas para decidir. Mas algo em sua voz a faz responder com franqueza. Um apelo silencioso por reconciliação. Uma sugestão de preocupação.

“Tenho pensado nisso”, diz ela com sinceridade. 'Antes de sair de férias, eu já tinha praticamente decidido solicitar uma transferência.'

'E agora? Você mudou de idéia?'

- Estou pensando em dar uma segunda chance - diz ela secamente. - Mas vai ter que haver algumas mudanças no seu estilo de gestão. Um pouco menos besteira adolescente, para ser franco. E não quero ser preterida quando há casos graves ”, acrescenta.

“Você é corajosa”, ele diz. - Bem, acho que também estaria, se fosse você. E por quanto tempo você vai me torturar por estar certa? '

- Isso é para eu saber.

Desta vez, ela se permite um pequeno sorriso. Jounas Smeed balança a cabeça e suspira.

- Tudo bem, acho que mereço isso.

'Como você está lidando com os ataques em Moerbeck e Odinswalla? Tens alguma coisa?'

"Absolutamente nada", ele admite estupidamente. “Por outro lado, o cara parece ter feito uma pausa ou parado completamente. Nenhum novo caso desde o Atlasvägen. Suponho que seja o frio ', acrescenta. -

Mesmo bastardos como ele geralmente conseguem mantê-lo nas calças quando a temperatura cai abaixo de zero.

Karen pensa nos casos sobre os quais leu quando estudou criminologia.

“Pode levar meses entre as recorrências”, diz ela. “Havia um sujeito na Suécia, alguns anos atrás, que compartilha algumas semelhanças com nossos casos. Ele fez isso por anos antes de serem pegos.

Jounas acena com a cabeça, mas não fala; Karen continua.

'Provavelmente é apenas uma questão de tempo antes que nosso cara ataque novamente, e quando ele fizer isso, eu estarei lá para pegar o pau.'

Jounas se levanta e olha pela janela. Ele não diz nada; ela espera. Ela sabe instintivamente que os pensamentos dele já mudaram de casos encerrados e em andamento. E seu verdadeiro motivo para vir aqui

não tem nada a ver com me verificar, ela pensa, estudando suas costas.

“Você está pensando em Sigrid”, ela diz, e nota que ele enrijece antes de se virar.

Por uma fração de segundo, ele parece que está prestes a colocar em palavras a raiva e a frustração que deve sentir por Sigrid estar na balsa. Em Karen, levando-a nas férias sem contar a ele. Em Karen, tendo melhores relações com sua filha do que há anos.

“Eu também não falei com ela”, ela diz baixinho.

Seus olhos estão frios agora, gelados e duvidosos.

'Oh sério? Porque eu tive a impressão de que você estava bem perto de repente. Unidos em seu ódio por mim, suponho.

Ela tem vontade de ser má. Cortá-lo, feri-lo profunda e irrevogavelmente. Para desencadear sua própria dor.

E ela sabe que não tem direito.

'Acredite no que quiser', diz ela, 'mas ela também não entrou em contato comigo. E ela não atende minhas ligações. Talvez ela nos culpe pela morte de Susanne.

Ela percebe que ele percebe que ela está certa e o vê se preparando para fazer uma tentativa final e desesperada.

- Você me liga imediatamente se ela entrar em contato. Se ela te disser onde está. É uma ordem, Eiken.

Estamos entendidos?'

Karen o olha diretamente nos olhos.

- Não posso prometer isso. Não se ela não quiser.

Ela sustenta seu olhar e vê a raiva sumir dele, como se o esforço para mantê-la viva tivesse se tornado insustentável. Seu peito parece murchar e toda expressão deixa seu rosto. A única coisa que resta é uma dor sem fundo. E ela percebe que não está mais olhando para seu chefe, ela está olhando para o pai de Sigrid.

“Posso prometer uma coisa”, ela diz. - Eu nunca diria nada de ruim sobre você para Sigrid. Gosto demais dela para falar mal do pai.

EPÍLOGO

Duas semanas depois, Eleanor Eiken empurra a cadeira de rodas com sua filha através das portas de vidro do hospital. Karen quer ir para casa. Desde a primeira semana, quando ela ainda estava drogada e com dores, sua saudade de casa ficava mais forte a cada dia que passava. Ela deseja controlar se sua porta está aberta ou fechada, se há visitantes ou não. Do que e quando ela come. Ela deseja se afastar do cheiro de desinfetantes e do som das sirenes das ambulâncias. Para chorar em paz.

E mais do que tudo, ela anseia por uma ou duas taças de vinho e um cigarro.

*

Ela prefere ficar sozinha em casa, mas percebe que vai precisar da ajuda da mãe, pelo menos no início. É por isso que ela está surpresa e aliviada ao ouvir sua mãe anunciar com uma voz despreocupada que ela entrará em um avião de volta para a Espanha depois de amanhã.

"Harry liga todos os dias, perguntando quando voltarei para casa", ela diz, empurrando a cadeira de rodas em direção à saída. - Ele manda lembranças, por falar nisso. Vou ter que trazê-lo para Langevik assim que você se sentir melhor. E, bem, estaremos acordados para o Natal, é claro, se não antes.

Karen não sabe o que dizer. Ela ansiava por este momento há duas semanas, mas agora que está tendo um primeiro vislumbre do mundo real lá fora, do outro lado das portas de vidro, ela quer voltar para a segurança.

- Você vai ficar bem. E nem é preciso dizer que ligarei para você todos os dias para saber como está indo ”, garante Eleanor enquanto as portas do Hospital Thysted se fecham atrás deles.

*

O ar fora do hospital é limpo e fresco. Karen respira fundo algumas vezes e se prepara para mudar para muletas e mancar os últimos metros até um dos táxis alinhados do lado de fora da entrada. Mas, em vez de parar, Eleanor Eiken continua empurrando a cadeira de rodas em direção ao estacionamento mais adiante.

O peito de Karen se contrai quando ela vê seu próprio carro. Mas não é a visão do Ford verde sujo que a faz apertar os lábios para não chorar de alívio.

Parado ao lado do carro está Leo Friis, dando uma última tragada em um cigarro antes de largá-lo no chão e apagá-lo com o calcanhar.

E atrás do volante está Sigrid.

SOBRE O AUTOR

Maria Adolfsson (n. 1958) vive em Estocolmo onde, até recentemente, trabalhou como diretora de comunicação e agora escreve em tempo integral. A série Doggerland foi vendida em 18 idiomas até agora e vendeu mais de 160.000 cópias somente na Suécia.